

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
Programa de Pós Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural**



Dissertação

**BENZIMENTOS: ESTUDO SOBRE A PRÁTICA EM SÃO MIGUEL DAS MISSÕES
(RS)**

JULIANI BORCHARDT DA SILVA

Pelotas, 2014.

JULIANI BORCHARDT DA SILVA

**BENZIMENTOS: ESTUDO SOBRE A PRÁTICA EM SÃO MIGUEL DAS MISSÕES
(RS)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural.

Orientador: Dr. Ronaldo Bernardino Colvero.

Pelotas, 2014.

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

S586b Silva, Juliani Borchardt da

Benzimentos : estudo sobre a prática em São Miguel das Missões (RS) / Juliani Borchardt da Silva ; Ronaldo Bernardino Colvero, orientador. — Pelotas, 2014.

226 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2014.

1. Benzimentos. 2. Memória. 3. Transmissão. 4. São Miguel das Missões. I. Colvero, Ronaldo Bernardino, orient. II. Título.

CDD : 306.4

Elaborada por Simone Godinho Maisonave CRB: 10/1733

JULIANI BORCHARDT DA SILVA

**BENZIMENTOS: ESTUDO SOBRE A PRÁTICA EM SÃO MIGUEL DAS MISSÕES
(RS)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural - PPGMP da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural.

Banca Examinadora

Professor Dr. Ronaldo Bernardino Colvero (UFPEL - Orientador)

Professora Dra. Juliane Serres (UFPEL)

Professor Dr. Edson Romário M. Paniagua (UNIPAMPA - Convidado)

AGRADECIMENTOS

Agradeço de forma especial ao meu orientador Profº Dr. Ronaldo Bernardino Colvero pela ajuda e apoio na árdua tarefa da pesquisa.

Da mesma forma agradeço a todos os professores e funcionários do Programa de Pós Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) pelos conhecimentos compartilhados no decorrer deste trabalho.

A CAPES, pelo seu apoio, fundamental para viabilizar esta pesquisa.

Aos colegas, parceiros e cúmplices nesta jornada – muito obrigada pela troca de experiências e momentos vividos ao longo do curso.

Dedico este texto aos meus pais Rosani e Edison – que sempre fizeram de tudo para que seus filhos estudassem, abrindo mão muitas vezes de seus sonhos em prol dos nossos. Irmãos Ediani, Thaiani e Bruno pelo apoio de sempre.

Aos que já partiram – mas que continuam diariamente em minha memória.

Com todo o meu amor dedico também a Lucimary, companheira de vida e de todos os momentos.

De forma muito especial dedico este trabalho aos benzedores de São Miguel das Missões, pessoas iluminadas que com sua fé acalentam o corpo e a alma daqueles que precisam.

"(...) A história da cura se dirige a todas as formas pelas quais os homens pensaram e combateram a doença através do tempo, fosse pela religião, pelos tratamentos caseiros, pelo empirismo ou pela medicina."

(WITTER *apud* QUEVEDO, 2001, p.129)

RESUMO

SILVA, Juliani Borchardt da. **Benzimentos: Estudo sobre a prática em São Miguel das Missões-RS**. 2014. 226f. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) - Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.

O ofício de benzer, prática e sabedoria popular transmitida entre gerações, cultura viva representada e manifestada no cotidiano de pessoas que se colocam à disposição de uma comunidade a fim de suprir seus problemas de saúde ou simplesmente para ouvir histórias, dar atenção e conselhos àqueles que lhes procuram em suas residências, transformadas em pequenos santuários onde símbolos, imagens e códigos misturados ganham sentido e consolidam as percepções que estes possuem do mundo. Objetos, orações, palavras e noções de cura ganham sentido durante o benzimento, constituindo memórias e identidades de pessoas que compartilham desta prática no seu cotidiano. A pesquisa visa estudar a prática dos benzimentos no município de São Miguel das Missões-RS, identificar o perfil de seus praticantes, suas principais características, aplicabilidade, expressões, simbologias, significados bem como sua transmissão. Aspectos relacionados aos seus conflitos e relacionamentos com instituições religiosas da cidade são elementos importantes analisados no decorrer da pesquisa, assim como o seu processo de 'turistificação' por órgãos governamentais e entidades ligadas a este segmento, resultando em negociações e apoios recíprocos das partes que objetivam crescimento, status e legitimação. As narrativas produzidas por estes agentes foram essenciais no estudo e entendimento desta prática, sendo o único subsídio para sua análise e compreensão nos dias atuais.

Palavras-chave: Benzimentos. Memória. Transmissão. São Miguel das Missões-RS.

ABSTRACT

SILVA, Juliani Borchardt da. **Blessings: Study about the practice in São Miguel das Missões (RS)**. 2014. 226f. Dissertation (master) – Program of post-graduation in Social Memory and Cultural Patrimony. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

The job of blessing, practical and popular wisdom passed among generations, living culture represented and manifested in people's daily lives facing the disposition of a community in order to fulfill their health problems or simply to listen stories, give advice and attention to those who looking for them in their homes, turned into small shrines where symbols, images, and mixed codes have meaning and consolidate the perceptions that they have of the world. Objects, prayers, words and notions of cure during the blessing given meaning, making memories and identities of people who share this practice in their everyday life. The research aims to study the practice of blessings in São Miguel das Missões (RS), to identify the profile of its practitioners, its main features, applicability, expressions, symbols, meanings and their transmission. Aspects related to their conflicts and relationships with religious institutions in the city are important elements analyzed during the research, as well as the process of 'touristification' by government agencies and entities associated with this segment, resulting in negotiations and reciprocals support of the parties which aim growth, status and legitimacy. The narratives produced by these agents were essential in the study and understanding of this practice being the only subsidy for its analysis and understanding today.

Keywords: Blessings. Memory. Transmission. São Miguel das Missões (RS).

LISTA DE IMAGENS

Imagem nº 01: Ocupação indígena no Rio Grande do Sul	21
Imagem nº 02: Planta da Redução de São Miguel Arcanjo	27
Imagem nº 03: São Miguel em Ruínas	30
Imagem nº 04: Prédio Museu das Missões	35
Imagem nº 05: Sítio arqueológico de São Miguel Arcanjo	37
Imagem nº 06: Benzedor Aureliano José Jardim	43
Imagem nº 07: Benzedor Valter Braga	46
Imagem nº 08: Benzedeira Alzira de Olivera Leite	51
Imagem nº 09: Benzedeira Laídes Dutra	53
Imagem nº 10: Casa de Reza Aldeia Guarani Tekoa Pyau	62
Imagem nº 11: Altar benzedeira Alzira de Oliveira Leite	75
Imagem nº 12: Casa benzedoiras Romilda Moraes e Cipriano Dorneles	84
Imagem nº 13: Sítio Arqueológico São Miguel Arcanjo	90
Imagem nº 14: Encontro dos Benzedores em São Miguel das Missões	149
Imagem nº 15: Material promocional com relação de benzedores	150
Imagem nº 16: Casas das Benzedoiras Alzira e Nelcinda	152
Imagem nº 17: Interior Residência Alzira de Oliveira.....	153
Imagem nº 18: Material de Divulgação – Terra dos Benzedores.....	154
Imagem nº 19: Alzira no Salão Brasileiro de Turismo 2011	155

LISTA DE ABREVIATURAS

EMBRATUR– Empresa Brasileira de Turismo.

IBGE– Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

IBRAM – Instituto Brasileiro de Museus.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

MTUR– Ministério do Turismo.

OMS – Organização Mundial da Saúde.

OMT– Organização Mundial do Turismo.

ONG: Organização Não Governamental.

OSCIP: Organização da Sociedade Civil de Interesse Público.

RS – Estado do Rio Grande do Sul.

SEBRAE– Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas.

UNESCO – *United Nation Educational, Scientific and Cultural Organization*
(Organização para a Educação, a Ciência e a Cultura das Nações Unidas).

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico nº 01: Idade Benzedores de São Miguel das Missões	68
Gráfico nº 02: Cor benzedores de São Miguel das Missões	69
Gráfico nº 03: Idade Média Público Benzedores	112
Gráfico nº 04: Escolaridade	113
Gráfico nº 05: Escolaridade entre os que mais se benzem	114
Gráfico nº 06: Primeira vez que se benze	115
Gráfico nº 07: Procedência	116
Gráfico nº 08: Quem o levou benzer a primeira vez?	117
Gráfico nº 09: Religião Predominante	118
Gráfico nº 10: Doenças mais frequentes	120

LISTA DE TABELAS

Tabela nº 01: Movimento populacional de São Miguel de 1687-1707.....	26
Tabela nº 02: Contagem populacional Senso 2010 IBGE.....	31
Tabela nº 03: Produto Interno Bruto de São Miguel (2010).....	32
Tabela nº 04: Benzadores entrevistados, doenças e objetos utilizados.....	92
Tabela nº 05: Classificação de Gênero e Cor – Público Benzadores	111
Tabela nº 06: Idade Média Público Benzadores	113
Tabela nº 07: Quem o levou a Benzer a Primeira Vez?	117
Tabela nº 08: Visitações São Miguel das Missões 2009-2012.....	143

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1. SÃO MIGUEL DAS MISSÕES-RS: ORIGENS E ATUALIDADE	21
1.1 São Miguel das Missões: Atualidade	31
1.2 A proteção do Patrimônio Cultural em São Miguel das Missões	33
2. O OFÍCIO DE BENZER.....	40
2.1 Religiosidade e práticas de cura dos Guarani	54
3. OS BENZEDORES DE SÃO MIGUEL DAS MISSÕES: ASPECTOS DE MEMÓRIA E IDENTIDADE	67
3.1 A transmissão do ofício de benzer em São Miguel	96
3.2 Perfil das Pessoas que procuram os benzedores	111
3.3 Conflitos: medicina oficial e religiões	121
3.4 Relação benzedores, igrejas católica e evangélica	130
4. OS BENZEDORES E A ATIVIDADE TURÍSTICA	142
CONCLUSÃO	161
REFERÊNCIAS	168
ANEXOS	175

INTRODUÇÃO

São Miguel das Missões (RS) possui suas origens no antigo povoado de São Miguel Arcanjo, datado de 1687, tendo como possível fundador o Padre Jesuíta Cristóvão de Mendonza¹. Compôs um dos sete povoados missioneiros construídos no que hoje é Brasil durante o chamado segundo ciclo missioneiro². É sabido que a religião católica foi um dos principais meios para o desenvolvimento destas cidades entre os séculos XVII e XVIII, onde a fusão cultural entre europeu e indígena resulta na constituição das Missões, origem da formação do que hoje é território do Estado do Rio Grande do Sul. Este projeto tinha como meta a conquista espiritual dos nativos, a posse e organização do território então pertencente aos Espanhóis pelo Tratado de Tordesilhas³ que almejava através das Missões a criação de uma fronteira limite contra as ações e invasões dos portugueses nesta região. Para este trabalho foram designados os Padres Jesuítas da Companhia de Jesus, os quais iniciaram um trabalho de catequização e evangelização dos índios Guarani que já habitam neste território.

Hoje, São Miguel das Missões possui 7.421⁴ habitantes e é detentora do único Patrimônio Cultural da Humanidade no sul do Brasil declarado pela UNESCO⁵ no ano de 1983: o Sítio Arqueológico da Redução de São Miguel Arcanjo. Seus respectivos remanescentes arquitetônicos compõem o Parque Histórico Nacional das Missões junto a outros três sítios arqueológicos do mesmo período, os quais são considerados patrimônio cultural nacional desde a década de 30. A atividade turística é um segmento potencializado no município, movendo milhares de pessoas das mais diversas procedências do país e exterior motivadas pela história, patrimônio, cultura, misticismo e religiosidade existentes na região, explorados pelos governos e empresários locais como mecanismo de crescimento econômico e de

¹ Padre este que introduziu o gado bovino no atual território do Rio Grande do Sul a partir do ano de 1634. Este gado foi de extrema importância para a criação e manutenção das Reduções, servindo de alimento para a população e mercadoria comercializada para diversas regiões.

² O segundo ciclo missioneiro teve início no ano de 1682, quando os jesuítas retornam para a região do Tape e retomaram a fundação das Reduções, sendo a primeira São Francisco de Borja. Foram construídas as seguintes Reduções: São Nicolau, São Lourenço Mártir, São Francisco de Borja, São João Batista, São Miguel das Missões, São Luiz Gonzaga e Santo Ângelo Custódio.

³ Tratado assinado em Junho de 1494 entre Espanha e Portugal que dividia as terras descobertas entre essas coroas.

⁴ Censo 2010, IBGE.

⁵ UNESCO: Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura.

desenvolvimento local. Segundo dados do Escritório Regional do IPHAN⁶ de São Miguel das Missões, no ano de 2013 passaram pelo sítio arqueológico de São Miguel Arcanjo em torno de 63.303 mil turistas (destes, 17.294 eram estudantes), e uma das manifestações culturais que mais chamam a atenção destes visitantes é a prática dos benzimentos, realizada por dezenas de homens e mulheres que através de rezas e orações dizem curar os mais diversos males do corpo e da alma. Motivada por esta peculiaridade, a prefeitura do município desenvolve um evento denominado de “Encontro dos Benzedores” (desde o ano de 2006), bem como várias estratégias de promoção turística focadas nesta prática, as quais mostraremos e analisaremos em detalhes ao longo desta pesquisa.

Não existem, porém, registros e pesquisas ampliadas referentes à prática dos benzimentos no município de São Miguel das Missões-RS. A elaboração deste trabalho visa estudar tal prática nesta localidade, identificar o perfil de seus praticantes e suas principais características, como: aplicabilidade, expressões, simbologias, significados e sua transmissão entre as gerações. Pretende-se também analisar como se dá a construção da identidade de benzedor e como ele se relaciona com a sociedade onde está inserido, bem como o perfil das pessoas que os procuram em busca de cura e proteção.

Atualmente, tem-se dado atenção à temática do patrimônio imaterial (em especial após a Convenção de Salvaguarda do Patrimônio Imaterial de 2003) e suas expressões, saberes, fazeres, costumes e formas de vida, as quais representam as formações e identidades das comunidades que compõem no conjunto a pluralidade cultural existente no Brasil. Pluralidade esta que deve ser considerada como fator de desenvolvimento e não algo a ser extirpado da sociedade, necessitando, para isto, de reconhecimento, espaço, valorização e de políticas públicas eficazes que atendam a suas demandas. Este estudo visa fornecer um panorama sobre a prática dos benzimentos em São Miguel das Missões-RS, podendo servir de subsídio para futuras pesquisas sobre o tema, vindo a incentivar também os governos a criarem mecanismos para a salvaguarda das mais diversas representações culturais imateriais existentes na região, e que também não são pesquisadas, registradas e documentadas – deixando assim uma lacuna acadêmica e de trabalhos nestes campos sociais e populares. Espera-se também que os resultados apresentados no

⁶ IPHAN: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

decorrer do estudo sirvam de esclarecimento e informação para a comunidade Miguelina⁷ e região, no que se refere à prática dos benzimentos, representação imaterial e cultural no município.

Os benzimentos são realizados por dezenas de homens e mulheres que através das rezas acreditam curar os mais diversos males do corpo e da alma, fazendo parte da crença popular e imaginário desta comunidade. Existem benzedores, rezadores⁸ e mateiros⁹, cada um com sua especialidade e técnica para curar as pessoas que as procuram a qualquer hora do dia em suas residências. Em sua maioria, estas pessoas são identificadas com uma placa indicativa informando que ali reside um benzedor, facilitando que a comunidade e turistas os encontrem.

Mais do que uma prática que objetiva a cura e a proteção, os benzimentos expressam uma forma de vida e de relações pessoais entre seus praticantes, em que a religiosidade, imaginário, crenças e superstições permeiam a vida destas pessoas, só havendo lógica de sua existência por haver uma comunidade (ou parte dela) que os acolham e legitimem como tais. Podemos supor que essa prática está diretamente ligada à história da Região Missões e seu catolicismo, mas também com influências indígena e negra, não se esquecendo dos repovoadores imigrantes que, com suas práticas religiosas, também influenciaram nestes processos híbridos ocorridos ao longo dos séculos, os quais são elementos responsáveis pela formação identitária nesta região.

A identidade associa-se também aos espaços, nos quais estão fixada a lembrança de lugares e objetos presentes nas memórias, como organizadores de referenciais identitários, sendo que não há grupo nem gênero de atividade coletiva que não tenha alguma relação com o lugar, com uma parte do espaço onde está inserido. Nesta lógica, devemos compreender a trajetória histórica do local, suas referências, bem como os agentes envolvidos atualmente nestes processos de cura: quem são e de onde vêm, quem os procura, como vivem e como se relacionam. Só assim poderemos tentar conhecer melhor suas características e os processos que as envolvem. A prática dos benzimentos possui sua própria dinâmica, transmitida entre gerações, se reinventando e se adaptando às necessidades da atualidade,

⁷ Como são chamados os habitantes de São Miguel das Missões- RS.

⁸ Pessoas que curam doenças apenas com rezas e orações, sem o auxílio de objetos ou ervas medicinais.

⁹ Pessoas conhecedoras de ervas e plantas medicinais, as quais indicam para os que o procuram em busca de cura.

podendo ser caracterizada como uma referência imaterial do município de São Miguel das Missões, por representar uma expressão do saber fazer característico e vivo nas pessoas que ali habitam – ou em parte delas. Elas atribuem um valor simbólico a esta prática, que pode decorrer inclusive da importância que lhes atribui à memória coletiva, pois o ato de ‘ir se benzer’ também pode ser repassada e estimulada entre gerações, através do compartilhamento de noções de fé, cura, crença, religiosidade, superstições e confiança, conjugando memórias e sentidos de pertencimento entre os indivíduos do grupo, fortalecendo seus vínculos identitários e de pertencimento à comunidade.

A atribuição de valor a objetos e artefatos pode ser identificada em algumas residências dos benzedores, onde estes possuem um cômodo destinado a receber as pessoas que os procuram. Entre os benzedores católicos identifica-se, geralmente, um altar com santos, imagens sacras, fotografias, flores e objetos para a realização dos benzimentos, em especial utensílios utilizados no cotidiano doméstico, como tesoura, copo, linha, agulha, brasa do fogão a lenha e ramos verdes, podendo variar de benzedor para benzedor, dependendo das doenças das quais é especialista. No caso dos espíritas, estes não possuem um espaço destinado ao benzimento e não possuem imagens sacras. Até o momento não foram identificados benzedores evangélicos, provavelmente por possuírem uma visão de religiosidade diferente dos rituais realizados pelos benzedores.

Cada benzedor é especialista em determinadas doenças, bem como no uso dos objetos necessários para o seu benzimento, não sendo estes padronizados, variando conforme a região onde estão inseridos e adaptando-se às necessidades do momento. Não há códigos oficiais e contratuais que regulamentem os benzimentos entre seus praticantes, o que não lhes impede de terem negociações e posturas moralmente aceitáveis e pré-estabelecidas pelo grupo, representando acordos e informações não registradas sobre o tema, dando abertura e liberdades para que estes possam criar, recriar e se posicionar como melhor acharem necessário diante de sua prática. Ressalta-se que a transmissão destes conhecimentos entre gerações ocorre através da oralidade e gestualidade (geralmente aliados a casos sobrenaturais narrados, contados e difundidos socialmente), sendo a oralidade indispensável para a formação da identidade deste grupo, para a prática do benzimento e para a sua continuidade em gerações futuras, pois ressignifica experiências, saberes, objetos e visões de mundo que são

constantemente recriadas, adaptadas e compartilhadas em seus mais variados contextos.

É importante trabalharmos com o registro da oralidade desta prática em São Miguel das Missões, pois, na medida em que os depoimentos populares são registrados, é possível conhecer a própria visão que este segmento da sociedade tem de suas vidas e do mundo ao seu redor. Essa ação se torna imprescindível também pelo fato dos benzimentos não fazerem parte da historiografia oficial do município, deixando uma lacuna sobre suas possíveis origens, influências, praticantes, características e simbologias, pois muito pouco se sabe delas nesta comunidade. Essa falta de registro se deve ao fato da historiografia local ser tradicionalmente baseada nos fatos políticos e relevantes oficialmente para a constituição da região, faltando, assim, um olhar direcionado a outros atores sociais que também foram muito significativos na formação histórica, cultural, política e econômica da cidade.

Neste sentido, este trabalho se justifica pela necessidade de estudar a prática de benzimentos no município de São Miguel das Missões\RS, tendo em vista que não há nenhum tipo de trabalho desenvolvido que identifique tais manifestações e suas características, bem como seu público. É nossa responsabilidade, enquanto pesquisadores, pesquisarmos, documentarmos e proporcionarmos que a voz deste grupo tenha a oportunidade de ser ouvida, pois simboliza e representa o imaginário de uma parte significativa da comunidade, de sua identidade, crenças, hábitos e costumes.

O capítulo primeiro deste trabalho busca contextualizar a cidade e a região onde os benzedores estão inseridos através de fatos históricos marcantes, as quais foram fundamentais na formação cultural e identitária de seus habitantes ao longo dos tempos até os dias atuais. Expõe-se também a trajetória da proteção do patrimônio cultural edificado na região, recorrente e precursora da própria história da proteção patrimonial do Brasil, elemento este imprescindível para se compreender o foco e as estratégias de atuação deste segmento desenvolvido nas Missões.

Na parte seguinte se procura discorrer teoricamente sobre o ofício de benzer e suas principais características, segundo alguns autores que desenvolvem o tema. Apresenta-se também uma análise básica e comparativa das práticas de cura dos índios guarani ao longo da história e sua relação com os benzimentos realizados atualmente na cidade de São Miguel das Missões, sendo que em todos os casos

utilizaram-se como subsídio referências bibliográficas e entrevistas realizadas junto aos públicos-alvo desta pesquisa.

No capítulo terceiro se desenvolve uma análise da prática exercida pelos benzedores e seus aspectos de memória e identidade, manifestadas através de narrativas que detalham os principais elementos constitutivos deste ofício. Também, sua transmissão ao longo das gerações e o perfil das pessoas que representam o público que busca os serviços dos benzedores, os quais são fundamentais para que se entenda esta prática como um todo. Analisam-se também os conflitos recorrentes da atuação dos benzedores junto às igrejas (católica e evangélica), assim como a medicina oficial e seus profissionais, que em conjunto influenciam na forma como seus praticantes se posicionarão perante a comunidade onde estão inseridos.

Para encerrar a pesquisa é apresentada a relação existente entre benzedores e o segmento turístico em São Miguel das Missões, vislumbrado recentemente como um produto em potencial para a promoção da cidade neste setor e o consequente aumento do fluxo de visitantes na cidade, objetivando desenvolvimento e crescimento econômico. Em contraponto, os benzedores parecem se utilizar do turismo como mecanismo de defesa e valorização de sua prática como elemento motivador e de importância para o município, desenvolvendo, assim, uma relação de suporte mútuo entre as partes.

A relação de todos estes aspectos analisados e estudados proporciona um panorama da prática dos benzimentos no município de São Miguel, cultura popular manifestada, recriada e difundida entre seus habitantes.

1 SÃO MIGUEL DAS MISSÕES: ORIGENS E ATUALIDADE

São Miguel das Missões possui suas origens na antiga redução de São Miguel Arcanjo a qual compôs um conjunto de 30 cidades desenvolvidas em um projeto audacioso da coroa Espanhola em organizar seu (novo) território na região platina. Interessa-nos aqui o território correspondente ao atual Estado do Rio Grande do Sul (Brasil). Habitavam nesta região três grandes grupos indígenas: os Guaraní, os Pampeanos e os Gês, conforme nos mostra a imagem abaixo.

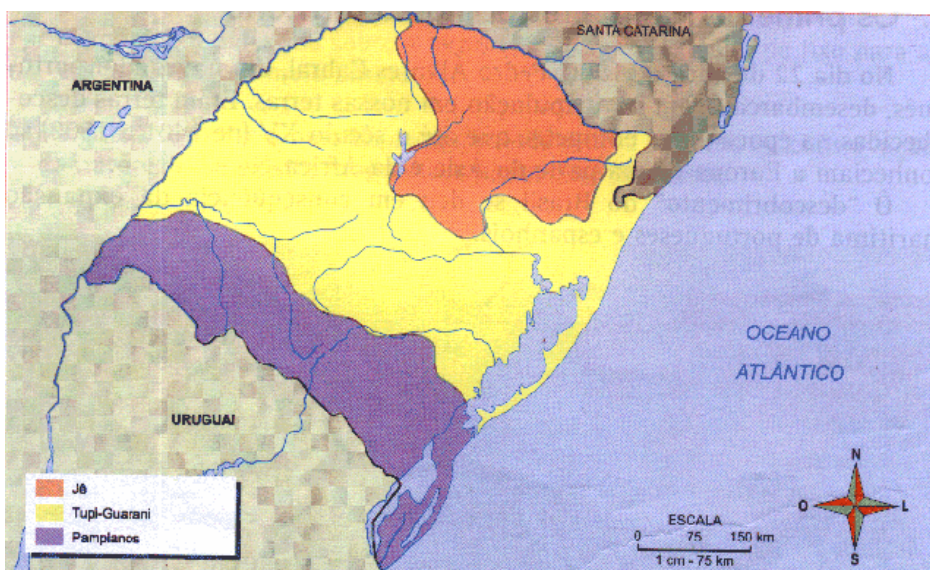


Imagem nº01: Ocupação indígena no Rio Grande do Sul

Fonte: Arquivo Centro de Tradições Gaúchas Amigos da Cavalgada, 2013.

Faziam parte do grupo Pampeanos os índios Charruas¹⁰ e Minuanos¹¹. Já o grupo dos Jê¹² faziam parte os Kaingang. Os Guaranis eram maioria e ocupavam

¹⁰ Índios do tronco Jê, grupo racial m'baya, aparentados aos guenoas, habitavam os territórios do Uruguai, Campanha e Campos Neutrais no Rio Grande do Sul e, depois da chegada dos ibéricos, parte das províncias de Corrientes e Entre-Rios. A origem do nome pode ser de como os chamavam os guerreiros e mercadores quíchuas do Império Inca – Char-uhas – isto é: ribeirinhos, em sua língua, já que viviam às margens do Rio Uruguai e do Prata. Do mesmo grupo tribal dos Yaros, minuanos, m'boanes e chanás eram hábeis cavaleiros e tiveram ativa participação na formação do Uruguai, de parte da Argentina e do Sul do Brasil. (PINTO, 2002, p.86)

¹¹ Ameríndios da grande família m'baya, como os charruas, yaros, m'boanes e chanás. Vivem em alguns lugares do Uruguai e do Rio Grande do Sul – à margem dos Charruas, e na Província de Entre-Rios e parte de Santa Fé de Corrientes. Caracterizavam-se por viver em pequenos grupos de 40 ou 50 famílias. Os últimos aldeamentos na margem oriental do Rio Uruguai foram localizados junto aos Rios Cacequi e Ibicuí, no Rio Grande do Sul, na metade do século 19. (PINTO, 2002, p.125)

¹² Constituem uma das populações mais antigas das Américas, em vida continuada que chegou até nossos tempos. Em tempos remotos chegaram ao litoral brasileiro, foram rechaçados pelos tupis e se concentraram ao sul do rio Amazonas, no Planalto Central do Brasil e suas proximidades. (...) Culturalmente vivem em um estágio atrasado de caça e coleta, com uma agricultura rudimentar aprendida com os tupis. (PINTO, 2002, p.115)

desde o litoral, região central até a divisa com a atual Argentina. Esses grupos foram fundamentais na constituição das fronteiras geográficas existentes atualmente além de heranças culturais como idioma, gastronomia, pecuária e cultivos agrícolas neste território.

O território que hoje abrange o Rio Grande do Sul pertencia (praticamente em sua totalidade) à coroa espanhola pelo Tratado de Tordesilhas assinado no dia 04 de junho do ano de 1494 na cidade espanhola de Tordesilhas e procurava definir as terras que pertenceriam a Espanha e Portugal. Criava uma linha imaginária que limitava o território de domínio de cada coroa, onde as terras a oeste ficariam com o reino da Espanha e as terras a leste para Portugal, sendo o ponto de referência 370 léguas de Cabo Verde.

Mesmo havendo este tratado, na prática era quase impossível que fosse cumprido, sendo comum a invasão e posse de ambos os países em terras que não lhe pertenciam oficialmente. Sabe-se que Espanha e Portugal se despontaram como grandes descobridores através de suas incursões marítimas pelo mundo acarretando descobertas de novos territórios e conflitos entre as coroas pela posse das mesmas. A criação e a organização de Reduções faziam parte do projeto espanhol para controle e posse destas novas terras, criando assim uma fronteira limite que objetivava conter a invasão portuguesa neste território. Amable especifica a denominação de reduções

La reducción era um Pueblo integrado por comunidades indígenas reunidas para ser evangelizadas. Se trata de una institución religiosa y sócio-cultural a la vez, que no fue específica de la provincia del Paraguay, sino las regiones periféricas del Imperio Español em América. Casi todas las redicciones fueron creadas y administradas por los jesuitas o franciscanos. (AMABLE *et. al*, p. 35, 2011)

Para executar este projeto, optou-se pelo trabalho através da fé junto aos que já habitavam este território - os índios Guaranis - ao invés de expulsá-los e repovoar com outras etnias. Assim, Burda (2001, p. 19) afirma que “o Reino Espanhol traçava sua estratégia de dominação econômica da América do Sul: a conquista espiritual dos povos nativos”. Essa ação não visava apenas ao controle sobre as terras, mas também todas as riquezas e possibilidades de lucros que pudessem ser obtidos sobre elas e por quem as habitasse.

Para a realização deste trabalho foram designados centenas de padres da Companhia de Jesus, ordem criada dentro da Igreja Católica pelo padre espanhol Ignácio de Loyola¹³ no ano de 1534 (e reconhecida pelo Papa Paulo III no ano de 1540) tendo como principal objetivo ações que contivessem o movimento protestante em uma ação da contrarreforma. Tinha características militares e seus seguidores deveriam ter obediência e servidão total ao Papa. Ainda para Burda

Os jesuítas, muitos de origem nobre com excelente preparo educacional, eram renomados matemáticos, astrônomos, linguistas, músicos, historiadores e cientistas, mas se expunham pessoalmente com seu exemplo de trabalhos rudes. (...) (2001, p. 19)

A missão empreendedora dos padres jesuítas requeria um alto nível de treinamento e capacidade para o desafio de atravessar oceanos a fim de desenvolver cidades através da catequização e evangelização dos nativos que aqui habitavam – os quais possuíam sua cultura e meios de organização social e religiosa próprios – exigindo dos padres habilidades no trato com o índio, fazendo-o adaptar-se a uma nova organização social, religiosa e política, diferente daquela vivida por eles até então. O autor ressalta ainda que

Os padres jesuítas de várias nações europeias, em conjunto com os padres espanhóis, agiam consoante os preceitos de sua fé cristã e missionária. Tinham o mesmo espírito da irmandade de Santo Inácio de Loyola. Usavam o catecismo e as pregações para convencerem os indígenas que a nova religião era necessária para a sua civilização. (BURDA, 2001, p. 20)

A noção de civilização é uma criação ocidental diferente do que pensava o Guarani. Para o índio, a redução acabou servindo como uma espécie de proteção e estabilidade contra grupos indígenas inimigos e bandeirantes que assolavam e destruíam suas aldeias (a exemplo do primeiro ciclo missioneiro que teve fim após os ataques bandeirantes), o que os fez adaptar-se ao novo sistema sem abandonar completamente sua cultura tradicional e práticas ancestrais, as quais eram praticadas escondidas ou de forma subliminar. Cabe ressaltar que em todo este

¹³ Nasceu no Castelo de Loyola, em Guipuzco (Espanha), em 1491 e, como a maioria dos nobres de seu tempo, foi levado a prepara-se para o serviço das armas. De pagem do Rei Fernando V passou a oficial do exército espanhol e foi ferido pelos franceses, no cerco de Pamplona. Recolhido ao castelo de seu pai para o tratamento, entregou-se à prática da leitura e das orações, num profundo recolhimento que o levou a consagrar-se a Nossa Senhora de Monserrat (Cataluña) e recolher-se ao hospital de Manreza. Intensificou seus estudos de filosofia e teologia e iniciou as prédicas com tal veemência que foi levado por duas vezes a julgamento pela Inquisição: em ambas absolvido. Em 1528 foi para Paris completar seus estudos de teologia e filosofia e lá, junto com seis companheiros, numa pequena capela subterrânea da Igreja de Montmartre, fez os votos de consagrar-se à missão de conversão dos infiéis e de colocar sua vida à disposição da Igreja e do Papa. Recebeu os votos pouco tempo depois. (PINTO, 2002, p.112)

processo foi a minoria dos índios que se reduziu nas cidades, permanecendo os demais na mesma forma em que viviam antes da chegada dos padres, o que nos faz concluir que as reduções e o trabalho missional dos jesuítas não abarcaram e mobilizaram todos os índios que aqui habitavam.

Além do trabalho espiritual desenvolvido junto aos reduzidos, os padres chegaram com um modelo de cidade já definido o qual necessitavam implementar em cada redução fundada. Neste sentido Kern alerta que

(...) Sabemos hoje que o traçado urbano dos povoados missioneiros evidenciam os projetos renascentistas de cidade planejada que os espanhóis incorporaram no século 16 à sua legislação colonial, mas igualmente demonstram as concessões que se fizeram aos indígenas, habituados às grandes casas (ocas) habitadas por famílias extensas. (1994, p. 25)

O autor ressalta a necessidade existente à época de adaptar o projeto espanhol às necessidades dos índios Guaranis que participaram do processo reducional – tendo em vista que muitos índios não aceitavam a interferência do ‘homem branco’ em seu território e na sua forma de viver – ocasionando inclusive o assassinato de padres como Roque Gonzales, João de Castilhos e Afonso Rodrigues. Tais concessões se faziam necessárias para que o guarani se motivasse a morar na redução, caso contrário não seria um espaço e organização social atrativo aos índios. Ao todo, 30¹⁴ reduções foram desenvolvidas e no que hoje é território brasileiro este processo se deu em duas fases: primeiro e segundo ciclo missioneiro.

O primeiro ciclo inicia com a chegada dos Jesuítas em 1626. Neste período foram criadas 18 reduções e o gado bovino introduzido (através do território Argentino) no que hoje é Rio Grande do Sul pelo padre Cristóvão de Mendonça. Em 1637, motivado pelos ataques dos bandeirantes às reduções, os índios são obrigados a migrarem e abandonarem suas cidades, não restando vestígios arquitetônicos e materiais de suas edificações construídas neste período. No primeiro ciclo foi fundada a primeira São Miguel, conforme nos lembra Santos

São Miguel teve sua primeira fundação em 1632, pelos Padres Cristóvão de Mendoza e Paulo Benavides, em território rio-grandense. No local denominado Itaiacecó, e segundo Rego Monteiro, à margem direita do rio Ibicuí, no Rincão de São Pedro (...). Nesse local encontraram os Padres o

¹⁴ Nos atuais territórios de Brasil, Argentina e Paraguai.

cacique capitão Guaimica, que os recebeu pacificamente e colaborou para a função da redução. (1986, p. 13)

Os bandeirantes invadem a região em busca de ouro e pedras preciosas e não tendo achado estes bens optam por atacar e levar os índios reduzidos para serem comercializados como escravos. Neste aspecto, Custódio nos cita que

Continuamente atacados pelos paulistas, os índios receberam autorização para portar armas e a partir da batalha de Mbororé, em 1641, encerra-se o ciclo escravagista. Com as reduções arrasadas, padres e índios novamente se transmigraram para a margem direita do Uruguai, de onde começaram a retornar apenas em 1682. Durante este período o gado trazido da Europa, abandonado, reproduziu-se livremente. Quando tornaram a ocupar a região, os rebanhos foram divididos formando a Vacaria dos Pinhais, nos campos de cima da serra e a do Mar, que se expandia até o Oceano Atlântico. Passados os ataques paulistas, a região enfim se desenvolveu. (2006, p. 07)

Apesar da vitória na batalha de M'bororé, os índios fugiram e abandonaram a região, porém foi graças a essa batalha que se conteve a vinda de novos bandeirantes e a ocupação deste território por outras etnias – permitindo assim que os Guarani retornassem posteriormente para retomar as Missões do lado oriental do Rio Uruguai. O primeiro ciclo termina e a região fica abandonada por aproximadamente 50 anos, até que em 1682 os índios e padres retornam para a região motivados pela vasta quantidade de gado que havia permanecido solto e se reproduzido abundantemente (o que origina as vacarias), iniciando novamente a construção de cidades – as quais se definiu historicamente como o segundo ciclo missioneiro. Santos atribui também o retorno dos índios para a região afirmando que

Já contava com perto de 4000 habitantes (*índios de São Miguel*) quando resolveram sua transladação para a margem esquerda do rio Uruguai, sendo um dos principais motivos não poder mais expandir suas lavouras por falta de terras cultiváveis. (1986, p. 13)

Neste período sete reduções foram construídas: São Francisco de Borja (1682), São Nicolau (1687), São Miguel Arcanjo (1687), São Lourenço Mártir (1690), São João Batista (1697), São Luiz Gonzaga (1687) e Santo Ângelo Custódio (1706 – a última). Cada cidade tinha sua administração que era composta por um conselho de caciques juntamente com padres (geralmente dois) que atuavam na parte religiosa e financeira. Sobre a redução de São Miguel, o autor nos diz que:

Realizada a mudança, consta na Ânua do Padre Salvador de Rojas, correspondente ao ano de 1690 'que os índios estavam construindo uma ampla casa de seis aposentos para os Padres, estando, nessa ocasião bastante adiantadas, outras cem casas destinadas aos índios, todas cobertas de telhas de barro que fabricavam na Doutrina. – Era a mais

poderosa de todas as reduções, pois contava, quando se estabeleceu aí, 4.195 almas, divididas em 1.057 famílias. (...) Não consta de nossas pesquisas o nome do Padre que fundou São Miguel e que foi o seu primeiro cura. (1986, p. 14-15)

O autor chama a atenção pelo fato de não existir um registro oficial do padre que teria fundado São Miguel no segundo ciclo, provavelmente pelo fato dos padres circularem por muitos locais fundando várias reduções em um mesmo período, o que acarreta uma lacuna na história de sua segunda fundação. No aspecto econômico, Burda lembra que

Ao longo de 160 anos, duas culturas – a europeia e a guarani- organizaram um sistema colonial cooperativo, com economia baseada em diferentes formas de trabalho comunitário e na socialização da produção e do consumo, com considerável autonomia em relação ao regime colonial e a Coroa espanhola. (2001, p. 20)

Cada cidade se destacava na produção de alguns produtos, que serviam para consumo próprio, trocas entre reduções, exportação e pagamento de impostos à coroa. Em São Miguel Arcanjo se destacou a criação de gado, sendo uma das principais neste ramo, inclusive exportando o couro, a graxa (sebo) e o chifre para diversos países. Santos expõe o movimento populacional de São Miguel, média feita através das cartas ânuas¹⁵ e relatórios enviados pelos padres para a Coroa Espanhola e Igreja.

Tabela nº 01: Movimento estatístico Populacional de São Miguel de 1687 a 1707

Ano	População
1687	3.500
1690	4.195
1694	4.592
1698	1.888*
1702	2.197
1705	3.107
1707	3.100

Fonte: Aurélio Porto *apud* SANTOS, 1986, p. 16

* A diminuição foi devido a uma peste que assolou o povo nesse ano.

Através deste demonstrativo podemos ter uma ideia dos índices de habitantes entre os anos de 1687 (ano de fundação de São Miguel) e 1707. Cabe ressaltar que estas cidades tinham em média seis mil habitantes no máximo.

¹⁵ Carta-relatório dos sucessos transcorridos durante o período de um ano. Prática que se tornou usual como prestação de contas dos missionários jesuítas a seus superiores. (PINTO, 2002, p. 83)

Quando esse número começava a extrapolar se fundava uma nova cidade. Os locais escolhidos para a fundação de cada redução eram estratégicos: lugares altos e planos com boa terra para cultivo e fontes de água para abastecer seus habitantes. Baioto e Quevedo afirmam que

Normalmente, os padres escolhiam lugares mais altos com abundância de matas e fontes de água, que pudessem abastecer as necessidades das reduções. Os jesuítas também procuravam se instalar perto das aldeias indígenas para atrair a atenção dos silvícolas e facilitar assim seu trabalho cristianizador. (1997, p.12)

Na imagem abaixo se pode perceber a planta do traçado urbanístico da redução, composta por igreja, casa dos padres, escola, cotiguaçú (casa das viúvas e órfãos), casas dos índios, cabildo (sede administrativa) quinta (horta e pomar) e praça. As casas eram coletivas e abrigavam várias famílias, sendo a praça o centro da cidade bem como o espaço para a realização de procissões e treinamentos militares.

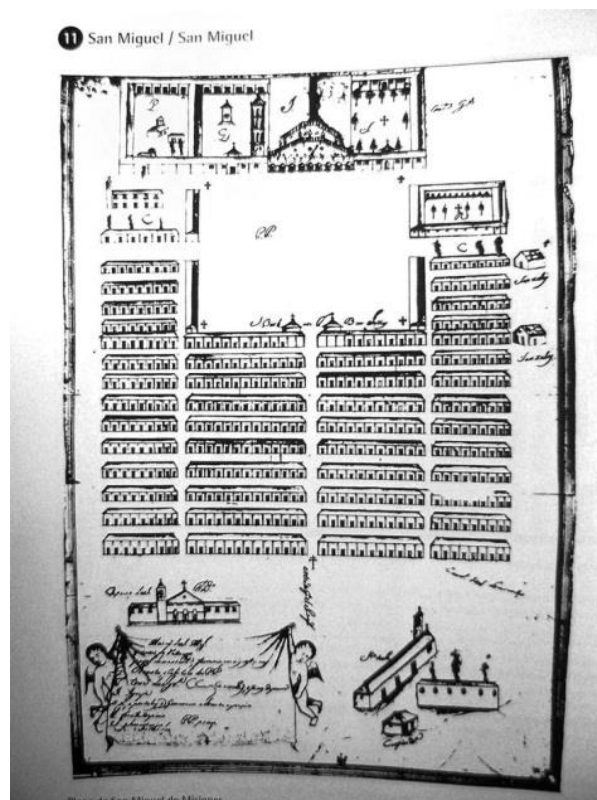


Imagem nº 02: Planta da Redução de São Miguel Arcanjo

Fonte: Atlas territorial y urbano de las misiones jesuíticas de guaraníes: Argentina, Paraguai y Brasil.

Sobre os Sete Povos, Santos lembra ainda que

O apogeu jesuítico que se acentuara em 1732, alcançando uma população de aproximadamente 40 mil habitantes e aproximadamente um milhão de cabeças de criações de várias raças nos 'Sete Povos' sofreu um violento impacto com o tratado de limites Espanha-Portugal, no qual coube a segunda nação a posse de toda a zona 'missioneira' com todas suas benfeitorias, sem que para isso houvesse qualquer indenização. (1986, p. 47)

O declínio das reduções do lado oriental do Rio Uruguai iniciou com a assinatura entre as coroas do Tratado de Madri no ano de 1750, que trocava os Sete Povos das Missões por Colônia de Sacramento¹⁶, definindo novamente os limites territoriais da região. Os índios Guarani deveriam abandonar as Missões e se deslocarem rumo à banda ocidental do Rio Uruguai. A resistência dos índios em abandonar suas terras e tudo que haviam construído resulta na Guerra Guaranítica, na qual exércitos de Espanha e Portugal, através da força e batalhas, fazem cumprir as novas demarcações entre as colônias. O índio Guarani que sobrevive foge para território seguro ou se mescla aos novos habitantes e imigrantes que ocupam este território ao longo das décadas que seguem. Os padres jesuítas são expulsos no ano de 1767, considerados traidores pelas coroas. Abandonada e desprotegida, a região ainda é saqueada, conforme nos lembra Santos

Os Sete Povos foram vítimas da incompreensão dos governos de Espanha e Portugal e da insidiosa campanha para a destruição do chamado 'poder jesuítico'. Fator preponderante foi o péssimo regime administrativo post-jesuítas e vinte anos de contendas entre forças orientais e brasileiras que transformaram a região missioneira em campos de batalha. Vieram depois os saques dos invasores Artigas, Rivera, Chagas dos Santos e outros. (1986, p. 50)

Furlong (1978) enumera dois motivos para a decadência das missões

Un análisis sereno, a base de la inmensa documentación ahora existente, nos lleva a la conclusión que dos, y solo dos, fueran los causales de la expulsión y la extinción de la Compañía de Jesús. Las reducciones establecidas por ésta en toda la extensa frontera lusohispana impedían el avance de los portugueses sobre los territorios hispanos, y era menester tan taimada como eficazmente acabar con esta muralla, y Portugal, gracias a Carvalho, que preparó los espíritus, envenenando-los con las calumnias más arteras, logró lo que pretendía, y pudo así apropiarse, solo en el Río de la Plata, de un tercio de lo que era español. Esa fue la primera causal. La segunda, fue que los jesuitas, en conformidad con las tradicionales doctrinas dominantes entre los católicos acerca de la origen del poder, (...) del origen divino de los Reyes, (...) sostenían que la autoridad viene de Dios, pero no a los Reyes, directamente, sino a los pueblos, y estos la otorgan al príncipe condicionalmente, mediante una especie de contrato

¹⁶ Localizada na frente de Buenos Aires na margem oriental. Dom Afonso VI, rei de Portugal, pretendia fixar uma posição de ocupação à margem do Rio Uruguai e na fronteira natural do rio da Prata. (PINTO, 2002, p. 88)

político, con deberes y derechos por parte de ambos contratantes. (1978, p. 23)

Os padres jesuítas são considerados traidores pelas coroas e empecilho para seus projetos de expansão e contrabando na bacia do Rio da Prata. Encerra-se um ciclo e o fim de um projeto que durou aproximadamente 160 anos. Custódio afirma que após a guerra

Os povoados missioneiros passaram a partir de então a ser gerenciados por administrações civis e outras ordens religiosas que não deram continuidade ao *sistema reducional*. Muitos nativos foram levados para outras regiões ou abandonaram suas reduções. Os novos colonos europeus que chegaram à região em fins do século 19 contribuíram para a destruição dos remanescentes, retirando seus materiais para fazer novas construções. Passado um século, restaram apenas vestígios arqueológicos e populações descontextualizadas. (2006, p. 19)

Saint-Hilaire relata, após visita à região no ano de 1820 que

(...) S. Miguel é a mais conservada de todas as aldeias que hei visitado até agora. Além das casas constitutivas da praça vêem-se várias ruas. O Curralão apresentação em bom estado. A casa do cabildo necessita reparação, mas subsiste ainda. A igreja, construída pelos jesuítas, é toda de pedra e possui uma torre que servia de campanário, mas, há vários anos, um raio caindo sobre ela destruiu-o completamente. (1974, p.152 – depoimento-relato de 19 de março de 1820)

A maioria das cidades construídas pelos repovoadores e imigrantes que vieram para a região posteriormente foram feitas com materiais que sobraram das antigas reduções e em algumas delas se reutilizou o mesmo traçado urbano adotado pelos padres nas Missões, como nos casos de Santo Ângelo, São Borja e São Luiz Gonzaga. Estas atuais cidades (que levam o mesmo nome da redução) foram desenvolvidas ‘em cima’ do que restou das antigas construções reducionais. Sobre o período posterior a Guerra Guaranítica, Baptista e Santos expõem que

O crescimento de uma já espessa mata no corpo da igreja e da torre, cavalos a descansar no que um dia fora uma praça central e a entrada do clausto com acesso desimpedido, apresentam uma paisagem onde se torna evidente o avanço da natureza e do processo de arruinamento. (2010, p. 129)

Sem proteção e cuidados, o que sobra dos remanescentes arquitetônicos deste período é abandonado, ficando à mercê das ações do tempo, da natureza e dos saqueadores.



Imagem nº 03: São Miguel em Ruínas

Fonte: CUSTÓDIO, Luiz Antonio Bolcato. Missões Jesuíticas: Arquitetura e Urbanismo. Cadernos de História nº 21. Porto Alegre: Memorial do Rio Grande do Sul, 1989.

A imagem acima mostra São Miguel já em ruínas no ano de 1846, tomada pelo mato, vegetação e cavalos. Nota-se o frontispício¹⁷ que em seguida cairia, a torre e as construções localizadas à esquerda (casa dos padres, oficinas) as quais não existem mais nos dias atuais. Este mesmo processo de arruinamento ocorre nas outras seis reduções. Em Santo Ângelo, São Luiz Gonzaga e São Borja as cidades construídas pelos repovoadores imigrantes foi exatamente no mesmo espaço onde havia os remanescentes destas reduções, reutilizando os materiais que sobraram bem como o mesmo traçado urbanístico, não restando nada das construções deste período. Já as ruínas de São João Batista¹⁸, São Nicolau e São Lourenço¹⁹ são declarados patrimônio histórico e cultural do Brasil pelo IPHAN. Para Baioto e Quevedo

Ao longo do século XIX, São Miguel foi sendo destruída pelos depredadores que retiravam pedras das ruínas para construírem suas casas e cercas. Em 1873, quando Santo Ângelo foi elevada à categoria de vila, São Miguel passou a fazer parte daquele território, como 3º distrito. (1997, p. 38)

Neste sentido, Baptista e Santos lembram que

O antigo território missional parece permanentemente ocupado por indivíduos resultantes do vai-e-vem das fronteiras dos impérios ibéricos e da

¹⁷ Fronte, frente, fachada principal. (PINTO, 2002, p. 100)

¹⁸ Localizada no município de Entre-Ijuís-RS.

¹⁹ Localizada no município de São Luiz Gonzaga.

criação de gado em estâncias, marca da economia da região. (...) Vale apontar que as condições econômicas desses novos grupos são absolutamente precárias. (2010, p. 133)

O autor reforça ainda que a mistura étnica e cultural ao longo do tempo é característica da cidade de São Miguel e região, e seus habitantes, através de fusões culturais e de relações fronteiriças, resultam no gaúcho²⁰, figura característica do campo e de habilidades no manejo e criação de animais.

Compõe-se, assim, uma mistura cultural (então tida por racial) que em muito impressiona os viajantes, como já ocorria em São Miguel na primeira metade do século: “Uma população composta de todos os elementos imagináveis da Europa, da África e da América, na qual está formalmente representado o elemento índio.” (2010, p. 136)

Baioto e Quevedo (1997, p.38) lembram ainda que no ano de 1983 a UNESCO declarou as Ruínas localizadas em São Miguel das Missões como Patrimônio Cultural da Humanidade. Elas já eram reconhecidas pelo Estado (Rio Grande do Sul) e nação através do IPHAN. São Miguel pertencia ao município de Santo Ângelo, e em 1988 se emancipa através da lei nº 8.584, sendo seu primeiro prefeito eleito Pedro Everling.

1.1 São Miguel das Missões: Atualidade

Atualmente, o município de São Miguel das Missões possui 7.421 habitantes segundo o censo realizado no ano de 2010 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em uma área de 1.229,843 Km², distribuídos conforme faixas etárias demonstradas tabela abaixo:

Tabela nº 02: Contagem Populacional Censo 2010 IBGE

Idade	Homens	Mulheres
0 a 4 anos	202	170
5 a 9 anos	297	237
10 a 14 anos	328	316
15 a 19 anos	336	285
20 a 24 anos	254	254
25 a 29 anos	279	260
30 a 34 anos	265	240

²⁰ Como se chama o campeiro da região pampeana. No Brasil diz-se gaúcho para o natural ou relativo ao Estado do Rio Grande do Sul. Rio-grandense. (PINTO, 2002, p. 102)

35 a 39 anos	257	232
40 a 44 anos	285	280
45 a 49 anos	263	260
50 a 54 anos	256	238
55 a 59 anos	240	198
60 a 64 anos	174	165
65 a 69 anos	144	136
70 a 74 anos	123	86
75 a 79 anos	67	61
80 a 84 anos	44	51
85 a 89 anos	12	21
90 a 94 anos	6	6
95 a 99 anos	1	3
Mais de 100	0	2

Fonte: Senso IBGE, 2010.

A tabela nos fornece um parâmetro das distribuições das faixas etárias entre homens e homens da população geral residente no município no ano de 2010. Chama atenção a faixa dos 10 a 14 anos, concentrando a maior quantidade populacional, ao total 644 pessoas, o que representa 8,7% da população. Outra característica do município é a população acima de 70 anos, que somam juntos o número de 483 pessoas, equivalente a 6,5% da população total de São Miguel das Missões neste ano.

A economia do município é baseada na agricultura, conforme nos mostram também os dados do IBGE.

Tabela nº 03: Produto Interno Bruto de São Miguel das Missões 2010

Agropecuária	112.737
Indústria	5.577
Serviços	79.689

Fonte: IBGE, Senso 2010.

A produção agropecuária predomina na economia do município (em virtude de sua vasta extensão territorial), seguido do setor terciário e por último a indústria. O terceiro setor, no qual se enquadra o segmento do turismo, responsável por atrair milhares de pessoas ao ano que visitam os remanescentes da antiga redução e

assistem ao espetáculo Som e Luz, o qual é apresentado a mais de 33 anos diariamente e de forma ininterrupta, sendo referência no Brasil neste tipo de espetáculo.

Desde o ano de 2001 existe uma reserva indígena dos Guarani, localizada a cerca de 30 quilômetros do centro de São Miguel das Missões, às margens do rio Inhacapetum, onde moram em torno de 35 famílias em uma área de aproximadamente 237 hectares adquirida com recursos do Governo Estadual nesta época.

1.2 Proteção Patrimonial nas Missões

Por ter sido palco da construção e desenvolvimento das Missões o território da região é mantenedor de muitas heranças que são perceptíveis e vividas até hoje, como: influência no vocabulário, gastronomia, pecuária, agricultura, churrasco, chimarrão, além de remanescentes arquitetônicos distribuídos em quatro sítios arqueológicos: São João Batista, São Lourenço, São Nicolau e São Miguel das Missões - este último declarado desde 1983 como Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO, sendo os demais considerados patrimônio nacional pelo IPHAN. A proteção do patrimônio cultural material na região Missões remete há muito tempo antes do reconhecimento mundial, quando viajantes que passavam pela região já relatavam a importância dos bens aqui existentes, conforme nos lembra Pippi

O reconhecimento e registro da importância das Missões Jesuítico-Guarani começaram no século XIX, quando diversos viajantes, entre eles Alfred Demersay -1846 – Auguste Sant Hilaire – 1820\21 – Aimé Bonpland – 1831 – Arsène Isabelle – 1833\34 – Robert Christian Berthold Ave Lallemand – 1858 – Martin de Moussy – 1856 e Hemérito José Velloso da Silveira – final do século XIX, deixaram registradas impressões iconográficas, documentos oficiais e depoimentos sobre o estado de conservação daqueles patrimônios. (2005, p, 40)

Várias figuras importantes deixaram relatadas suas percepções sobre a região e seus remanescentes arquitetônicos construídos durante as Missões. Esses relatos ajudaram muito a descrever e pesquisar aspectos importantes das Reduções, auxiliando ao longo dos séculos seguintes o trabalho de arqueólogos e historiadores que buscavam desvendar lacunas existentes sobre a arquitetura, métodos construtivos e localização exata dos prédios que compunham as cidades, bem como a cultura e hábitos de seus habitantes. É importante lembrar que a

primeira medida oficial de proteger esse patrimônio partiu do próprio Estado do Rio Grande do Sul através do decreto nº 3004, de 19 de agosto de 1922, capítulo VII “Dos lugares Históricos” que diz em seu artigo 24º que ‘serão mantidos no domínio público, ou trazidos para este e devidamente conservados, aos lugares notabilizados por fatos assinalados da evolução do Estado’. Apesar de ser um exemplar da atuação espanhola no território gaúcho, houve um entendimento de que estes remanescentes representassem elementos excepcionais e de importância na formação do Estado em seus aspectos fronteiriços e culturais. Pippi lembra que

Em 1923, no Relatório da Secretaria de Obras Públicas do Estado, aparecem fotos da região de São Miguel, tiradas por ocasião de expedição organizada à região pelo chefe da Comissão de Terras de Santa Rosa, Engº João de Abreu Dahne. No Relatório de 1925, da mesma secretaria se lê: Em 22 de janeiro do corrente ano, encaminhamos ao vosso antecessor nova proposta de conservação das ruínas, ameaçadas de completa destruição, pela ação do tempo, ajudada pela dos homens especialmente retirando pedras das paredes arruinadas (...). Esperamos que ainda no corrente ano seja autorizada a urgente reparação e conservação permanente dessas inestimáveis relíquias históricas. (2005, p. 41)

No relatório emitido pela Secretaria de Obras Públicas do Estado já aparecem relatos de saques e roubos das pedras remanescentes da redução de São Miguel, provavelmente para serem reutilizadas na construção de novas moradias da população que vinha se instalar nas proximidades e que necessitavam de materiais para edificar suas residências e estabelecimentos comerciais. Havendo estas pedras soltas, disponíveis e em grande quantidade, pareceu-lhes óbvio e fácil utilizá-las, sem, no entanto, perceberem tamanha importância destas para a história da formação do Rio Grande do Sul. Essas ações provavelmente também ocorreram nas demais localidades onde havia remanescentes reducionais, como a estatuária que havia sido produzida nelas, sendo assim perdido muito dos objetos relevantes arquitetonicamente e historicamente da região. Manifesta, neste relatório, a necessidade de um planejamento para a proteção das ruínas, dominadas por vasta vegetação, muito destruídas e abandonadas, necessitando de cuidados e reparos urgentes, solicitando autorização do Estado para que sejam realizados reparos e manutenção do local, as quais foram realizadas de 1925 até o ano de 1928. Estas ações do governo estadual foram de extrema importância para o reconhecimento destes bens como significativos para a população gaúcha, vindo a impulsionar outras ações de nível federal.

Em âmbito federal, as ações nesta região só ocorreram após a fundação da Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN, hoje IPHAN) em 1937, sendo uma de suas primeiras ações a consolidação dos remanescentes arquitetônicos ali existentes e o planejamento de um espaço que abrigasse a vasta estatuária missioneira espalhada pela região (geralmente em propriedades particulares). Deste planejamento, Lúcio Costa projeta o prédio que serviria de museu, conforme nos lembra Pippi

(...) O arquiteto Lúcio Costa foi incumbido de verificar a situação em que este sítio se encontrava: inventariar os elementos subsistentes e traçar o programa de trabalho. Já em 1937, Lúcio Costa iniciou os trabalhos de análise e propostas para os remanescentes dos Sete Povos das Missões. Uma das primeiras providências foi o projeto de criação do Museu para abrigar as obras missioneiras dispersas pela região. (2005, p. 42)

Esse museu, hoje denominado de Museu das Missões,²¹ abriga o acervo das imagens produzidas por padres e índios Guarani no período das Missões, tendo como uma de suas finalidades servir de canal evangelizador e de comunicação religiosa na redução. Ter um espaço que abrigasse essas obras se fazia necessário tendo em vista a eminência de perda destas que estavam abandonadas ou espalhadas em altares particulares por toda a região.



Imagem nº 04: Prédio Museu das Missões

Fontes: (e) Arquivo Museu das Missões, s/a. São Miguel das Missões. (d) Juliani Borchardt, 2014.

Sobre a construção deste prédio, Boff relata que

A construção do museu, criado em 1940, inspirou-se nas casas indígenas. O tipo de telhado obedeceu à mesma forma dessas casas, com o uso de telhas de barro. Nos avarandados, houve aproveitamento de material do colégio da Redução de São Luiz Gonzaga. Grandes portas de vidro conferem um traço de modernidade ao ambiente rústico, ao mesmo tempo

²¹ Localizado dentro do Sítio Arqueológico de São Miguel Arcanjo. São Miguel das Missões-RS.

que houve a intenção de integrar as imagens ao espaço externo. (2005, p. 115)

A partir dessas iniciativas, órgãos estaduais e federais atuam permanentemente na consolidação e proteção do patrimônio cultural existente na região Missões. Estas ações foram fundamentais para que esses bens fossem preservados até os dias atuais, os quais podem ser vividos, estudados e compartilhados socialmente. O estilo arquitetônico do prédio que abrigaria o museu foi pensado visando à evocação de características das próprias construções do período reducional, que, de uma forma estilizada, serviria de instrumento para evocar através de uma edificação nova (e com elementos modernistas) características do que havia sido desenvolvido no período missional por padres e índios. É sabido também que muitas obras e remanescentes de outras localidades foram trazidas para São Miguel, tornando-a o local com o maior acervo e vestígios arquitetônicos das Missões.

Chama atenção que antes mesmo do Governo Federal ter políticas públicas sobre o tema, o Estado do Rio Grande do Sul já demonstrava preocupação em sua legislação quanto à salvaguarda dos remanescentes arquitetônicos do período missional localizados na região noroeste do Estado. É importante ressaltar que estes bens arquitetônicos (ruínas) e materiais (estatuária) não são importantes apenas pela sua materialidade e técnicas construtivas, mas também pelos saberes e significados neles inseridos por aqueles que o construíram, sendo exemplares únicos desenvolvidos pelas culturas europeia e indígena a mais de três séculos.

A região Missões foi uma das primeiras localidades do Brasil a ter ações do IPHAN voltadas à salvaguarda de seus bens patrimoniais materiais, atuação essa permanente desde a década de 30, trazendo profissionais e técnicos de diversas áreas que atuam permanentemente desde então na manutenção e na pesquisa, visando a novas descobertas sobre a história, arquitetura e cultura da população que construiu estas cidades.

O processo de desenvolvimento das reduções, resultantes da integração cultural entre índios e europeus, deixou marcas significativas desta experiência. Os valores trazidos por cada agente foram fundamentais na elaboração de símbolos, códigos, condutas, vocabulário, remetidos para a nossa sociedade através das gerações.



Imagem nº 05: Sítio Arqueológico de São Miguel Arcanjo

Fonte: Juliani Borchardt, 2013.

A existência de patrimônios materiais ocasionou uma preocupação com a sua proteção, refletidas em ações que proporcionassem aos sítios arqueológicos cuidados específicos que os mantivessem em condições de serem pesquisados e visitados por milhares de turistas. Estes, buscam conhecer os remanescentes de um período que instiga e atrai pelo seu desenvolvimento, poder e ações nos séculos XVII e XVIII, bem como ser vivido pela comunidade que a detém atualmente. Instiga as formas pelas quais essas cidades entraram em declínio, marcadas por lutas, guerras e reivindicações, servindo o território de jogo político e econômico que hoje são ressignificadas como elementos que legitimam a garra, força, determinação e cultura das pessoas que nela nasceram e habitam atualmente, chamados de missioneiros.

Sabe-se que na trajetória de proteção patrimonial no Brasil a preocupação inicial se detinha à salvaguarda dos bens materiais e arquitetônicos de extrema excepcionalidade, ficando de lado, em segundo plano ou até mesmo desconsiderado as questões imateriais existentes nestes locais. Culturas populares, saberes e fazeres de comunidades eram tidos como inferiores e sem relevância,

sendo reconhecidos apenas exemplares materiais que auxiliassem a constituir um estado-nação. Fonseca (2005, p. 165) nos lembra disso ao afirmar que as políticas de preservação do patrimônio histórico e artístico têm sido, histórica e tradicionalmente, implementadas pelos estados nacionais, visando explicitamente à construção de uma identidade nacional.

A década de 30 (do século XX) é de extrema importância na proteção patrimonial brasileira. Este período é marcado pelas primeiras ações que visavam ao conhecimento, reconhecimento e proteção dos bens materiais de extrema importância para a constituição da nação. Tais ações foram impulsionadas por modernistas, que desde a semana de arte moderna (década de 20) já questionavam e problematizavam as questões culturais e de identidade no Brasil. Pelegrini recorda que

A proteção do patrimônio histórico nacional aguçou o interesse das autoridades políticas que participaram da Constituinte de 1934. Por ela foi declarado o “impedimento à evasão de obras de arte do território nacional” e a introdução do “abrandamento do direito de propriedade nas cidades históricas mineiras, quando esta se revestisse de uma função social”. Três anos depois o tema foi retomado na Carta Magna de 1937 que, ao garantir a submissão do instituto da propriedade privada ao interesse coletivo, corroborou para a proteção ao patrimônio brasileiro. A promulgação da constituição de 1946 inaugurou a preocupação em relação à proteção de documentos históricos e reafirmou o que havia sido prescrito em trinta e sete, ou seja, a responsabilidade do Estado para com o patrimônio e os bens culturais brasileiros. (PELEGRINI, 2006, p. 13 *apud* FUNARI et al, 2009, p.102)

Neste período é criado o Decreto Lei nº 25 de 30 de novembro de 1937 tendo como objetivo organizar a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional, instituindo o tombamento e seus respectivos livros de registro, se classificando em

- 1) no Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico, as coisas pertencentes às categorias de arte arqueológica, etnográfica, ameríndia e popular, e bem assim as mencionadas no § 2º do citado art. 1º.
- 2) no Livro do Tombo Histórico, as coisas de interesse histórico e as obras de arte histórica;
- 3) no Livro do Tombo das Belas Artes, as coisas de arte erudita, nacional ou estrangeira;
- 4) no Livro do Tombo das Artes Aplicadas, as obras que se incluírem na categoria das artes aplicadas, nacionais ou estrangeiras. (art. 4º Decreto Lei nº 25, 1937)

Percebe-se aí que as questões relacionadas ao imaterial não estavam contempladas nesta legislação brasileira nem nos livros de registro, sendo estes bens delimitados a uma história oficial ou representativa da memória e história das elites. A excepcionalidade e o arquitetônico predominam nas ações de salvaguarda, que objetivavam a criação de uma ‘brasilidade’, identidade constitutiva para o Brasil.

Todas as ações visando à proteção dos bens culturais desenvolvidas na região foram de extrema importância para manutenção e difusão dos patrimônios existentes nas Missões. Estes elementos foram fundantes da cultura e da identidade de toda a região, que direta ou indiretamente é influenciado pelos remanescentes de um período que marcou a formação regional, utilizando-os como legitimadores de suas práticas que são vividas, ressignificadas e compartilhadas entre gerações.

Essa proteção institucional feita pelos executivos (de vários níveis) alia-se à atuação da sociedade civil organizada que nas últimas décadas batalhou pelo espaço de ser protagonista também na salvaguarda do patrimônio cultural da região, seja através dos conselhos de participação, associações, ONGs e OSCIPs, que vem trabalhando em defesa do patrimônio, forçando os governos a implementarem ações que atendam a esta demanda, criando, assim, uma agenda comum em detrimento do patrimônio histórico locais.

2 O OFÍCIO DE BENZER

O ofício de benzer nos remete à necessidade do homem de curar seus males físicos e espirituais desde tempos remotos, sendo revestidos atualmente de diversos significados, crenças e simbologias populares que ainda estão presentes no cotidiano, imaginário e na cultura de comunidades em diversas regiões do país. Não se pretende, aqui, afirmar sua veracidade ou eficiência enquanto método de cura por se tratar de uma concepção diferente da medicina atual, não sendo o foco desta pesquisa. Por ser uma prática cultural, é viva e suscetível a constantes ressignificações, adequações e mudanças por parte de seus praticantes, sendo uma tradição que se reinventa constantemente em busca de espaço, legitimação e manutenção nas sociedades onde está inserida. Sabe-se, portanto, que seus conceitos não se aplicam de forma geral, podendo haver diferenciações em suas representações que dependem principalmente dos contextos socioculturais de quem a pratica (benzedor) ou da população que os procuram, precisando assim de uma avaliação caso a caso, pois aí residem as peculiaridades deste ofício e da comunidade que a produz.

Torna-se instigante e necessária suas análises e comparações para melhor entendimento deste ofício, que atravessa gerações e resiste à globalização e à modernidade que introduz novas formas de consumir e de relacionar em sociedade, em especial no que se refere à medicina tida como oficial nos dias atuais bem como suas tecnologias. Manutenção de uma cultura popular? Religiosidade? Poder social? Resistência ao novo e às mudanças impostas pela globalização? Muitas são as questões que permeiam este universo, sendo todas válidas e representativas da verdade daquele que a pratica (ou não). Certo é que interesses e objetivos existem de todas as partes, cabendo-nos buscar entender suas principais características e significados. De uma forma genérica, a busca pela cura estaria diretamente relacionada

(...) ao contexto sócio-cultural que caracteriza cada momento histórico vivido pelo homem. Desse modo, os padrões culturais de uma realidade social devem ser entendidos como colaboradores nas concepções sociais que envolvem o processo saúde-doença²².

²² Siqueira KM, Barbosa MA, Brasil VV, Oliveria LML, Andraus LMS, 2006 p. 69.

Sendo assim, podemos supor que tais manifestações não são iguais e padronizadas, variando justamente de sociedade para sociedade, de cultura para cultura, de épocas para épocas e da relação dos indivíduos com o meio onde vivem, seja no campo ou na cidade. As concepções religiosas e de mundo que os vários grupos que compõem a sociedade possuem são elementos constitutivos de criações que objetivam justificar estes pensamentos, que serão representados e reproduzidos em sociedade. Todas, no entanto, partem (inicialmente) da necessidade de solucionar algum problema físico ou suprir um anseio espiritual do indivíduo, como a busca de uma proteção divina através de benzimentos, rezas e orações. Dar sentido a fatos e situações as quais o homem não possui explicação científica também são motivadores da criação destas concepções de fé. Maciel e Neto acreditam que há muito tempo os seres humanos buscam

(...) alívio para seus males corporais ou espirituais nas plantas, através dos chás, banhos, ungüentos, tinturas caseiras ou nas benzeções. No Brasil é comum a troca de receitas que envolvem plantas na cura de enfermidades. Geralmente tais fórmulas foram elaboradas por pessoas mais idosas que experimentaram, testaram e aprovaram estas receitas. (2006, p. 63-64)

Neste sentido, estas práticas de cura estiveram envoltas de empirismo e experimentos realizados por pessoas que buscavam descobrir formas de solucionar seus problemas de saúde, resistindo assim em sua prática permanente e em seu compartilhamento social a criação e o desenvolvimento deste ofício nas comunidades – as quais se adaptavam às características da localidade onde era praticada. Para Confortin, (2005, p. 19) os benzimentos ou benzeduras originaram-se aqui no Brasil através da miscigenação dos saberes populares das diversas etnias que colonizaram e povoaram cada região. O uso de um termo ou outro depende do local onde está inserido. Chartier (1995, p.181) nos lembra que o “destino historiográfico da cultura popular é, portanto, ser sempre abafada, recalçada, arrasada, e, ao mesmo tempo, sempre renascer das cinzas”. Sempre preterida e renegada por uma cultura dita superior, as práticas e saberes populares representam justamente uma resistência contra algo que se coloca como hegemônico e correto. Busca-se em boa parte de nossa história colocar a cultura popular como algo a ser extirpado e não digno de reconhecimento, sendo apenas o produto cultural produzido pelas camadas mais abastadas ou da própria academia considerado o melhor, o verdadeiro e o correto, ficando o restante enquadrado numa categoria quase marginal perante grupos dominantes que procuravam desqualificar

e banir tudo o que viesse ‘de baixo’. Apesar de ser preterida pelas elites, estas práticas de cura sempre existiram e se perpetuaram através dos grupos que a mantiveram vivas através de seu compartilhamento social, independente das repressões sofridas, as quais objetivavam colocá-las na clandestinidade e à margem da tradição tida como oficial. Cabe ressaltar que as concepções de erudito e popular são criações que possuem por finalidade a classificação de visões diferentes de mundo, seja em seus aspectos políticos, sociais ou econômicos.

Os benzimentos manifestados, ritualizados e encenados pelos seus praticantes não são apenas representações de pessoas que se colocam de forma ingênua e indefesa perante o seu público. Expressam justamente um contexto de significados e ligações do meio onde vivem, de suas influências e percepções numa tradição inventada e constituída como meio de vida e poder perante outros grupos da sociedade. Constituem ao mesmo tempo uma resistência cultural a concepções de religião e medicina impostas na sociedade ao longo dos séculos como as verdadeiras e melhores, as quais não consideravam as peculiaridades, saberes e pensamentos da população. Accorsi e Scarparo (2013, *apud* GRAEBIN e SANTOS) lembram que

O ser humano, enquanto ser de relações com outros e com o contexto em que vive, é capaz de apreender a realidade e de agir sobre ela. O que o diferencia de outros seres é, justamente, a sua capacidade de dar respostas a diversos desafios que a realidade lhe impõe. (2013, p. 33)

A busca pela cura e proteção são, sem dúvida, uma tentativa de justificar aquelas questões as quais o homem desconhece e assim não consegue dar respostas exatas, a fim de lidar e dialogar com situações de dificuldade, doença e conflito em seu cotidiano, como, por exemplo, a falta de recursos médicos para uma classe desfavorecida economicamente, bem como a necessidade de suprir esta demanda, conforme nos diz Pimenta

Assim, os curandeiros continuavam a ser considerados o recurso de que dispunham os pobres. Eram pessoas de camadas subalternas que tratavam de miseráveis, os quais não teriam mesmo condições de pagar a visita de médicos diplomados. (PIMENTA *apud* CHALHOUB, 2003, p. 321)

Estes são elementos a serem considerados na análise da prática dos benzimentos: a falta de acesso médico de comunidades carentes economicamente e os aspectos simbólicos e de crenças, que dão sentido à vida humana. Realidade e necessidade se aliam ao imaginário e visões de mundo destas pessoas, que são

resultado dos processos históricos, de formação e desenvolvimento das regiões onde estão inseridos.

No caso dos benzedores de São Miguel das Missões, podemos constatar que além das etnias colonizadoras (portugueses e espanhóis), imigrantes (alemães, italianos, poloneses, etc.), índios guarani e negros também contribuíram nesta miscigenação de ritos e práticas de cura através de suas concepções religiosas e de natureza. A diversidade existente entre os benzedores pode ser percebida quando dos encontros anuais onde eles realizam trocas de informações entre suas práticas, o que os fortalece e identifica-os enquanto grupo. Maciel e Neto lembram também que

A busca pela cura através das rezas e benzeções provavelmente estabelece um elo muito forte na comunidade, onde seres humanos de diferentes regiões passaram a habitar e a conviver com os recursos nativos da floresta, incorporando, ainda, o conhecimento que trouxeram das suas regiões de origem. (2006, p. 65)

As práticas de benzimento são resultado de inúmeras trocas culturais, em que se misturam e fundem visões de mundo e métodos de cura, religiosidade, superstições e imaginário destes grupos acumuladas ao longo do tempo. Também o uso de objetos e plantas característicos da região de onde vieram ou de onde habitam, em uma clara sintonia do benzedor com os recursos ambientais disponíveis em cada caso. Tais objetos e plantas ganham novos significados, diferentes de seu uso original, os quais são apropriados e legitimados pelos seus praticantes.



Imagem nº 06: Benzedor Aureliano José Jardim

Fonte: Juliani Borchardt, 2011.

A imagem acima ilustra o benzedor Aureliano José Jardim, 82 anos de idade, casado, católico, nascido e criado no Distrito de Coimbra, interior de São Miguel das Missões. Aposentado pela agricultura, estudou até a 8ª série do ensino fundamental. Benzedor desde os oito anos de idade. Acredita que recebeu o dom de uma senhora através de uma visão sobrenatural que teve. Tinha uma avó que era benzedeira falecida aos 115 anos de idade. Benze para quebrante²³, mau olhado²⁴, cobreiro²⁵, berruga, dor de cabeça, dor no corpo e doenças espirituais. Utiliza para benzer apenas santos e rezas (orações da igreja católica ou criadas conforme a necessidade).

Acredita-se que a falta de recursos materiais, financeiros e de acesso a hospitais e a profissionais da saúde nas cidades de interior propiciou a busca de alternativas para a cura de doenças da população, aliado ao imaginário social concretizado nas relações destas comunidades, que depositam confiança na figura do benzedor e nele acreditam se livrar das doenças e se proteger dos males. Inclusive na atualidade, onde existem médicos e hospitais espalhados pela região (neste caso das Missões-RS), o que nos faz questionar o porquê desta prática se perpetuar de geração em geração ao longo dos tempos. Certo é que esta atividade acarreta certo prestígio social e de referência na comunidade, fazendo do benzedor uma figura importante e acessível para aquelas pessoas que neles acreditam. Tal busca pelo fenômeno religioso, como nos diz Alves e Minayo (1994, p.58), “cumpre assim o papel de facilitar às pessoas em situação-limite à compreensão do inexplicável e a aceitação do antes impensável.” A historiadora Beatriz Teixeira Weber, em seu livro “As artes de curar”, expõe algumas das características da medicina no estado do Rio Grande do Sul entre os anos de 1889 e 1928 e relata que

(...) As motivações que levam à participação em rituais religiosos diversos estão intimamente relacionados à busca de cura, e vão além disso. A busca pelo consolo, tratamento e solução de dificuldades do cotidiano orientaram a população carente do Estado em práticas que ofereciam essas possibilidades. De forma autônoma, organizavam-se em variadas atividades, a partir do universo que conheciam, oriundo indiferentemente de tradições indígenas, africanas ou europeias e, muitas vezes, aglutinando componentes de todas elas. Os rituais religiosos significaram sobrevivência

²³ Espécie de mau olhado colocado de forma excessiva e involuntária em crianças pequenas, que ficam tristes, fracas, sem energia e dormem de olhos abertos.

²⁴ Sinônimo de inveja sobre o que uma pessoa é ou tem. Desejo de ter o que o outro possui.

²⁵ Atribuem-se popularmente sintomas e sinais desta afecção à passagem de cobra pelas vestes do paciente. Acredita-se que se a lesão herpética perfizer a circunferência abdominal o paciente morrerá. (PONTE e FILHO, 2001, p.43)

objetiva dos seus corpos, quando realizavam curas, e sobrevivência dos conhecimentos que traziam, quando mantinham as tradições e alimentavam identidades. (WEBER, 1999, p. 186)

Além das questões relacionadas à saúde, motivações religiosas e supersticiosas motivam as comunidades a buscarem diferentes formas de proteção, hibridizando diversas noções, técnicas e culturas de várias procedências que formaram o Rio Grande do Sul ao longo de sua história. Desta forma, alimenta e mantêm a identidade, as tradições e as experiências de vida trazidas ao longo das gerações, por isso, é de extrema importância para a cultura destes grupos que sua prática possa ser exercida e que tenha continuidade. Rabelo nos lembra ainda que

O tema da produção de significados – que orienta grande parte dos estudos sobre ritual- aparece, assim, indissoluvelmente ligado à questão da manutenção de significados, de discursos legitimados no curso de determinadas interações sociais, tanto no interior do domínio do ritual como também fora dele. Esta questão é especialmente relevante no contexto popular urbano, onde uma gama de serviços religiosos de cura é disponível e efetivamente utilizada pelos indivíduos durante um mesmo episódio de cura. (RABELO *apud* ALVES E MINAYO, 1994, p.55)

Estes rituais envoltos de significados travam uma luta entre o bem e o mau, a saúde e a doença, alimentam os discursos que legitimam uma enorme variedade de opções de cura e proteção que no imaginário popular representam a vida, a religião, justificam a morte e servem como estratégia de sobrevivência cultural de seus praticantes e da própria comunidade que a produz.

Além dos aspectos de status e legitimação social perante um grupo, os praticantes do benzimento são pessoas que se enxergam identitariamente como benzedores, o que significa uma postura de servidão a Deus em detrimento do bem estar do próximo. São pessoas que atribuem este trabalho a uma missão a ser realizada para a comunidade e assim constroem uma imagem que é à base da vida destas pessoas, estando acima inclusive de seu trabalho profissional e de suas próprias famílias. É como se a vida e a existência destes indivíduos fossem baseadas pela sua finalidade de ajudar as pessoas através do benzimento.



Imagem nº 07: Benzedor Valter Braga

Fonte: Juliani Borchardt, 2011.

A imagem acima é do benzedor Valter Braga, 46 anos, funcionário público municipal, natural de São Miguel das Missões. Estudou até a sétima série do ensino fundamental, solteiro, católico não praticante, é benzedor desde os 14 anos de idade ensinado por um tio. Criador e mantenedor do Ponto de Memória Missioneiro²⁶. A criação deste espaço reflete o anseio de Valter em recolher e guardar objetos que considera importante para a história da cidade, colocando-se como guardião da memória local através destes objetos que a própria comunidade lhe entrega como gesto de confiança, pois sabem que será bem guardado e cuidado por seu mantenedor. O ponto de memória é resultado de uma iniciativa popular (e não institucional ou de governo) e seu acervo reflete uma pluralidade de objetos que representam a própria diversidade e visões de mundo da comunidade que a constitui e mantém demonstrando um olhar diferente dos espaços de memória que objetivam retratar uma história oficial para o município.

²⁶ Idealizado, construído e mantido por Valter Braga, o Ponto de Memória é um espaço que abriga doações feitas pela comunidade de peças e artefatos referentes a diversos períodos da história de São Miguel das Missões. O terreno foi adquirido pelo mesmo em 1993 e a casa construída ao longo dos anos com recursos próprios. Hoje é referência cultural na cidade, sendo reconhecido por IBRAM e IPHAN, os quais dão suporte técnico ao acervo ali existente. Se tornou um dos principais atrativos turísticos de São Miguel das Missões.

Realiza rituais de benzimento para purificação utilizando como objetos a erva-mate, milho, fogo, água, mel, pitanga, cipó e rezas inspiradas nos benzimentos indígenas Guarani. Benze também para afogamento de animais e cicatrização. Chama a atenção seu benzimento para purificação²⁷, algo imaterial e simbólico em uma tentativa de tirar do corpo da pessoa as energias e coisas ruins que esta possui. Este benzimento é realizado num espaço construído dentro do ponto de memória que objetiva representar uma opy, local sagrado para os índios Guarani, demonstrando o desejo do benzedor Valter de se influenciar pelos rituais e práticas de cura indígena, reproduzindo-o num espaço criado para ser um museu, visitado pela comunidade e turistas. Obviamente que os rituais desenvolvidos nesta opy simbolizam os ritos verdadeiros dos índios, dos quais o homem branco não tem acesso, não podendo assim saber todos os passos e palavras empregadas em cada ritual. Independentemente de seus significados e práticas, a construção desta opy demonstra reconhecimento e valorização por parte do benzedor para com a cultura indígena, o que nos faz concluir que este se identifica com as práticas religiosas e culturais produzidas pelos Guarani.

O benzimento pode ser caracterizado, conforme Gorzoni (2009, p. 17) “no ato de fazer o sinal da cruz sobre a pessoa ou coisa²⁸ recitando certas fórmulas litúrgicas visando sempre abençoar e curar” os mais diversos males que esta possa ter. A pessoa que possui este dom é chamado de ‘benzedor’ ou ‘benzedeira’ (no caso das mulheres), sendo geralmente pessoas de mais idade que trazem esta prática através das gerações. Aprenderam com seus antepassados e consideram-na como um trabalho em benefício do próximo (CONFORTIN, 2005, p. 17). Para Sant’Ana e Seggiaro, os benzedores se

(...) consideram portadores de um especial poder de curar, algo como se fosse um fardo, tendo que ser carregado para o resto da vida, mas esse fato é encarado com ressignificação, sendo uma missão a cumprir pelo amor ao próximo. (2007, p. 13)

Acreditam que esta missão lhes foi destinada por Deus e que devem cumpri-la, pois são escolhidos para esta função e abdicam muitas vezes de sua vida particular em prol de curar e ajudar o próximo em momentos de aflição e dificuldade.

²⁷ O Ritual consiste em receber um benzimento, dar 3 voltas no espaço demarcado de chão batido, onde a pessoa com um bastão na mão dá 03 batidas no chão antes de parar em uma das piras com fogo e queimar os seus males. Na sequência repete e em uma segunda pira faz os seus pedidos, queimando igualmente um punhado de erva-mate.

²⁸ Além de pessoas pode-se benzer objetos como roupas, casa, carro, etc.

Ofertam aos indivíduos que se encontram em situação de fragilidade devido à doença o conforto e a força para a reelaboração e enfrentamento de seu sofrimento²⁹. A exemplo de Jesus Cristo, estão dispostos a dar suas vidas em busca do bem e da cura do seu semelhante. Essa postura de ajuda adotada pelos benzedores cria um universo de abnegação e simplicidade que os tornam legítimos em seu ofício perante a sociedade, que lhes depositam confiança, fé e confidências.

Neste espírito de ajuda e missão, cabe ressaltar que não há cobranças financeiras pelo benzimento realizado, entretanto, aceitam presentes que geralmente são do gênero alimentício com muita gratidão. Não admitem agradecimentos, porque acham que a benzedura perde o efeito³⁰. Por outro lado, gostam do reconhecimento e do poder que lhes são conferidos pela comunidade e no caso de São Miguel pela atuação no segmento turístico (o que analisaremos mais adiante). São muitas vezes associados aos curandeiros indígenas por sua sabedoria e técnica no uso de plantas, e muitos, além de benzer, indicam o uso de ervas medicinais (mateiros, como são conhecidos em São Miguel das Missões). Em muitos locais são considerados charlatões que enganam as pessoas com promessas de cura ou de vidência, fazendo desta uma profissão, que, ganhando este status mercadológico faz do benzedor popular vítima de alguns espertalhões que se utilizam da prática para obterem ganho financeiro, não se importando com os significados atribuídos ao ofício nem com a real ajuda àqueles que lhes procuram. Estes estigmas colocados no grupo em função de alguns que desvirtuam a prática requer que estes atuem sempre em função de legitimar seus saberes e função na sociedade.

Referente às orações, Confortin (2005, p. 21) explica que “geralmente são expressas em termos simples, às vezes até mesmo um tanto obscuros e incompreensíveis, mesclam valores do cristianismo, do folclore e das religiões africanas e indígenas”. Estas orações e falas expressam códigos por eles criados e recriados, os quais não podem ser revelados ao grande público, pois acreditam que apenas eles possuem condições e poder para colocá-las em prática, criando assim um clima de mistério que foge às razões humanas, numa linguagem própria de

²⁹ Siqueira KM, Barbosa MA, Brasil VV, Oliveria LML, Andraus LMS, 2006 p.72.

³⁰ SANT'ANA, Elma, SEGGIARO, Delizabete. Benzedeiras e Benzeduras. Porto Alegre: Ed. Alcance, 2007, p. 13.

orações e doenças que também podem ser compartilhadas entre os praticantes do benzimento. Estas orações criadas e inventadas expressam a imaginação e a criatividade popular do benzedor naquele momento ou para aquela doença específica, não havendo um regramento geral ou padronizado de um praticante para o outro, o que proporciona liberdade de criação e atuação para cada um dos benzedores.

A transmissão destes saberes geralmente ocorre no âmbito familiar, conforme explica Sant'Ana e Seggiaro

(...) Este 'poder' é entregue pela própria família, isto é, quando a benzedeira está ficando idosa, começa a investigar entre suas filhas ou netas a que deve continuar o 'dom da cura', e aí é preparada a nova benzedeira, sempre com muito segredo porque, se a reza for revelada, perderá o efeito. (2007, p. 13)

A autora se refere apenas a filhas e netas, em uma menção que este ofício fosse característico do sexo feminino. No entanto, observa-se no caso de São Miguel das Missões que há tantos benzedores masculinos quanto femininos, sendo uma prática de ambos os sexos, sem distinção ou separação entre eles.

Ainda neste aspecto de transmissão das técnicas do benzimento, Maciel e Neto (2006, *apud* PORTUGUAL, 1987) dizem que sua transmissão é oral e gestual, através do 'ouvir-falar' e 'ver-fazer', que se dá por meio da família ou vizinhança. Tal transmissão entre gerações garante a perpetuação e ressignificação do ofício de benzer no transcorrer dos tempos e revela o modo de viver e sobreviver, os costumes, as relações sociais, as ligações com o sagrado e o profano dos mais diversos povos (CONFORTIN, 2005, p. 17). Maciel e Neto explicam ainda que

O dom de benzer é herdado naturalmente desde o nascimento, acarreta uma atividade diária a estas mulheres, que muitas vezes têm o seu cotidiano voltado essencialmente ao bem-fazer, ao ato desprendido de curar e aliviar males do corpo e da alma. (2006, p. 73)

Estas divergências entre os autores afirmam a ideia de uma não padronização entre os benzedores em muitos aspectos. Alguns garantem que este é um dom repassado de mãe para filha, outros que é um dom que vem desde o nascimento, outro que Deus dá estes poderes no decorrer da vida a fim de atuarem como intermediários entre o ser humano e o sagrado, devendo conservar o ritual de preces, cruz e fórmulas (MACIEL e NETO, 2006, p. 63). Para Confortin, o ato de benzer, para eliminar doenças e resolver problemas de toda ordem exige um grande

grau de religiosidade, fé e misticismo, tanto por parte de quem o realiza, como de quem recebe o benefício (2005, p. 20).

A fé e a crença na cura seriam assim compartilhadas igualmente entre benzedor e benzido, pois acreditam que se esta sintonia não existir, o benzimento não terá efeito. É preciso que a comunidade que busca o benzedor compartilhe da mesma noção de fé, cura e doença, conforme nos afirma Pimenta

Um outro aspecto a ser considerado quanto à preferência de parte da população pelos terapeutas populares é a forma como se dava a própria relação entre terapeuta e doente. É importante não esquecer que essa relação se estabelece, em geral, num momento de fragilidade desse último, que recorre a um terapeuta em quem possa confiar. Para tanto, seria necessário que essas pessoas compartilhassem, em alguma medida, concepções de doença e cura. (PIMENTA *apud* CHALHOUB, 2003, p. 323-324)

É muito comum também que sejam utilizados como suporte desta fé durante o benzimento alguns utensílios e objetos, geralmente relacionados ao meio doméstico e familiar como tesoura, água, copo, linha, brasa e ramos verdes. Sobre os objetos, Sant'Ana e Seggiaro afirmam que

(...) Os objetos usados têm a função de produzir vibrações ou captar e dissolver os estados negativos da doença. Eles podem variar conforme a preferência da benzedeira ou da localização regional ou da finalidade da benzedura. (2007, p. 47)

Sendo assim, os objetos teriam uma função simbólica no rito de benzer. Para cada tipo de benzedura seria utilizado determinado objeto e reza, sendo estes os mais variados, dos quais cada benzedor seria especialista em determinada doença ou técnica de benzimento, havendo uma espécie de classificação e hierarquização entre seus praticantes. Esses objetos serviriam também como um suporte memorial, auxiliando na evocação dos rituais, gestos e orações que são utilizados no momento da bênção. Essa hierarquização ocorre também através da fama que é compartilhada na comunidade através de relatos e casos de cura alcançada através da bênção. Cabe ressaltar que a igreja católica, por exemplo, também utiliza objetos em seus ritos (cálice, vinho, água, imagens sacras, ramos verdes etc.), o que pode indicar uma apropriação e adaptação ao longo do tempo destes pelos benzedores que de forma híbrida incorporam influências de várias religiões em sua prática.



Imagem nº 08: Benzedeira Alzira de Oliveira Leite

Fonte: Juliani Borchardt, 2011.

A imagem acima é de Alzira de Oliveira Leite, 77 anos. Nascida na comunidade Pasta Guerrera, interior de São Miguel das Missões, onde morava com a mãe e mais quatro irmãos. Sua mãe Angelina Alves de Oliveira era natural de Jaguari (RS) e ainda criança veio morar no interior de São Miguel onde era benzedeira, até falecer com 112 anos de idade. Alzira é casada há 62 anos com o Sr. Dorcino da Costa Leite (83 anos) com quem teve 10 filhos (oito homens e duas mulheres). Mora a mais de 30 anos na zona urbana de São Miguel das Missões. É católica praticante e aposentada como agricultora. Benze para ar³¹, rendidura³², meningite, mau olhado, picada de cobra e aranha. Utiliza como objetos galhos de arruda, pano branco, tesoura, terço, copo de água, linha, agulha, brasa, rosário, rezas e santos.

Para Confortin, os benzimentos se constituem em um ritual, onde há, por parte de seus praticantes

(...) a necessidade de criar símbolos, coisas nas quais se agarrar, que faz o homem buscar tais manifestações, acreditar em um tipo especial de fé e canalizá-lo no ritual do benzimento, da superstição, da reza curadora, da simpatia. Sem esse ritual, a fé da pessoa, por si só, não teria força para suprimir o mal que a aflige. (2005, p. 16)

³¹ Quando se pega um 'ar' ocasionando dores de cabeça.

³² Quando se dá um mau jeito nos músculos.

Esta necessidade de materializar a fé é a mesma que faz com que os benzedores se utilizem de objetos de seu cotidiano para executarem suas benzeduras (conforme nos mostram as imagens acima), bem como o uso de um vocabulário próprio muitas vezes só entendido e compreendido entre seus praticantes, acarretando sentimento de pertencimento e identidade no grupo – inclusive os diferenciando dos demais membros da comunidade. Muitos possuem salas próprias para a sua prática, que são revestidas dos mais diversos símbolos religiosos, como santos, anjos, flores, terços, ervas e fotografias deixadas por pessoas após serem benzidas ou enviadas por parentes para receberem benzimento à distância. É curioso destacar também que para muitos existem dias em que não se pode realizar a benzedura (sábados, domingos, dias santos e, da mesma forma, depois que o sol se põe³³). Seguem rigorosamente estes preceitos sob o risco de não obterem os resultados esperados, demonstrando que esta é uma prática acima de tudo simbólica, na qual a criação de códigos e redefinição de funcionalidade de objetos são presentes e necessários para que o ofício ganhe sentido para o grupo que nela acredita. Quanto às orações, Maciel e Neto dizem que

Durante o benzimento recitam orações em baixo tom de voz, que podem ser o Pai-Nosso, a Ave Maria ou orações específicas para determinado tipo de doença material ou espiritual, portanto, observa-se que algumas destas 'orações' pertencem à religião católica ou estão ligadas a ela por meio dos 'santos' mencionados em suas rezas e falas. (2006, p. 68)

Estas orações são criadas e recriadas conforme a necessidade do benzedor, adaptando-se em cada caso ou doença. Oração católicas servem de base para que outras sejam incorporadas ou desenvolvidas em cima delas, proporcionando ao benzedor uma liberdade de utilizá-las (e criá-las) conforme achar necessário. Essas orações também possuem a finalidade de canalizar energias a fim de se obter o resultado esperado do benzimento – representando uma fonte de energia que alimenta o benzedor em seu ofício, ganhando assim um status simbólico. Confortin lembra ainda que

A utilização de uma linguagem simples e própria, muitas vezes só entendida pela camada social que a gerou, pode ter colaborado para formar a opinião depreciativa e a cautela que se formou em torno da oração curadora. Contudo, se observadas com atenção, essas rezas revelam sabedoria,

³³ SANT'ANA, Elma, SEGGIARO, Delizabete. Benzedeiras e Benzeduras. Porto Alegre: Ed. Alcance, 2007, pg. 13.

poesia e, acima de tudo, fé de quem delas se utiliza para pedir a interferência divina nas mais diversas situações. (2002, p. 32)

As orações e preces criadas refletem o cotidiano e a realidade de seus praticantes, expondo seu universo, relações, vivências e imaginário, ao mesmo tempo em que devem condizer também com o vocabulário do público que os procuram, a fim de que a comunicação ocorra de forma satisfatória e a relação benzedor x benzido seja reafirmada e potencializada, reforçando vínculos e identidades.



Imagem nº 09: Benzedeira Laídes Dutra

Fonte: Juliani Borchardt, 2013.

A foto acima é da benzedeira Laídes Dutra da Silva, 61 anos, aposentada pela agricultura. Nasceu na comunidade de Rincão dos Morais, interior de São Miguel das Missões, onde morava com os pais e mais nove irmãos. Analfabeta. Benzedeira há 26 anos, devota de São Jorge. Moradora da zona urbana de São Miguel das Missões.

No meio de tanta tecnologia em que boa parte das comunidades vivem atualmente, representações da cultura e da memória de pessoas simples, humildes e mantenedoras de uma prática secular, que resiste nos diversos cantos do país, se torna instigante e necessária sua pesquisa para entendermos as dinâmicas nela existentes, bem como suas características e significados. Diante da escassez de

pesquisas e registros referentes ao tema, tendo em vista que sempre estiveram à margem da historiografia oficial da cidade, é imprescindível cada vez mais seu reconhecimento e respeito, para que seus praticantes a continuem exercendo-a e ressignificando-a por muito tempo, em condições de transmiti-las para seus descendentes e assim sucessivamente.

Levando em consideração os primeiros habitantes da região onde se localiza a cidade de São Miguel das Missões, bem como sua história, torna-se necessária uma pequena análise da religiosidade e das noções de cura de seus primeiros habitantes: os índios Guaranis. Para isso, é necessário conhecer basicamente como se constituíram suas noções e figuras religiosas, analisando também através de relatos orais, como os descendentes dos Guaranis que vivem atualmente na região Missões mantêm sua religiosidade e formas de cura.

2.1 Religiosidade e práticas de cura dos Guaranis

A religião foi um dos métodos utilizados pelos padres jesuítas no processo de construção e desenvolvimento das reduções. Entretanto, sua implementação não foi rápida e eficiente no início, pois os Guaranis, ao contrário do que o colonizador pensava, possuíam sua própria cultura e religião, as quais eram completamente diferente daquela trazida e introduzida pelos missionários. Esse contato entre índio e europeu resultou em trocas culturais e conflitos entre as partes – em especial os de cunho religioso, campo este disputado entre padres (igreja) e xamãs.

O primeiro passo para efetuar o trabalho junto aos nativos era aprender o seu idioma, pois sem ele o contato não funcionaria - o que dificultaria as ações e metas dos jesuítas (e da coroa espanhola) neste território. Haubert nos traz uma passagem de como se dava a escolha dos missionários

(...) em 1603, o vigário-geral Aquaviva estipula que, nas províncias da América, nenhum jesuíta, salvo derrogação excepcional que ele mesmo deve julgar, será admitido à ordenação se não demonstrar conhecimentos aprofundados das línguas indígenas. (1998, p. 114)

A qualificação e o aprendizado do idioma guarani era requisito fundamental para aqueles que quisessem atuar junto a essas comunidades, que tinham como objetivos (também) introduzir uma 'alma' àqueles que julgavam ser selvagens,

tirando-os das ‘trevas’ e mostrando-os o caminho de Deus e da verdadeira religião – no caso a católica. Chamorro lembra que

El cristianismo miró al mundo indígena como algo inferior que debería ser conquistado y destruido o conquistado y transformado. Las réplicas indígenas, empero, muestran que, del otro lado de la cruz, había sujetos con otra percepción religiosa y no animales aún no domados, que precisaban ser despojados de su ferocidad inhumana. (2004, p. 110)

O trabalho do jesuíta consistia em introduzir o cristianismo como a legítima religião entre os nativos – sendo este quesito principal para o sucesso (ou fracasso) de suas empreitadas no sul da América. Necessitavam destruir ao máximo as simbologias, expressões e culturas (sociais, religiosas) dos nativos para assim os ‘doutrinar’ aos ritos e preceitos católicos, pois sem isso dificilmente os Guaraní atuariam e trabalhariam em prol do desenvolvimento das reduções. Resende lembra que para isso

(...) Tão logo se assentaram as missões jesuíticas na América hispânica, na primeira década de Setecentos, um dos primeiros recursos da Companhia de Jesus era apressar o batismo dos nativos. (...) Assim, os padres logo se prontificavam a garantir o lugar no além-túmulo para os guaranis, prestes a se perderem sem a administração dos sacramentos. (RESENDE *apud* CHALHOUB, 2003, p. 231)

Mesmo sendo os guaranis batizados, este não era garantia de que deixassem suas práticas culturais e religiosas ancestrais completamente de lado. Cabe lembrar também que as lógicas sociais e de religião eram completamente diferentes entre padres e índios, entretanto, neste percurso, ambas as partes tiveram de ceder um pouco, conforme seus interesses, para que o projeto missional fosse desenvolvido de forma satisfatória aos dois lados. Foi necessário, por exemplo, que os padres adaptassem muitas das palavras empregadas em seus ritos para que a comunicação tivesse sentido junto aos guaranis, em especial aos caciques, que eram os líderes políticos com poder de influenciar os demais membros do grupo a fazerem ou não algo. Chamorro nos explica a divisão dos líderes existentes nas aldeias, havendo

(...) O líder civil, *pa'i*, era pai da linhagem ou da família extensa, *teyiru*, e passou para a história sendo designado pelo termo “*arawak*”, “cacique”. Por sua vez, o líder religioso, *Karai* – referido nas crônicas como feiticeiro, mago e chupador (por dominar a técnica da cura por sucção), entre outros nomes-foi identificado pelos etnólogos como xamã (...). (1998, p. 57)

Mesmo o xamã (pajé) sendo o líder religioso na aldeia, não deixava de ser, também, um líder político que determinava os rumos e decisões a serem seguidos

pela coletividade, tamanha a importância atribuída a ele. Havia diversas categorias de xamãs – das mais baixas às mais altas, o que dependia de suas qualidades, técnicas e feitos (de cura e sobrenaturais) no grupo.

(...) os pajés, como eram chamados entre os nativos, ocupavam um espaço privilegiado entre os guaranis. Acreditava-se que eram os responsáveis pelas atividades que norteavam a vida social e religiosa. Eram eles que afugentavam os maus espíritos, sendo também os intérpretes dos agouros anunciados pelos cantos dos pássaros ou pelo rastejamento dos lagartos. (...) Mas era sobretudo aos seus rituais mágicos que se atribuía o seu poder de cura. (RESENDE *apud* CHALHOUN, 3003, p. 244)

Como nos diz Resende, são os poderes sobrenaturais a eles atribuídos que lhes caracterizam esta importância junto aos demais membros do grupo. Suas habilidades e sabedorias junto à natureza também servem de poder - o qual influencia o rumo a ser seguido pela coletividade. Geralmente o Karaí era a mais alta figura religiosa, que vivia distante da aldeia e isolado dos demais. Para Clastres

O xamanismo parece oferecer, em toda a América, uma notável homogeneidade. Como tantas outras populações ameríndias, os tupis-guaranis dispunham dessas personagens prestigiosas, mediadoras entre o mundo sobrenatural e os humanos, capacitadas por seus dons particulares a desempenhar as mais diversas funções: curar os doentes, predizer o futuro, mandar na chuva ou no bom tempo. (...) (1978, p. 34)

Os jesuítas tiveram mais problemas e conflitos com os Karaí (líderes espirituais) do que os pa'í (líderes civil), pois atuavam e competiam no mesmo campo: o religioso, campo este extremamente necessário na legitimação cultural dos índios e mecanismo de trabalho dos jesuítas, conforme nos justifica o autor:

Os jesuítas se deram, em geral, muito bem com os pa'i e muito mal com os karaí. Os pa'i forneciam gente e mão-de-obra para as reduções e colocavam à disposição dos padres seus conhecimentos topográficos e sua condição de pai de parentela. (...) Por isso o poder político dos pa'i foi mantido nas reduções, mas no terreno espiritual os missionários tentaram banir qualquer vestígio de poder indígena. (1998, p. 58)

Já com os líderes espirituais o relacionamento era outro, pois representavam uma ameaça a todo o trabalho realizado pelos missionários, sendo o Karaí um entrave aos objetivos e metas que deveriam ser executadas na região, conforme nos alerta Resende ao dizer que

(...) Para os padres, os pajés personificavam o pecado capital do gentio porque eram a própria encarnação satânica. (...) Esse tom imperativo tinha um sentido bastante revelador: os 'feiticeiros' eram, pela natureza e o papel que exerciam entre os guaranis, o esteio da resistência indígena à presença jesuítica. (RESENDE *apud* CHALHOUN, p. 244)

O trabalho dos feiticeiros representava uma resistência dos guarani às mudanças propostas pelos jesuítas, devendo ser extirpado por completo do ambiente reducional, cabendo aos padres ações que desqualificassem as benesses dos pajés demonizando-os e mostrando publicamente que não passavam de uma fraude.

Entre as práticas do Karaí estava a cura de doenças físicas e espirituais na aldeia. Além de intermediador com o campo sagrado, detinha vasto conhecimento em plantas e ervas medicinais que, retirados da mata, auxiliavam na cura de diversos males que com frequência abatiam os guarani. É importante ressaltar que geralmente neste campo de atuação o pajé possuía mais conhecimentos e domínios do que os padres. Clastres lembra que entre suas atribuições estava também

(...) “a arte de chupar: aquele que se dizia chupador, para ganhar a vida e adquirir renome entre os seus, fingia possuir o poder de curar as doenças chupando as partes doentes...” (*segundo narra o padre Montoya*) Trata-se, portanto, de curandeiros propriamente ditos. (...) Em seguida o xamã chupa a parte afetada, para extrair dela o objeto patógeno, “espinho, fragmento de osso ou verme que trazia escondido debaixo da língua”, e mostra-lo à assistência. É, como se vê, a técnica de cura mais corrente em toda a América do Sul. (1978, p. 36)

Ao ato de chupar se aliam gestos e falas muitas vezes incompreensíveis para os estranhos que os assistiam, denominados como ridículos pelos padres que através disso buscavam desqualificá-los perante os demais. Para o nativo, as doenças possuíam origens no espírito ou através da intervenção dos deuses, como um castigo ou provação que lhes seriam impostas, e que através da mediação do xamã, também indicaria o melhor tratamento para sua cura. Percebe-se que o ritual de cura era ostentado (numa teatralização) para os demais membros da aldeia, num mecanismo de legitimação, respeito e aprovação coletiva – necessitando disso inclusive para a sua execução e transmissão ao longo das gerações. Tanto padres como pajés se utilizavam dessa representação pública para ganharem apoio e seguidores, numa batalha religiosa em busca de mais espaço e poder perante os demais índios.

Além dos problemas de comunicação, havia questões culturais em jogo, como por exemplo, a poligamia praticada pelos indígenas e a reprovação dos padres para este tipo de comportamento. Sobre isso, Haubert nos diz que

Quando sabem se fazer entender, a primeira tarefa dos jesuítas – é claro – é explicar aos anfitriões que “nas civilizações mais civilizadas do mundo, as que melhor se adaptam à razão natural, só é lícito ter apenas uma mulher, como eles próprios podem constatar entre os espanhóis”. É uma tática infeliz, pois logo percebem que, sendo a poligamia sobretudo o apanágio dos caciques, a intransigência nesse ponto só pode afastar deles exatamente aqueles cujo auxílio pretendem conquistar para afirmar sua autoridade. (1998, p. 117)

A poligamia era uma prática, sobretudo dos caciques, lideranças das quais os padres precisavam de apoio para avançar em seus projetos missionais, sendo assim uma prática difícil de ser extirpada das relações indígenas. Para poder dar seguimento ao seu trabalho, era preciso o apoio político dos caciques, necessitando o padre ‘fechar os olhos’ e ‘fazer vista grossa’ para a poligamia praticada no cotidiano da redução – forte elemento da cultura guarani. Ter várias mulheres acarretava mais filhos, netos e genros, o que proporcionaria uma quantidade maior de laços, apoio político e status, o que era de extrema importância em sua cultura e organização social. O autor narra ainda que

Às vezes antes de aceitar o estabelecimento de uma comunidade missionária, os próprios pagãos investigam junto aos jesuítas as possibilidades de conservarem alguns de seus costumes. Assim, uma tribo chiquito pede ao padre Cavallero a permissão do uso da bebida ancestral, uma cerveja de cevada, o que é concedido. (...) Um último pedido é ainda apresentado pelos *abipones*: “Se um de seus caciques quisesse adotar a fé cristã, seria permitido, de acordo com os costumes ancestrais, enterrá-lo no topo das colinas, perto dos monumentos às suas divindades.” (1998, p.122)

Como se percebe, houve muitas negociações culturais e políticas entre índios e padres, essenciais para a construção e desenvolvimento das reduções. Achar que este foi um processo de aculturação no qual o jesuíta tira toda a cultura do nativo e introduz a sua é um pensamento muito limitado e não condizente com os possíveis resultados que as relações humanas são capazes de proporcionar. São justamente estes acertos entre todos os personagens envolvidos que fazem deste processo missional um dos episódios mais significativos da formação histórica e cultural do Rio Grande do Sul, pois o índio influenciou muito no estabelecimento de ações, condutas e decisões em todas as etapas desde a constituição das cidades até o seu declínio.

Dentre as crenças dos guarani, o sepultamento é um dos rituais mais importantes. Depois de morto, era enterrado em uma cesta para que a sua carne se decompusesse, restando apenas os ossos, elemento fundante do homem para o nativo, pois ele daria sustentação e por ele ressuscitaria, sendo estes guardados por

muito tempo como objetos sagrados. Cabe ressaltar que o nome só é dado ao índio depois que este ganha sustentação e consegue caminhar. Haubert lembra ainda que

As crenças referentes à morte parecem ser as mais difíceis de extirpar. Nos primeiros tempos das missões guaranis, quando um cristão é enterrado de acordo com os preceitos da Igreja, com frequência uma velha vai às escondidas à sepultura e remexe a terra com uma peneira como se quisesse retirar algo: é a alma do defunto que ela quer libertar da prisão que o branco a lançou. (1998, p. 123)

O relato acima mostra a dificuldade que os padres tiveram para introduzir novos hábitos nos guarani. Uma cultura milenar, forte e muito simbólica não seria facilmente extirpada como desejavam os missionários. As negociações culturais e políticas foram extremamente importantes para a construção e desenvolvimento das reduções e de alguma forma necessárias para amenizar os conflitos que eram inevitáveis. Sobre isso, Chamorro nos diz que

(...) durante o processo de conquista espiritual – realizado primeiro de forma itinerante e depois por redução – ocasionaram um forte discurso reivindicatório do lado indígena. Nesses discursos, ficaram registrados o que podemos chamar de pró-diálogos ou intenções de um diálogo que ainda não aconteceu. Contra o monopólio da pregação cristã, que não reconhecia nos aborígenes parceiros de diálogo, os indígenas se levantaram com seus cantos, suas profecias e suas críticas à missão, afirmando-se como sujeito de vida religiosa. (1998, p. 66)

O trabalho itinerante junto aos nativos não causava muito efeito, pois assim que o padre partia da aldeia os índios voltavam às suas práticas tradicionais, deixando de lado as premissas religiosas cristãs – pelo fato de não haver um trabalho contínuo e de fiscalização sobre a vida dos guarani. Duas autoridades religiosas não poderiam coexistir no mesmo espaço, o que resultou em estratégias de ambas as partes para se legitimarem como únicos representantes divinos perante o grupo. Haubert lembra que

Na maioria das vezes, a batalha entre missionários e xamãs é longa e cruel. Tanto no plano estritamente religioso quanto no plano médico, nem sempre é útil medir as esmolas quanto ao abandono das cerimônias pagãs. Em Nuestra Señora del Pilar, os jesuítas vêm com horror os *puelches* celebrarem durante a Semana Santa as festas em homenagem a Elé. Para acabar com esse sacrilégio, os missionários prometem aos índios uma grande quantidade de vacas. Essa proposta surte efeito durante dois dias; depois, os xamãs intervêm, dizendo aos índios: “Não se deve abandonar nossos costumes justificados pela tradição e venerados por nossos ancestrais.” (1998, p. 137-138)

Os Karaí se isolavam da redução, residindo nas matas próximas onde circulavam por diversas aldeias. Isso se deve, entre outros fatores, ao fato deste

buscar um status diferente dos demais índios, uma diferenciação de hierarquia e poder. Apesar de todo o trabalho dos jesuítas em extirpar práticas religiosas não cristãs da redução, os guaranis jamais deixaram ou abandonaram completamente suas características religiosas, de crenças ou de práticas de cura, sendo comum o apoio destes líderes espirituais em momentos de epidemias e pestes. Haubert lembra ainda que

São os velhos e os jovens que mostram maior obstinação na recusa da nova religião. Os anciãos, principalmente as mulheres, estão profundamente ligados aos valores religiosos ancestrais. Quanto aos jovens, as obrigações do cristianismo lhes tiram todos os prazeres das longas corridas pela floresta ou pelo campo, toda a glória das expedições guerreiras. Supondo-se que os jesuítas tenham conquistado alguns antes da adolescência, eles voltam normalmente a todas as práticas do paganismo assim que chegam à idade adulta (...). Diante da impossibilidade de converter os adultos das verdades da fé, o único recurso dos missionários é, de fato, inculcar seus hábitos nas crianças. Sabe-se a importância que a Companhia de Jesus dá à formação de almas jovens. Desde a chegada dos missionários a um povoado, todo esforço de sua política e de seu apostolado visa a adquirir o controle absoluto das crianças: elas serão os cristãos de amanhã, podem influenciar os pagãos de hoje. (1998, p. 124)

O foco de atuação dos jesuítas passa a ser as crianças, que, através da catequese e de práticas artísticas como dança, música, esculturas e teatro, são catequisadas e chamadas para o cristianismo, em uma disputa contra aqueles que resistiam a não seguir tais preceitos. Os guarani, que já tinham suas danças, a utilizaram também para manter suas crenças, conforme nos argumenta Chamorro

La danza ritual fu ela forma misma en que las rebeliones indígenas se consolidaron. Junto con el canto ella es, hasta los días actuales, la forma privilegiada por medio de la cual los guaraní expresan su religion. (...) De este modo, la danza ritual tradicional se constituyó en sí misma como “una afirmación agresiva de identidade frente a los invasores”. (2004, p.105)

Para o guarani a dança possui um significado religioso e espiritual, um contato com as divindades e espíritos. Os padres se utilizam da familiaridade que os nativos possuem para a dança para utilizá-la em sua evangelização, como nos cita Haubert

Se nos lembrarmos da importância essencial da música e da dança nos ritos coletivos e individuais, da sua considerável importância para alcançar a “terra sem mal”, não nos surpreenderemos por ter ela favorecido tanto os progressos da evangelização. Já nos primeiros encontros, os jesuítas encantam os pagãos, oferecendo-lhes guizos ou matracas. Mas principalmente os missionários músicos parecem xamãs de um poder extraordinário: sua presença é um benefício para o povo e, aprendendo as melopeias cristãs, cada índio aumenta um pouco seu poder mágico pessoal. (1998, p. 129)

A dança de um lado é instrumento de catequese e do outro prática de resistência e manutenção de crenças. A dança produzida pelos guarani objetivava deixar o corpo leve e a busca pela terra sem males³⁴. As esculturas, músicas, pinturas e teatros são mecanismos para potencializar a evangelização, tendo em vista que a temática para a produção destas obras era estritamente religiosa, não podendo o guarani se autorretratar nestes trabalhos. Para conquistar a fé dos nativos, o jesuíta precisava se mostrar superior e dotado de mais poderes que o Karaí, conforme nos conta Haubert

Entretanto, paradoxalmente, os jesuítas só poderão triunfar sobre essa 'vil canalha' aparecendo como xamãs de uma categoria superior. (...) Há, em primeiro lugar, as curas milagrosas, que mostram claramente a superioridade dos padres brancos. Uma doença incurável desaparece com o batismo, a comunhão que opera prodígios, ou até o fato que o jesuíta colocar as mãos sobre o índio; de outra parte, são os objetos de devoção: a estátua. (1998, p. 138-139)

As ações eram constantes para que o Guarani não se 'perdesse' na fé católica, sendo todos os lados da cidade revestidos com imagens sacras, altares, capelas e pinturas, sem esquecer que a maior construção da redução era a igreja, que deveria ser imponente e grandiosa aos olhos de todos.

Certo é que todo trabalho dos missionários serviu para dentro do possível desenvolver as Missões, na qual os índios construíram cidades e um modelo de organização social diferente para a época. Muitas são as heranças culturais deste período, nas quais os atuais habitantes desta região expressam em seus hábitos, costumes, vocabulário e gastronomia aspectos importantes daquele período. Existem atualmente duas reservas indígenas guarani na região: Tekoá Ko'ënjú – que significa Alvorecer – localizada em São Miguel das Missões e a aldeia Tekoá Pyau (Aldeia Nova) construída por um grupo de índios remanescentes da aldeia de São Miguel das Missões no ano de 2013 na cidade de Santo Ângelo-RS. Em entrevista realizada com duas lideranças fundadoras da nova aldeia buscou-se conhecer alguns aspectos de sua religiosidade e de cura.

O cacique Anildo Romeu³⁵ em sua entrevista narra que

³⁴ A crença na existência de uma morada imortal e acessível aqui e agora. Migrações em busca deste local. Na migração de 1539, partiram do Brasil cerca de 12 mil índios, sendo que chegaram no Peru dez anos depois em torno de 300. (CLASTRES, 1978, p. 56-66)

³⁵ Cacique da Aldeia Tekoa Pyau de Santo Ângelo-RS. Natural da cidade de Tenente Portela-RS, 22 anos. Casado com Karolina e pai de Keli Nadi.

Nós assim da nossa cultura a gente nos unimos junto, por exemplo na reza e a diferença é que a gente trabalha com uma pajé que dá uma resposta pra nós fazer o benzimento nas crianças e jovens e adolescentes, por exemplo, fazer um remédio ou até mesmo falar com espírito. Na verdade os pajé que falam com os espírito e os espírito explicam pra nós como devemos valorizar a cultura, como podemos levar à frente esse conhecimento, isso que na vida a gente usa com o pajé, por exemplo, eu estou falando com o meu pai recentemente começando, não é pajé mas está dando alguma sabedoria sobre algumas coisas. (2014)

Relata a união que possuem enquanto grupo e a importância da figura do pajé para os ensinamentos coletivos e a busca pelas curas através de um 'falar com os espíritos'. A religiosidade aparece como um elemento fundante para a manutenção da própria cultura guarani, pois é dela que surge todo o conhecimento que será compartilhado por todos. Pela constituição da aldeia ser recente, ressalta que seu pai está iniciando os trabalhos como pajé, caracterizando um processo de organização e planejamento político – religioso dentro do aldeamento.



Imagem nº 10: Casa de reza Guarani Tekoa Pyau

Fonte: Juliani Borchardt. Santo Ângelo, 2014.

A imagem acima mostra a casa de reza - a opy na língua guarani, localizada na Aldeia Tekoa Pyau (em Santo Ângelo-RS). Construída basicamente com barro, taquara e madeira, é considerada um espaço sagrado pelos índios, onde realizam

seus ritos de cura e orações às suas divindades, como nos relata o pajé da aldeia, Floriano³⁶

Esses são trabalhos feitos com todo o respeito com o cacique, o meu filho, estamos sempre trabalhando e falando sobre essas coisas de manhã. Então aí essa parte de saúde em primeiro lugar nós trabalhamos a cura, as ervas tradicionais e também trabalhamos o opy né que é a casa de reza e eu sempre trabalhando na parte dos brancos juntos. Em primeiro lugar quando tinha alguma criança enferma em primeiro lugar trabalhando com o opy né pedindo pra Nhanderú e trabalhando com ele o que tinha a doença né porque é muito diferente a doença guarani, tem para o branco e tem para o guarani. Então ele tem que saber para qual doença é e qual doença tinha para o branco. Então nós sempre falamos isso. Então quando tinha alguma criança enferma sempre entrando dentro da nossa igreja e pedindo a Nhanderú, nessa parte e nessa comunidade e o branco tem essa preocupação e a lei agora quando tinha o guarani e tinha a doença mandava pro hospital, rapidamente, e morreu lá no hospital. Um guarani morreu lá né e essa não é a culpa de ninguém. Isso é por negativo nosso também. Então nós temos que respeitar a cultura e o sistema nosso. Por exemplo, um dia tu aparece aqui e tu vê uma criança enfermo, que quase não come nada e porque eu não tenho a preocupação de mandar pro hospital. Eu sei porque não mandar, porque vai ter o coração daqui né e depois do nosso atendimento aqui daí avisamos o agente de saúde pra saber como que é. Assim é o trabalho aqui. (2014)

Questões políticas e de poder ficam em sua narrativa, na qual expõe que seu filho é o cacique da aldeia e ele o pajé, numa clara expressão de hierarquia e status que sua família possui perante um grupo de índios. Aliado à casa de reza há o trabalho com as ervas medicinais usadas tradicionalmente, sendo estas as primeiras opções práticas em busca de cura e proteção na cultura guarani – explicando que para eles as doenças indígenas são completamente diferentes das doenças do branco – necessitando para isso de técnicas distintas para se atingir a cura. Deixa claro que antes de se levar um doente para o ‘hospital do branco’ deve-se cessar todas as opções disponíveis dentro da própria aldeia, cabendo esta decisão ao pajé, narrando assim situações de crianças que foram até o hospital e morreram, sendo necessário que o guarani respeite e pratique a sua cultura e o seu Deus (Nhanderú). Essa é a mesma opinião manifestada pelo seu filho, o cacique Anildo

Sim, o nosso é muito diferente. Na verdade todos nós sabemos que benzimento só se faz na casa de reza opy e com os brancos é muito diferente. Nós cuidamos apenas uma pessoa na casa e não podemos mandar outra pessoa para entrar lá. A gente podemos deixar assim (pensa) como é que vou explicar, assim particularmente. (...) Diferencia porque o guarani conversa com o Nhanderú, mas o Nhanderú não deixa entrar dentro da opy, dentro da casa de reza. (2014)

³⁶ Pajé da Aldeia Guarani Tekoa Pyau de Santo Ângelo-RS. Natural da cidade de Tenente Portela-RS, 49 anos.

Ressalta que o acesso à casa de reza (opy) é restrito aos índios, não podendo pessoas de fora (brancos, estranhos e outras etnias indígenas) adentrarem neste espaço. Desta forma, não há como saber detalhes do espaço ou dos rituais lá praticados. O pajé Floriano conta ainda que

Isso começou pela parte do meu pai porque o meu pai sempre foi trabalhador de curandeiro, um Karaí, um pajé e morreu com 79 anos e ele me ensina tudo porque eu sempre trabalhava com ele e trabalhamos 30 anos como cacique com ele e ele já ficou um Karaí e trabalhava na opy e eu sempre com ele e aprendi de tudo um pouco com ele. E agora quando morreu o meu pai eu fiquei com o meu filho trabalhando juntos. (...) Eu aprendi junto com o meu pai. Quando meu pai entrava no opy eu entrava junto com ele e daí eu aprendi. (2014)

Isso demonstra uma sucessão na transmissão destes conhecimentos de geração em geração, atribuindo também poder e status a determinadas famílias que se tornam tradicionais e referência nas práticas de cura guarani. O entrevistado lembra que aprendeu com seu pai (que era pajé), demonstrando curiosidade ao acompanhá-lo nos rituais realizados dentro da opy – o que nos indica um aprendizado cultural via repetição de um modo de saber-fazer (assim como ocorre com os benzedores), aprendendo apenas através da observação e da transmissão oral e gestual das técnicas ali desenvolvidas, não havendo registros e documentação específicos para esta sabedoria-aprendizagem. Certamente o entrevistado, por ser filho de pajé, teve acesso aos conhecimentos tradicionais, a fim de aprendê-los e dar prosseguimento a estes rituais após a morte de seu pai. Nesta mesma lógica da transmissão, o cacique Anildo reforça narrando que

Por exemplo, os meus pais tinham os pais deles que já morreram e o pai dele ensinou pra ele como rezar e todo mundo sabemos rezar e a partir dos nossos pais nós aprendemos a rezar com Nhanderú. Meu pai reza pra todas as pessoas, ele conversa com Deus pra todo mundo. O próprio Deus fez a nossa cultura, por exemplo, se meu pai estiver orando por mim o Deus vai iluminar a minha vida e daí pra frente eu vou sabendo e pra fazer o benzimento vou ter que conversar com o meu pai e ele me explica como. (2014)

As rezas seriam repassadas entre gerações, cabendo a Nhanderú (Deus) ensiná-las através do pajé que as compartilhará ao restante do grupo. O pajé se caracteriza assim como elemento-referência dentro da aldeia, sendo o responsável pela ligação entre o mundo terreno e espiritual, curas, vida e morte. Quando questionados sobre os benzimentos realizados na aldeia, Floriano expõe que

Tipo é muito delicado isso daí, muito delicado. Porque a doença para levar para o hospital eu sei como é rapidamente e o guarani tem outras doenças

e isso ninguém sabe, é segredo. (...) São muito diferente. Tu sabe, o branco também tem essas doenças, morreu rapidamente, um ataque né, isso também acontece com o guarani, mas isso tem outra doença daí. Isso tem cura mas é muito diferente. (...) Em primeiro lugar tem que se respeitar, tem que ver que cura tem ou quem não vai se salvar ou com o doutor, o branco. Talvez uma vez eu não posso remediar aquela doença e mando lá pro hospital daí ou se dá, se tem como aqui tem. Pode ser que Deus pediu um morto, ele não tem culpa porque chegando o tempo tem que ir embora. Essa todo mundo conhece. Isso também acontece. (Pajé Floriano, 2014.)

O pajé Floriano não entra em detalhes em relação aos benzimentos e rituais praticados por eles, apenas faz questão de exaltar que são práticas e noções de cura diferentes dos brancos e que é preciso respeito em cada uma delas. Pensa que é preciso aceitar que há o momento de ir embora, que todos possuem sua hora de morrer e que esta também é uma vontade de Nhanderú que deve ser respeitada – não havendo pajé nem doutor que consiga reverter a doença e salvar o paciente. É visível que a narrativa do pajé é superficial por não entrar em detalhes de sua prática religiosa, o que é completamente compreensível e aceitável pelo fato do entrevistado estar protegendo sua cultura, códigos e significados, os quais são importantes na manutenção da identidade e das relações dentro da aldeia, cabendo a nós, quanto pesquisadores, sabermos os limites da pesquisa e respeitarmos a vontade (mesmo que subliminar) do entrevistado não falar e se expor sobre assuntos que não deseja naquele momento.

Os entrevistados relatam que para ser benzedor a pessoa precisa primeiro querer e se interessar pelo assunto, vindo em seguida uma aprovação de Nhanderú para que ela exerça esta função. Lembram que tanto homens como mulheres podem ser benzedores na cultura guarani, não havendo distinção de sexo para esta atividade. Floriano e Anildo são pai e filho, havendo outras pessoas que benzem em sua família, o que nos remete a acreditar que há famílias mais tradicionais nesta prática que outras. Quanto à transmissão, é feita de forma oral, gestual e para membros familiares próximos e de interesses políticos dentro do grupo.

Apesar da cultura guarani ter seus segredos e ser fechada em muitas questões aos olhos dos brancos – ação esta feita justamente para proteger e manter certas práticas culturais tradicionais longe da interferência deste último – podemos supor e indicar que há sim muitas influências dos guarani na prática dos benzimentos realizadas atualmente em São Miguel das Missões. Há diferenças, sim, mas as lógicas de cura, proteção e bênção são muito parecidas e provavelmente

foram assimiladas e resignificadas pelas populações repovoadoras da região Missões, assim como de outras manifestações religiosas.

3 OS BENZEDORES DE SÃO MIGUEL DAS MISSÕES-RS: ASPECTOS DE MEMÓRIA E IDENTIDADE

Analisar os processos que envolvem a constituição da identidade e da memória dos benzedores em São Miguel das Missões é fundamental para que possamos entender suas principais características, expressões e significados que lhes são atribuídos na atualidade pelos seus praticantes. Os benzedores, em sua grande maioria, são pessoas idosas, que se dedicam durante boa parte de suas vidas a ajudar o próximo. Através de benzimentos e orações esperam curar e aliviar os males físicos e espirituais daqueles que os procuram em suas modestas residências espalhadas pela cidade e interior. Confortin, sobre esta prática, afirma que

Benzedeiras (os), em sua maioria, são pessoas humildes, experientes, sofridas, simpáticas e afetivas, o que contribui para que a prática de seus rituais permaneça e seja passada de geração a geração, fazendo parte da história de famílias através dos tempos e da história de vida de muitas pessoas. (2005, p. 21)

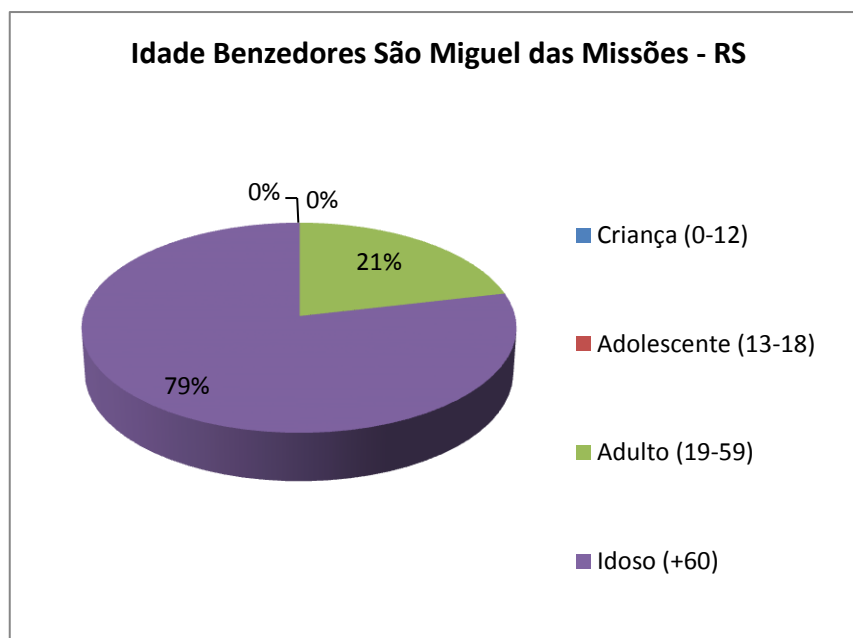
É comum em conversas informais aparecerem relatos da infância, em que, levados pelos pais, frequentavam determinado benzedor em situações de insônia, mau olhado, quebrante, rendiduras etc., fazendo desta prática um elemento integrante da memória de muitas pessoas, pois, em momentos de precisão, o mais perto e acessível era visitar a residência de um benzedor, que, com todo aquele clima de mistério e dúvidas, ritualizava palavras, gestos e expressões na tentativa de curar e aliviar o sofrimento.

É comum haverem famílias tradicionais na prática dos benzimentos, os quais vão sendo repassados aos filhos ou netos, fazendo com que a prática tenha continuidade naquele grupo e na comunidade, onde criam vínculos e consolidam sua identidade perante todos os que acreditam na cura através de rezas e benzimentos. Quatorze (14) benzedores foram registrados e analisados no município de São Miguel das Missões no decorrer desta pesquisa, na qual foi diagnosticada a média de idade destas pessoas, bem como várias informações socioculturais sobre elas.

O perfil dos entrevistados constitui caráter relativamente homogêneo, como apontam os resultados presentes em questionários aplicados, tabulados e interpretados. Seriam eles: Adultos (33,3% homens e 66,7% mulheres), em sua

maioria aposentados com idade superior a 60 anos³⁷ (79%), casados (83,3%) e, com exceção de um dos entrevistados, todos são naturais de São Miguel das Missões.

Gráfico nº: 01 Idade Benzedores de São Miguel das Missões



Fonte: Questionário aplicado, 2013.

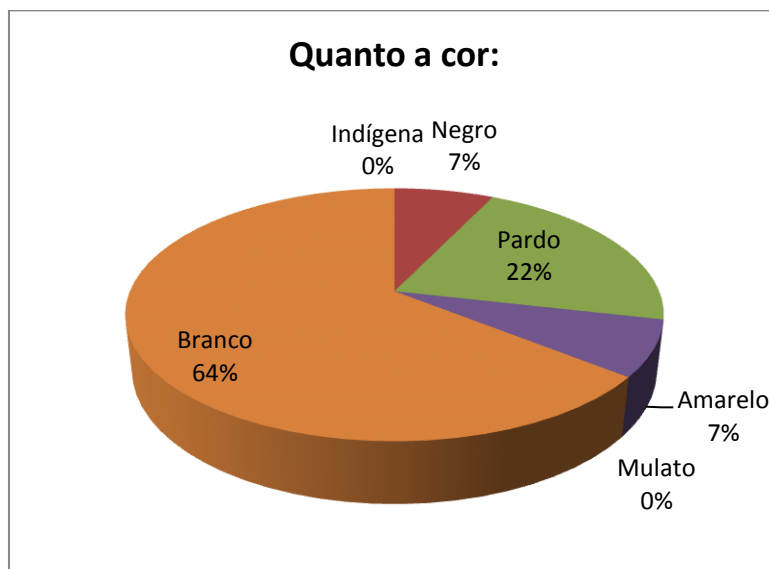
Conforme nos apontam os dados coletados até o momento, 79% dos benzedores catalogados são idosos, ou seja, com mais de 60 anos de idade, sendo a mais avançada de 86 anos. Apenas 21% são adultos (entre 19 e 59 anos), não havendo nenhuma criança ou adolescente benzedor registrado até o momento. Não foram registrados benzedores jovens e adolescentes pelo fato deles serem geralmente reconhecidos como tais depois de certa idade, sendo antes disso apenas aprendizes e acompanhantes de um benzedor de mais idade. Nesta prática, a idade é sinônimo de competência e credibilidade – quanto maior a idade, mais experiência, sabedoria e domínio sobre este ofício.

Outro dado importante diagnosticado junto aos benzedores foi quanto à cor dos mesmos. Quando perguntados³⁸ como eles se consideravam, a resposta foi a seguinte

³⁷ Classificados dessa maneira como idosos, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), que para países em desenvolvimento classifica como idosos aqueles com 60 anos ou mais. Em países desenvolvidos a média aumenta para 65 anos ou mais.

³⁸ Pergunta nº 2 do questionário: “Como você se considera?”.

Gráfico nº 02: Cor benzedores de São Miguel das Missões



Fonte: Questionários aplicados, 2013.

Como se pode perceber no gráfico demonstrativo, 64% se consideram brancos, seguido de 22% pardos, 7% amarelo, 7% negro e nenhum indígena ou mulato, indicando que a maioria de seus praticantes se consideram brancos. Nenhum entrevistado se considerou mulato ou indígena.

Outro ponto que chama atenção é o nível de escolaridade e a área profissional em que atuam ou atuaram (no caso dos aposentados). Na pergunta 5³⁹ apenas as opções analfabeto e ensino médio incompleto foram escolhidos ao serem indagados sobre seus respectivos graus de instrução escolar. Somente um dos participantes (funcionário público municipal) não trabalha na agricultura ou foi aposentado na função como a maioria, o que nos faz concluir que seus praticantes possuem ligação direta com a agricultura e o interior – o que provavelmente influenciará sua prática de benzedor, bem como o público que o procura – como veremos mais adiante. Esses dados nos ajudam a identificar o perfil dos benzedores em São Miguel das Missões, o que nos proporciona conhecer um pouco de suas características e de elementos que influenciam suas identidades, que serão compartilhadas pelo grupo praticante e pelas pessoas que acreditam nos benzimentos. Noções de doenças, religiosidade, fé e confiança, legitimam a prática

³⁹ Pergunta 5: “Qual o seu nível escolar?” Opções de resposta: “ Analfabeto; Ensino médio incompleto; Ensino médio completo; Ensino superior incompleto; Ensino superior completo.”

e o ofício do benzedor na comunidade, pois, se não existisse esse compartilhamento de ideias e significados, provavelmente não se concretizariam as dinâmicas que envolvem a relação entre benzedor e benzido. Oliveira lembra que

Sempre nessas bênçãos se instrumentalizam determinadas noções de milagre, de mistério e de poder. Tais noções são, grande parte das vezes, reinventadas do próprio catolicismo popular de origem rural e trazidas para dentro dos limites das chamadas religiões populares. (1985, p. 14)

Esta reinvenção é característica de manifestações populares, necessárias inclusive para sua permanência e releitura constante entre seus praticantes. Tais noções compartilhadas são reflexos do meio onde estão inseridos e das influências que sofrem (e sofreram com o passar das gerações) – dentre elas a religiosa – que irá nortear sempre o trabalho destas pessoas, a qual é reinventada cotidianamente através da inclusão de novos símbolos, significados e orações ou de repulsa por religiões contrárias aos benzimentos (no caso os evangélicos) ou da medicina, onde se criam instrumentos de resistência para manterem suas práticas – como o Encontro de Benzedores, ou por meio da promoção turística, por exemplo. Tais negociações são fundamentais para que o benzedor possa ter seu espaço na sociedade e assim manter sua prática. Apesar de suas características rurais, os benzedores parecem ter se adaptado bem à zona urbana, provavelmente por ela ser pequena e continuar ligada às práticas rurais, pois, como vimos, São Miguel possui sua economia baseada no setor primário.

Não se trata de consumir passivamente uma cultura que é estranha a seus interesses e condições objetivas de vida, mas de reinterpretar e mesmo criar – na medida em que a própria reinterpretação implica na atribuição de novo sentido simbólico – formas de expressão cultural que envolvam um sentido de recusa e de resistência. Esse processo constante de recriação proporciona novos sentidos e significados para a prática, servindo de elemento-base também para recusas e resistências àqueles que ameaçam seu status perante seu grupo. Por envolver aspectos de memória, transmissão, tradição, cultura, relações sociais, religiosas e econômicas, a prática dos benzimentos, em alguns aspectos, pode ser analisada sob o enfoque da cultura popular, tendo em vista que sua organização e manutenção objetiva a diferenciação de um grupo para outro, mesmo sendo um exercício aberto a todos que quiserem nela adentrar, pois busca também resistir às

massificações globalizadas de culturas – mesmo que para isso precise dialogar com estas.

Não foi produzido até o momento um levantamento preciso que indique a quantidade exata de praticantes dos benzimentos em São Miguel das Missões, o que dificultou mensurar e diagnosticar o perfil dos mesmos como um todo. Em alguns materiais de promoção do turismo da cidade, indica-se a existência de aproximadamente 40 pessoas benzedores no município, entretanto, não existem registros oficiais do IPHAN⁴⁰ e da Prefeitura Municipal que comprovem estes dados atualmente, podendo este número ser para mais ou para menos.

Não se pretende aqui buscar uma padronização das formas de benzer entre os entrevistados, tendo em vista que elas possuem variações e serão evocadas de forma diversa entre os seus praticantes. O que interessa são as características que os unem e separam em suas constituições memoriais e identitárias enquanto benzedores. Candau (2012, p. 34) alerta para isso quando afirma que “toda tentativa de descrever a memória comum a todos os membros de um grupo a partir de suas lembranças, em dado momento de suas vidas, é reducionista, pois ela deixa na sombra aquilo que não é compartilhado”. Desta forma, há mais aspectos não compartilhados entre os benzedores do que compartilhados propriamente dito. Isso ocorre por esta ser uma prática inicialmente familiar, com suas características e variações que cabem a cada família e seus respectivos atributos de valor, sendo que partem para um aspecto social e coletivo posteriormente.

O objetivo central da prática dos benzimentos – que é a cura física ou espiritual através de rezas e orações – é comum aos seus praticantes, entretanto, não será lembrada, evocada, praticada, resignificada e transmitida da mesma forma por todos os membros do grupo, tendo em vista as individualidades que resultarão em diferenciações da prática e significados atribuídos no ato de benzer (em especial ao espaço e uso de objetos), importando também analisar a forma como os benzedores se colocam perante suas famílias e sociedade onde estão inseridos, o que é demonstrado na narrativa por eles criada sobre o tema. Nesta posição perante a comunidade, reflete-se certa competição entre seus praticantes que buscam ser o mais diferente (nas técnicas de benzer) ou aquele especialista em maior número de

⁴⁰ Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

doenças – o que vai influenciar na construção da identidade destas pessoas, que, através dela, buscarão se legitimar perante o grupo como referência neste ofício. A forma como iniciam nesta função também implicará em características que serão peculiares a cada benzedor, sendo cada indivíduo um universo de possibilidades a serem analisadas. Aqueles que iniciam ensinados por alguém atribuem a isso sua prática, porém há aqueles que justificam seu ofício de benzedor através de fatos e histórias sobrenaturais. Todas estas ajudam a compor a identidade de cada um de seus praticantes – unindo-os e separando-os enquanto grupo.

Os benzimentos são repassados, geralmente, através da oralidade e gestualidade nos casos em que o benzedor acredita que a técnica pode ser repassada a outra pessoa do meio familiar como um filho (a) ou neto (a). A forma como as rezas e simpatias, bem como a gestualidade e uso dos objetos são (re) lembrados, (re) interpretados e (re) passados na atualidade são resultado dos significados atribuídos a eles através das dinâmicas que sofreram com o passar das gerações. Neste aspecto, Izquierdo afirma que “não há memória sem aprendizado, nem há aprendizado sem experiências. (...) Não inventamos memórias”. Os saberes que fazem parte do ofício de benzedor são resultados do que eles aprenderam, visualizaram e praticaram durante momentos de suas vidas, onde vários elementos foram se incorporando e moldando até chegarem à forma como a praticam atualmente. Para Accorsi e Scarparo

(...) a organização da memória social pode ser compreendida também na perspectiva das representações sociais, na medida em que examinarmos os processos de construção e apropriação de conhecimentos relativos às experiências do passado que habitam e marcam as vidas cotidianas de pessoas e grupos no presente. (*apud* GRAEBIN E SANTOS, p. 28, 2013)

As memórias construídas e evocadas através do passado e são fruto do que alguma vez se percebeu ou viveu. O benzimento realizado por estas pessoas caracteriza uma representação das construções de identidade e memória desenvolvidas por seus praticantes ao longo das gerações. Nora (1993, p. 09) nos diz que a memória é uma atribuição dos grupos humanos vivos estando em constantes mudanças, vulneráveis às mudanças, interferências e manipulações, estando sempre numa dialética lembrar x esquecer.

Quais são, portanto, os elementos constitutivos da memória, individual ou coletiva? Em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de ‘vividos por

tabela', ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. (POLLAK, 1992, p. 201)

A memória seria constituída, segundo Pollak, de acontecimentos vividos pelo indivíduo de forma direta ou indireta. Acontecimentos vividos por pessoas que compõem o grupo do qual é pertencente (e devidamente compartilhadas entre seus membros) são apropriados pelo mesmo como sendo seu, fazendo parte, assim, da constituição de sua memória e identidade. Como o ofício de benzer é produzido no meio familiar, se torna fácil a sua assimilação, transmissão e manutenção entre os membros do grupo, bem como lembrar e resignificar as memórias referentes a esta prática. No que se refere à memória coletiva, Ferreira lembra que

(...) O recurso ao termo “memória coletiva” é colocado aqui de forma cuidadosa, buscando-se evitar com isso a essencialização do mesmo, armadilha na qual se cai quando o uso desse termo serve para legitimar identidades de grupos, desprezando-se aspectos de construção e reconstrução do passado. A lembrança é uma experiência eminentemente individual, mas o fato de crer no compartilhamento de lembranças origina essa memória compartilhada, o que estaria na base da função política da memória ou daquilo que se denomina hoje como “políticas de memória”. (2011, p. 106)

Desta forma, os benzedores, tendo como base fatos vividos e vistos (em seu meio familiar e de relações) durante suas vidas, moldam o seu ofício na atualidade e sua relação em sociedade. O exercício de lembrar cabe ao indivíduo, mas o compartilhamento é indiscutivelmente coletivo, através de elementos que permitam a evocação de memórias e referências comuns aos seus membros. Halbwachs complementa esta ideia afirmando que

Para que nossa memória se auxilie com a dos outros, não basta que eles nos tragam seus depoimentos: é necessário ainda que ela não tenha cessado de concordar com suas memórias e que haja bastante pontos de contato entre uma e as outras para que a lembrança que nos recordam possa ser reconstruída sobre um fundamento em comum. (1990, p. 34)

Para o autor, as memórias necessitariam da coletividade para serem lembradas e compartilhadas, numa dinâmica de suporte no ‘outro’ para evocação das mesmas na atualidade. Não havendo estes pontos em comum, as memórias ficam prejudicadas nesta relação, o que pode caracterizar o esquecimento e a falta de referências comuns aos integrantes do grupo. Desta forma, seria mais fácil lembrar fatos relacionados a um grupo do que episódios vividos individualmente. Neste sentido, Ferreira lembra ainda que

A noção de memória remete tanto aos mecanismos de acumulação, vinculando-se às formas de conservação, atualização e reconhecimento de uma lembrança, quanto aos processos de compartilhamento de representações sociais. (2011, p. 102)

Halbwachs (2006, p. 30) complementa ainda dizendo que nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isso acontece porque jamais estamos sós. Com os benzedores entrevistados fica claro a necessidade que possuem em alicerçar suas lembranças nos outros ou no coletivo, seja quando iniciam sua atividade de benzedor ou na legitimação que a sociedade faz deles através dos causos⁴¹ de cura narrados e transmitidos entre as pessoas da comunidade, difundindo, assim, lembranças que farão parte da memória desta localidade. Thomson afirma ainda que

(...) As histórias que relembremos não são representações exatas do nosso passado, mas trazem aspectos desse passado e os moldam para que se ajustem às nossas identidades e aspirações atuais. (...) Assim, podemos dizer que nossa identidade molda nossas reminiscências; quem acreditamos que somos no momento e o que queremos ser afetam o que julgamos ter sido. (1995, p. 57)

Sendo assim, é o indivíduo quem decide que imagem e identidade quer transmitir às outras pessoas, sendo uma decisão que ocorre através de uma escolha na atualidade, a qual varia conforme os interesses (individuais e coletivos) do sujeito, que escolhe lembrar-se de algo em detrimento e esquecimento de outras memórias – não convenientes naquele momento ou identidade escolhida por aquela pessoa ou grupo. Isso fica claro nas narrativas dos benzedores quando legitimam sua prática na construção de uma imagem perante a comunidade e no interior de suas próprias famílias. A imagem de abnegação, de fé, simplicidade e de amor ao próximo são referências desta escolha, as quais são expostas e compartilhadas socialmente. Ser benzedor vai muito além de uma vontade divina, é sim uma escolha, que pode durar algum tempo ou ser um ofício para toda a vida, partindo do pressuposto de que a imagem que desejamos dar a nós mesmos a partir de elementos do passado é sempre pré-constituída pelo que somos no momento da

⁴¹ Histórias de cura e benções que se espalham na comunidade. Compartilhadas de forma oral, ganham veracidade em suas mais diversas versões populares.

evocação⁴², o que Candau caracterizaria como protomemória. Em entrevista concedida, a benzedeira Alzira de Oliveira Leite reforça essa ideia quando conta que

Eu queria. Sempre fui muito curiosa e queria aprender. Ela (*a mãe*) viu que eu tinha esse dom, me ensinou e eu ajudava ela. Eu decidi ser benzedeira, graças a Deus. Até quando eu puder mexer a boca nesse mundo eu quero fazer o bem e ajudar as pessoas a viverem. (2013)

Sobre a legitimação como benzedeira, percebe-se na narrativa de Alzira que ela se baseia no coletivo

A comunidade acredita bastante. Está aí os santinhos e fotografias de crianças que vivem se benzendo aqui em casa. E é todo dia, não tem dia nem hora que não se benzam, é criança, jovem, adulto. Hoje mesmo achei muito bonito, veio uma criança nenenzinho trazer a velinha e a água que vão usar no batizado, fiquei muito satisfeita. (2013)

A entrevistada apontou para seu altar, repleto de imagens de santos, anjos, flores e fotografias de pessoas que a procuram em busca de cura, conforme nos mostra a fotografia a seguir.



Imagem nº 11: Altar benzedeira Alzira de Oliveira Leite

Fonte: Juliani Borchardt, 2013. São Miguel das Missões-RS.

Este altar foi criado por Alzira durante sua vida e ocupa um dos cômodos de sua humilde residência localizada na zona urbana da cidade. Este local é utilizado para receber as pessoas da comunidade e turistas que buscam os seus serviços de benzedeira, possuindo (e representando) uma carga simbólica de toda a prática

⁴² CANDAU, Jöel. *Memória e Identidade*. 1ª Ed. São Paulo: Contexto, 2012, p. 77.

religiosa exercida pela entrevistada. O exercício de ir acumulando objetos e fotografias é motivado pela construção de uma ‘fama’ perante a sociedade, pois, quanto mais ela (como benzedeira) for procurada, mais seriam eficazes os seus benzimentos. Este gesto é importante também para constituir um ambiente que atenda a esta identidade e finalidade do ofício de benzer, sendo uma criação única e peculiar de cada benzedor, que constrói este espaço conforme enxerga sua prática e a si mesmo. O cuidado que Alzira possui com este espaço (localizado na entrada de sua residência) é muito significativo, tendo em vista que sua casa não é grande e mesmo assim destina um dos principais cômodos para esta finalidade. Chama atenção que bem ao lado da entrada de sua sala há outra porta que liga a uma venda, onde a entrevistada e seu esposo comercializam bebidas, doces e fumo para a vizinhança a fim de complementarem sua renda de aposentados – podendo haver uma relação econômica (mesmo que indiretamente) a este status de benzedeira naquela localidade.

Alzira enaltece em sua narrativa a participação em entrevistas de televisão e jornais as quais têm realizado, bem como a participação em eventos nacionais voltados ao turismo – como uma forma de reconhecimento das instituições públicas de sua atuação em prol da sociedade, o que motiva o interesse e curiosidade das pessoas em conhecê-la. Quando questionada sobre a necessidade de um espaço específico para exercer sua prática e se benzeria em outros lugares, a entrevistada responde que

Benzia, mas talvez não com a mesma força que eu tenho. Quando me chamam numa casa eu levo meu rosário e Nossa Senhora Aparecida. Se não tiver eles eu me ajoelho e peço a Deus, benzo e o efeito é o mesmo pela fé e força que eu tenho. (2013)

A necessidade de criar este espaço e sua valorização é justificada pela força que estes possuiriam e que, segundo ela, são fundamentais para que o benzimento tenha efeito, o que nos faz concluir que há uma relação forte de pertencimento do benzedor com este local – criando uma espécie de dependência nestes espaços, as quais são legitimadas pelas simbologias que possui. Em contraponto, remete a ela própria (e sua fé) a eficiência da benzeção que realiza, sendo a única responsável pelo sucesso das mesmas. Apesar de exaltar a criação deste espaço, chama para si o conhecimento para exercer este ofício bem como os efeitos positivos deste, como se este dom estivesse nela enquanto indivíduo. Oliveira justifica isso afirmando que

(...) O modo como cada pessoa benze e recebe a bênção está relacionado à percepção que ela faz do seu papel social nesse espaço. Ao mundo como memoriza as informações, trabalha os símbolos e recria as suas práticas sociais. (1985, p. 15-16)

A prática do benzimento depende exclusivamente das pessoas que a exercem. É nelas em que estão contidos os pensamentos e percepções de como e onde deve ser realizada. Posicionam-se perante a sociedade ofertando significados, simbologias e representados criadas e mantidas por eles próprios, caracterizando uma alternativa às práticas religiosas e de medicina considerados oficiais na atualidade.

Nem todos os benzedores entrevistados criam espaços. Um exemplo é a benzedeira Laídes Dutra da Silva, que utiliza apenas rezas e orações no ato de benzer, sem usar santos, anjos ou imagens (em alguns casos utiliza apenas brasa, água, copo e ramos verdes – os quais não são diretamente símbolos religiosos). Isso se deve, provavelmente, por Laídes ser praticante da doutrina espírita, que não utiliza imagens de santos em suas práticas religiosas. Fica perceptível que são os benzedores católicos os que constroem salas, quartos e altares em prol de seu ofício, o que pode ser relacionado com os próprios espaços formais da Igreja Católica, resignificados e reproduzidos através de um catolicismo popular em suas próprias residências. Esse catolicismo popular remete à fé destas pessoas, manifestadas através destes espaços que buscam reproduzir os altares da igreja convencional. No desenvolvimento destes espaços, seus criadores acabam introduzindo uma gama de elementos que refletem seu cotidiano e suas percepções de mundo, resultando numa diversidade de imagens, objetos e elementos que reproduzem a pluralidade de ideias destas pessoas. Macedo lembra que

(...) Não se trata de consumir passivamente uma cultura que é estranha a seus interesses e condições objetivas de vida, mas de reinterpretar e mesmo criar (na medida em que a própria reinterpretação implica na atribuição de novo sentido simbólico) formas de expressão cultural que envolvam um sentido de recusa e de resistência. (MACEDO *apud* VALLE e QUEIRÓZ, 1984, p. 38)

Podemos analisar a atuação do benzedor em um determinado espaço e uso de objetos como uma performance que é relativa ao seu contexto cultural e seus significados só podem ser compreendidos neste contexto. Hartmann nos firma que

(...) A grande questão, no entanto, é que não estamos tratando apenas da linguagem falada ou escrita, de códigos gramaticais, mas de algo muito mais amplo, daquela linguagem que se desenvolve através de gestos, sons,

relação com o espaço físico e do contato com o outro, aquilo que chamamos de “performance”. (2005, p. 128)

No ato de benzer, todos os elementos, gestos e textos comunicam algo àquela pessoa que está se benzendo, cabendo a esta ler e compreender, conforme sua percepção, o que aquilo significa. Podemos supor que esta leitura será feita e entendida de diversas formas e que variarão de pessoa para pessoa, fazendo desta prática um exercício cultural que simboliza percepções e ideias de uma comunidade.

Para Zumthor, a performance possui as seguintes características

- 1) a performance realiza, concretiza, faz passar algo que eu reconheço, da virtualidade à realidade; 2) a performance se situa em um contexto ao mesmo tempo cultural e situacional: nesse contexto ela aparece como uma emergência; 3) performance é uma conduta na qual o sujeito assume, aberta e funcionalmente, a responsabilidade, e é um comportamento que pode ser repetitivo sem ser redundante; 4) a performance modifica o conhecimento. Ela não é apenas um meio de comunicação: comunicando ela os marca. (2000, p. 37)

A atuação do benzedor ultrapassa a oralidade das rezas, abrangendo uma relação no espaço, nos objetos, em seu corpo e sua voz, em uma performance que pretende se comunicar e criar um clima propício para o ato do benzimento. Através da criação deste clima (aliados à sua vestimenta e voz) desenvolve-se uma relação de confiança e reciprocidade entre benzedor e benzido, na qual se busca a materialização do intangível (fé) em tangível (a cura da doença).

Pelas características intrínsecas ao processo de benzimento, é possível associar esse tipo de prática às noções que os entrevistados possuem sobre espiritualidade ou ainda de pertencimento a determinada religião. Nesse sentido, o catolicismo (58,3%) e o espiritismo (16,7%) foram as duas únicas religiões citadas pelos benzedores, sendo notável observar que parte deles afirmam ser de ambas as religiões (25%), o que pode ser justificado, segundo Paiva:

Não há dúvida de que na história do cristianismo, ontem e hoje, o cuidado pelos enfermos é uma das manifestações mais patentes de sua presença no mundo. Se, muito em função do desconhecimento geral no campo da saúde, esse cuidado foi, no passado, mais remediativo do que preventivo, hoje, em razão dos novos conhecimentos e de novas sensibilidades, a psicologia em geral e a psicologia da religião apontarão novos ou renovados elementos motivacionais, como responsabilidade social, senso de justiça, direitos da pessoa, respeito ecológico, elementos que adquirem uma dimensão religiosa caso incluam uma intencionalidade religiosa. É, com efeito, a relação com o objeto religioso que torna religiosa uma variável, e não sua categorização em alguma classe especial de comportamentos. (2007, p.100)

Dessa maneira, a religião também poderia ser compreendida como elemento motivacional na inserção e propagação do ato de benzer. Essa motivação faz com que essas pessoas se coloquem identitariamente como benzedor perante a comunidade onde estão inseridos. Nota-se que há uma paridade entre católicos e espíritas, não havendo nenhum evangélico ou umbandista entre os benzedores catalogados até o momento, o que nos indica um parâmetro das práticas religiosas destas pessoas. Independentemente de suas religiões, só existem benzedores porque há uma comunidade (ou uma parte dela) que os acolhe e legitima, compartilhando códigos, símbolos e ações que fazem parte da cultura desta comunidade. Oliveira lembra que

Não basta apenas que a própria benzeadeira reconheça a existência de um dom na sua vida. É necessário também que a própria comunidade onde ela mora, onde atua, seus vizinhos, sua família, as pessoas que lhe são mais chegadas partilhem com ela desse momento tão singular. (1985, p. 39)

De nada significaria coletivamente a atuação do benzedor sem pessoas que o legitimem através da atribuição de valor que lhes imputam. Esse reconhecimento é feito através do ‘ir se benzer’, creditando assim a finalidade de existência de uma pessoa que benza. Sabe-se que a memória é seletiva e nem tudo é armazenado e compartilhado, pois o homem registra de forma consciente e inconsciente o que for necessário à sua vida na atualidade, em um trabalho de seleção e organização das lembranças, conforme nos argumenta Izquierdo, quando afirma que

A variedade de memórias possíveis é tão grande, que é evidente que a capacidade de adquirir, armazenar e evocar informações é inerente a muitas áreas ou substâncias cerebrais e não é função exclusiva de nenhuma delas. (1989, p. 91)

Em contraponto, Michel (*apud* Candau, 2010) nos diz que esquecemos mais do que lembramos e que

Cada dia, assinala Joel Candau, nosso cérebro se lança a desembaraçar-se de milhares de informações inúteis, o que parece ser uma condição necessária a um funcionamento psicológico satisfatório. Esquece-mo-nos mais do que lembramos. (2010, p. 16)

Neste sentido, esquecer é necessário e condição básica para uma boa saúde mental. Para isso, nos livramos das informações desnecessárias e supérfluas as nossas aspirações identitárias atuais em detrimento do que queremos e precisamos lembrar, sendo isto condição fundamental para nossa sobrevivência. Compartilha-se mais esquecimentos do que lembranças propriamente ditas, em um processo de seleção e escolha entre lembrar e esquecer. A forma como um grupo deseja “se

narrar” é resultado dessas escolas. Podemos analisar isso através dos depoimentos, como por exemplo, quando Alzira conta que

Morava eu, minha mãe e mais dois irmãos e duas irmãs. Casei bem novinha, com 16 anos. Nenhum deles tinha o dom de benzer. Cada um tem um dom pra ser aquilo, tu é costureira teu dom é aquele, tu é professor tu tem aquele dom de professor. Foi minha mãe que disse que eu tinha o dom e desde cedo benzo, casei e benzia sozinha, bem ‘solita’. Agente vivia da lavoura, carpia, plantava. Eu me aposentei pela agricultura. Agora dia 08 (de agosto de 2013) faz 62 anos que casamos, nunca brigamos, eu já estou com 77 anos e ele 83 anos. (2013)

A legitimação para ser benzedeira é possuir um dom que os outros não possuem e assim ter a missão e a responsabilidade para aquele ofício, numa construção da imagem que a própria entrevistada faz questão de ressaltar a fim de justificar e legitimar sua prática na atualidade através de sua narrativa para esta pesquisa. Para ela, ser benzedeira é um dom, entretanto quem disse isso foi sua mãe, que escolheu e decidiu quem seria ou não benzedor, sendo assim uma decisão pessoal e política justificada por um elemento intangível, o dom. Esse dom pode ser caracterizado também pelo desejo e curiosidade da entrevistada em ser benzedeira, tendo sua mãe visualizado esse interesse e disponibilidade, escolhendo-a como sucessora.

O universo de Alzira transparece quando lembra onde morava, dos irmãos, do trabalho e do casamento aos dezesseis anos de idade (obviamente um fato marcante na vida de uma mulher - e por isso exaltada pela mesma na narrativa). Os acontecimentos da vida pessoal se misturam com a de benzedeira no transcorrer de sua narrativa, sendo muitas vezes difícil separar sua vida cotidiana dos fatos milagrosos de cura contados pela mesma no decorrer da entrevista. Torna-se impossível separar a identidade Alzira benzedeira da Alzira enquanto indivíduo. Ambas se fundem, sendo indissociáveis em sua identidade – refletida através de sua postura perante a sociedade, necessária para consolidar essa imagem. Thomson lembra ainda que

(...) Nossas reminiscências podem ser temerárias e dolorosas se não corresponderem às histórias ou mitos normalmente aceitos. Assim como buscamos a afirmação de nossa identidade pessoal dentro da comunidade específica em que vivemos, buscamos também a afirmação de nossas reminiscências. (1995, p. 58)

Assim, da mesma forma que precisamos que nossa identidade seja aceita no grupo em que pertencemos, nossas memórias, lembradas, evocadas e manifestadas

(ou até mesmo esquecidas), igualmente precisam de aceitação social dos demais membros do grupo, não existindo atividade humana desvinculada da construção de significados, simbologias e representações que passam a dar sentido à sua existência. Em sociedade, os homens produzem formas de pensar essa vida e sua inserção nela. Alzira, quando questionada sobre a forma que benze nos dias atuais, conta que as palavras que usa atualmente

São as mesmas que a mãe usava, são as mesmas desde o princípio do mundo porque já fazem sessenta e poucos anos que eu benzo. A gente tem que ter força pra benzer, puxar pela ideia da gente. Um ar a gente precisa saber se defender porque senão passa pra gente. Ar é uma enfermidade muito brava e outra é uma pessoa que seja muito tomada⁴³, que não seja bem 'são' precisa ter um acompanhamento junto. Agente precisa ser forte pra benzer senão passa pra gente. Nem tudo é igual e as palavras que usa pra uma coisa não é pra outra. (2013)

Nota-se que há uma imprecisão na fala da entrevista quando em um momento diz que as falas que utiliza para benzer são as mesmas que sua mãe usava e em outro momento que estas são possíveis de adaptação e criação dependendo do objetivo do benzimento realizado, do paciente e sua necessidade. Podemos analisar ainda que: 1º) em sua lembrança cita apenas a geração de sua mãe, não se estendendo aos avós ou bisavós como benzedores em sua memória; 2º) a exaltação da 'força' que o benzedor precisa ter para exercer seu ofício, sobre o risco de padecer da doença do enfermo (benzido), o que cria um universo de perigo, suspense e responsabilidade, no qual o benzedor coloca a sua vida em risco pela cura do próximo; 3º) a necessidade de reinvenção das rezas e formas de benzer com o passar do tempo e nas variações de doenças, acompanhando assim as tendências e público que podem mudar com o passar do tempo; 4º) a ênfase que Alzira dá pelo tempo que benze como forma de reconhecimento social, dando a entender que quanto mais tempo no ofício, mais eficientes são seus benzimentos; 5º) o exercício de puxar pela memória uma quantidade considerável de rezas, dependendo da doença, exige uma atualização constante da memória, sendo fundamental a repetição para uma constante lembrança desta vasta quantidade de rezas e técnicas. Auxiliam para esta evocação memorial o uso dos objetos, facilitando assim a relação objeto-reza no momento de lembrar determinada oração. Bergson cita que

⁴³ Pessoa muito doente.

As lembranças que se adquirem voluntariamente por repetição são raras, excepcionais. Ao contrário, o registro, pela memória, de fatos e imagens únicos em seu gênero se processa em todos os momentos da duração. Mas como as lembranças *aprendidas* são mais úteis repara-se mais nelas. E como a aquisição dessas lembranças pela repetição do mesmo esforço assemelha-se ao processo já conhecido do hábito tende-se a colocar esse tipo de lembrança em primeiro plano, a erigi-lo em modelo de lembrança, e a ver na lembrança espontânea apenas esse mesmo fenômeno em estado nascente, o começo de uma lição aprendida de cor. (1999, p. 90)

Esta repetição constante dos benzimentos auxilia na memorização e armazenamento das orações, gestos e uso de objetos pelo benzedor, ficando estas acessíveis e fáceis de serem evocadas pelos seus praticantes no dia a dia. Em sua entrevista, o benzedor Aureliano José Jardim contou que

Eu trabalhei com um mercadinho e uma espécie de farmácia, que daí eu me dediquei com remédio. Aqui era puro unha de gato⁴⁴, não tinha nada, as pessoas ficavam doente e não tinha recurso. Daí eu pensei “eu sei, eu estudei nos livro de medicina, eu conheço as doenças, daí eu comecei a me dedicar no remédio”. Era muita gente doente, em quantidade e eu dava injeção, receitava. Uma vez chegou uma criança com respiração difícil e eu disse “isso é pulmão, pontada de pneumonia, pode levar pra Santo Ângelo agora” e chegava lá e era, bem certinho. Depois chegou um homem mal aqui e eu comecei a interrogar ele “têm ânsia de vômito? Te dói o fígado?”. Ele me disse que tinha uma dor atravessada na barriga e em uma perna. Eu vi que ele estava com febre e eu disse pra ele que ia botar a mão bem onde doía e assim eu botei a mão na apendicite e ele deu um grito. Eu disse: “tu está com a apendicite estourada, tu vai agora pro hospital senão tu morre”. Ele me disse “quero só ver, eu gastar e não ser isso mesmo”. Eu disse que garantia e quando chegou no hospital o médico examinou, disse que era a apendicite estourada e mandou na hora pra mesa de cirurgia. Daí ficaram muito contente de salvar o homem, acho que ele é vivo ainda, mora aqui em São Miguel no mesmo lugar. A coisa aconteceu assim vizinha, eu receitava e aplicava remédio. (2013)

Aureliano relembra da paisagem existente em São Miguel das Missões⁴⁵ como uma cidade muito distante dos grandes centros e onde não havia acessibilidade a médicos e serviços de saúde, o que lhe motiva a fazer um curso de ‘enfermagem’ por correspondência a fim de suprir a demanda existente na cidade. Sobre isso, Bosi (*apud* VALLE e QUEIRÓZ, 1984, p. 25) argumenta que “quando desejamos compreender a cultura das classes pobres percebemos que ela está ligada à existência e à própria sobrevivência destas classes.”

O entrevistado mescla suas lembranças com dois episódios: 1º) a cura de uma criança que estaria com pneumonia e que graças à sua orientação foi levada aos médicos a tempo e assim salva da doença; 2º) a de um homem que estaria com

⁴⁴ Planta nativa que possui espinhos que parecem unhas de gato.

⁴⁵ Distante a 60 Km de Santo Ângelo.

o apêndice estourado e que inicialmente duvidou do seu diagnóstico, mas depois se sentiu feliz por ter seguido a sua orientação e se curado. Pela suposta fala deste homem curado (“quero só ver eu gastar e não ser isso”) no momento em que Aureliano o manda para o hospital de Santo Ângelo reflete a realidade do local onde estes estão inseridos, a dificuldade de acesso médico em São Miguel e principalmente que a figura do benzedor representava uma alternativa de cura acessível àquelas pessoas que não possuíam recursos para pagar uma consulta ou que relutavam em gastar com ela inicialmente, indo a um centro maior (no caso, Santo Ângelo) em casos excepcionalmente graves e de risco à vida. O fato de ter um benzedor próximo à sua residência pode motivar sua procura pela comunidade.

A narrativa destes dois casos é complementada pela solução dos problemas dos pacientes e a consequente felicidade dos mesmos pela cura e proteção conquistada. O entrevistado fala ainda em nome do médico, como se tivesse presente no momento em que ele dá o diagnóstico ao homem com o apêndice estourado, sendo esta, com certeza, uma memória paralela, ou seja, ouvida apenas de outra pessoa (após o episódio ter ocorrido) e assimilada como sendo sua – como se estivesse presente no momento do diagnóstico feito pelo médico. Thomson complementa afirmando que as “nossas reminiscências precisam ser apoiadas pelo reconhecimento público, e, portanto, são compostas de modo a serem reconhecidas e confirmadas”, (THOMSON, 1995, p. 58-59) o que justifica a exaltação pelas curas feitas nestes dois casos, as quais devem ser compartilhadas socialmente. Sobre a narrativa, Jovchelovitch e Bauer lembram que

(...) O enredo é crucial para a constituição de uma narrativa. É através do enredo que as unidades individuais (ou pequenas histórias dentro de uma história maior) adquirem sentido na narrativa. Por isso a narrativa não é apenas uma listagem de acontecimentos, mas uma tentativa de ligá-los no tempo, como no sentido. (2008, p. 92)

Isso aparece quando o entrevistado tenta ligar os fatos e episódios narrados, a fim de deixar claro o que desejava contar na entrevista, tendo como objetivo dar sentido à história ali contada. A construção desta narrativa realizada por Aureliano (assim como os demais) busca dar lógica aos fatos narrados, creditando-os verdade e legitimidade. São escolhas feitas pelos entrevistados visando garantir que sua imagem de benzedor seja reforçada. Quando questionado com que tipo de remédios trabalhava, Aureliano conta que

Remédio de farmácia, antibiótico assim. Porque infecção na garganta, por exemplo, só se cura com antibiótico. Naquele tempo eles não proibiam tanto os remédios né vizinha, hoje não é assim, eles não vendem sem ter receita. Eu trabalhei com a agricultura também, em uma colônia, botei um mercado forte de remédio e nos tempos de folga eu ia pra lavoura. Eu tinha criação, porco. (2013)

Neste depoimento, nota-se que mesmo o entrevistado sendo um benzedor, trabalhou durante anos indicando e vendendo medicamentos industrializados para a população em geral e fez um curso de enfermagem por correspondência, o que também vai dialogar e negociar com a sua função de benzedor e de pessoa requisitada e referência quando o assunto é cura. Esclarece que em alguns casos (dor de garganta, por exemplo) a cura só ocorre com o uso de antibiótico e que naquela época não havia tanto rigor para este tipo de comércio como nos dias de hoje (pelo fato das farmácias não poderem vender determinados remédios sem receituário médico específico). Remete também, em sua narrativa, ao trabalho na agricultura e com o pequeno mercado que possuiu. Estas funções se mesclam no depoimento e não fica claro a ordem cronológica dos mesmos e o tempo em que esteve atuando em cada uma destas profissões. Para isso, Thomson conclui afirmando que as “memórias que escolhemos para recordar e relatar (e, portanto, relembrar), e como damos sentido a elas são coisas que mudam com o passar do tempo (1995, p. 57).



Imagem nº 12: Casa benzedores Romilda Moraes e Cipriano Dorneles

Fonte: Juliani Borchardt. São Miguel das Missões, 2013.

A imagem acima é da residência dos benzedores Romilda Moraes e Cipriano Dorneles localizada na zona urbana de São Miguel das Missões. Assim como

Aureliano, que atuava como benzedor e tinha um comércio de remédios industrializados, Romilda e Cipriano possuem medicamentos junto às suas imagens sacras, representando assim uma dualidade em sua prática em que consomem remédios industrializados para que se efetive a cura esperada, não bastando apenas as orações para que ela ocorra. Isso nos indica que os benzimentos se caracterizam e consolidam mais no campo simbólico e cultural do que efetivamente na cura física, nos quais as relações e vínculos sociais, afetivos e de identificação, justificam e concretizam o trabalho do benzedor para a sociedade onde está inserido.

Em sua entrevista, Laídes Dutra da Silva relembra que

Pois eu não sabia ler, todos os meus irmãos iam no colégio e o pai dizia “minhas gurias não foi criada pra sair na estrada e estudar, tem que aprender em casa”. E eu me lembrava: mas aprender como? O meu irmão mais novo estava estudando aqui em São Miguel e nós ficava três quilômetros pra fora e quando ele chegava em casa eu roubava o livro dele e ia pra trás da casa e tinha aquele ‘a e i o u’ com a imagem de uva e quando o meu pai viu eu já tava cantando naqueles livrinhos que vinham de música e ele disse “mas como é que essa nega aprendeu a cantar num livro se ela não sabe ler” (*risos*). Eu sei fazer música, sei fazer hino de igreja, eu sei fazer poesia, eu nunca errei em conta, trabalhei em um cachorrão e em restaurante e nunca errei uma conta e quem me ensinou? Jesus! Porque foi o meu único auxiliar porque eu não tenho banco de escola. Às vezes me perguntam qual é meu nível escolar e eu fico com vergonha porque eu sou analfabeta na escola, mas eu não sou analfabeta porque eu sei ler, escrever e fazer conta porque Jesus me ensinou. Meu anjo da guarda é muito forte graças a Deus. (2013)

Laídes, assim como os demais, expõe em sua narrativa episódios de sua vida, onde são exaltados: 1º) marcou em sua vida o fato de seu pai não permitir que estudasse na escola regular, o que acarretou no seu analfabetismo, mesmo tendo estudado escondido em casa com os livros e cadernos de seu irmão mais novo. Isso demonstra uma clara separação na forma de tratamento entre filhos homens e mulheres em sua família, característica de uma sociedade patriarcal e machista, na qual estudar não era tarefa de mulher, o que marcou certamente sua vida e esses episódios em sua memória; 2º) A resistência de seu pai em autorizar que sua filha mulher estudasse é justificada pela entrevistada em virtude de protegê-la, não a deixando andar pelas estradas, onde algo de ruim poderia lhe acontecer. 3º) Justifica ter aprendido a ler, escrever e calcular a uma bênção de Jesus Cristo, o qual atribui todo o seu conhecimento; 4º) mesmo não podendo estudar, ressalta que sempre soube ler, escrever e fazer contas, produzindo poesias e hinos para a igreja que frequentava. A trajetória de Laídes possivelmente é similar a de muitas mulheres nascidas e criadas no interior das pequenas cidades, representando a

forma como a sociedade se organizou e deliberou (culturalmente) atribuições e funções para homens e mulheres, em que a educação era de difícil acesso e restrita apenas para poucos – definindo assim o destino de muitas pessoas – que sem estudo permaneciam em suas pequenas propriedades rurais ou trabalhando de empregados, sem muita perspectiva de crescimento econômico ao longo da vida. Em outro momento da entrevista, Laídes relata que

Eu tenho uma irmã⁴⁶ que benze. Tem o meu sobrinho que benze pra mordida de bicho, além de ser músico é benzedor e a minha mãe benzia só pra tormenta e eu aprendi nas costas dela. A religião da mãe era espírita. O pai da minha mãe era alemão puro ele veio da Alemanha e a mãe dela era Brasileira e o meu pai tinha sangue de bugre⁴⁷, é Dutra, e eu peguei o sobrenome só do pai porque meu pai era Sebastião Rodrigues Dutra e minha mãe era Dileta Alves Marciano Dutra por causa do meu pai e quando ele ia registrar nós “quem canta no terreiro é o galo” e ficou só o nome dele em nós. Todos nós temos o sobrenome dele e da mãe não. O pai dela era alemão dos olhos azul e ela era bem branquinha e baixinha. Meu pai já era alto e moreno e com pouco cabelo e daí a nossa família ficou com o sangue bem forte. (2013)

Neste trecho, pode-se perceber que a entrevistada tenta contextualizar sua árvore genealógica a fim de justificar a origem de sua família bem como diagnosticar aqueles que eram benzedores ou não, porém não entrando em detalhes sobre os mesmos. Alguns aspectos são ressaltados, como: 1º) conta que aprendeu a benzer nas costas de sua mãe quando esta saía com um machado na mão para benzer tempestade; 2º) novamente surge a imposição masculina do pai, figura que decidia tudo na família, através da expressão “quem canta no terreiro é o galo”, botando nos filhos apenas o seu sobrenome; 3º) a mistura de etnias que compuseram sua família (alemão, brasileiro, bugre⁴⁸) ao longo das gerações, o que, para a entrevistada, deixou o sangue da família mais ‘forte’.

(...) As histórias que nos contam nas entrevistas são muitas vezes versões de relatos que foram criados logo após eventos e que foram usados e reelaborados pelos indivíduos ou no interior das famílias e comunidades. (THOMSON, 2002, p. 259)

Quando a entrevistada relata a formação de sua família, provavelmente é a construção de uma história que ela ouviu falar de seus pais e avós, a qual resignifica

⁴⁶ Sua irmã se chama Noema Dutra de Oliveira, 66 anos, casada com Alceu Braga de Oliveira há 42 anos. Mora no Rincão dos Moraes, interior de São Miguel das Missões. Estou até o 4º ano do ensino fundamental. Espírita. Benze para dor de cabeça, afogamento, picada de cobra, mau olhado, vermes, rendidura e usa como objetos pedras e ramos verdes – informações coletadas através de preenchimento de questionário e fornecidas pela própria Noema.

⁴⁷ Referência dada a quem possui descendência e características indígenas.

⁴⁸ Denominação pejorativa para designar indígenas.

e narra na atualidade para dar sentido à sua própria história de vida, alicerçada na constituição da família, formada em sua pluralidade por pessoas de variadas origens – sendo sua memória constituída através destes. Neste sentido, Accorsi e Scarparo (*apud* GRAEBIN e SANTOS, 2013) reforçam essa ideia citando que

Também é importante destacar que, a partir da memória social é possível se estabelecer sentimentos de pertença a um passado do qual não se participou concretamente. Trata-se de marcas tão presentes nas experiências de uma região ou grupo que facilmente são transmitidas e assimiladas como motes de identificação. (2013, p. 28)

Desta maneira, tanto o benzedor quanto o seu público, em seu compartilhamento de códigos, símbolos e crenças fazem destas experiências uma ferramenta de manifestação de suas culturas e identidades, alicerçando um espírito de pertencimento comum que os ligam nestas trocas, caracterizando suas vidas da forma como desejam e almejam através da memória

[...] coletiva, essa memória é mais que a soma de memórias individuais de membros do grupo em questão. É constituída pela interação entre eles, repousa sobre as trocas e representa um patrimônio imaterial que contribui a unir os membros de um grupo e lhes permite se situar no passado, no presente e no futuro. Isso nos leva a dizer que a memória coletiva é uma realidade antes de tudo social e política, cultural e simbólica. (FRANÇOIS, 2010, p. 17)

Das ambiguidades, diferenciações e conflitos que permeiam o cotidiano dos benzedores refletem sua cultura e expressões simbólicas, sendo estes elementos fundantes de suas vidas e condição necessária para sua existência. São resultado das experiências trazidas do âmbito familiar e trocadas socialmente com a de outras, negociando e dialogando entre si, resultam em formas peculiares e distintas se de fazer o benzimento. Em sua entrevista, o benzedor Valter Braga lembra que

(...) eu nasci aqui no Distrito de São Miguel⁴⁹ quando ainda pertencia a Santo Ângelo, aqui no Mato Grande e desde a minha infância era normal os meus ancestrais, meus pais e meus tios, eles já viviam em torno do Sítio Arqueológico e era tão normal eles contarem a trajetória deles aqui em torno do sítio e as convivências deles antes de se tornar população o Mato Grande e o Distrito de São Miguel.

Valter relata igualmente aos outros entrevistados algumas características da localidade onde reside, tais como: 1º) São Miguel era um Distrito pertencente ao município de Santo Ângelo, distante em torno de 60 quilômetros; 2º) morava no interior do então distrito, localidade de Mato Grande, onde atuavam como

⁴⁹ São Miguel das Missões se emancipou de Santo Ângelo no ano de 1988 através da Lei nº 8.584 de 29 de abril com uma área de 1.391 Km. BAIOTO e QUEVEDO, 1997, p. 38.

agricultores; 3º) lembra do convívio das pessoas em torno das ruínas da Redução de São Miguel Arcanjo e o desenvolvimento da cidade em torno desse espaço, característica que provavelmente influenciou na constituição de práticas culturais, simbólicas e de memória de seus habitantes, influenciados pelos remanescentes ali existentes que serviriam de subsídio para a constituição e legitimação desta comunidade que estava se desenvolvendo, necessitando, para isso, de histórias, causos e mitos fundadores, que foram sendo transmitidos e compartilhados popularmente ao longo dos anos. 4º) Relata que era comum a narrativa de causos nas rodas de conversas em torno das ruínas, provavelmente casos de bravura, caças, lendas e superstições – elementos que fazem parte do imaginário da comunidade local. Quando questionado sobre quem benzia em sua família, o entrevistado conta que

O meu pai, olha, não vou dizer que era benzedor, não sei, ele sempre era muito de misticidade de campo, porque naquela época a caça era a sobrevivência e subsistência e sempre antes de sair caçar eles marcavam os passos de sair que ele considerava de serviço e saída e depois marcavam quando eles voltavam com as caças eles cortavam os pezinhos da caça e largavam dentro do passo desenhado que eles tinham feito. Era um campo de misticidade que vem de muitos anos e tempos. (2013)

Valter evidencia em sua fala a influência de seu pai e tios em um campo que ele chama de ‘misticidade’, demonstradas, por exemplo, no ritual de ida e volta da caça. Neste aspecto, Thomson lembra que compomos nossas reminiscências para dar sentido à nossa vida passada e presente. De certa forma nós a compomos ou construímos utilizando as linguagens e os significados conhecidos de nossa cultura (1995, p. 56). Hoje, Valter não é caçador, mas se recorda nitidamente do ritual feito por seus familiares quando iam caçar. Este campo de misticidade narrado pelo entrevistado está diretamente ligado à realidade em que estas pessoas viviam, buscando assim lidar com as dificuldades encontradas no cotidiano, bem como justificar elementos incompreensíveis vividos por eles. É importante ressaltar que São Miguel das Missões foi (e é) uma cidade basicamente rural e intimamente ligada às práticas do campo e a identificação com este espaço é notório em todas as narrativas.

Desta mesma maneira, a benzedeira Noema Dutra de Oliveira⁵⁰, durante sua entrevista, lembrou-se dos seguintes fatos

Eu digo que aqui em São Miguel o pessoal é meio assim. Eu digo “você estão cheio de mau olhado e de espírito mau aí”, porque o jeito que foi o Sepé Tiarajú aí e todo final de ano nós vamos pra lá às 7 horas rezar e eu enxergo tanta gente de loja aberta, vem um monte de gente, de ônibus. Teve um senhor do Mato Grosso que chorou o tempo todo de nós ter os benzedor em São Miguel e diz que tem fé e os de São Miguel nem tão sabe. Ali tem muita coisa ruim, por isso não vão pra frente. Aquele cemitério eu enxergo toda a vez que eu vou, porque tirarem aqueles morto? Porque deixarem aquelas almas ali sofrerem e plantarem aqueles pezinhos de fruta que já estão deste tamanho assim. Ao invés de fazerem um reservatório e não botar mais ninguém mas deixar aqueles ali. (2013)

A entrevistada exalta alguns episódios importantes, como: 1º) a participação dos benzedores nas atividades de final de ano no município, época em que vão a São Miguel das Missões muitos turistas e a Secretaria de Turismo organiza atividades de recepção aos mesmos no Sítio Arqueológico. Ressalta a pouca participação da comunidade nessas atividades e a consequente falta de fé destas pessoas, em comparação aos turistas que lhes valorizariam; 2º) Noema faz referência ao índio Sepé Tiarajú⁵¹, um dos comandantes do exército guarani durante a Guerra Guaranítica⁵², mito na região Missões e personagem legitimador e fundador da história regional por ter morrido lutando pelos direitos (e território) do seu povo, sendo considerado Herói Missioneiro Rio-grandense e estar entre os Heróis Nacionais do Brasil. Importante ressaltar que as batalhas da guerra não aconteciam diretamente nas cidades, sendo os confrontos levados estrategicamente para locais mais distantes justamente para proteger as reduções. O índio Sepé, pelo que se sabe, faleceu em uma batalha na região de São Gabriel no dia 07 de fevereiro do ano de 1756 sendo que as ruínas existentes atualmente são decorrentes principalmente do abandono e da ação do tempo e não propriamente dito de batalhas decorrentes da guerra; 3º) Chama a atenção o fato de Noema ter se lembrado do cemitério que existia dentro do Sítio Arqueológico de São Miguel Arcanjo, construído pelos repovoadores no mesmo local do cemitério dos índios

⁵⁰ Noema Dutra de Oliveira, 66 anos, casada. Moradora no Rincão dos Moraes. Aprendeu a benzer com o pai. Católica e espírita. Aposentada pela agricultura. Ver nota nº 20.

⁵¹ Considerado Herói Missioneiro-Rio-grandense pela lei Estadual nº 12.366 e herói brasileiro através da Lei nº 12.032/99.

⁵² Guerra motivada pela assinatura do Tratado de Madri em 1750 o qual trocava os Sete Povos das Missões (pertencente à Espanha) por Colônia de Sacramento (pertencente aos Portugueses) e a resistência dos Guarani de abandonar suas terras.

Guarani da Antiga Redução, ao lado direito da Igreja, conforme nos mostra a imagem abaixo:



Imagem nº 13: Sítio Arqueológico de São Miguel Arcanjo

Fonte: Arquivo pessoal de José Roberto de Oliveira, sem data.

Quando questionada sobre o período da remoção deste cemitério, Noema narra que

Sabe que não me lembro. Deixa eu pensar um pouquinho que eu me lembro (*para pra pensar por alguns segundos*). Faz uns 45 anos. Eu me lembro que um sobrinho meu foi tirado dali, eu não tinha casado ainda e hoje eu tenho 44 anos de casada. Deve ter uns 45 pra 46 anos. (2013)

Chama a atenção o fato de Noema relacionar a lembrança deste episódio com a do seu casamento, em seguida confirmada pelo fato de um sobrinho dela ter sido uma das pessoas retiradas daquele espaço. Sabe-se que este cemitério foi removido por determinação do IPHAN entre a década de 70 e 80, conforme bem lembra a entrevistada. Sobre este episódio, Silva explica em sua dissertação de mestrado que

Depois que os jesuítas deixaram São Miguel, os habitantes da região passaram a enterrar seus mortos no cemitério construído por padres e índios guaranis. (...) Em 1970 o Iphan proibiu os sepultamentos dentro das ruínas. Os miguelinos⁵³ tiveram o prazo de cinco anos para retirar os vestígios de seus familiares. Esgotado o tempo de carência concedida pelo Instituto, todas as ossadas restantes foram removidas de dentro da área tombada e levadas ao novo cemitério construído fora do espaço protegido. Os túmulos e todas as intervenções do presente sobre o passado foram retirados e em seus lugares foi semeada uma cobertura de grama. (2009, p. 55-56)

⁵³ Miguelino: quem nasceu em São Miguel das Missões-RS.

Este episódio marcou a comunidade Miguelina, deixando uma imagem de truculência junto aos moradores, que não entendiam a lógica de remover seus familiares mortos do cemitério, tendo isso como falta de respeito pelos mesmos, o que geraria uma energia negativa naquele espaço. Lembrando que este sítio foi preparado para a atividade turística, sendo, provavelmente, um dos motivos da retirada do cemitério o fato de buscarem ‘limpar’ o local em vista que muitas das sepulturas estavam abandonadas e abertas pela ação do tempo, o que prejudicaria a imagem do atrativo turístico junto aos visitantes. Já no sítio arqueológico de São João Batista, localizado no município de Entre-Ijuís (RS) e também administrado pelo IPHAN, o cemitério da comunidade que reutilizou o espaço das ruínas é mantido até hoje naquele local, porém sem realizar novos enterros.

Podemos verificar as peculiaridades de cada depoimento, o que Candau justifica como o trabalho da memória coletiva desde sua origem, pois se manifesta no ‘tecido das imagens’ que devemos à sociedade e que nos vai permitir dar uma ordem ao mundo⁵⁴. A prática dos benzimentos e suas expressões aparecem de diferentes formas para cada um de seus praticantes, produzindo expressões e narrativas distintas no decorrer da vida de cada um e influenciadas por todas estas histórias vividas pelos entrevistados, o que Oliveira argumenta como sendo

(...) Os mais variados modos de produzir bênçãos implicam formas diferenciadas de saber-fazer esse ato, às vezes um ofício. Implicam diferentes maneiras de atualizar a memória desse ato e a visão do mundo que o sustenta e o produz. E de produzir, na singularidade de cada ato, as diferentes falas sociais. (1985, p. 15)

Essa multiplicidade de significados e atribuições dos benzedores entrevistados não nasce do nada, do vazio, o seu coletivo é resultado das inquietações e necessidades destas pessoas, que representam nesta prática a necessidade de justificar e resolver seus problemas cotidianos através de suas visões de mundo alicerçadas na religiosidade.

O quadro abaixo foi produzido através de entrevistas e aplicação de questionário, detalhando as doenças em que atuam cada benzedor, bem como os objetos por eles utilizados durante o benzimento:

⁵⁴ CANDAU, Jöel. Memória e Identidade. 1ª Ed. São Paulo: Contexto, 2012, p. 78.

Tabela nº 04: Benzedores entrevistados, doenças e objetos utilizados.

Benzedor	Doenças que benze*	Objetos utilizados
Alzira de Oliveira Leite	✓ Dor de dente; ✓ Dor de cabeça; ✓ Ar; ✓ Picada de cobra; ✓ Meningite; ✓ Rendidura; ✓ Cobreiro; ✓ Estancar sangue; ✓ Pasma; ✓ Mau olhado.	✓ Rosário; ✓ Galho de arruda; ✓ Santos diversos; ✓ Água; ✓ Copo; ✓ Tesoura; ✓ Agulha;
Aureliano José Jardim	✓ Quebrante; ✓ Mau olhado; ✓ Cobreiro; ✓ Berruga; ✓ Dor de cabeça; ✓ Dor no corpo.	✓ Só rezas.
Araci Ribas	✓ Ar; ✓ Dor de dente; ✓ Quebrante.	✓ 3 galhos de arruda e água;
Cipriano Dorneles	✓ Pragas de lavoura; ✓ Tormenta; ✓ Berne, bicheira; ✓ Terreiros para prosperar.	✓ Sal; ✓ Erva; ✓ Fogo; ✓ Machado; ✓ Bacia; ✓ Peneira.
Laídes Dutra	✓ Quebrante; ✓ Mau olhado; ✓ Rendidura; ✓ Picada de cobra; ✓ Picada de aranha; ✓ Cobreiro; ✓ Lepra.	✓ Água; ✓ Brasa; ✓ Copo; ✓ Galho de arruda.
Manoel Antunes de Jesus	✓ Ar; ✓ Picada de insetos; ✓ Cobreiro.	✓ Folhas.

Mara de Fátima Galvão	✓ Cobreiro.	✓ Galhos de arruda.
Marlene Machado Cassiano	✓ Rendidura; ✓ Ar; ✓ Cobreiro; ✓ Picada de cobra e aranha; ✓ Ezipele; ✓ Verruga; ✓ Meningite.	✓ Folhas. ✓ Linha; ✓ Brasa; ✓ Copo, ✓ Água; ✓ Faca; ✓ Atadura; ✓ Folhas verdes;
Nelcinda Galvão	✓ Nascer dentes criança; ✓ Quebrante; ✓ Vermes.	✓ Reza; ✓ Galhos verdes; ✓ Brasa; ✓ Água; ✓ Copo.
Noema Dutra de Oliveira	✓ Dor de cabeça; ✓ Afogamento; ✓ Picada de cobra; ✓ Mau olhado; ✓ Vermes; ✓ Rendiduras.	✓ Pedras; ✓ Ramos verdes; ✓ Santo Expedito e São Sebastião.
Romilda Moraes	✓ Ar; ✓ Doença de pele; ✓ Quebrante; ✓ Terreiros para prosperar.	
Valter Braga	✓ Animais; ✓ Purificação.	✓ Fogo; ✓ Brasa; ✓ Erva-mate.

Fonte: Entrevistas, 2013. *foram mantidas as nomenclaturas narradas pelos entrevistados.

De forma sintetizada o quadro nos dá um parâmetro das atividades de cada benzedor entrevistado e os objetos utilizados por eles durante os benzimentos. Podemos perceber que a grande maioria são doenças simples, e os objetos utilizados, de âmbito doméstico. Isso caracteriza muito a constituição das identidades do benzedor, baseado nas trocas e dinâmicas do grupo na atualidade através das memórias e da prática repassadas de geração em geração. Objetos

como arruda, ramos verdes e água aparecem como os principais elementos utilizados, demonstrando assim uma reutilização dos símbolos usados pela igreja católica, resignificados em seu ofício de benzedor.

Sabe-se que a memória não é resgatável porque existe no presente, traduzida e retraduzida cada vez que evocada. Não há como separar memória de identidade. Izquierdo lembra que a memória é nosso senso histórico e nosso senso de identidade pessoal (sou o que sou porque me lembro quem sou) (IZQUIERDO, 1989, p. 89). Para Candau

A memória ao mesmo tempo que nos modela, é também por nós modelada. Isso resume perfeitamente a dialética da memória e da identidade que se conjuga, se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa. Ao final, resta apenas o esquecimento. (2012, p. 16)

Pode-se escolher o que lembrar conforme as aspirações atuais, que buscam legitimar a identidade desejada naquele momento pelo indivíduo ou grupo que este faça parte. Já para Halbwachs, a memória só reteria do passado o que fosse vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que a mantém na atualidade, num processo de seleção do que fosse estritamente necessário lembrar. Sobre isso, Barash afirma ainda que,

(...) Halbwachs tentou demonstrar que a memória coletiva, longe de ser composta por um conjunto de memórias individuais, encontra-se, sobretudo, no fundamento da memória e da consciência pessoal. Esta análise, como salienta Ricoeur, torna a reduzir a consciência pessoal a uma fonte coletiva, aos quadros sociais sobre os quais ela se ergueria: nosso meio social agiria sobre nós, quer estejamos ou não conscientes de sua influência e, nesse sentido, nossos pensamentos e lembranças mais íntimas receptam uma rede de significados oriundos da coletividade externa a nós. (2012, p. 66-67)

A identidade é consequência também do relacionamento com o outro, sendo transformada na medida em que vai se atualizando⁵⁵, nos quais os sentidos antigos podem ser negociados e novos sentidos podem ser incorporados, fazendo assim do passado algo passível de se viver e conviver na atualidade. Sobre isso, Michel ressalta que

Entre as políticas simbólicas, aquelas que trazem a cena o passado coletivo gozam de um status privilegiado em razão de um fenômeno antropológico massivo: não existe identidade (individual ou coletiva) sem o suporte da história e da memória (individual ou coletiva). (2010, p. 14)

⁵⁵ BERGSON, Henri. *Matéria e Memória*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 158.

O indivíduo é fundamental no processo de suporte memorial coletivo – a pessoa sustenta suas memórias no outro – resultando, assim, nas identidades destes. Bergson nos diz que

Na verdade, não há percepção que não esteja impregnada de lembranças. Aos dados imediatos e presentes de nossos sentidos misturamos milhares de detalhes de nossa experiência passada. Na maioria das vezes, estas lembranças deslocam nossas percepções reais, das quais não retemos então mais que algumas indicações, simples "signos" destinados a nos trazerem à memória antigas imagens. (1999, p. 30)

A prática de benzer exercida pelos entrevistados reflete suas trajetórias de vida, a influência da família, da religião e as visões de mundo numa perspectiva de pacto e compartilhamento destas concepções, vividas e resignificadas ao longo das gerações - seja em sua transmissão ou pela necessidade de aceitação na atualidade. O âmbito familiar é essencial neste processo, pois as memórias deste meio se caracterizam como as mais fortes, consolidadas e por consequência mais fáceis de serem evocadas, compartilhadas e elementos fundantes da identidade destes. Para Candau

A aquisição de uma identidade profissional ou, mais genericamente, de uma identidade vinculada a poderes e saberes não se reduz apenas a memorizar e dominar certas habilidades técnicas: ela se inscreve, na maior parte dos casos, nos corpos mesmos dos indivíduos. (2012, p. 119)

Desta maneira, ser benzedor vai além de um ofício ou prática cultural, mas sim de uma condição de (e para) estar no mundo, dando sentido à sua existência como indivíduo. Manifestada enquanto identidade, expõe nos corpos dos benzedores referências que consolidem a imagem de pessoas serenas, humildes, sensatas e, acima de tudo, religiosas. Maroneze lembra ainda que

A identidade está entrelaçada com alteridade e pertencimento. Um somente existe no olhar do outro. O sujeito se identifica enquanto se relaciona com o outro, do mesmo modo que se identifica enquanto pertence a um grupo. (...) A construção do conhecimento de si está sempre ligada à necessidade de ser reconhecido pelos outros. (2010, p. 103)

A identidade se constituiria na diferença com o outro, num processo de assimilações e escolhas feitas pelo grupo, os quais muitas vezes podem ser diferentes da trajetória e assimilações próprias do indivíduo, de onde surgem negociações para melhor se administrar tais conflitos e diferenças. Em nenhum momento das narrativas os entrevistados expuseram explicitamente aspectos negativos de sua prática, seja de forma individual ou coletiva, pois exaltam apenas a

importância desta missão que carregam em suas vidas, a fim de ajudar e curar aqueles que os procuram. Eles se detêm a narrar apenas os fatos sobrenaturais e de cura que já tiveram – o que acarreta uma difusão na comunidade onde estão inseridos – ajudando na manutenção do seu ofício. Também não criticam outros benzedores de forma direta, pois intuitivamente sabem que seu ofício depende da manutenção de um grupo como todo e que sozinhos são mais vulneráveis e propícios ao esquecimento e às interferências de grupos que possam colocar em risco seu ofício. Os entrevistados pertencem ao grupo dos benzedores que os precederam, pois continua afetivamente ligada à prática destes no presente através de suas ações (orações, rezas, objetos).

Desta forma, podemos indicar que o ofício de benzer é constituído em uma identidade para seus praticantes, que vai negociar com as outras identidades inerentes ao benzedor (pai de família, esposo (a), dona de casa, trabalhador (a)) das quais a narrativa e a legitimação social são fundamentais para a manutenção de suas práticas. Essa aceitação é reforçada tanto pelos casos de cura, contados e recontados permanentemente, tanto pela construção de espaços próprios para o benzimento em que simbologias e técnicas ressignificadas na atualidade são postas em prática perante a comunidade. Ser benzedor é uma escolha, identidade construída permanentemente através de negociações que almejam sua sobrevivência enquanto grupo e através de sua transmissão – item que merece atenção especial – e a qual analisaremos a seguir.

3.1 A transmissão do ofício de benzer em São Miguel das Missões

A oralidade se constitui como uma das principais formas de transmissão do ofício de benzer entre os seus praticantes em São Miguel das Missões (RS). Por ser uma prática cultural não explicitada na historiografia do município, inexistem registros específicos oficiais e pesquisas ampliadas referentes à sua transmissão. Para isso utilizou-se como subsídio principal entrevistas realizadas, transcritas e analisadas com alguns benzedores residentes no município, proporcionando um entendimento maior sobre esse ofício⁵⁶, pois reflete de alguma forma o passado e o

⁵⁶ (...) As características do ofício de benzeção, raramente abordadas nos estudos sobre medicina popular, fazem parte de uma história, de uma cultura e, ao mesmo tempo, de um processo de

presente de seus praticantes, bem como perspectivas para o futuro dos benzedores nessa comunidade. É importante destacar que os benzimentos fazem parte de uma prática cultural baseada na oralidade, e não na escrita propriamente dita. Le Goff lembra disso ao dizer que

(...) A verdade é que a cultura dos homens sem escrita é diferente, mas não absolutamente diversa. O primeiro domínio no qual se cristaliza a memória coletiva dos povos sem escrita é aquele que dá um fundamento – aparentemente histórico – à existência das etnias ou das famílias, isto é, o dos mitos de origem. (2013, p. 392)

Nas sociedades (ou práticas) sem escrita há uma maior liberdade e possibilidade criativa nas narrativas e em seus saberes – podendo esses mudar, se adaptar ou negociar com outras formas e linguagens conforme seus interesses, objetivos e aspirações atuais. A escrita cristalizaria os fatos, tornando-os históricos e, assim, difíceis de serem reinterpretados ou assimilados de outra maneira, senão aquela que está registrada e documentada, daí a falta de interesse por parte de alguns grupos de escreverem sua prática. Le Goff questiona ainda ao interpelar que a

Transmissão de conhecimentos considerados secretos, vontade de manter em boa forma a memória mais criadora que repetitiva; não estarão aqui duas das principais razões da vitalidade da memória coletiva nas sociedades sem escrita? (2013, p.394)

A tradição oral é também uma forma de transmitir certos saberes e conhecimentos apenas para quem se deseja (e destina) esta transmissão, limitando estas informações apenas a um determinado grupo (e não publicitar ao coletivo). Houis caracteriza as diferenças entre oralidade e escrituralidade dizendo que

A oralidade é a propriedade de uma comunicação realizada sobre a base privilegiada de uma percepção auditiva da mensagem. A Escrituralidade é a propriedade de uma comunicação realizada sobre a base privilegiada de uma percepção visual da mensagem. (1980, p.12)

Os grupos sem escrita criam os seus próprios códigos a fim de manter uma comunicação entre seus membros, que pode ser através de desenhos, pinturas, decorações, criação de objetos ou espaços, gestualidades ou a criação de um vocabulário próprio (no caso dos benzedores). Calvet reforça isso ao dizer que

produção de vida. Somente alcançando esse espaço social onde ele ocorre é que podemos perceber as suas diferenciações simbólicas. (OLIVEIRA, 1985, p. 69)

(...) as sociedades de tradição oral dão testemunho de um saber comparável, igualmente elaborado, que não se manifesta, é claro, em tratados de estilística ou de gramática, mas do qual se encontram traços no conjunto de jogos linguísticos propostos (...). (2011, p.16)

Para o autor, tanto as sociedades escritas, quanto as de oralidade igualam-se no quesito comunicação, pois buscaram formas e estratégias de manifestarem suas ideias, práticas e culturas. Passar um saber imaterial (oral) para a escrita, também pode trazer elementos interessantes no aspecto memorial, como ensina Atlan ao afirmar que

A utilização de uma linguagem falada, depois escrita, é de fato uma extensão fundamental das possibilidades de armazenamento de nossa memória que, graças a isso, pode sair dos limites físicos do nosso corpo para se interpor quer nos outros, quer nas bibliotecas. Isso significa que, antes de ser falada ou escrita, existe uma certa linguagem sob a forma de armazenamento de informações na nossa memória. (1972, p. 461)

Nesse aspecto, a passagem de conhecimentos da oralidade para a escrita pode auxiliar como registro e documentação destas informações para a sua salvaguarda–, podendo servir para seus próprios agentes e mantenedores principais. Sobre isso, o trabalho com esse tipo de grupo deve ser realizado de forma ética e que respeite as peculiaridades de suas culturas e memórias. É preciso deixar que falem se (e o que) quiserem falar, respeitando sempre o desejo e o tempo do entrevistado. Há memórias, lembranças ou saberes que o grupo não deseja compartilhar abertamente, seja porque não estão preparados para falar sobre esses fatos, seja pela própria manutenção do status de segredo que estas informações relevantes podem ter para o grupo.

Do contrário, não se trata apenas de utilizar as narrativas dos entrevistados, mas sim de lhes proporcionar um espaço como agentes de construção de sua própria história na sociedade onde estão inseridos, incluindo-os num processo democrático de participação antes não oportunizada por instituições públicas ou pesquisadores. Para Jovchelovitch e Bauer

(...) Através da narrativa, as pessoas lembram o que aconteceu, colocam a experiência em uma sequência, encontram possíveis explicações para isso, e jogam com a cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e social. (2008, p. 91)

Todas as expressões vividas pelo homem, seja de forma individual ou coletiva, são passíveis de serem manifestadas através de narrativas, as quais, em alguns casos, são motivadas pela necessidade de compartilhamento das vivências e

histórias dos mais diversos indivíduos, e que ajudarão a construir as identidades e as práticas culturais imateriais produzidas por estas pessoas. Neste sentido, Meihy (2002, p. 21) afirma ainda que “através dos séculos, o relato oral sempre se constituiu na maior fonte humana de conservação e difusão de saber, o que equivale a dizer sempre ter sido a maior fonte de dados para as ciências em geral”. O termo conservação se coloca de forma equivocada, ao ponto em que a forma como os indivíduos lembrar-se-ão dos acontecimentos poderá mudar com o passar do tempo, não havendo conservação e tampouco se cristalizando eternamente. Porém, a oralidade representa um dos mais importantes veículos de informações, saberes e culturas da humanidade.

O trabalho com fontes orais necessita de técnicas e metodologias como ferramenta de captação destas novas fontes históricas. Dessa forma, os relatos orais captados, transcritos e interpretados servem como registros e fontes de pesquisa em diversas áreas, em especial onde há deficiência de outras fontes que ajudem a pesquisar e registrar histórias e culturas. Montenegro complementa afirmando que na medida em que os depoimentos populares são gravados, transcritos e publicados, torna-se possível conhecer a própria visão que os segmentos populares têm das suas vidas e do mundo ao redor (2001, p. 16). O que será de extrema importância no estudo sobre a transmissão do ofício de benzer em São Miguel das Missões, pois os conhecimentos e informações estão exclusivamente em seus praticantes e em nenhum outro local seria possível conhecer suas principais características, peculiaridades e visões de mundo, pois é no indivíduo que a história oral encontra sua fonte de dados. Para o autor, os registros orais vêm a complementar as demais fontes existentes e que,

A história oral, no trabalho com a população, tem possibilitado o resgate de experiências, visões de mundo, representações passadas e presentes. Nesse sentido, as entrevistas permitem instituir um novo campo documental que, muitas vezes, tem-se perdido com o falecimento dos seus narradores. (2001, p.26)

Em certas comunidades, o trabalho com fontes orais é o único meio disponível para a obtenção de informações sobre determinados assuntos, seja pela falta de outros registros, pela inexistência de outras pesquisas relacionadas ao tema ou pelo fato de ser as pessoas as únicas detentoras das informações necessárias para o entendimento do tema estudado. E, nossa comunidade estudada apresenta

estas características, pois baseiam sua prática na imaterialidade, oralidade e gestualidade, não registrada ou documentada até então. Thompson lembra ainda que

A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. (...) Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. Ajuda os menos privilegiados, e especialmente os idosos, a conquistar dignidade e autoconfiança. (1998, p.44)

Neste sentido, as narrativas produzidas através da oralidade (no trabalho com história oral) possuem uma função social importantíssima no momento em que possibilitam a diferentes atores a oportunidade de se expressarem como agentes de sua história e, através deles, a de uma comunidade inteira – antes desconsiderada no contexto histórico local - valorizando-os e reconhecendo-os como detentores de informações e conhecimentos únicos na localidade onde estão inseridos. As peculiaridades e o cotidiano dos entrevistados são elementos relevantes na pesquisa, sendo a vida destas pessoas, narradas por elas mesmas, o essencial para a compreensão do tema estudado. É comum que os próprios entrevistados desconsiderem suas narrativas por não considerá-las importantes para nada. Isso se deve, principalmente, em práticas culturais e simbólicas, por serem expressões cotidianas e corriqueiras na comunidade, não visualizada como excepcional ou diferente. Em outro aspecto, esse olhar de valorização e de interesse por parte do pesquisador pode causar interferências e impactos no entrevistado ou grupo, pois cria um status de relevância que pode fazer com que a comunidade questione e debata sobre sua cultura e história locais.

Em muitos momentos das narrativas poderão existir incoerências e contradições no narrado pelos entrevistados. Nessa perspectiva Thomson argumenta que

(...) as razões pelas quais as pessoas constroem suas memórias de modo específico e não conseguiam enxergar como o processo de afloramento de lembranças poderia ser a chave para ajudá-los a explorar os significados subjetivos das experiências vividas e a natureza da memória individual e coletiva. (...) Não percebiam que as chamadas distorções da memória, embora talvez representassem um problema, eram também um recurso. (1981, p. 52)

Sendo assim, é justamente nas contradições e peculiaridades, que cada entrevistado atribui a determinado episódio, que consiste a riqueza das formas de transmissão (neste caso, dos benzedores de São Miguel das Missões), que irão demonstrar as trajetórias de vida, as relações sociais e familiares, as vivências, o cotidiano, o imaginário, as memórias, o trabalho e as necessidades vividas por cada um ao longo de suas vidas. Jovchelovitch e Bauer (2008, p. 109) complementam afirmando que “de fato, as próprias narrativas, mesmo quando produzem distorção, são parte de um mundo de fatos; elas são factuais como narrativas e assim devem ser consideradas. Mesmo narrações fantásticas são exemplos disso.” As próprias incoerências e contradições que aparecem em narrativas fazem parte das estratégias criadas por seus agentes na tentativa de construir suas práticas e memórias individuais, e que refletirão no coletivo através de informações e regramentos que serão compartilhados pelo grupo. Desse modo, não cabe ao pesquisador (entrevistador) julgar ou criticar as narrativas do seu entrevistado.

Analisar estas distorções é ler e entender como se constroem as identidades e a legitimidade do ofício do benzedor no âmbito familiar e na comunidade onde estão inseridos. A maneira como o benzedor constrói a sua história e compartilha com os demais, o legitima na função que exerce, sendo passível de mudanças e adequações com o passar do tempo, as quais são necessárias inclusive para a manutenção destas práticas tradicionais e populares, pois dependem exclusivamente de como o benzedor se enxerga perante a sociedade.

Em alguns casos, o universo sobrenatural e fantástico, contradizendo muitas vezes com a ciência, é justamente o elemento que o projeta como benzedor e figura representativa de todo um grupo que compartilha dos mesmos códigos. Justificar como os cientistas, os pesquisadores já o fazem. É a expectativa e a busca por ser diferente (e até mesmo incompreensível perante os demais) que faz com que o benzedor molde sua prática como a faz. A importância do uso da oralidade para o estudo da transmissão dos benzimentos se justifica também, conforme cita Thompson pois

Em alguns campos, a história oral pode resultar não apenas numa mudança de enfoque, mas também na abertura de novas áreas importantes de investigação. (...) O traço mais surpreendente de todos, porém, talvez seja o impacto transformador da história oral sobre a história da família. Sem a evidência oral, o historiador pode, de fato, descobrir muito pouca coisa, quer

sobre os contatos comuns da família com os vizinhos e parentes, quer sobre suas relações internas. (1998, p.27)

Na pesquisa com os benzedores, o trabalho oral proporciona vislumbrar, além das histórias de vida, as representações, o sincretismo, o simbolismo e as peculiaridades atribuídas por eles mesmos à sua prática ao longo do tempo. Assim, Portelli ensina que as

(...) Representações e “fatos” não existem em esferas isoladas. As representações se utilizam de fatos e alegam que são fatos; os fatos são reconhecidos e organizados de acordo com as representações; tanto fatos quanto representações convergem na subjetividade dos seres humanos e são envoltos em sua linguagem. Talvez essa interação seja o campo específico da história oral, que é contabilizada como história com fatos reconstruídos, mas também aprende, em sua prática de trabalho de campo dialógico e na confrontação crítica com a alteridade dos narradores, a entender representações. (1996, p. 111)

Como argumentado por Portelli, o narrado pelos entrevistados proporcionará conhecer e analisar a constituição das representações criadas e recriadas através dos anos, exaltando elementos da subjetividade e imaginário mesclados com a própria história de vida do narrador. Não há certo ou errado, mas sim percepções e visões de mundo que constituem a vida e a memória destes indivíduos, não podendo o entrevistador fazer generalizações e padronizações, pois serão inúteis, tendo em vista que cada narrativa compõem um contexto que se enquadra para aquele indivíduo e não para o coletivo. No caso dos benzedores, o que se pode (e deve analisar) são os pontos em comum que auxiliam no entendimento da prática. Odair lembra ainda que

(...) O narrador em sociedades de base oral costuma adequar sua fala ao contexto da plateia que o ouve, ao contrário da rigidez da escrita que se apresenta de forma unilateral, a evidência oral é testemunho obtida de uma pessoa viva, substanciada na experiência individual. (2003, p. 30)

De certa forma, os benzedores refletem o seu público, sendo um perfil que se aproxima por compartilharem estes códigos de crença e religião, bem como se assemelham em termos de nível escolar e classe social. As narrativas precisam ser compreensíveis para determinado público e, por ser produzida por indivíduos vivos, pode ser modificada conforme interesses ao longo do tempo. Jovchelovitch e Bauer complementam dizendo que:

(...) A história tem de ser plausível para um público, de outra maneira não seria história. Quanto menos o ouvinte conhece, mais detalhes serão dados. O contar histórias está próximo dos acontecimentos. Ele dará conta do

tempo, lugar, motivos, pontos de orientação, planos, estratégias e habilidades. (2008, p. 94)

Com os benzedores entrevistados, os episódios fantásticos e sobrenaturais narrados são perfeitamente plausíveis e reais para eles e para o público que os procura, acarretando uma cadeia de histórias e acontecimentos que permeiam os relacionamentos e o imaginário destas pessoas, reforçando na grande maioria das vezes sua crença nos resultados dos benzimentos: a cura e a proteção – caso contrário, não existiriam pessoas que buscassem os serviços dos benzedores. Da mesma forma, criam vínculos afetivos e de relações através deste compartilhamento, sendo de extrema relevância na manutenção deste ofício para estes indivíduos. Em entrevista concedida em sua residência Alzira de Oliveira Leite relembra como começou a benzer

Eu comecei com a minha mãe, que faleceu com 112 anos, ela que me ensinou. Daí nós ia trabalhar como parteira e benzedeira. Não tinha doutor, era só curandor e remédio de ervas. (...) Ela benzia, dava remédio de ervas e era parteira. E daí ela me ensinou para eu ficar no lugar dela. Eu ajudava ela porque sempre era muita gente pra se benzer e não tinha doutor formado, era só curandor. (2013)

Na fala, a entrevistada deixa transparecer a realidade da região onde está inserida, onde a falta de médico faz com que as pessoas solucionem seus problemas de saúde com os benzedores, curandores e parteiras, aliadas ao uso e indicação de plantas e ervas medicinais para a cura de doenças. Fica claro em sua fala, a necessidade que sua mãe teve de ensinar um de seus filhos (no caso ela) para que continuasse com o ofício e ficasse em seu lugar. Há uma exaltação de suas funções na comunidade, tendo em vista que eram muito procuradas na localidade onde viviam, criando um status de valorização no meio social, o qual a entrevistada faz questão de exaltar. Nota-se que o ofício de benzer não é realizado sozinho, pois há também os ofícios de parteira e mateiro que provavelmente reforça o reconhecimento destas pessoas perante a comunidade. Sobre a transmissão dessas práticas, a entrevistada relata ainda que

A minha bisavó era de família que benzia. Eles iam deixando aquele dom pros outros, mas não eram todos que tinham esse dom pra aprender a benzer. (...) Agente tem uma visão pra saber quem que vai ficar. Eu pelo menos tenho uma neta só pra deixar, os outros não tem esse dom. Ela viu que eu tinha esse dom, me ensinou e eu ajudava ela. (...) Logo eu começo a escrever. Quero deixar tudo escrito pra ela. Vai ficar escrito porque ela é nova ainda daí ela nunca vai esquecer. (2013)

É visível no caso da dona Alzira que o ofício de benzer vem sendo repassado de geração em geração e que isso parte de uma escolha de quem possui o poder dentro da família (geralmente a pessoa mais idosa que mantém o conhecimento da prática) para decidir quem continuará com o ofício, sendo então detentora de um 'dom'. Alzira, diferentemente de outros entrevistados, diz que decidiu ser benzedeira, o que a fez, provavelmente, ser a escolhida para ajudar sua mãe nas tarefas de benzer e assim consequentemente ficar em seu lugar, motivada pela vontade de ajudar ao próximo, fazer o bem e, sendo assim, a única com 'dom' para benzer entre os seus quatro irmãos.

A entrevistada demonstra a preocupação em deixar escrito e registrado as suas técnicas de benzimento e orações para que a sua neta possa ter o suporte da escrita quando ela não estiver mais viva. Não há uma consciência de que a transmissão ocorra de uma forma natural, oral e gestual, o que faz a entrevistada acreditar que se documentar ou registrar seus saberes, terá mais valor e importância do que a prática em si para sua neta, contrariando inclusive a forma como a transmissão foi feita até então em sua família. Alzira pretende deixar como sua sucessora uma neta, de nove anos de idade, que até o momento não iniciou seu aprendizado no ofício. Entre todos os seus dez filhos, justifica a escolha pelo fato da neta ser "muito católica" e que seus filhos não possuiriam "força para ser benzedor". A entrevistada sempre se refere a um 'dom' como sendo necessário para a atuação de um benzedor, mesmo quando afirma (em seu caso) que foi uma escolha sua ser benzedeira e que a sua neta também desejaria seguir com este ofício, o que demonstra dois aspectos que se mesclam e acordam para a constituição do benzedor.

Já, o benzedor Aureliano José Jardim conta que

(...) eu tinha uma vó que faleceu com 115 anos e era a maior benzedeira da região da Coimbra. E daí eu pedi pra ela, me deu uma inspiração por dentro e pedi pra ela que me ensinasse a benzer porque eu queria fazer o bem pro povo, pras pessoas. Ela disse "não posso meu filho", daí eu indaguei "mas porque a senhora não pode" e ela me disse "eu não posso porque isso é um dom que Deus dá pra quem tem que cumprir aqui, e pode que tu não tenha o dom e de nada adianta tu benzer que não resolverá nada". Daí eu fiquei, passou uma semana, eu estava caminhando no meio de umas laranjeiras, olhei as laranjas, de repente olhei uma velhinha parada e me disse "vem cá, eu vou te benzer pra te dar o dom de benzedor", daí ela me benzeu e disse "tu faz o que eu te mandei, não guarda isso que eu te dei, cumpre com o teu dever e não pode cobrar de ninguém porque de graça eu te dei. Se alguém te der uma coisa tu aceita, mas não pode cobrar". Daí eu fiquei com aquela

inspiração enorme dentro de mim e comecei a benzer com oito anos até agora e continuo sempre firme. (2013)

As palavras de Aureliano mostram também o desejo de ser benzedor e o anseio por ajudar ao próximo, provavelmente motivado pelo exemplo de sua avó, que segundo ele, era a maior benzedeira da região onde morava. Chama atenção o fato desta prática, na opinião do entrevistado, não poder ser transmitida e ensinada, e sim de um dom recebido por algo superior (Deus, Santo, Cristo, etc.). Mesmo em sua fala, Aureliano conta que uma ‘senhora’ havia lhe ensinado e dado o “dom”. Quando questionado sobre quem seria essa mulher que lhe apareceu, relata que pensou ser

(...) uma pessoa guiada pelos caminhos de Deus. Coisa ruim não ia me dizer pra benzer, eu acredito que Deus mandou. Nossa senhora têm mostrado coisas pra mim que tenho ficado parado. Por exemplo: o que eu peço, tenho sido atendido. Tudo aquilo que eu peço não é difícil de atender. (2013)

A justificativa parte para um lado espiritual e fantástico, não ficando claro quem realmente seria essa senhora que lhe concedeu (e ensinou) o dom do benzimento. Aureliano desejava ser benzedor, e após a recusa justificada de sua avó em lhe ensinar, legitima sua atuação pelo dom que teria recebido de uma senhora, chamando a atenção o seu anseio e vontade em atuar como benzedor aos oito anos de idade, provavelmente motivado por visualizar sua avó exercendo esta função e querê-la repetir socialmente. Outro aspecto parece ser compreendido nesta narrativa: uma pessoa só se torna benzedor depois de adulto, sendo que só quando chega nesta fase é considerado detentor de sabedoria e condições para exercer o ofício de benzer. O entrevistado mescla em sua narrativa fatos do passado e do presente em uma tentativa de relacionar ambos e justificar sua prática na atualidade. Oliveira aponta ainda que

Geralmente, a descoberta do dom pela benzedeira ocorre paralelamente ao reconhecimento de algum acontecimento forte na sua vida. (...) Mas há outras situações em que ocorre o reconhecimento da existência do seu dom: quando a benzedeira depara com alguma doença incurável; quando ocorre uma revelação, por exemplo, uma visão de que uma santa a protege numa estrada perigosa; ou quando ela ouve uma voz que a orienta no sentido de retribuir, às pessoas, a graça da bênção que recebe dos santos; ou ainda quando, na ausência de outras benzedadeiras, ela precisa aprender o conhecimento do trabalho para poder benzer as crianças que ficavam doentes. (1985, p. 34)

Como a autora nos esclarece, a descoberta do ‘dom’ de benzedor está diretamente ligado a dois aspectos fundamentais: 1º) a um episódio sobrenatural

como uma aparição ou a cura de uma doença incurável e 2º) pela necessidade de solucionar as doenças que acometiam as pessoas na falta de acesso a recursos médicos especializados. Sobre o transmitir os conhecimentos, Aureliano conta ainda que

Tem o meu rapaz que tem 21 anos, eu pressenti que ele tem um dom. Porque eu sou meio vidente assim, eu vejo a pessoa, olho pelos olhos, eu conheço a pessoa pelos olhos. Mas eu gosto, eu me dedico sempre. (...) Eu queria deixar meu filho no meu lugar, mas ele não quer eu acho. (...) Ele me diz “isso não me agrada pai, eu tenho que trabalhar”. Mas ele tem o dom, o outro não. Eu tenho dois filhos e o outro não tem assim esse dom, ele está morando lá em Caxias. (2013)

O entrevistado justifica o desejo de que seu filho seja um benzedor através de um pressentimento que teve, igualmente quando a senhora, em sua aparição, lhe concedeu a missão de benzer, o que demonstra uma repetição semelhante, induzida e justificada pelo sagrado, que indica e ensina quem será ou não benzedor. Fica claro de que se não houver a interferência divina, o benzedor não terá êxito em seu ofício, já que este seria um dom dado por Deus. O entrevistado demonstra, no entanto, preocupação com a falta de interesse do filho em praticar o benzimento e ter a responsabilidade desse ofício, o que se dá (como ele diz) pelo fato de não lhe agradar esta função e por ter que trabalhar, tendo em vista que o benzimento não é rentável financeiramente por ser um ofício realizado em benefício do próximo e não cobrado pelos serviços prestados. Sobre as narrativas Jovchelovitch e Bauer dizem que

(...) As narrativas não estão abertas à comprovação e não podem ser simplesmente julgadas como verdadeiras ou falsas: elas expressam a verdade de um ponto de vista de uma situação específica no tempo e no espaço. (2008, p. 110)

Conforme já foi exposto, não cabe ao pesquisador julgar ou subestimar os fatos narrados pelo entrevistado, pois é desta forma que ele se enxerga e caracteriza sua história de vida, o que legitima inclusive, suas ações no presente. Não há certo ou errado, mas sim o narrado no presente, com suas influências e interesses, o que transforma os entrevistados (e suas respectivas narrativas) em um campo vasto de possibilidades de análise e trabalho. Thomson complementa afirmando que

(...) Construimos nossa identidade através do processo de contar histórias para nós mesmos – como histórias secretas ou fantasias – ou para outras pessoas, no convívio social. (...) Ao narrar uma história, identificamos o que

pensamos que éramos no passado, quem pensamos que somos no presente e o que gostaríamos de ser. (1995, p. 57)

A benzedeira Laídes Dutra da Silva, diferentemente dos outros entrevistados, não possui uma sala ou quarto específico para a prática dos seus benzimentos. Não utiliza altares, santos, imagens e fotografias, provavelmente por ser praticante do espiritismo, os quais não expressam sua religiosidade através destes objetos. Durante a entrevista, narrou que quando começou a benzer

(...) não sabia benzer e eu comecei a benzer pra tormenta por causa da minha mãe, eu saia nas costas dela quando se armava o tempo e ela pegava o machado e eu benzo até hoje, tenho o machadinho certinho ali nos fundos de casa. Um dia eu tava sentada com o meu gurizinho que hoje está com vinte e seis anos, eu sentada com ele no colo e eu tinha uma janela de vidro parecida com aquele que eu tenho ali (*aponta para uma das janelas da casa*), isso lá fora no interior, deve dar uns três quilômetros daqui lá perto dos meus irmãos que moram até hoje lá. E era um sonho assim, eu embalando ele numa cadeira e eu olhei pro céu e o céu era lindo todo azul e aparecia Jesus num quadro branco, ui eu me arrepio só de lembrar! Jesus naquele quadro branco e saía umas estrelinhas também pra mim no meu sonho sabe, e eu tinha o meu guri e ele estava no meu colo, daí eu chamei o meu esposo e disse “vem ver Vilsom o que eu tô vendo no céu, Jesus Cristo”, daí ele veio e não estava mais. Não era pra ele ver, só pra mim e desde aquele dia eu comecei a benzer, benzer pra mordida de bicho, cobra, aranha, quebrante, mau olhado. Isso foi um dom que Jesus me deu e não adianta procurar em outras coisas. A pessoas dizem “mas bah, não dá pra tu me ensinar benzer?” e eu digo “mas eu não sei ensinar porque eu aprendi porque Jesus me ensinou e se não fosse ele eu não saberia nada. (2013)

A ênfase no fantástico e sobrenatural se mistura com as ações reais cotidianas e possuem mais valor do que um aprendizado transmitido. Nota-se, assim como no caso do Sr. Aureliano, que nos depoimentos não aparecem especificamente de que forma ocorre o ensinamento, focam apenas nas ‘aparições’ recebidas e como “num passe de mágica” nasce um benzedor. O fato de somente ela ter visto a imagem de Cristo naquele dia, a legitima mais do que ter visto sua mãe benzer cotidianamente tempestade com um machado e, assim, aprendido os gestos e falas através da repetição desta ação. Segundo Amado, isso se deve, pois,

(...) A dimensão simbólica das entrevistas não lança luz diretamente sobre os fatos, mas permite aos historiadores rastrear as trajetórias inconscientes das lembranças e associações das lembranças; permite, portanto, compreender os diversos significados que indivíduos e grupos sociais conferem às experiências que tem. (1995, p. 135)

A experiência sobrenatural que a entrevistada Laídes teve, a credencia como detentora dos saberes de curar através do benzimento. Essa narrativa é fundamental para a constituição de sua identidade (de benzedeira) na comunidade

onde está inserida, por ser um discurso repetido e transmitido aos demais. Elementos da família, do espaço, das cores e da casa aparecem na narrativa, contextualizando o momento em que a entrevistada inicia sua vocação de curar e ajudar as pessoas. Neste contexto, Meihy (2002, p.51) argumenta que “a história oral se apresenta como forma de captação de experiências de pessoas dispostas a falar sobre aspectos de sua vida. Quanto mais elas os contarem a seu modo, mais eficiente será seu depoimento”.

O benzedor Valter Braga, em entrevista concedida junto ao Ponto de Memória⁵⁷ Missioneira, o qual é idealizador e mantenedor, relata quando começou a benzer:

(...) eu posso dizer que o meu primeiro benzimento eu tinha quatorze anos. Eu desde criança ouvia explicarem e falarem sobre os benzimentos porque era tão normal em rodada de fogo de chão onde contavam os causos de bravuras em torno do sítio que era um lugar de perdição e jogatinas, por exemplo, o meu pai é filho de uma índia guarani casada com um argentino então houve uma miscigenação na cultura religiosa daquele período e que foi se passando de geração e eu me lembro muito bem que o primeiro benzimento que eu fiz foi benzer um animal. Era um gado. Lá fora era tão normal as casas ter arvoredos em roda e não ter parapeito então os gados comiam as frutas como laranja e se afagavam. Um deles se afogou daí meu pai sempre tinha essa devoção, ele era analfabeto e justamente esse benzimento estava escrito e eu sabia ler e ele me forçou, vamos dizer assim, que eu rezasse, eu não queria, mas no fim fui e rezei. Me lembro daquela matriz caída no chão e afogada, estava nos últimos estágios como a gente diz daí eu rezei na forma como dizia ali e ele deu uma encolhida e um bufo e saltou aquela laranja fora e daquele momento em diante eu passei a ter mais fé e acreditar que realmente aquela maneira de buscar Deus tinha validade e mais ainda pros outros que estavam assistindo e daí em diante eu comecei e as pessoas começaram a me procurar e sei lá de certo meu pai e os outros contaram o que aconteceu. (2013)

O entrevistado dá um panorama do meio onde vive e das influências que teve para iniciar a benzer. Assim como os demais entrevistados, o exemplo e estímulo vêm da própria família. É peculiar a noção que Valter possui da miscigenação étnica existente na região Missões ao longo do tempo, o que vai influenciar todas as práticas ali existentes. Diferentemente dos demais, ele inicia sua trajetória benzendo animais, o que reflete a prática pecuária da região e a falta de profissionais veterinários para a cura de animais doentes, indicando que os benzimentos não são

⁵⁷ Idealizado, construído e mantido por Valter Braga, o Ponto de Memória é um espaço que abriga doações feitas pela comunidade de peças e artefatos referentes a diversos períodos da história de São Miguel das Missões. O terreno foi adquirido pelo mesmo em 1993 e a casa construída ao longo dos anos com recursos próprios. Hoje é referência cultural na cidade, sendo reconhecido por IBRAM e IPHAN, os quais dão suporte técnico ao acervo ali existente. Se tornou um dos principais atrativos turísticos de São Miguel das Missões.

direcionados apenas para os seres humanos. O entrevistado deixa claro que foi forçado a benzer pelo pai, motivado pela necessidade de salvar a vida do animal e ser o único alfabetizado para ler o benzimento que estava escrito num pedaço de papel – o qual não relata a procedência. É visível também, a forma como a fama se espalha na comunidade após a cura do animal benzido, o que valida o sujeito como benzedor naquela localidade, fazendo a comunidade o procurar quando necessita. Quando questionado sobre a transmissão dos conhecimentos, Valter conta

(...) o meu tio quando me repassou ele me disse que podia repassar para até três pessoas e me disse que eu seria uma e eu fiquei meio assim porque eu tinha quatorze anos e não tinha muita ciência do que isso representava e não foi uma nem duas vezes que eu cruzava lá porque nós se locomovia a pé no Distrito de Mato Grande ficava a dois quilômetros e meio de distância e eu sempre cruzava na frente da casa dele e ele sempre me convidava pra chegar ali e me dizia que isso dava pra passar no máximo para três pessoas pra não perder a força (...). (2013)

Valter foi estimulado por seu pai quando o forçou a ler o benzimento e curar o animal afogado, mas também houve pressão por parte de seu tio (que era benzedor) para que seguisse nesse caminho, sendo o entrevistado um dos três escolhidos deste último para ser seu sucessor. Essas influências o fazem iniciar no ofício de benzedor e a manter em prática até os dias atuais através do seu ponto de memória.

Através das entrevistas e dos relatos orais, podemos constatar que há semelhanças e diferenças que envolvem a transmissão do ofício de benzedor, o que faz concluir que esta não é uma prática padronizada e cristalizada em suas diversas manifestações. Dois aspectos principais foram percebidos no que se refere à constituição desta prática: 1º) é um conhecimento repassado no meio familiar de geração em geração através de uma escolha de quem detém a hierarquia e saberes da técnica – tais informações podem ser repassadas, inclusive de forma involuntária no âmbito familiar, o que motiva alguém a escolher ser benzedor; 2º) é um dom recebido por uma entidade superior que escolhe aqueles que terão essa missão durante sua vida. Ambas, portanto, deixam claro através dos depoimentos, que partem inicialmente de um desejo da própria pessoa em se tornar benzedor, em seguida legitimada por um episódio sobrenatural ou de cura milagrosa. O único caso que se difere é o do Sr. Valter, que parte de uma imposição e não há um fato sobrenatural que justifique ser benzedor.

O papel da família constitui importante elemento de análise na prática dos benzedores, pois é em seu interior que as relações de influência e de decisão norteiam este ofício. As práticas educativas familiares são, segundo Szymanski (2001),

(...) ações contínuas e habituais, realizadas pelos membros mais velhos da família, nas trocas intersubjetivas, com o sentido de possibilitar a construção e apropriação de saberes, práticas e hábitos sociais pelos mais jovens, trazendo, em seu interior, uma compreensão e uma proposta de ser-no-mundo com o outro" (2001 p. 87)

A idade em que iniciam as práticas demonstra isso, já que todos relataram ter iniciado jovens, sendo oito anos a menor idade registrada⁵⁸. Ademais, começaram a benzer⁵⁹ na família (75%) e tiveram como mentores no processo, principalmente, mães e avós. Sobre isso, vale observar os casos espontâneos de início à atividade, de maneira que frequentemente se autoconsideram como portadores de um “dom”.

A necessidade de solucionar os problemas de saúde, em uma época onde os recursos médicos eram praticamente inexistentes, potencializa o surgimento e o trabalho de profissionais populares que se colocam a serviço da comunidade na tentativa de cura, sendo compartilhadas entre as pessoas daquela localidade, através de boatos e fama de curas feitas aliadas a fé e religiosidade destas pessoas. Chama a atenção o fato de que todos os entrevistados iniciaram sua prática na zona rural. O que também merece destaque é que até mesmo os que dizem receber o dom de uma entidade divina, possuíam em suas famílias membros que eram benzedores, indicando um repasse involuntário entre as gerações, através dos gestos e falas repetidas, visualizadas, apropriadas e praticadas.

A dinâmica dos benzimentos como prática imaterial e simbólica é baseada no conhecimento que seus praticantes possuem do meio onde vivem e das influências em que foram expostos no decorrer de suas vidas. Ela não se refere ao passado, mas sim ao presente, onde a manifestação é ressignificada constantemente e recriada conforme as necessidades atuais de seus praticantes, num diálogo com o espaço e os objetos utilizados durante o ato de benzer. A prática só tem sentido, como todas as expressões imateriais, através de sua transmissão, que resultará em sua continuidade e apropriação pela comunidade onde seus praticantes estão inseridos.

⁵⁸ Questionário aplicado junto aos benzedores, ver anexo nº 02.

⁵⁹ Pergunta 12: “Como começou a benzer?”.

3.2 Perfil das pessoas que procuram os benzedores em São Miguel das Missões

Uma das questões imprescindíveis para conhecer e entender a prática dos benzedores é identificar o perfil de seus praticantes, ou seja, o público que os procura em busca de cura ou proteção. Tais pessoas são fundamentais neste processo, pois refletem a forma que estes se posicionarão perante a sociedade e seus públicos principais. Para essa pesquisa interessa aspectos de idade, sexo, escolaridade, procedência, religião, doenças principais e frequência com que se benzem. Os dados foram coletados através de questionário aplicado junto às pessoas que estiveram nas casas dos benzedores no decorrer dos anos de 2013 e início de 2014, numa amostra total de 90 entrevistados e questionários válidos, os quais foram tabulados e seus dados cruzados para que seja possível a apresentação de um panorama deste público.

Longe de ser uma análise completa e definitiva, os dados coletados através do questionário e transformados em informações apenas indicam e orientam para um possível perfil básico de quem é o público dos benzedores na cidade de São Miguel das Missões. Sabe-se que estes podem mudar de tempos em tempos, podendo haver diferenciações que precisam levar em conta o período analisado. Os dados aqui coletados representam uma amostra no período mencionado acima e refletem as pessoas nas quais se teve contato no decorrer desta pesquisa.

Através das informações coletadas e analisadas, verificou-se que 56% dos entrevistados são mulheres e 44% homens, indicando que esta não é uma prática característica apenas de um gênero, havendo pouca diferença entre homens e mulheres frequentadores destes espaços – quebrando o mito que buscar a cura através dos benzimentos é algo exclusivo de mulheres. Em um universo amplo, pode-se subdividir os resultados conforme a tabela abaixo.

Tabela nº 05: Classificação de Gênero e Cor – Público benzedores

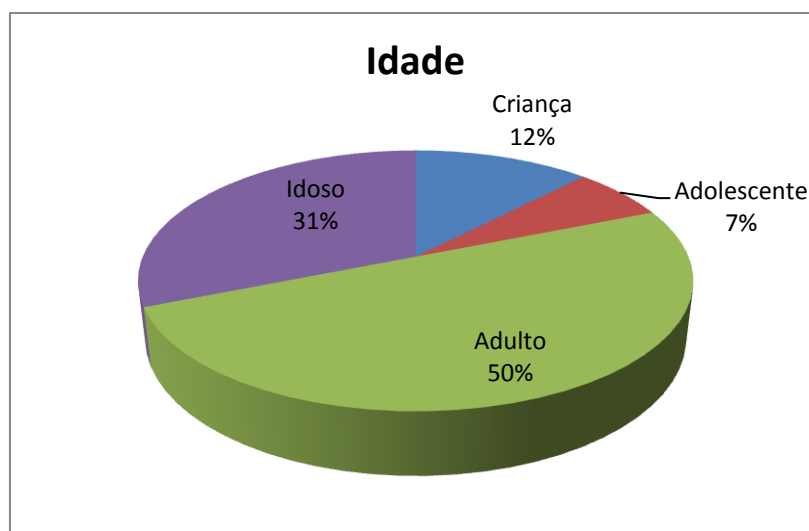
	MULHERES	HOMENS
Indígena	10%	20%
Negro	2%	2%
Pardo	10%	10%

Amarelo	4%	3%
Mulato	0%	10%
Branco	74%	55%

Fonte: Questionário aplicado, 2013-2014.

A maior incidência de público para os benzedores é de pessoas brancas do gênero feminino, seguido de homens também brancos, sendo estas características as predominantes. Mulheres e homens brancos disparam entre os que buscam esta prática de cura e bênção, porém se sobressaem também a etnia indígena que aparece com 10% entre as mulheres e 20% entre os homens. Tais dados chamam atenção pelo fato dos indígenas possuírem suas próprias formas de cura, demonstrando que, apesar dos relatos orais coletados e transcritos até o momento nesta pesquisa (os quais mostram uma cultura forte e fechada em seus aspectos de cura religiosa dentro da aldeia), há indígenas que buscam também a cura fora do sistema tradicional praticado em suas comunidades, indicando um contato entre estas que resultará em uma negociação destas pessoas e grupos. Em se tratando de idade, pode-se verificar o seguinte:

Gráfico nº 03: Idade Público Benzedores



Fonte: Questionário aplicado, 2013-2014.

Os dados evidenciam que adultos (19 a 59 anos) e idosos (acima de 60 anos) são a maioria dentre as pessoas que buscam os benzedores, não sendo esta atividade exclusiva para pessoas idosas (como popularmente imaginado), podendo então indicar que esta é uma prática recorrente em todas as faixas etárias se for

considerado que as crianças e adolescentes são levados pelos pais ou avós para passarem pela prática do benzimento, sendo que dificilmente vão sozinhos ou por vontade própria nestas idades. De forma exemplificada e classificada por gênero, as idades estão dispostas da seguinte forma:

Tabela nº 06: Idade Público dos Benzedores

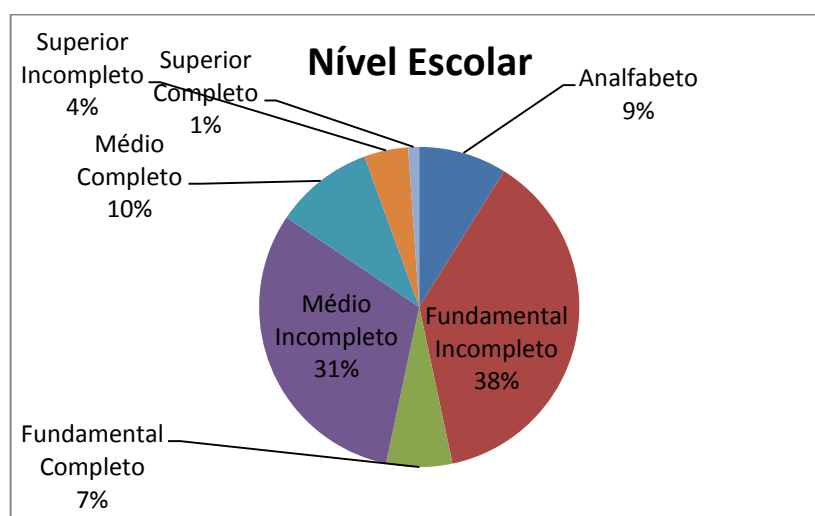
	MULHERES	HOMENS
Criança (0-12 anos)	14%	10%
Adolescente (13-18 anos)	8%	5%
Adulto (19-59 anos)	46%	55%
Idoso (acima de 60 anos)	32%	30%

Fonte: Questionário aplicado, 2013-2014.

Chama atenção o fato da maior incidência nesta classificação idade-gênero ser de homens adultos, que representam 55% neste quesito. Já, quando a classificação se refere às mulheres, 46% são adultas e 36% idosas. Em se tratando de estado civil dos entrevistados, 51% são casados, 35% solteiros, 7% divorciados e apenas 7% viúvos.

Já, no item escolaridade, constatou-se que a maioria possui apenas o ensino fundamental incompleto (38%), conforme mostra o gráfico abaixo:

Gráfico nº 04: Escolaridade

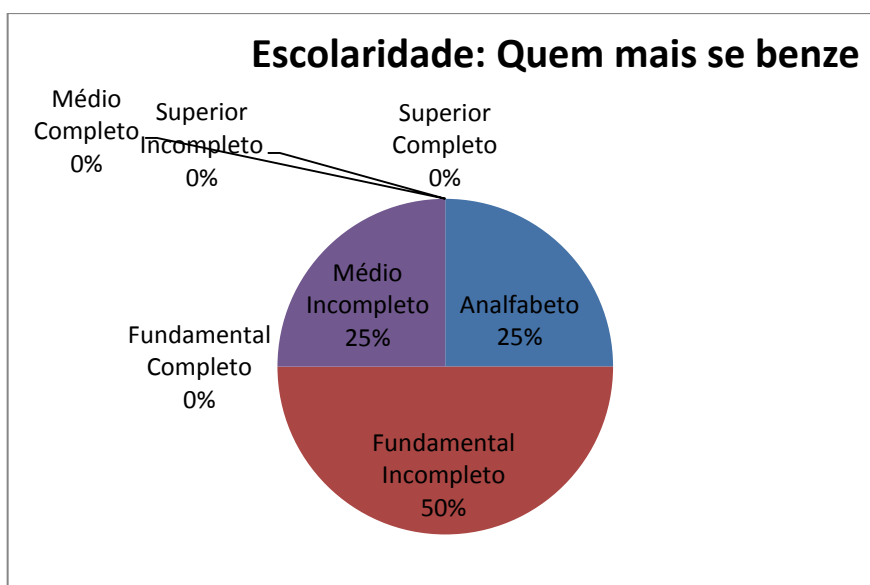


Fonte: Questionário aplicado, 2013-2014.

Neste ranking segue ensino médio incompleto com 31%, ensino médio completo com 10% e analfabeto com 9% dos entrevistados, somando assim 88% do público total entrevistado com uma baixa escolaridade. Apenas 1% possui graduação completo e 4% com o curso de terceiro grau em andamento. Isso evidencia que o público se assemelha muito aos benzedores, refletindo assim as próprias características pessoais e de vida destas pessoas (simples, baixa escolaridade, cor, etc.), o que provavelmente facilita a comunicação e o compartilhamento de códigos e informações entre essas pessoas, caracterizando assim a prática popular deste grupo.

Entre a amostra que mais se benze (ou seja, diariamente), estes índices de escolaridade aumentam, conforme gráfico abaixo:

Gráfico nº 05: Escolaridade entre os que mais se benzem



Fonte: Questionário aplicado, 2013-2014.

Quando analisados apenas o público que se benze com maior frequência (praticamente todos os dias) se constatou que com o ensino fundamental incompleto sobe para 50% e analfabetos para 25% (somando assim 75% neste grupo), onde é possível concluir que quanto maior a frequência do benzimento, menor é a escolaridade de seus praticantes. Já, entre a população que menos se benze (em média uma vez ao ano), estes índices mudam passando para 29% com ensino fundamental incompleto e 29% com ensino médio incompleto. De qualquer forma,

independente da periodicidade com que se benzam, a maioria das pessoas que procuram os benzedores possuem um baixo nível de escolaridade, reforçando que esta é uma prática popular, cotidiana e acessível para este grupo, que atribui significados, valores e esperanças na figura do benzedor.

Outra questão preocupou-se em identificar a ocupação do público benzido. No que se refere a esse assunto, 60% dos entrevistados trabalham e possuem uma vida economicamente ativa, seguido de 30% que é aposentado ou pensionista e apenas 5% estava desempregado no momento da aplicação do questionário, restando 5% para estudantes e pessoas do lar.

Procurou-se saber também, se era a primeira vez que o entrevistado se benzia, o que poderia indicar uma renovação do público interessado no trabalho dos benzedores, sendo o seguinte resultado:

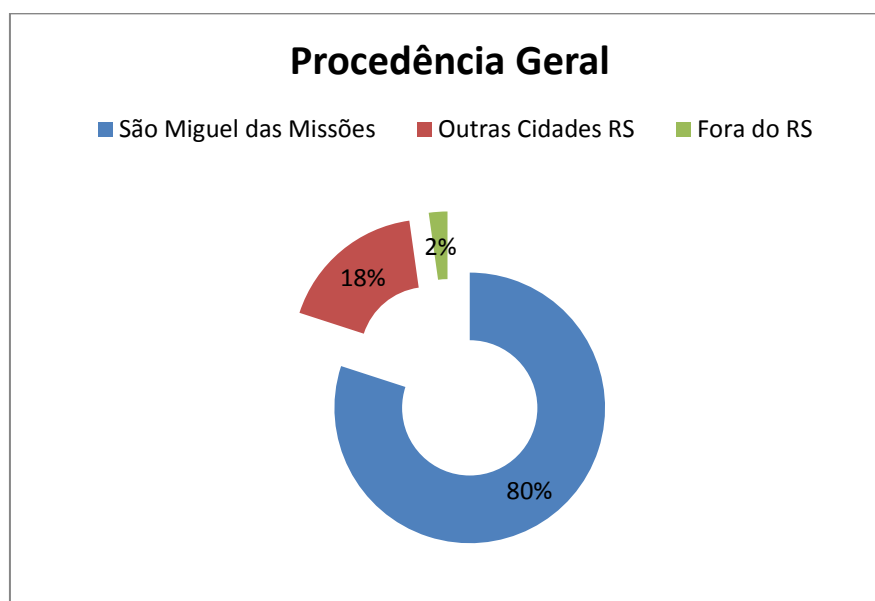
Gráfico nº 06: Primeira vez que se benze



Fonte: Questionário aplicado, 2013-2014.

Dos entrevistados, 93% já haviam se benzido anteriormente e apenas 7% se benziam naquele momento pela primeira vez. Dentre o público que se benze apenas uma vez ao ano – referência nesta pesquisa como a menor frequência, 71% é de outras cidades do Estado do Rio Grande do Sul e apenas 29% de São Miguel das Missões. Isso se deve, provavelmente, pelo trabalho de promoção e divulgação do segmento turístico realizado pelos órgãos governamentais da cidade. De forma geral, a procedência diagnosticada foi a seguinte:

Gráfico nº 07: Procedência



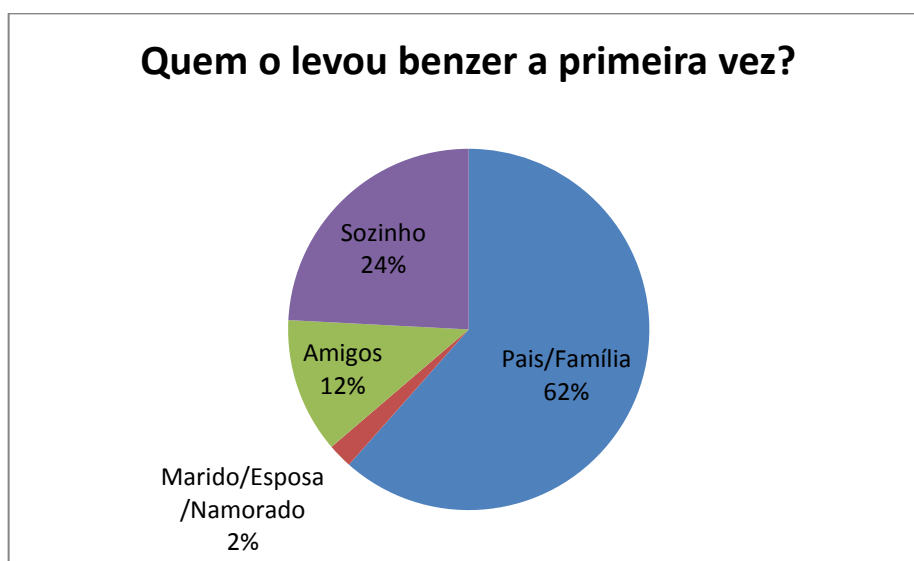
Fonte: Questionário aplicado, 2013-2014.

Esses dados indicam que a maioria (80%) é proveniente da própria cidade de São Miguel das Missões, e que apenas 18% de outras cidades do Estado do Rio Grande do Sul e 2% de outras localidades. Reafirma assim, a ideia de que esta prática é característica do lugar e feita quase que exclusivamente para seus habitantes – apesar de haverem incentivos e ações que busquem transforma-la em atrativo turístico da cidade. Assim como visto anteriormente, a prática é transmitida entre gerações. Para o público que os procuram, esta transmissão parece ocorrer também no momento em que são os próprios parentes do meio familiar que levam e incentivam seus filhos a se benzerem. Canclini, sobre práticas culturais lembra que

As identidades coletivas encontram cada vez menos na cidade e em sua história, distante ou recente, seu palco constitutivo. A informação sobre as peripécias sociais são recebidas em casa, comentadas em família ou com amigos próximos. Quase toda a sociabilidade e a reflexão sobre ela concentra-se em intercâmbios íntimos. (2003, p. 288-289)

Pode-se dizer que é no meio familiar onde essas informações são compartilhadas, estimuladas e refletidas, incentivando as práticas, pensamentos e comportamentos pelo grupo. O ofício do benzedor é feito na comunidade para seus habitantes, pois são neles que nutrem culturalmente as características a serem adotadas e praticadas pelo benzedor. É uma atividade local, caseira e com a identidade do povo que a consome cotidianamente.

Gráfico nº 08: Quem o levou a benzer a primeira vez



Fonte: Questionário aplicado, 2013-2014.

Os que foram levados pelos pais representam 62% dos entrevistados, seguidos de 24% que buscaram o benzimento sozinho em sua primeira vez. Amigos representam 12% e maridos e namorados apenas 2%. Em uma separação por gênero, o incentivo para buscar um benzedor se classifica da seguinte forma:

Tabela nº 07: Quem o levou a benzer a primeira vez

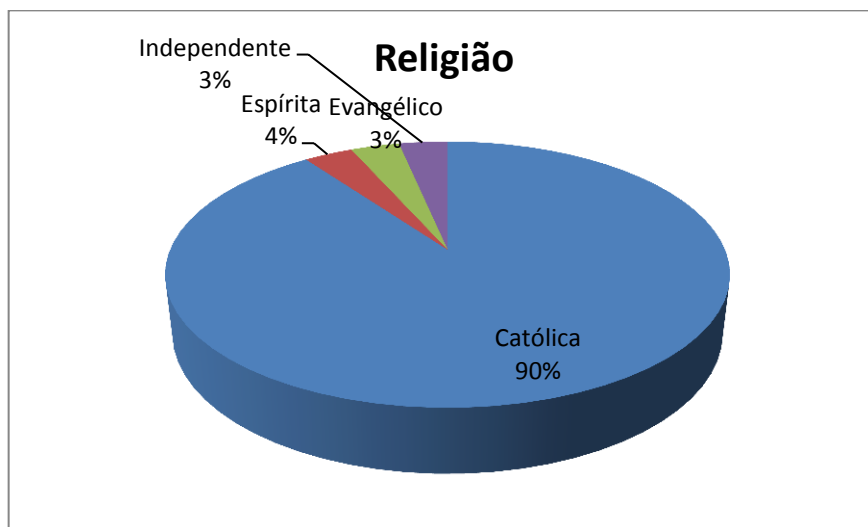
	MULHERES	HOMENS
Pais-família	64%	59%
Marido-Esposa	2%	2%
Amigos	16%	7%
Sozinho	18%	32%

Fonte: Questionário aplicado, 2013-2014.

Estes dados indicam, por exemplo, que os homens iniciam mais sua procura pelos benzedores sozinhos, havendo uma pequena diferença no quesito amigos, onde as mulheres aparecem com um maior número de indicações. É no meio familiar que ocorre o primeiro contato junto aos benzedores e nele que são mantidas as relações de confiança que ligam e incentivam a comunidade a buscá-los e a transmiti-los através das gerações.

Se tratando de religião, a católica predomina como a principal entre os que praticam o benzimento, como expõe o gráfico abaixo:

Gráfico nº 09: Religião Predominante



Fonte: Questionário aplicado, 2013-2014.

Como já era indicada nas entrevistas com os benzedores, a maioria dos que os procuram são praticantes da igreja católica (90%), 4% são espíritas, 3% dizem que a religião independe e que acreditam em um Deus. A surpresa se dá com os 3% que se dizem evangélicos (totalizando 3 pessoas), pois em todas as entrevistas feitas no decorrer da pesquisa não houve nenhum indício de que evangélicos buscassem a prática dos benzedores para cura e proteção – pelo contrário, haviam indícios de repulsa e perseguição sobre seus praticantes. Isso demonstra que no que se refere à fé, cura e proteção há uma diversidade de práticas buscadas que possuem como objetivo principal e individual o bem estar do indivíduo, independente deste ter ou praticar determinada religião. Para Birman essas ações caracterizam uma ruptura e

O indivíduo contemporâneo deteria um poder maior de escolha, portanto, ganharia a liberdade de transgredir dogmas, ultrapassar fronteiras, desobedecer ortodoxias e sobretudo desrespeitar a unidade doutrinária que estas divisórias buscam defender. (2001, p. 61)

A formalidade de pertencer à determinada religião dá lugar, de forma extraoficial, a uma prática paralela e informal a qual objetiva única e exclusivamente beneficiar o indivíduo e não um grupo maior (igreja). A crença em uma religião não necessariamente exclui ou anula a outra – como almejam os líderes destas – fazendo com que as pessoas busquem o que acharem melhor para o seu bem-estar naquele momento. Outra análise possível é que por não ser considerada uma religião, praticar os benzimentos não caracterizaria uma afronta àquela instituição

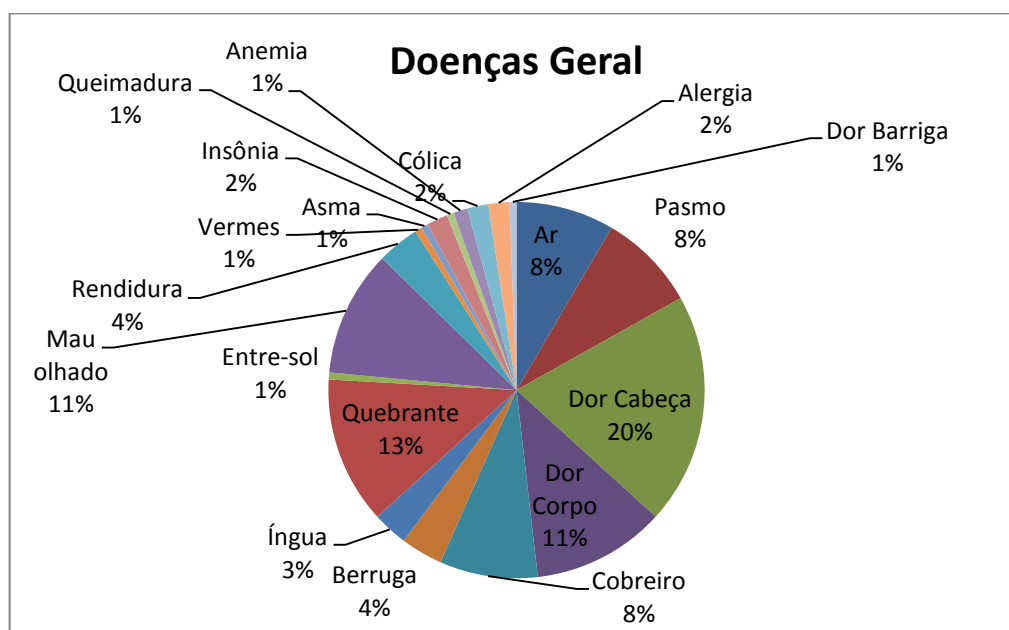
oficial frequentada cotidianamente por estes indivíduos. Pode haver diferenciações de concepções religiosas entre estas instituições e os benzedores, porém estes servem de alternativa nos momentos em que a pessoa necessita de apoio e orientação. Das três pessoas entrevistadas que disseram ser evangélicas, foi possível obter as seguintes informações: 1º) Duas são crianças e uma adulta – provavelmente as crianças foram levadas por alguém da família; 2º) Todas residem na zona urbana de São Miguel das Missões; 3º) Duas são mulheres e um homem; 4º) Os motivos que levaram estas pessoas a se benzerem são (nas palavras dos próprios entrevistados): “para curar os males”, “a fé”, “dores de cabeça e insônia”; 5º) Já, a frequência com que se benzem varia de duas vezes na semana, uma vez na semana e uma vez por mês – demonstrando assim, que estes buscam com periodicidade a residência de um benzedor. Sanchis afirma que

O campo religioso é, cada vez mais, o campo das religiões, pois o homem religioso, na ânsia de compor um universo para si, sem dúvida cheio de sentido, mas de sentido-para-si, subjetivo, tende a não se sujeitar às definições que as instituições lhes propõem dos elementos de sua própria experiência. (2001, p. 36)

No caso de São Miguel das Missões, a igreja católica permaneceu praticamente ausente por muitos anos, estando em atividade definitiva e constante nesta comunidade há 34 anos. Esta situação, sem dúvida, proporcionou um campo de atuação significativo para a atuação dos benzedores, que serviam de referência religiosa para boa parte da comunidade. Outro aspecto interessante que pode ser questionado é: as igrejas que se apresentaram institucionalizadas perante a comunidade Miguelina supriam as necessidades espirituais desta população? Por ser um ofício desenvolvido semelhantemente às características e linguagens da comunidade, vinda ‘de baixo’ e não ‘de cima’ e institucionalizada pode ter favorecido uma melhor identificação social à figura do benzedor, mais acessível e com menos pressão e normativas do que as igrejas formais.

Já, as doenças que motivam a busca pelos benzedores, conforme os entrevistados são:

Gráfico nº 10: Doenças mais frequentes



Fonte: Questionário aplicado, 2013-2014.

Em suma, são doenças simples e que nem necessitariam de um médio especialista para o seu tratamento. Dor de cabeça é a mais recorrente com 20%, seguida de quebrante com 13%, dor no corpo e mau olhado com 11% cada. Aparecem também problemas como cobreiro, queimaduras, cólica, dor de barriga, rendidura e até vermes. Doenças físicas se mesclam com doenças espirituais e subjetivas como o mau olhado e quebrante – não consideradas doenças pela medicina oficial.

Refletem normalmente, problemas simples que requerem cuidados e tratamentos acessíveis e domésticos. Na atenção disponibilizada pelo benzedor – muitas vezes maior do que aquela dada pelos profissionais da saúde em hospitais ou consultórios que em muitos casos sequer olham nos olhos do paciente ou perguntam o seu nome - há diálogos sobre os mais diversos assuntos, aconselhamentos através da sabedoria e experiência destas pessoas que atraem a comunidade para estes espaços, criando vínculos fortes entre seus praticantes, legitimando os benzedores como figuras importantes na comunidade.

De forma resumida, os resultados mostram e indicam que o perfil das pessoas que buscam o benzimento em São Miguel das Missões possuem as seguintes características:

1. Brancas;
2. Católicas;
3. Da própria cidade de São Miguel das Missões;
4. Incentivadas pelos pais ou avós;
5. Possuem o ensino fundamental incompleto;
6. Adultas (19 a 59 anos);
7. Doenças diversas e simples – dor de cabeça, dor no corpo, etc.

Estas são as principais características diagnosticadas até o presente momento, referente ao público atendido pelos benzedores no decorrer desta pesquisa. Através das informações obtidas pode-se traçar este perfil, fundamental para a manutenção e transmissão do ofício de benzer. Tão importante quanto os benzedores, são as pessoas que os procuram, pois são elas que os legitimam e os credita a responsabilidade social da cura através da fé, atribuída de distintas formas que variam de praticante para praticante, sendo assim, representantes de uma fé popular que caracteriza os hábitos e relações desta comunidade.

A relação que se desenvolverá entre benzedor e as religiões institucionalizadas são importantes, pois delas nascerão estratégias e elementos que nortearão o trabalho realizado pelos benzedores junto a seu público, conforme será analisado a seguir.

3.3 Conflitos: medicina oficial e religiões

A prática dos benzimentos reflete vários aspectos de uma sociedade, em especial daquelas pessoas que a detém simbolicamente, perpassando pela necessidade de cura física, espiritual ou simplesmente proteção e benção, demonstrando características da cultura, religiosidade, saberes e imaginário daqueles que benzem e também das pessoas que os procuram. Seu objetivo fundamental está na obtenção de cura, porém em na história, o diálogo entre práticas não científicas de medicina e profissionais formados na área sempre causou

embates e conflitos, exaltando as diferenças, forças e potencialidades de cada agente. Para Boltanski a primeira diferença que separa a medicina das classes populares é o vocabulário

É em primeiro lugar uma barreira linguística que separa o médico do doente das classes populares, pois a utilização pelo médico de um vocabulário especializado redobra a distância linguística, devido ao mesmo tempo a diferenças lexicológicas e sintáticas, que separam a língua das classes cultas das classes populares. (1989, p. 44)

Dessa forma, o benzedor utilizaria uma forma mais fácil e compreensível para explicar e justificar as doenças àqueles que o procuram, explicando inclusive através de suas representações a solução para tais problemas, havendo assim uma proximidade muito maior das classes populares com este tipo de prática, a qual se assemelha a seu público, diferentemente do médico que possui um perfil (e vocabulário) distinto dos seus pacientes.

Valorizada e respeitada por muitos, desconsiderada e desqualificada por outros, a história mostra que os conflitos nesse campo sempre foram intensos. Medicina ‘oficial’, caracterizada pelos profissionais que possuíam diploma superior na área passou a competir espaço com pessoas que, até então, eram as únicas responsáveis pela cura da população: barbeiros, sangradores, curandores, parteiras, benzedores, mateiros, etc. – figuras importantes e representativas em uma sociedade carente de estrutura médica e de pessoas qualificadas para o tratamento de doenças complexas. Weber lembra que

Nos vestígios que chegaram até nós, percebemos que os envolvidos nessas práticas não estavam apenas reagindo aos procedimentos impostos pela Medicina científica. Muitas delas eram construções dos grupos sociais com os elementos aos quais tinham acesso, segundo as crenças e rituais tradicionalmente conhecidos por eles. (1999, p. 179)

Para o autor, estas práticas de cura seriam resultado de construções e negociações culturais e simbólicas destes grupos, refletindo o meio onde viviam, os materiais dos quais tinham acesso e a religião (ou expressões religiosas) por eles praticada. Todos esses itens seriam determinantes para justificar e entender estas formas de cura e a resistência por um método de tratamento ‘oficial’ – o qual teve início no Brasil nos últimos dois séculos com a introdução dos primeiros cursos de medicina. Alves reforça e complementa esta ideia afirmando que

É explicável a indignação frente a esta “exploração da credulidade popular”. Fenômenos culturais, entretanto, não crescem no vazio. Eles são tentativas

de interpretar e resolver problemas concretamente vividos. Por detrás da opção popular pela “cura divina” se encontra o desespero quanto à cura humana: a inacessibilidade dos agentes de saúde, o alto custo dos serviços médicos e dos medicamentos, as barreiras burocráticas que se interpõem entre o doente e a cura. (ALVES *apud* VALLE; QUEIRÓZ, 1984 p.116)

Na carência e inacessibilidade de recursos na área da saúde, resta às comunidades carentes e sem condições de bancar esses serviços apelar e utilizar os elementos mais disponíveis em seu cotidiano. Misturam-se assim aspectos reais e religiosos na tentativa de compreender e solucionar os problemas que se apresentavam perante estes grupos. Sendo os benzimentos uma manifestação explicitada no município de São Miguel das Missões, surge a necessidade de uma análise e reflexão sobre os possíveis conflitos junto aos profissionais da medicina oficial na atualidade. Para isso, utilizaram-se relatos orais coletados através de entrevistas realizadas com ambas as partes, o que proporcionou um panorama mais qualificado sobre os aspectos que limitam e aproximam esses atores sociais, suas fronteiras de negociação e resistências.

No Brasil, o desenvolvimento da medicina foi gradual ao longo de sua história, sendo escassos os que possuíam cursos superiores na área, o que abria possibilidades de surgimento de várias profissões alternativas que tinham como objetivo suprir esta demanda – em especial para as classes populares e menos favorecidas economicamente. A coroa portuguesa barrou ao máximo a constituição de universidades em suas colônias justamente para manter uma dependência tecnológica com a sede, atrasando o desenvolvimento destes cursos e a formação de profissionais da área médica em território brasileiro. Para Weber

Nesse período, 1806, havia apenas 16 médicos e cirurgiões inscritos em toda a região da província (*Rio Grande do Sul*). O atendimento, em caso de doença, era realizado por esses poucos médicos nas residências dos pacientes. A maior parte da população não tinha nenhum local ou forma de assistência terapêutica oficializada. Assim, a legislação estabelecia que eram “permitidos curandeiros” nos lugares que não dispusessem de outros “cultores da arte de curar”, cuja presença era vista como uma espécie de complemento ou alternativa à presença dos clínicos diplomados. (1999, p. 182)

Por haverem poucos médicos, nem toda população tinha acesso a estes por questões financeiras, se tornando um serviço elitizado. Para suprir a demanda da falta de profissionais emergem os mais diversos tipos de profissões e sujeitos que se colocavam à serviço da comunidade para sanar seus problemas de saúde. Neste sentido, Pimenta afirma que:

Assim, os curandeiros continuavam a ser considerados o recurso de que dispunham os pobres. Eram pessoas de camadas subalternas que tratavam de miseráveis, os quais não teriam mesmo condições de pagar a visita de médicos diplomados. (PIMENTA *apud* CHALHOUB, p. 321, 2003)

O serviço prestado por essas pessoas servia de alento e conforto para as classes economicamente menos favorecidas, sendo muitas vezes o único recurso disponível para tentarem solucionar seus males de saúde. Com a vinda da família real portuguesa ao Brasil no ano de 1808, foi necessário modernizar e estruturar minimamente a colônia – que passaria a ser sede do governo e da coroa – surgindo aos poucos os primeiros cursos superiores de medicina no território brasileiro. Entretanto, a escolha de atuação desses profissionais era nas capitais e grandes centros – o que deixava o interior e as pequenas cidades desassistidas. Leite lembra ainda que

(...) com a criação da Faculdade de Medicina do Rio e a de Salvador em 1832 e a imigração de doutores estrangeiros para o Brasil, desencadeou-se nas suas grandes cidades um processo de expansão da oferta de médicos. Esses, de um modo geral, foram se comportando cada vez mais com intolerância em relação à prestação de serviços terapêuticos por leigos, à medida que o seu campo de conhecimento foi se institucionalizando. (LEITE *apud* EUGÊNIO, 2012, p. 202)

Com o desenvolvimento de universidades (e seus respectivos cursos na área médica) a reação contra os curandeiros foi imediata, motivada pelo anseio dos médicos graduados em criar um monopólio da medicina, gerando estratégias de retaliação, banimento e desqualificação de qualquer prática diferente daquela difundida pela academia como correto e científico. Passaram a cobrar dos órgãos públicos uma legislação que fiscalizasse e coibisse os ‘charlatões’ através de uma junta específica para este fim, conforme conta Leite

Essa solicitação foi mais uma das que estavam sendo feitas como forma de cobrar do Estado um órgão fiscalizador do exercício da medicina, o qual as atendeu criando em 1850, a Junta de Higiene Pública (posteriormente, em 1851, rebatizada e regulamentada como Junta Central de Higiene Pública) para cumprir essa e outras funções. Não obstante, até a adoção de leis no final do século 19 que tornaram crime tal exercício sem a devida habilitação, muitas pessoas sem formação acadêmica continuaram prestando serviços relacionados a esse campo de conhecimento, sobretudo no vasto interior do país onde a fiscalização dificilmente conseguia chegar. (LEITE *apud* EUGÊNIO, 2012, p. 204)

As práticas de cura que não fossem realizadas por profissionais graduados eram consideradas crimes, o que resultou na clandestinidade das pessoas que as utilizavam tradicionalmente, tendo em vista que a grande maioria não as abandonaria facilmente – pois já faziam parte de seu cotidiano e de sua cultura.

Holzer critica as mudanças e a desvalorização dos saberes populares no que tange a busca pela cura, dizendo que:

A abordagem do curador parece um pouco estranha ao homem ocidental, que sofreu uma lavagem cerebral com a abordagem tecnológica da cura e a aceitação muito limitada por parte da medicina ortodoxa de tudo que não pode ser produzido, dissecado, ou reconstruído em experiências de laboratório. (1987, p. 17)

Para o autor, as formas alternativas de cura dariam às pessoas um cuidado e atenção além do físico, onde o ser humano é compreendido em sua totalidade corpo-alma, esquecidas e não consideradas em sua amplitude na medicina oficial. Para estes profissionais, o que não pudesse ser justificado, compreendido, dissecado e produzido em laboratório não representaria a ciência e sua verdade. Provavelmente pelo fato destas formas alternativas espirituais não poderem ser explicadas e compreendidas, o caminho mais fácil era desqualificá-las e colocá-las num status e condição de marginalidade e clandestinidade. Tais práticas valorizam as relações e os saberes tradicionais milenares, repassados e reproduzidos ao longo das gerações, que apesar de todo o combate contra, jamais deixou de existir nas mais diversas localidades.

Cabe ressaltar também, que a pressão desenvolvida pela mídia (especialmente por jornais) foi fundamental no processo de repressão aos curadores, conforme relata Weber

(...) O jornal *A Noite* empreendia uma verdadeira campanha contra eles, havendo caso de pelo menos um processo aberto devido a denúncia do jornal. A *Gazeta do Comercio* fazia, sistematicamente, campanha contra a “imperícia” desses profissionais, denunciando parteiras, cartomantes, benzedores, curandeiros, etc. Porém, os jornais não expressavam, necessariamente, as preocupações da população, que, afinal, procurava essas práticas – caso contrário, as denúncias não seriam tão frequentes. É importante que interpretemos essas denúncias e críticas como a opinião de intelectuais ou de setores ligados aos próprios médicos formados. Expressavam um grupo social que tinha maiores possibilidades de acesso ao saber formal e tinham uma visão sobre a “civilização”, estado ideal que devia ser atingido e do qual curandeiros não faziam parte. Aliás, consideravam que a população que se utilizava dos seus serviços devia ser educada e regenerada por intermédio da denúncia para evitar que outros seguissem o mesmo caminho. (1999, p. 194)

Weber alerta para o objetivo destas perseguições pela imprensa, que representavam as elites e seu discurso carregado de interesses sociais e econômicos, não considerando os motivos pelos quais as pessoas buscavam estes profissionais - os quais eram mais acessíveis que os médicos – e que na realidade,

não os deixariam de procurar, apesar de todas as campanhas contra realizadas, pois já faziam parte da vida e cotidiano das camadas sociais menos favorecidas. Ambas não poderiam coexistir, havendo espaço apenas para uma ser a correta, digna e eficaz. Ainda neste sentido Sampaio afirma que

(...) Em oposição a esta figura hostil, ia sendo construída a identidade do médico, portador da ciência. Assim, os médicos usavam o título de charlatão para assinalar em todos os seus 'outros' uma mesma visão negativa. (...) Para caracterizar o charlatão, um recurso era bastante utilizado: narravam-se casos de erro (...). Assim, curandeiros, espíritos, sangradores, parteiras, ervateiros, farmacêuticos que produziam remédios e não revelavam suas fórmulas, enfim, qualquer diferente era igualmente um perverso charlatão, que agia sempre de má fé, enganando as pessoas para enriquecer. (2001, p. 53)

O discurso introduzido e reproduzido pelos médicos, focando aspectos negativos e desqualificados referentes aos curandores, tinha como objetivo amedrontar a população para possíveis erros cometidos por estes, na busca pela autonomia e monopólio da cura, constituindo assim a identidade da classe médica no Brasil. Obviamente que erros eram cometidos tanto por curandores quanto por médicos graduados, porém, sem a ampla divulgação e perseguição dos meios de comunicação.

Em entrevista junto aos benzedores de São Miguel das Missões, surgem algumas narrativas interessantes, que de forma subliminar e indireta dão referências de como se dá a relação entre benzedor e médico. Alzira de Oliveira Leite quando questionada sobre curas em seus atendimentos conta que

(...) Tem um senhor, o nome dele é Valdomiro, lá da Colônia Vitória, estava no hospital acamado e o doutor apartou ele dizendo que estava com meningite e tinha uma vala na cabeça dele. A esposa dele veio aqui e eu curei ele em 2 dias. Meningite não é qualquer um que cura, só benzedor mesmo, doutor não cura. (2013)

A entrevistada, em uma narrativa que busca legitimação e aceitação social, conta que há doenças que cabe apenas aos benzedores curarem. Assim como os médicos buscam de narrativas compartilhadas para se legitimarem (ou desqualificarem o outro), a prática dos benzimentos necessita desses casos de cura contados e recontados, transmitidos socialmente para serem aceitos e até mesmo procurados pela comunidade em momentos de precisão. Alzira narra ainda que

As ervas plantadas desde a origem do mundo são remédio. Não existe uma árvore que não seja remédio pra uma coisa ou outra. Todas as árvores que

dão fruto são remédio. Eu indico e ensino, tenho muitas aqui na horta e quando pedem eu dou. Pode ser pra dor, pra massagem. (2013)

O uso de plantas e ervas medicinais é comum entre os benzedores, que além de benzerem, indicam e até mesmo fornecem as plantas e ervas para a comunidade, que as utiliza – o que pode contrariar interesses de farmácias e laboratórios farmacêuticos, os quais mantêm o monopólio desta área. Compartilham também mudas destas plantas, que serão cultivadas e utilizadas quando preciso, mantendo vivo assim este hábito na comunidade. Em entrevista, a benzedeira Laídes Dutra diz que

Esses dias eu não andava comendo e minha cunhada disse pra ir no médico fazer uns exames de sangue e não sei mais lá o que, porque podia ser tireóide e tal. Vocês acham que eu tenho medo de tirar sangue? Não tenho. Há dezoito anos eu fiz os mesmos exames de hoje e não tinha nada, nem tireóide, colesterol, glicose e essas coisas. Não gosto nem de falar em médico porque até me ataco dos nervo quando vejo um médico. (2013)

Obviamente a entrevistada, por ser benzedeira, busca solucionar seus problemas de saúde através de formas alternativas, deixando o recurso médico em última opção. Faz questão de exaltar que possui uma ótima saúde – justificando isso em sua narrativa pelo fato de ter feito os mesmos exames há 18 anos e não ter problemas com sua saúde. Por não ser habituada a ir ao médico, sente medo e repulsa, como se este representasse uma situação ruim. Isso se deve, provavelmente, pelo fato de tradicionalmente estas pessoas procurarem um serviço médico especializado apenas em momentos graves, cabendo aos pequenos problemas métodos simples e alternativos como ervas, chás e benzimentos. Narra ainda, um episódio de uma mulher que a procura

Ontem mesmo teve uma mulher aqui dona de loja e me disse “ah guria eu não aguento mais, mandei arrumar um dente e me dói” e eu disse “a tua fé que tá pouca, eu vou te benzer e tu vai sair daqui boa” e eu benzi a mulher e ela já saiu boa, e tinha ainda que viajar pro Paraguai hoje e saiu na porta dizendo que estava boa do dente. E meta antibiótico só pra estragar o sangue, coitada, só faltava Jesus no costado dela. Eu benzi em nome de Jesus, tudo o que eu faço é em nome dele. (2013)

Laídes fala em nome da mulher que a procura para curar uma dor de dente, que segundo ela é motivada pela falta de fé em Jesus. O benzimento seria a solução: e assim acontece (segundo ela), após o benzimento ela já não sente mais dores, estando assim com seu problema resolvido. Alzira representaria um canal de fé junto a Jesus, colocando-o na vida das pessoas. Para a entrevistada, o uso de antibióticos serve apenas para ‘estragar o sangue’ onde a fé é capaz de salvar e

curar tudo. Deixa claro a sua intransigência aos remédios industrializados. Conta também que:

(...) Agora que eu fiz meus exames o doutor se apavorou como é que eu tinha um sangue bem forte e me perguntou o que eu comia, eu disse “doutor, a minha comida é leite, feijão, arroz, ovo, salada eu como muito pouco, fruta, sardinha e pão”. Eu não gosto muito de carne, se eu faço um carreteiro eu engulo o arroz e deixo a carne, hoje eu fiz carne de galinha e não comi. Não sou carnífera, eu gosto de comer feijão, arroz, mandioca, ovo, leite, essas são minhas comidas preferidas. Prova é que meu sangue estava limpinho. Eu disse pro doutor “que quero saber que sangue eu tenho”, ele disse “mas com um sangue forte desse não precisa nem ficar sabendo que sangue é, eu nunca vi sangue igual a esse teu, se metade do povo de São Miguel tivesse esse teu sangue aí eu desistia de ser doutor”. (2013)

Mesmo a entrevistada demonstrando certo medo e resistência em ir a um médico, em sua narrativa cita uma consulta realizada bem como bateria de exames feitos, o que demonstra uma espécie de negociação entre saber popular e medicina oficial. O mesmo deve ocorrer com a população em geral (ou parte dela), que mesmo procurando um médico não deixa de ir a um benzedor (e vice-versa) ou tomar um chá de ervas por eles receitado, a fim de ‘garantir’ a cura.

O médico entrevistado, Evandro Varaschini Dalla Roza⁶⁰, quando questionado sobre se já havia tido contato com os benzedores, narra que

São meus pacientes, consultam comigo como qualquer outro paciente, mantenho bom relacionamento, não tenho nenhum tipo de preconceito com eles e eles comigo, São geralmente idosos com patologias de base como hipertensão e alguma outra doença cardiovascular e usam medicamentos como qualquer outro paciente e também fazem exames quando solicitado. São pessoas que agem com muito respeito com o médico, que valorizam o trabalho do médico. (2013)

Sua resposta vem ao encontro do exposto anteriormente e, segundo ele, os benzedores o procuram como qualquer outro paciente, necessitando igualmente de seus cuidados médicos, bem como no uso de medicamentos. O entrevistado exalta o respeito que os benzedores teriam com ele e sua profissão, em uma tentativa de apaziguar e exaltar essa relação. Perguntado sobre como a medicina visualiza a prática de cura realizada por estas pessoas, o entrevistado diz que

Com descrédito, quem conhece a ciência, a fisiologia e a fisiopatologia do corpo humano tem dificuldades em acreditar em coisas empíricas. (...) Aqui os benzedores respeitam muito a conduta medica, e não há conflitos. (...) São Miguel ficou com a fama por causa do encontro dos benzedores, mas é

⁶⁰ 43 anos de idade. Médico formado desde 1995 pela Universidade Católica de Pelotas (Pelotas-RS). Reside em São Miguel das Missões desde 1997.

pouco acreditada por aqui. Nos dias de hoje não se houve falar que alguém veio de outro município para se benzer. No passado acredito ter sido mais acreditada. Percebo que as pessoas que benzem tem poucos pacientes nem todos os dias. Soube de uma paciente recente que tem câncer de mama avançado que se benzeu esta semana, mas veio consultar dizendo que não adiantou nada. (2013)

Já neste ponto, o entrevistado se mostra enfático ao desacreditar os resultados da prática do benzimento como uma forma de cura efetiva. Em sua opinião, todas as atenções dadas aos seus praticantes decorre da fama adquirida ao longo do tempo, porém hoje estaria desacreditada. Relata também, o caso de uma paciente que disse ter se benzido e de nada adiantou em sua cura contra o câncer. Esse caso contado (igualmente aos benzedores) serve de estratégia para reforçar uma ideia na tentativa de criar um status ou opinião sobre determinado assunto – sendo de extrema importância em cada um dos entrevistados para legitimar cada um o seu ponto de vista. O benzedor utiliza de casos e histórias de cura para se afirmar e legitimar como tal, ao contrário do médico que também as utiliza para afirmar que as mesmas não funcionam, desacreditando-as. Ao mesmo tempo em que o médico ameniza as relações com os benzedores, desqualifica-os enquanto seres dotados de um dom (ou conhecimentos) para a cura – provavelmente por serem de áreas e visões de mundo completamente diferentes (cultura popular x medicina-ciência). As realidades culturais destes entrevistados são muito distintas, não havendo, provavelmente, um contato assíduo entre as partes, sendo que a opinião dada por cada um é relativa às visões e estereótipos construídos de um para o outro, e devem ser compreendidas como elementos fundamentais nas percepções narradas por eles.

De forma subliminar, há um conflito entre medicina e benzedores, onde se disputam noções em áreas distintas, cultura e ciência, onde conforme interesses de legitimação há negociações entre as partes, que através de suas narrativas buscam seu espaço e sua verdade perante o grupo que pertencem. No meio disso tudo fica a população, que conforme seus objetivos, crenças e necessidade escolhe o que lhe convém no momento. Esse conflito não se dá por dinheiro, mas sim por status e referência, sendo impossível que ambos se entendam completamente por se tratar de linguagens e percepções distintas de cura.

Um mesmo território, duas práticas de cura distintas coexistindo simultaneamente. Em tempos de globalização, onde tudo se pasteuriza e padroniza,

a existência da diversidade apenas enriquece as relações sociais. O conflito existente e as disputas por legitimação fará com que os benzedores continuem (assim como fazem desde sempre) se reinventando e adaptando aos desafios, a fim de continuarem existindo e levando seu ofício aos que acreditam.

3.4 Relação Benzedores, Igreja Católica e Evangélica

O campo de conflitos que permeia o cotidiano dos benzedores é amplo e pode ser analisado sob vários aspectos que envolvem diversos agentes, como a igreja católica e as igrejas evangélicas que atuam na cidade. Torna-se instigante a análise destas relações a fim de entender de que forma seus praticantes se relacionam com essas instituições religiosas formalizadas em São Miguel das Missões e suas estratégias de resistência para manutenção e expansão da prática de benzer. Igualmente à medicina, há uma relação (mais forte e acentuada) de competição e de interesses entre benzedores, padre e pastores – provavelmente pelos benzimentos estarem mais ligados à fé do que a cura propriamente dita - os quais buscam legitimar, manter e expandir suas atuações neste território. Enquanto na área médica a disputa se refere à cura propriamente dita, no campo religioso a competição se dá pela espiritualidade e subjetividade onde cada um pretende se tornar o único representante responsável pelas graças de Deus alcançadas pelos homens e mulheres que nele acreditam, seguem e praticam.

Quando perguntados sobre seu relacionamento com a igreja católica, os benzedores expuseram detalhes desta relação, como nos conta Alzira de Oliveira Leite em um dos trechos de sua entrevista

A igreja católica só que ajuda nós, os outros não gostam de santos, não gosta que se benzam. Veio mais igrejas, de outros tipos e uns que acreditam mais nela deixaram e abandonaram o benzimento. Deixaram de ser benzedor para irem pra igreja evangélica. Eu acho que cada qual é cada qual, se eles acham melhor ir pra outra igreja e deixar de ajudar as pessoas e ir pra uma igreja que não ajuda ai eles que sabem, se estão decididos tem que ir. (...) Eu não desfaço a religião deles, são meus colegas, só que não são mais benzedores. Mas o colega fiel mesmo que eu tenho aqui em São Miguel é o compadre Aureliano e a Laidinha. As igrejas tem preconceito porque elas acham que nós não podia ter essa fé que nós temos. Eles não acreditam em santos e nós acreditamos. Eles dizem que aquelas que tem lá nas ruínas são restos de madeira, que não falam, que madeira é morta e não faz milagre. Mas Deus deixou, foi Deus que nos deu e temos que seguir nosso lado e nosso caminho. Eu nunca vou deixar de ser católica. (2013)

Para a entrevistada, a única igreja que os ajudam é a católica, demonstrando preocupação com a conversão de muitos benzedores para a igreja evangélica⁶¹. Para ela, essas pessoas que abandonaram a prática de benzer escolheram por não mais ajudar as pessoas que precisam, pois a igreja dos evangélicos não proporcionaria a ajuda que eles (benzedores) fornecem àqueles que necessitam – numa clara expressão de legitimação de sua prática em detrimento de outra, mesmo afirmando que não ‘desfaz’ da religião dos outros. Afirma que esses ‘outros’ possuem preconceito, pois acham que os benzedores não poderiam ter a fé que possuem, indicando que teriam mais poder do que eles (o que acarretaria certa inveja). Chama atenção que, para a entrevistada, os evangélicos não acreditam em santos, que seriam apenas madeira morta sem força ou poder algum, remetendo ao acervo existente no Museu das Missões⁶², que é composto pela estatuária desenvolvida pelos padres jesuítas e índios guarani no período das reduções, expostas hoje pelo museu, servindo de elementos constituintes da memória e história da religiosidade local. Alzira justifica tudo isso afirmando que

O padre ajuda nós. Ele batiza os santinhos que nós temos. Meu santuário é batizado e seguida ele vem visitar nós, nós vamos na igreja, ele reza por nós, os benzedores. As outras igrejas não aceitam porque nós temos santos e eles dizem que isso não é coisa de Deus, que Deus não deixou, que não tem valor. Só que Deus deixou do princípio do mundo, aqueles que estão lá nas ruínas, se terminando, foi Deus quem deixou, foi do princípio do mundo. É só por causa disso que eles deixaram de ser benzedor, porque não acreditam mais, e nós não podemos desfazer deles porque cada um segue seu caminho, eu não sou contra eles por causa disso, só que os evangélicos não acreditam em nós, nem gostam de vir na casa da gente porque tem os santos. Aqui em São Miguel tem 2 igrejas católicas só, a daqui do bairro e a matriz e as evangélicas deve ter umas 10 ou 12 e eles acreditam muito na igreja deles. Eu não digo que é ruim porque senão eu vou ser contra, eu não sou contra igreja, eles é que são contra nós. Com nós eles não tem fé. Cada um vive sua parte. Só que se benzer e remédio de ervas eles não tem, só fazem oração. Eles desfazem muito de nós, os pastores e a igreja dos outros lados que são, porque aqui tem bastante igreja do outro lado e que não acreditam em nós. Mas aqui na nossa cidade temos muita gente, a maioria, que acredita em nós. (2013)

Alzira frequenta a igreja católica, assim como outros benzedores, o que representa uma ambiguidade de sua prática religiosa, pois ao mesmo tempo em que segue e pratica o catolicismo, possui a sua própria manifestação religiosa e de cura,

⁶¹ Segundo a Prefeitura de São Miguel das Missões, existem nesta cidade as seguintes igrejas evangélicas: Igreja Crista Apostólica o Resgatador, Igreja Evangélica Quadrangular, Igreja, Evangélica Assembleia de Deus, Igreja Evangélica de Confissão Luterana, Igreja Evangélica Pentecostal Visão de Deus, Igreja Evangélica Pentecostal, Igreja Luterana, Igreja Pentecostal Deus e Amor.

⁶² Localizado dentro do Sítio Arqueológico da Redução de São Miguel Arcanjo. Administrado Governo Federal através do IBRAM – Instituto Brasileiro de Museus.

mesclando inclusive seus elementos, orações e imagens numa linguagem e expressão mais popular e alternativa, podendo ser mais acessível ao seu cotidiano e necessidades. Expressões que se fundem e manifestam conforme os interesses e necessidades de quem a utiliza, sendo que uma prática não inviabiliza a outra, pelo contrário, a benzedeira ‘bebe’ da fonte do catolicismo institucionalizado e o ressignifica à sua maneira.

A entrevistada ressalta a quantidade de igrejas evangélicas que teriam se instalado na cidade nos últimos anos, para as quais muitos dos benzedores teriam se convertido e deixado de benzer e utilizar remédios de ervas. Tal quantidade de igrejas caracteriza, de forma implícita, uma ameaça para o ofício de benzer, pois seus praticantes (a maioria) não acreditam nos efeitos e resultados de cura e proteção através dos benzimentos, bem como as desqualificam como pessoas com fé, deixando-os à margem das religiões institucionalizadas. Para contrapor isso, a entrevistada garante que a ‘maioria’ das pessoas que residem na cidade acreditam em sua prática, reforçando uma legitimação na comunidade.

Já, o benzedor Aureliano José Jardim relata ainda que

(...) O padre veio aqui duas vezes e abençoou, botou água benta por tudo e me disse “aqui eu reconheço um santuário pequeno que tu fez”. Eu disse pra ele “padre, eu sou católico e quero saber se estou no caminho certo” e ele me respondeu que eu estou sim no caminho certo porque eu rezo as orações de Deus e que eu estou fazendo tudo de acordo com os mandamentos de Deus e me deu rosário abençoado que eu coloquei no carro. Faz uns cinco meses ele me chamou e pediu pra eu rezar pelo pai dele e eu benzi, passou uns quinze dias ele veio e me disse que o pai dele já estava bom e caminhando. O padre é muito meu amigo, toda vez que ele me vê diz que eu estou no caminho e que estou cumprindo com a minha missão, ele me deu até uma cruzinha pra colocar aqui. Eu sou católico, não acuso nem desdenho ninguém, apenas cumpro meu papel. (2013)

Aureliano manifesta através de sua fala uma preocupação e necessidade de aprovação do padre em seu ofício de benzer, como se precisasse disso para fortalecer e validar sua prática, bem como evitar conflitos com a instituição católica, sendo o padre uma figura importante neste processo no momento em que este visita a residência do benzedor e lhe concede o aval para exercer seus trabalhos. Apesar disso, conta que o próprio padre teria pedido suas orações para seu pai que estaria enfermo, querendo indicar que este acredita na força de suas bênçãos em prol dos doentes. Manifesta uma amizade com o padre, onde o mesmo abençoa sua sala e

lhe dá um terço de presente em sinal afirmativo de que está no caminho certo e que atua em nome de Deus.

A narrativa da benzedeira Nelcinda (2013) vem ao encontro dos demais entrevistados onde afirma que o padre “(...) acha muito bom e incentiva muito a gente a benzer. Esse nosso padre que vem aí diz que é uma coisa muito boa e que isso é um dom de Deus para a pessoa e que é para continuar”. Para ela, há um incentivo por parte do padre na sua prática enquanto benzedeira, e que para ele, este ato seria um ‘dom’ dado por Deus e que assim deve continuar. Esse incentivo também aparece na narrativa da benzedeira Noema, que conta: (...) Eu digo pro padre que eu só tô fazendo minha devoção que eu tenho e ele diz “claro”. Ele acha que é bom sabe porque eu não estou benzendo pro mau, tô fazendo umas explicação como eles deveriam ter umas irmãs ali quando dá umas desavença na família e eles não têm nada disso e se eles vêm pedir pra mim eu digo umas coisas boa, se quer aceitar aceite se não não. Eu dou conselho. (2013)

Noema deixa transparecer um dos aspectos dos benzedores: ouvir e aconselhar. A sabedoria e a experiência da pessoa idosa se torna referência na hora de orientar decisões em momentos difíceis. Pode haver fatos que são embaraçosos para as pessoas relatarem ao padre pelo fato deste estar numa situação superior e institucionalizada, fazendo com que a comunidade (ou grupo) credite esta confiança ao benzedor, pelo fato deste se posicionar em condição de igualdade e mais próxima do público, criando uma relação de confiança, cumplicidade e reciprocidade entre as partes.

Os entrevistados demonstram em suas falas uma necessidade de aprovação e apoio institucional do padre para o exercício de seu ofício de benzer. A orientação dada pelo benzedor a quem o procura é semelhante ao realizado por padres e pastores. Quando questionado sobre a relação que possui com os benzedores, o padre titular da paróquia de São Miguel, Inácio Fengler⁶³, conta que:

(...) isto que vou falar é uma opinião minha e não a opinião da Igreja. Pode ser que tenha algumas ideias da igreja que não sejam favoráveis a isso mas no meu ponto de vista, e eu olho a partir daquele momento em que os apóstolos vieram de uma evangelização e falaram a Jesus e disseram que eles haviam encontrado pessoas que estavam pregando em nome de Jesus e aí os apóstolos haviam proibido eles de tal prática e Jesus então os corrige e diz “deixai eles também trabalhar, quem não é contra nós é a nosso favor”, e então tendo isso como ponto eu julgo também que esses benzedores que eles também estão ajudando as pessoas para que eles possam ter mais vida, possam ter mais saúde. Então como padre como eu

⁶³ 48 anos. Natural de Mato Queimado-RS. Se ordenou padre em 1995. Mora em São Miguel há 11 anos.

vou querer agora ir contra esta prática sendo que isto aqui em São Miguel das Missões é muito comum Juliani, porque nós estamos aqui agora com (pensa), deixa eu ver, foi em oitenta, vai pra trinta e quatro anos de paróquia que tem aqui e antes então os padres vinham de Santo Ângelo para atender toda essa região aqui de São Miguel que é muito extensa essa área aqui, muito extensa. Então esporadicamente os padres vinham pra cá e as pessoas aqui da comunidade elas necessitavam também de um auxílio espiritual né, de uma ajuda no sentido de ter a presença do divino na vida deles, do sagrado, e daí o próprio povo foi delegando e foi autorizando para certas pessoas para fazerem isso em nome da evangelização e de Deus dá pra dizer assim né, já que como igreja ela estava bem ausente e então as pessoas acolhiam a esses benzedores e isso continua muito presente hoje ainda, existem muitos benzedores aqui que fazem isso de uma forma tão espontânea, tão natural né e não foram eles que quisessem que isso fosse acontecer mas tipo que foram escolhidos pelo povo e o povo que dá essa credibilidade a eles e as pessoas buscam a eles nos benzedores e as benzedoras buscam então esse auxílio divino por meio da bênção e de modo especial quando estão enfermas, doentes e então recorrem a eles e agente sabe né Juliani que existem doenças físicas e doenças psíquicas e então esse benzimento para as doenças psíquicas, não físicas, a bênção ajuda enormemente né tanto que cura a pessoa. (2014)

O padre faz questão de deixar claro que sua entrevista reflete a sua opinião pessoal e não a da igreja católica em si. Justifica que não é contra os benzedores, pois estes estão falando em nome de Deus e transmitindo sua palavra a diversas pessoas, citando para isso um trecho bíblico onde Jesus corrige alguns de seus apóstolos que reprimem pessoas que estariam pregando em seu nome, alertando-os que estes estariam do seu lado. Para Inácio, os benzedores auxiliam as pessoas a terem mais vida, paz e saúde, justificando que esta legitimação foi dada a eles pelo fato de durante muito tempo não haver uma atuação efetiva da igreja católica em São Miguel das Missões, dando margem para pessoas assumirem um papel de representantes espirituais junto à comunidade. Ressalta que a paróquia foi efetivada a apenas trinta e quatro anos e que antes disso um padre do município de Santo Ângelo ia de tempos em tempos até São Miguel das Missões para um trabalho religioso nas comunidades, mas que isso pode ser considerado pouco, abrindo caminho para o trabalho dos benzedores, que supriam essa demanda religiosa na cidade. Afirma ainda que

(...) Então é uma prática que existe aqui já há muito tempo e eu procurei assim me tornar próximo deles para ver como isso ocorria e porque isso está acontecendo aqui e eu percebi que eles fazem isso com uma responsabilidade muito grande e eles também fazem isso com uma grande devoção e com um enorme sentimento de fé naquilo que eles fazem e agente nota e percebe que eles fazem quase que em nome da igreja, fazem isso com (pensa), como é que vou te dizer, mesmo que não autorizado pela igreja mas eles tem esse sentimento, esse amor pela igreja sabe e por isso então essa comunhão com eles né, se já trabalham em nome da igreja e fazem isso quase que em nome da igreja e por isso que quase a grande parte dos que eu conheço são católicos e participam da igreja,

frequentadores assim sabe. Me parece que eles buscam também na celebração da eucaristia esta força espiritual para eles poderem desenvolver bem o trabalho deles e então porque não deixa-los fazer esse trabalho da bênção né, da cura e do bem para as pessoas né. (2014)

O padre procurou se aproximar e conhecer um pouco da prática dos benzedores a fim de saber a forma como estes atuavam, como uma espécie de monitoramento e controle das atividades por eles desenvolvidas. Ressalta que a grande maioria (dos que conhece) são católicos e praticantes assíduos da igreja, e que se utilizam desta para buscar força e fé através da eucaristia, para assim reproduzi-la em seus trabalhos de benzedor. Reforça que

(...) Aqui nós nunca tivemos problemas nenhum assim, não houve conflito, muito pelo contrário, houve muito diálogo com eles e trocas de experiências também e isso é muito importante, eu também aprendi com eles e eles vão aprendendo com a gente sabe tanto que muitos destes eu já visitei e conheço no caso o estabelecimento deles né, o santuário, onde eles ministram as bênçãos. (2014)

Para o entrevistado, há um aprendizado mútuo entre ele (padre) e os benzedores, através de diálogo e troca de experiências. Conta que já foi visitar o 'estabelecimento' (santuário) onde realizam as bênçãos – conforme já demonstrado pelas narrativas dos próprios benzedores entrevistados. Essa relação indica uma negociação entre as partes, onde os benzedores vivem aparentemente em harmonia com a igreja, instituição que consideram indiretamente fundamental para sua prática. Quando questionado sobre esses espaços, o padre Inácio diz que achou

Muito legal, como é que vou lhe dizer, realmente ali está presente muito da religiosidade popular então, ainda são resquícios da ausência da igreja então se cria esses espaços sagrados na comunidade onde as pessoas podem buscar essas bênçãos. Evidente que hoje nós já estamos com trinta e quatro anos de paróquia e de igreja mas isso no inconsciente da pessoa, na cultura dela isso está muito forte, esta muito presente e vivo ainda, então as pessoas buscam as bênçãos e depois também vem buscar a bênção também na igreja. (2014)

Para o padre, a prática dos benzedores é justificada pela ausência da igreja, dando a entender que se esta existisse de forma mais atuante na cidade, essa religiosidade popular seria menor. Cita que, mesmo estando institucionalizado a trinta e quatro anos na cidade, o hábito de benzer ainda está muito presente e forte nas pessoas nos dias atuais, sendo resquícios deste período onde a igreja se fazia quase inexistente no território miguelino. Como todo hábito cultural vivo em um grupo, leva tempo para mudar – apesar de todas as influências que sofre diariamente – talvez aí o sentimento de ameaça que os benzedores sentem em

relação às igrejas evangélicas. Quando questionado sobre se haveria diferença entre a bênção feita por um padre e por um benzedor, Inácio diz que

Eu creio que uma é institucionalizada e oficializada e a outra não. Mas bênção quer dizer bendizer e então em minha opinião se for padre, bispo ou papa ou se for um leigo e se ali houver realmente fé eu creio que não há diferença em termos de bênção, agora a força da bênção está na fé e então hoje muitas pessoas acreditam na bênção do padre, vamos dizer, porque eles tem fé e sabem que é uma coisa séria né e assim por diante, mas, bênção é bênção, se for feito com respeito e devoção é bênção. (2014)

Segundo o entrevistado, não haveria distinção entre a bênção de um padre para um benzedor, pois ambas objetivam abençoar e bendizer a pessoa (ou objeto), ficando seu 'resultado' a critério da força, fé e responsabilidade de quem o pratica. Quando perguntado sobre a forma que pretende se relacionar com os benzedores no futuro, o entrevistado diz que será

(...) normal como a gente está fazendo, trabalhando junto com eles, fazendo com que eles possam desenvolver esse trabalho espiritual com responsabilidade, com fé e fazer com que eu peço que eles indiquem também para que as pessoas possam participar também da comunidade católica, participar das celebrações porque a bênção né Juliani é uma parte da nossa vida cristã, mas como igreja católica nós também temos os sacramentos que nos ajudam também e dentro destes sacramentos nós temos a eucaristia que é muito forte na espiritualidade né que nos dá forças, que nos alimenta espiritualmente, então a gente vai orientando eles que eles possam fazer com que as pessoas participem e se envolvam na comunidade cristã, então é um trabalho de parceria onde um ajuda o outro e é por aí.

O entrevistado deixa transparecer que sua função também é fazer com que os benzedores atuem de forma responsável e que estes funcionariam como uma ferramenta da evangelização e captação de novos fiéis para a igreja católica, chamando a comunidade para participar da vida cristã local, o que demonstra um suporte recíproco destes agentes, pois o benzedor solicita apoio do padre – que o legitima como tal – e em troca difunde o cristianismo e serve de instrumento de fé (não oficial e institucionalizado) da igreja. Ambos se amparam e ajudam onde possuem o mesmo objetivo: expandir suas práticas, conquistando espaço e fiéis na comunidade. Entretanto, em sua narrativa, o padre faz um alerta, dizendo que

(...) tenho essa ideia de que é um trabalho válido, acho que é um trabalho bom e que ajuda as pessoas a cultivarem sua espiritualidade e também com isso buscarem a saúde então cuidar, a gente precisa ter o cuidado pra não se viciar nisso, cuidar para não tornar uma dependência nisso eu acho porque senão daqui a pouco toda a vida da pessoa depende então da bênção, do benzedor ou da benzedora. Então precisa ter esse cuidado e o outro ponto: a bênção não substitui a missa, ela não substitui. É preciso ter

esse cuidado, que busque a bênção, mas que participe também da comunidade, da eucaristia e dos outros demais sacramentos. (2014)

Por um lado o entrevistado reconhece a atuação dos benzedores, contextualizando-os no município e por outro, alerta para que as pessoas não se ‘viciem’ no benzimento, que tomem este cuidado, tendo em vista que esta prática não substitui a missa e a eucaristia proporcionada pela igreja (representada consequentemente por ele). Demonstra assim, a busca por uma hierarquia e legitimação religiosa, onde a igreja, através de seu representante institucionalizado, está acima da prática dos benzedores, a qual é realizada de forma artesanal, não padronizada e à margem das demais práticas organizadas e praticadas formalmente.

Em entrevista com o pastor Jauri Nunes⁶⁴ se pode coletar algumas opiniões e visões em relação à prática dos benzimentos na cidade de São Miguel das Missões. Quando perguntado de que forma se dá essa relação, ele responde:

Olha Juliani, para te ser mais preciso, eu pessoalmente, tenho com essas pessoas que exercitam a prática dos benzimentos uma amizade muito sadia. Graças a Deus eu tenho com eles uma amizade muito sadia, com praticamente oitenta por cento dos benzedores que tem aqui em São Miguel e interior do município porque a bíblia sagrada diz que Deus deixou ao homem livre arbítrio, isto é, eu tenho uma opção de escolha, você tem outra, todo cidadão tem o direito de ir e vir, todo cidadão tem o direito de trilhar o caminho que ele acha melhor para ele.

(...) Porque a pessoa pratica a fé. Eu exercito a minha fé exclusivamente na pessoa de Jesus Cristo que a bíblia sagrada fala, prego Jesus Cristo, falo dele e não tenho dúvidas de que as pessoas que praticam o benzimento também, porque o benzimento é evocado em nome de Deus e não de outra coisa e eu sei disso e sinceramente eu não tenho nada contra eles, pelo contrário, se eles estão praticando a prática do benzimento eles estão fazendo algo que vem a beneficiar alguém. (2014)

Jauri afirma que não possui nada contra as pessoas que praticam o benzimento e que todos possuem o livre arbítrio para escolher o que for melhor para suas vidas, tendo inclusive uma amizade sadia com a maioria dos benzedores da cidade, independente da religião que estes tenham. Igualmente ao padre Inácio, o pastor Jauri acredita que essas pessoas estão fazendo o bem em nome de Deus, não havendo motivo para ele ser contra seus praticantes. Questionado se a prática do benzimento competiria com a sua função de pastor, o entrevistado diz que

⁶⁴ 47 anos. Casado há sete anos com Débora Maciel dos Anjos. Natural de São Miguel das Missões-RS. Pastor há 3 anos. Popularmente conhecido como pastor JNunes.

Jauri: Não. Somos muito procurados pelo povo e isso é uma atividade que eu exerço com frequência e te afirmo que é diariamente e não vou nomear ninguém, mas pessoas que praticam o benzimento, essas pessoas Juliani, eles são meus amigos, essas pessoas me procuram e pedem auxílio, me pedem oração e vão na minha igreja com frequência e eu oro por eles.

Juliani: Os benzedores?

Jauri: A maioria, não todos, mas a maioria. Começa pela nossa amizade, na confiança que eles têm na minha pessoa como pastor, como homem de Deus, que intercede a Deus em favor deles e te afirmo também que as vezes que eles nos procuraram foram na minha casa me pedir auxílio ou visitaram a igreja que eu sou pastor eles foram beneficiados por Deus porque a gente intercedeu a Deus por eles, a palavra mais correta a gente orou a Deus e eles foram abençoados por Deus entendeu? (2014)

Segundo o pastor, muitos benzedores o procuram em sua igreja, buscando bênçãos e orações, cabendo a ele como pastor interceder a Deus por essas pessoas. Tal afirmativa dada por Jauri tende a legitimar a sua função de pastor em detrimento do ofício do benzedor, já que estes o procurariam em busca de apoio, necessitando dele como um suporte espiritual nos momentos de precisão – não bastando para isso serem benzedores – sendo ele, como pastor, o agente de ligação entre Deus e suas glórias – assim como foi percebido com todos os outros entrevistados, onde cada um busca exaltar a sua área de atuação ou religião como a melhor. Indagado se na sua igreja há benzedores praticantes, o entrevistado diz que

Não, não. Te afirmo que não. Eles são simpatizantes do evangelho e por outro lado divido essa sua pergunta: eles vão, frequentam, mas não são atuantes entendeu? Simplesmente eles exercem a sua fé, 'vou lá na igreja do pastor Jnunes e lá serei abençoado por Deus' e isso acontece. (2014)

Para ele, os benzedores seriam simpatizantes do evangelho, frequentando a igreja, mas não atuando de forma assídua, permanente e oficial. Iriam nela apenas para obter bênçãos através da figura do pastor. Quando questionado se os fiéis de sua igreja procurariam os benzedores em busca de cura ou bênção, responde incisivamente que:

Não. Claro que não. Não porque o evangélico ele já optou por esse caminho então ele não pratica mais essa religiosidade de visitar o benzedor porque agora ele focalizou a sua fé unicamente em Jesus Cristo de que a bíblia sagrada fala e vou mais além da sua pergunta pela bíblia te respondendo o seguinte: a palavra diz assim, que não se pode servir a dois senhores, dois caminhos, ou é um ou é outro. É o caminho do evangelho ou do benzedor e eu te digo mais, tu poderia nem me fazer essa pergunta, mas eu vou te confessar uma coisa: “eu vim de lá”, eu fui um participante assíduo dos benzedores, sou fã deles porque me beneficiei muito na minha juventude e na minha infância com os benzedores então eu volto a te dizer que jamais teria eu algo contra eles, pelo contrário, eu tenho uma missão de anunciar a toda a humanidade que Jesus Cristo ama a todos independente de religião, de credo religioso, de posição social, de raça, enfim, isento de tudo

isso eu tenho essa missão. Se eu não me aproximar do benzedor, se eu não me aproximar do espírita, de tudo que é seita religiosa, dessas mais forte que existe – pra eu não usar outra palavra – eu não tenho condições de fazer com que ele descubra que Deus é um só e que Deus ama a eles como ama a mim, porque a bíblia sagrada no evangelho de João diz assim: que Deus amou o mundo, e falando do mundo ele fala de toda a esfera humana então Deus ama o mundo de tal maneira que entregou seu filho único para todo aquele que nele crê não pereça mas tenha a vida eterna. (2014)

O pastor afirma que os evangélicos de sua igreja não frequentam benzedores porque já optaram pelo caminho de Jesus, o único segundo a bíblia, sendo que os fiéis devem optar, apenas, por um ‘senhor’, não havendo a possibilidade de conciliar as duas práticas. Para legitimar essa ideia, o entrevistado de uma forma surpreendente conta que “veio do outro lado e que foi um participante assíduo dos benzedores”, tendo inclusive se beneficiado muito quando era criança e que isso o impede na atualidade de falar algo contra eles (benzedores). Entretanto, possui a missão de espalhar e difundir a palavra de Jesus para todos, e que deve se aproximar de todo o tipo de “seita” (inclusive as mais fortes, segundo ele) para pregar o evangelho – numa clara tentativa de convertê-los para sua igreja e para que conheçam o verdadeiro Deus. Questionado de que forma teria sido beneficiado pelos benzedores quando criança, Jauri conta o seguinte:

Quando muitas vezes doente, meus pais eram de muita fé nos benzedores e então não é que eu me conduzisse a eles, mas sim os meus pais me conduziam e isso foi por longo tempo e fomos muito beneficiados, os benzedores nos auxiliaram muito, inclusive em várias áreas na nossa vida, não só na saúde mas como financeiramente e em outras áreas também. A gente foi beneficiado então a gente não vai jogar pedra em algo que um dia nos beneficiou entendeu? (2014)

Relata que quando doente, seus pais – os quais eram muito fiéis nos benzedores – o levavam em busca de cura. Cita que isso não era por sua vontade, mas sim por condução de seus pais – deixando a entender que algum benzedor os auxiliavam inclusive financeiramente. Volta a afirmar que, por isso não ‘jogaria pedra’ neles nos dias atuais. É interessante ressaltar que o pastor Jauri é nascido em São Miguel das Missões, o que justifica também este grande contato que teve com alguns benzedores ao longo de sua infância, o que mostra que esta prática está presente na comunidade há algumas gerações. Quando questionado se haveriam diferenças entre o benzimento realizado pelos benzedores e a bênção feita por ele enquanto pastor, responde que:

Totalmente diferente. Com toda franqueza, é simples. É como se você olhando para mim, estamos aqui conversando, você pedisse ‘pastor, eu preciso de uma bênção e o senhor precisa me ajudar’ e eu simplesmente orava em seu favor e você já estava beneficiada. Orar é falar com Deus e não há outro ângulo para chegar lá a não ser falar com Deus e pra mim te abençoar eu invocaria o nome de Jesus Cristo e diria ‘Senhor abençoa a Juliani’ porque sabe que precisa que está enfrentando problema tal, suponhamos, e você sairia daqui da minha casa abençoada entendeu? Não se faz muito rodeio, não tem muito mistério, muito segredo. O que o povo que vai na igreja evangélica vai é receber a bênção de Deus e lá nós, os líder e obreiro, agente faz isso, ora pelas pessoas, é o que fazemos com frequência e realmente dá resultado porque Jesus Cristo diz na bíblia sagrada ‘se pedires alguma coisa em meu nome eu o farei’. Volto a fazer uma comparação, se você me pedisse ‘pastor, eu preciso de algo, o senhor ora por mim’ eu diria a Deus ‘Senhor, a Juliani precisa de algo – e eu citaria algo que você precisasse – eu peço a ela em nome de Jesus que o senhor lhe conceda’ e você receberia. Esse é um mistério simples, muito simples. (2014)

Mesmo o entrevistado dizendo que as bênçãos são completamente diferentes, na prática se assemelham muito na fala e evocação de Deus – diferindo apenas dos benzedores que em determinados casos usam objetos, imagens sacras e ervas medicinais. Entretanto, ‘bendizer’ o próximo é muito parecido entre si, tendo em vista que o pastor também cria certas palavras e orações no momento em que está orando e pedindo em nome de alguém. Outra característica que parece familiar é das pessoas buscarem essas bênçãos em momentos de dificuldade e aflição, onde procuram uma alternativa para sanarem seus problemas – que podem ser de ordem física e espiritual. O fato de o entrevistado dizer que ambas são completamente diferentes (não aceitando semelhanças entre elas) se justifica pela necessidade cultural de diferenciar um do outro: sou o que sou porque o outro é diferente. Essa ação é necessária para que os grupos se legitimem como tais e criem estratégias de defesa de suas práticas ou crenças – sendo estas algumas vezes intolerantes e até mesmo agressivas.

Segundo essas entrevistas – que correspondem às opiniões pessoais dos entrevistados, e não de suas instituições – pode-se indicar que há uma relação de competição e negociação entre os benzedores, os evangélicos e os católicos. Subliminarmente as igrejas institucionalizadas se colocam como as verdadeiras e legítimas religiões difusoras da palavra de Jesus, aparentando uma tolerância (no caso dos evangélicos) em relação aos benzedores. Buscam, em contraponto, convertê-los em suas doutrinas, a fim de ganhar novos fiéis e minimizar possíveis concorrências no campo religioso. No caso da igreja católica, existe uma forma de monitoramento constante da atividade realizada por alguns benzedores, onde se

utiliza de uma aparente dependência de legitimação que estes possam ter com a igreja para vigiá-los dentro do possível, além de fazê-los instrumentos de difusão e inclusão de novas pessoas ao catolicismo.

No meio destas ações se encontram as pessoas, que independente de rotulações e instituições, parecem se adaptar conforme suas necessidades e interesses, circulando por estas fronteiras religiosas segundo suas necessidades ou crenças naquele determinado momento. Tais fronteiras não são estanques e estão abertas sempre para que a comunidade entre, e pratique (ou até saia dela) no tempo que achar necessário. Isso se comprova quando praticam sua religião (institucionalizada) e quando precisam buscam o apoio também dos benzedores para solucionarem seus problemas (e vice e versa).

Como bem foi relatado pelos entrevistados, ambas as religiões e práticas pregam a palavra de Jesus e o bem comum entre as pessoas. Entretanto, pelo fato dos benzedores não serem institucionalizados e sem a obrigatoriedade de seguir normas, dogmas e ritos à risca, os dá liberdade de atuar conforme suas demandas e necessidades, adaptando sua prática da forma como melhor lhes convir, podendo mudar, criar e resignificar sua 'liturgia' a qualquer tempo.

Obviamente que os conflitos existirão na prática, pois todos querem para si a legitimidade de ser a religião ou mecanismo mais forte de Deus perante a comunidade (pois isso representa poder, controle e prestígio), com a intenção de ser a melhor forma de chegar às suas glórias e conquistas. Destes conflitos surgem estratégias de controle que objetivam a expansão e o monopólio de cada um destes agentes – seja no reconhecimento ou na busca de novos adeptos e fiéis. As negociações a que dela surgem são fundamentais para que cada prática ou segmento religioso se desenvolva e legitime perante seu grupo de seguidores, fortalecendo laços, códigos e símbolos entre seus agentes.

4 OS BENZEDORES DE SÃO MIGUEL DAS MISSÕES E A ATIVIDADE TURÍSTICA

O município de São Miguel das Missões (RS) é conhecido pelo seu patrimônio histórico material: o sítio arqueológico da redução de São Miguel Arcanjo, um dos sete povoados desenvolvidos através das missões da Companhia de Jesus a partir do século XVII na região do Tape. Seus remanescentes arquitetônicos foram declarados pela UNESCO como Patrimônio Cultural da Humanidade no ano de 1983, sendo atualmente o único desta categoria no sul do Brasil. Por esta ação institucional de patrimonialização, passou a despertar atenção de milhares de turistas anualmente, os quais se deslocam para conhecer o município e suas principais características, destacando-se hoje como um dos principais destinos de turismo cultural do Estado do Rio Grande do Sul.

Neste contexto, passou-se a explorar este setor econômico como uma potencialidade da região, atraindo investidores de hotéis, restaurantes, agências e guias de turismo⁶⁵. Além disso, houve o estímulo para o surgimento de outros atores da sociedade como peça chave para potencializar o turismo local, bem como a necessidade de implementar novos atrativos que pudessem motivar a permanência destes turistas na região – a qual é carente de estrutura e produtos formatados para este segmento. Um destes grupos foram os benzedores, sendo necessário analisar e discutir a utilização de suas práticas como atrativo para os turistas no município e suas possíveis consequências.

A atividade turística vem se tornando, com o passar dos anos, objeto de estudo e pesquisa de diversas áreas do conhecimento⁶⁶ por envolver diversos agentes da sociedade, causando impactos (positivos e negativos) em distintos setores sociais e econômicos das localidades onde é potencializada. Geralmente seus estudos estão relacionados a impactos econômicos nas comunidades receptoras, desenvolvimento de estrutura, atrativos e prestação de serviços aos visitantes, motivado pelo seu crescimento e investimentos nas últimas décadas. Porém, torna-se necessário cada vez mais a análise dos impactos sociais e

⁶⁵ Hoje São Miguel das Missões possui 02 hotéis, 04 restaurantes, 02 lojas de artesanato e 05 guias de turismo. Fonte: Prefeitura Municipal, Setor de tributos, 2013.

⁶⁶ MAGALHÃES, Cláudia Freitas. Diretrizes para o turismo sustentável em municípios. São Paulo: Rocca, 2002, p. 01.

ambientais que a atividade causa, versando assim estratégias de planejamento que garantam sua prática de forma sustentável.

O último estudo da Economia do Turismo (2012, p. 21), realizado pelo IBGE, estipulou que no ano de 2009 as atividades características do turismo geraram um valor bruto de produção de R\$ 213,3 bilhões, representando 3,9% da economia brasileira. Já, as Instituições Financeiras Federais (Caixa Econômica Federal, Banco do Brasil e BNDS) financiaram, apenas no ano de 2012, o valor de R\$ 11.201.500 milhões em projetos relacionados ao segmento. Em São Miguel das Missões, segundo dados da Prefeitura Municipal, por meio da Secretaria Municipal de Turismo, visitaram a cidade aproximadamente 40 mil turistas em 2012. Estes dados se referem à quantidade de ingressos vendidos para o Espetáculo de Som e Luz⁶⁷, mantido pela Prefeitura Municipal, não havendo mensuração da procedência ou faixa etária dos mesmos. Já, os dados coletados junto ao IPHAN, que administra o parque e controla as visitas durante o dia, se conseguiu o seguinte parâmetro de visitas nos últimos anos:

Tabela nº 08: Visitações São Miguel 2009-2013

	2009*	2010	2011	2012	2013
Janeiro	2.881	2.616	4.306	3.609	3.064
Fevereiro	1.503	1.897	1.685	1.919	1.197
Março	1.258	1.490	2.750	2.242	2.349
Abril	2.045	4.374	5.912	2.838	3.542
Maio	1.979	4.711	2.966	3.171	4.307
Junho	1.230	3.165	3.023	1.847	5.898
Julho	1.407	4.057	3.548	3.739	5.332
Agosto	-	3.076	2.115	2.563	3.048
Setembro	-	7.017	4.814	5.485	4.926
Outubro	-	10.115	7.160	9.489	9.655
Novembro	-	16.795	7.762	13.533	13.042
Dezembro	-	8.685	6.817	6.062	6.946
TOTAL	12.303	67.998	52.858	56.496	63.306

Fonte: IPHAN, 2014. *Dados de agosto a dezembro de 2009 não disponibilizados.

⁶⁷ Espetáculo de Som e Luz criado pelo Governo do Estado no ano de 1978 o qual narra formação, desenvolvimento e destruição dos Sete Povos das Missões. Texto e roteiro de Henrique Grazziotin Gazzana e as vozes de Liam Duarte, Paulo Gracindo, Armando Bógus, Fernanda Montenegro, Maria Fernanda, Juca de Oliveira e Rolando Boldrin. Atualmente passa por remodelação através de projeto financiado pelo BNDS através de iniciativa do Instituto Iguassu Misiones.

Como estes dados foram coletados em instituições diferentes (Prefeitura e IPHAN), a tendência é que as mesmas pessoas que visitam o sítio arqueológico durante o dia sejam as mesmas que assistem ao espetáculo de Som e Luz no período da noite, não podendo ambos ser somados em um número geral de visitas. Como é possível perceber, houve um aumento das visitas nos últimos dois anos (2012-2013), indicando uma expansão do segmento na cidade se for levado em consideração o impacto econômico que estas geram através de transporte, alimentação, estadia, artesanato e contratação de profissionais diversos como guias de turismo e agências receptoras especializadas.

Torna-se necessário entender o que caracteriza o segmento de turismo (em especial o cultural), a fim de ter um maior entendimento sobre seus principais aspectos. Sobre esse segmento em especial, Moleta diz que é:

(...) o acesso ao patrimônio cultural, ou seja, à história, à cultura e ao modo de viver de uma comunidade. Sendo assim, o turismo cultural não busca somente lazer, repouso e boa vida. Caracteriza-se, também, pela motivação do turista em conhecer regiões onde o seu alicerce está baseado na história de um determinado povo, nas suas tradições e nas suas manifestações culturais, históricas e religiosas. (1998, p.10)

Desta forma, a motivação primeira do turista cultural é justamente o que de peculiar existe no destino visitado: suas principais expressões de vida, celebrações, fazeres, saberes, gastronomia e relações entre a comunidade e seu patrimônio material e imaterial. Tal busca se dá pelo desejo de ver as diferenças no “outro”, como aquele grupo vive, se organiza, se relaciona, come, bem como sua trajetória histórica e fatos relevantes para aquela população trazidas para a atualidade de distintas maneiras.

A tendência é que o público deste segmento turístico sejam estudantes, pesquisadores e pessoas interessadas em história, arquitetura e patrimônio, geralmente com um senso de proteção cultural e ambiental muito elevados, não aceitando ações e atitudes que não garantam a salvaguarda dos bens e das práticas culturais existentes na comunidade receptora, sendo que dificilmente viajam para destinos que não atentem para a utilização sustentável dos recursos existentes na região. Rodrigues (*apud* FUNARI; PINSKI, 2001, p. 15) lembra que a

(...) atividade turística é, portanto, produto da sociedade capitalista industrial e se desenvolveu sob o impulso de motivações diversas, que incluem o consumo de bens culturais. O turismo cultural, tal qual o concebemos

atualmente, implica não apenas a oferta de espetáculos ou eventos, mas também a existência e preservação de um patrimônio cultural representado por museus, monumentos e locais históricos. (2001, p. 15)

A autora expressa preocupação no que tange a exploração da prática do turismo com uma valorização de eventos, espaços históricos, museus, casas de cultura e sítios arqueológicos. Esquece-se de citar também as referências imateriais atribuídas a esses bens, assim como as práticas e expressões culturais da comunidade, manifestadas e desenvolvidas através de seus saberes e fazeres – os quais também motivam a curiosidade de turistas e visitantes a conhecerem e permanecerem na localidade. Casola cita que

Sempre vai adiante o desejo de otimizar os benefícios econômicos que o turismo gera, em detrimento da adoção de medidas concretas de salvaguarda dos diversos componentes que integram o patrimônio histórico-cultural. (2003, p. 41)

Dessa forma, não se pode pensar a atividade turística apenas em seus aspectos e impactos econômicos, mas sim em um segmento que atue de forma sustentável, que promova a valorização, reconhecimento, respeito e a promoção da cultura e patrimônios da comunidade receptora – interferindo e impactando o menos possível nesta, procurando servir apenas de instrumento de desenvolvimento local (social e econômico) para as pessoas que ali habitam. Saber mediar as ações que busquem estes resultados requer inicialmente uma capacitação e profissionalização dos agentes que atuam direta e indiretamente no setor, tanto na iniciativa privada, quanto pública, além da sensibilização da comunidade para com o setor, ouvindo-a através de mecanismos de participação (como conselhos, audiências, conferências etc) num trabalho conjunto e contínuo que busque atingir este quadro de sustentabilidade no segmento. Este planejamento precisa também, direcionar um olhar especial, por exemplo, para as práticas culturais imateriais das comunidades, elementos que só recentemente estão ganhando atenção nos debates e instituições públicas.

Em se tratando da proteção deste patrimônio, a UNESCO, em Convenção para Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, realizado no ano de 2003 em Paris, define que:

Entende-se por “patrimônio cultural imaterial” as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem

como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana. (Artigo 2, parágrafo 1. UNESCO, 2003)

Assim, o patrimônio cultural imaterial serve, principalmente, para promover a valorização da cultura existente na comunidade, respeitando as diferenças e peculiaridades de seus praticantes, servindo de referência identitária local. Estas práticas culturais, por serem recriadas através de sua transmissão, podem ser suscetíveis a interferências exógenas que possam introduzir novos códigos, valores e significados, perdendo, em alguns casos, suas principais características em detrimento de outras através da atividade turística. Este é um dos fatores negativos mais latentes quando se utiliza uma prática cultural local na atividade turística, tendo em vista a gama de contatos que ela proporciona entre comunidade local e visitante – que chega a um destino turístico com toda uma carga simbólica em sua bagagem e que necessariamente entrará em contato com a cultura e hábitos dos habitantes locais.

Para o Ministério do Turismo Brasileiro (MTUR), turismo cultural compreende,

(...) as atividades turísticas relacionadas à vivência do conjunto de elementos significativos do patrimônio histórico e cultural e dos eventos culturais, valorizando e promovendo os bens materiais e imateriais da cultura. (2006)

Essa ‘significação’ do que é importante é atribuída pelo turista, sendo o seu desejo um elemento afirmador do que é interessante (ou não) em uma comunidade, podendo variar de algo muito simples (um prato típico, uma dança, etc.) até bens considerados de extrema excepcionalidade (sítios arqueológicos, prédios históricos, monumentos, etc...). Na hora de decidir sobre o destino de uma viagem cultural, o marketing tem um papel fundamental neste processo através da mídia, das agências que comercializam esses destinos até os grandes eventos e feiras que promovem e vendem as regiões turísticas e os serviços necessários como passeios, guias, hotéis, restaurantes, atrativos, seguros, etc.

Aí reside um grande perigo do turismo cultural: as práticas culturais imateriais e materiais existirem apenas em virtude da atividade turística, fazendo com que empresários do setor ou governantes elejam e valorizarem alguns de seus

elementos e patrimônios pelo fato de terem maior apelo dos turistas e das agências operadoras, deixando outros (algumas vezes mais significativos da cultura local) de lado, pelo simples interesse do mercado e seus respectivos ganhos financeiros. Pires (2001) em seu livro “Lazer e Turismo Cultural”⁶⁸ cita os passos para o desenvolvimento e planejamento da atividade turística indicada pela EMBRATUR (Empresa Brasileira do Turismo – na época órgão federal do setor), que no ano de 1984 já orientava para

(...) quantificar e qualificar os atrativos inventariados, permitindo assim a sua avaliação; estudar problemas diversos próprios de cada um dos atrativos inventariados; facilitar a adição de medidas precisas de proteção e ordenação dos recursos turísticos por meio de sua planificação regional; estabelecer uma hierarquia ou uma prioridade para a utilização dos atrativos existentes; e orientar a política de desenvolvimento turístico nos diversos níveis.” (EMBRATUR, 1984)

De certa forma, a própria EMBRATUR estimulava uma hierarquização dentro de bens inventariados a fim de direcionar esforços e recursos para os escolhidos, tendo como foco o desenvolvimento turístico das regiões que tivessem potencialidades e vocação para o setor. Hoje a função desta autarquia federal é a promoção e a comercialização dos destinos turísticos brasileiros no exterior, bem como a análise de mercados e possíveis públicos consumidores dos destinos brasileiros. Atualmente, o pensamento destas entidades é mais amplo no que se refere à proteção e valorização do patrimônio cultural quando, por exemplo, o próprio Ministério do Turismo cita que para

(...) O desenvolvimento deste tipo de turismo deve ocorrer pela valorização e promoção das culturas locais e regionais, preservação do patrimônio histórico e cultural e geração de oportunidades de negócios no setor, respeitados os valores, símbolos e significados dos bens materiais da cultura para as comunidades. (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2010, p. 11)

Nota-se que há uma correlação entre proteção e exploração dos bens patrimoniais, uma vez que deveriam primeiramente servir em detrimento da valorização da comunidade e sua cultura e num segundo plano ao turista. Para esta visão, a cultura só possui valor se puder ser comercializada ou utilizada como fator que potencialize o mercado turístico de determinado empreendimento ou região, caso contrário é esquecida e preterida em relação a outras práticas ou

⁶⁸ PIRES, Mário Jorge. **Lazer e Turismo Cultural**. Barueri-SP: Editora Manole, 2001.

manifestações culturais. A Lei Geral do Turismo no Brasil⁶⁹, por exemplo, em seu artigo IX é clara ao afirmar que um dos objetivos desta lei e da regulamentação da atividade turística em território nacional é a de “preservar a identidade cultural das comunidades e populações tradicionais eventualmente afetadas pela atividade turística”.

Neste contexto, trazendo o debate a realidade do município de São Miguel das Missões, onde sua formação é revestida de religiosidade em virtude de seus processos históricos desde a vinda da Cia de Jesus e Padres Jesuítas, hoje se busca também atrair turistas interessados em religiosidade e misticismo, gerando inclusive a criação de um roteiro turístico denominado Caminho das Missões⁷⁰, onde seus praticantes percorrem a pé os antigos sete povoados missioneiros num percurso de 338 quilômetros em 15 dias de caminhadas, passando por fazendas, pequenas propriedades rurais, sítios arqueológicos e lavouras, numa experiência de contato rústico e rural com a comunidade que habita atualmente o mesmo território onde ocorreram episódios marcantes da formação geográfica e cultural do Estado do Rio Grande do Sul.

No campo da imaterialidade, ganhou destaque a prática dos benzedores após a realização do evento “Encontro Nacional dos Benzedores”, o qual teve sua origem em um evento regional no ano de 2006, que projetou seus praticantes, estimulando-os a se agruparem e organizarem, resultando no desenvolvimento de força, poder e visibilidade para este grupo. Nesses encontros ocorrem trocas de experiências e relatos dos benzedores, demonstrações de rezas, benzimentos e debates sobre o assunto, objetivando a integração e união de seus praticantes, conforme mostra a imagem abaixo. Do ano de 2006, retrata o final do encontro onde os benzedores se reuniram em frente à fachada da igreja remanescente da redução de São Miguel Arcanjo, num ato simbólico de união e confraternização do grupo.

⁶⁹ **BRASIL**, Lei nº 11.771, de 17 de setembro de 2008. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília-DF, 18 set. 2008.

⁷⁰ <http://www.caminhodasmissoes.com.br/site/> (agência de viagem e turismo Caminho das Missões).



Imagem nº 14: Encontro de Benzedores em São Miguel das Missões

Fonte: Arquivo de José Roberto de Oliveira, São Miguel das Missões-RS, 2006.

Os benzimentos começaram a ser vistos como um potencial atrativo pelos hotéis, agentes de viagem e prefeitura, que passaram a estimular seus praticantes através dos encontros, colocando-os prioritariamente nos materiais turísticos e publicitários da cidade ou levando-os a participar dos principais eventos nacionais relacionados ao setor, como o Salão Brasileiro de Turismo (São Paulo/SP) e Festival de Turismo de Gramado (Gramado/RS), por exemplo.

Cabe analisar os possíveis impactos que as ações turísticas podem causar neste grupo, como: 1º) mudanças na forma como os benzedores passam a se enxergar e posicionar perante a sociedade (identidade); 2º) uma possível padronização das formas de benzer; 3º) alterações no espaço ou objetos por eles usados durante os rituais. Sobre os impactos, a Organização Mundial do Turismo (OMT) (*apud* SANCHO, 2001, p. 215) argumenta que:

A atividade turística ocorre num âmbito em que entram em contato pessoas de bagagens culturais e socioeconômicas muito diferentes, pois envolve o deslocamento das pessoas a uma região diferente de sua residência. Os impactos socioculturais, numa atividade turística, são o resultado das relações sociais mantidas durante a estada dos visitantes, cuja intensidade e duração são afetadas por fatores espaciais e temporais restritos. (OMT, 1998, 215)

Nessa perspectiva, quanto maior for o contato e as trocas entre turista e benzedor, maior poderão ser as influências sobre este. Exemplos disso são os

materiais de divulgação confeccionados pelas mais variadas entidades atuantes em São Miguel, como pode-se visualizar nas imagens abaixo:



Imagem nº 15: Material Promocional com relação de benzedores

Fonte: Prefeitura Municipal – Secretaria Municipal de Turismo

Este é o verso de um dos *folders* promocionais onde pode-se perceber o interesse em se agrupar os benzedores existentes na cidade a fim de que os visitantes possam encontrá-los de forma mais fácil, pois nele constam os nomes, endereços e telefones, os quais por questão de ética nesta pesquisa foram apagados. O material foi elaborado pela Prefeitura Municipal através da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo, tendo o apoio do Instituto Iguassu Misiones⁷¹ e IPHAN. Cabe lembrar que há na região um projeto denominado Rota Missões que busca unir e desenvolver o segmento turístico regionalmente, promovendo e qualificando os serviços e empresas através do Sebrae⁷². Uma das curiosidades neste material é a ausência do número de telefone em alguns nomes, em especial

⁷¹ Instituição criada para fomentar o turismo na América do Sul (em especial Brasil, Argentina e Paraguai), integrando países que possuem experiência Jesuítica, objetivando ações em conjunto e criação de estratégias de promoção destes destinos de forma articulada.

⁷² Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

de benzedores residentes no interior de São Miguel das Missões, o que retrata um pouco do perfil destas pessoas, as quais muitas vezes não se adaptaram às novas tecnologias e meios de comunicação comuns na atualidade a grande maioria das pessoas, o que provavelmente instiga ainda mais o visitante em conhecer este grupo e suas características.

Outro fato curioso neste material é que são divulgados mais benzedores do interior do que da cidade. São treze da zona urbana, contra vinte e um do interior, fato que demonstra, provavelmente, o quanto esta prática é frequente neste ambiente, o que pode instigar ainda mais os turistas a buscá-los por suas peculiaridades interioranas, que remetem muitas vezes à infância na casa dos avôs no interior, a gastronomia caseira e a lida no campo, vivências existentes apenas na memória de muitas pessoas, que buscam através do turismo vivências que remetam novamente essas sensações que outrora eram cotidianas e que hoje parecem distantes em uma rotina agitada e padronizada das grandes cidades. A frente deste folder reflete a busca destes visitantes expondo que

Nos últimos tempos aumentou muito o trabalho dos benzedores, proporcionado, pela grande procura por este tipo de ajuda, especialmente por turistas que visitam o Patrimônio da Humanidade e que veem no benzimento uma forma de aliviarem seus males físicos e espirituais que por ventura os aflija. (folder)

Este trecho do texto de divulgação deixa claro que os visitantes que procuram os benzedores tiveram como motivação o patrimônio da humanidade (sítio arqueológico), deixando o benzimento como um atrativo “a mais” no município. A busca por atrativos extras se justifica para aumentar o tempo de permanência dos turistas na cidade e seu consequente gasto com produtos e serviços na cidade receptora. Não se tem um levantamento oficial que indique a média de tempo que os turistas permanecem em São Miguel das Missões, mas estima-se que este período seja reduzido pelo fato da cidade receber muitas excursões de estudantes que realizam o chamado “bate-volta”, onde permanecem apenas durante o dia e retornam para suas cidades de origem após o espetáculo de Som e Luz e também pela região não possuir produtos que possam ser comercializados, mantendo por mais tempo estes visitantes. As ações de promoção dos benzedores não se limitaram apenas aos *folders*. Foram instaladas também placas de divulgação na

frente das residências dos benzedores a fim de facilitar a localização por parte dos turistas a estes espaços, conforme mostram as imagens abaixo:



Imagem nº 16: Casa benzedoiras Alzira de Oliveira Leite e Nelcinda Galvão

Fonte: Juliani Borchardt, 2013.

As imagens acima são das residências de benzedoras de São Miguel das Missões, sendo a primeira referente à casa de Alzira de Oliveira Leite (zona urbana) e a segunda de Nelcinda Galvão (interior) onde a sinalização indica que nestas casas “a cura é feita através do benzimento”. Certamente a ação de demarcar estes locais e espaços fortalece e legitima seus praticantes perante seu público e comunidade de forma geral, motivando as pessoas a frequentá-las e assim compartilhar de seus significados. Em contraponto, há uma relação de ambiguidade pois a residência até então privada, de uso familiar e de vizinhos conhecidos ganha um status público de utilidade para a sociedade que ali frequenta e vislumbra atenção, orientação, fé, força e proteção na figura do benzedor. A mudança de status privado-público que antes era realizada de forma informal, pois as pessoas sabiam que ali seriam atendidas a qualquer hora, agora passa a ser institucional e com um aval da própria Prefeitura que instalou e sinalizou estas residências através destas placas.

Durante visita realizada na casa da benzedora Alzira de Oliveira Leite, chamou atenção a presença de um extintor de incêndio no cômodo onde ela recebe as pessoas para se benzerem. A instalação, segundo Alzira, foi solicitada pela Prefeitura Municipal.



Imagem nº 17: Interior residência Alzira de Oliveira Leite

Fonte: Juliani Borchardt, 2013.

A instalação do extintor, segundo a benzedeira, teve motivação pelo grande fluxo de turistas que circulam na moradia, provenientes de vários locais. Conta também, que precisou realizar um curso de prevenção contra incêndio e que os valores gastos com o extintor e o curso foram custeados por ela mesma, a qual não cobra pelos serviços prestados a quem lhe procura, entretanto, cumpriu a determinação para poder continuar exercendo sua prática sem maiores problemas por parte das instituições governamentais.

A foto é instigante pelo conflito das imagens sacras espalhadas no pequeno cômodo onde recebe as pessoas e a imagem do extintor, elemento imposto pelas autoridades locais como quesito indispensável para exercer sua função, o que já demonstra uma mudança neste espaço com a introdução deste novo objeto, o qual durante toda a sua trajetória como benzedeira não foi necessário para que exercesse sua atividade. Cabe ressaltar que em nenhuma outra residência foi identificado algo do tipo, provavelmente por Alzira ser considerada a benzedeira mais famosa da cidade em virtude da participação em vários eventos turísticos pelo Brasil além de programas e entrevistas de televisão, sendo assim um símbolo desta prática em São Miguel das Missões.

A seguir há outro material de divulgação e promoção da prática dos benzedores de São Miguel das Missões.



Imagem nº 18: Material de Divulgação – Terra dos benzedores

Fonte: material produzido pela Associação Amigos das Missões, 2011.

É visível neste material a tentativa de criar uma imagem de referência com a afirmação de que São Miguel das Missões seria a “Terra dos Benzedores, Rezadores e Mateiros”, como um apelo publicitário aos visitantes. Este discurso tende também a criar uma identidade referência para a cidade aos olhos dos turistas, motivando ainda, a própria comunidade a reproduzi-lo em seu cotidiano, introduzindo em seus discursos e narrativas este rótulo. Criação e escolha feita por algumas entidades em um determinado momento objetivando única e exclusivamente o desenvolvimento de uma imagem de impacto e atrativo para os visitantes. Na outra face do *folder* é expresso que “informações dos benzedores, rezadores e mateiros podem ser conseguidos na Secretaria de Turismo do Município ou nos hotéis e pousadas da cidade”. Faz um apelo também, dizendo que

A visita a uma modesta casa de um benzedor já faz parte do roteiro dos visitantes ao Patrimônio Mundial de São Miguel. Turistas de todo o Brasil e exterior buscam a cura para mal olhado, ‘olho gordo’, dor nas costas, cobreiro, alergia dentre tantos outros males físicos e espirituais e podem encontra-las na sabedoria secular destes obreiros espirituais.

Estes materiais, sem dúvida nenhuma, buscam criar um rótulo identitário para o município, onde a figura do benzedor, nesse caso, é o ator principal, que acaba se moldando também a estas imagens e discursos em prol das necessidades do turismo local. Os benzedores, aparentemente, parecem se sentir valorizados e reconhecidos pela divulgação de suas práticas. Isso se deve, provavelmente, pelo fato de que antes não eram reconhecidos publicamente através de instituições, permanecendo apenas para o grupo de pessoas que a praticavam em suas relações interpessoais e de convivência cotidiana. Esta atuação junto ao turismo surge para eles como uma forma de resistência do seu ofício, muitas vezes ameaçada pela falta de interesse das novas gerações ou pelo preconceito de outras religiões que se posicionam contra suas práticas.

Os benzedores passaram a participar de eventos de promoção turística nos mais variados locais do Brasil, como São Paulo, Brasília e Gramado, onde estes materiais publicitários são distribuídos abundantemente ao grande público, conforme imagem a seguir.



Imagem nº 19: Alzira no Salão Brasileiro de Turismo 2011

Fonte: Juliani Borchardt, 2011.

A imagem retrata a participação da benzedeira Alzira de Oliveira Leite no Salão de Turismo de São Paulo no ano de 2011 e teve como objetivo divulgar o destino turístico Missões aos participantes do evento, os quais faziam fila no corredor em frente ao *stand* destinado à Região Sul do Brasil para se benzerem, sendo necessária, inclusive, a distribuição de fichas, uma vez que havia uma vasta

quantidade de pessoas interessadas em receber uma bênção de Alzira. A participação nestes eventos favorece uma maior visibilidade dos benzedores, bem como a criação de uma imagem diferente de São Miguel das Missões para o público externo, antes visto apenas por seus remanescentes arquitetônicos de excepcionalidade mundial ou pelos índios Guarani que lá habitam na Aldeia Tekoa Kóénju, que agora é lembrada também, pela prática de dezenas de senhoras e senhores que em suas humildes residências acolhem os visitantes, prometendo-os curar de todos os seus males através de orações e palavras de conforto.

Entrevistados, os próprios benzedores narraram suas percepções em relação ao turismo em São Miguel das Missões. A benzedeira Alzira de Oliveira Leite conta que

Eles vem, chegam lá na Secretaria de Turismo ou na Pousada, olham no mapa, daí a chefe liga e eles vem. Eu acho isso muito legal, eu fico muito satisfeita. Eu gosto, pra mim é prazer muito grande porque eu sou muito procurada. Agora com aquela tragédia que deu em Santa Maria eles vieram e a secretária e 4 pessoas fizeram entrevista comigo por causa daquela tragédia. Estava chovendo, eles se benziavam e corriam pro ônibus. Eu tenho muita vontade de ter um auditório grande pra botar meus santos pra benzer. Ainda tenho vontade de construir. (...) Pra mim era importante esse espaço para eu colocar mais gente, os turistas porque quando vem, chegam de 40 a 50 pessoas e o espaço pra mim é muito pouco. Se tivesse uma peça maior aqui pra mim colocar umas cadeiras como uma igreja seria muito mais fácil mas eu não tenho maneira. (2013)

Vários aspectos surgem em sua fala. A entrevistada possui consciência de que os turistas chegam à secretaria de turismo da cidade, a qual serve de ponto de referência para os mesmos, onde pegam informações e mapas com a localização dos benzedores. Remete ainda ao episódio da Boate Kiss⁷³, o qual teria aumentado a quantidade de pessoas e turistas que a procuram para se benzer – sendo provavelmente o episódio que estimulou a prefeitura a exigir o extintor de incêndio em sua residência. Alzira expôs em sua entrevista que fica com vergonha pela sua casa ser muito simples e sem conforto para receber os turistas, o que lhe motiva a querer construir um auditório específico para isso, demandando uma mudança no espaço onde atua como benzedeira. Conta também sobre as entrevistas que realizou para jornais e revistas, fato este que credita e reconhece seu ofício, auxiliando em sua legitimação como benzedeira referência na cidade, além de quebrar as fronteiras (antes limitada a São Miguel das Missões), levando sua

⁷³ Tragédia ocorrida em Santa Maria- RS no dia 26 de janeiro de 2013 onde 242 pessoas morreram no incêndio.

prática, sua história e sua imagem para vários locais do país e do mundo. Sobre as viagens que realizou conta que

Eu acho isso importante, só que eu não ganho nada com essas viagens, uma verba. Eu ganho só a viagem que eu vou, comida e tudo, mas dinheiro por fora eu não ganho, eu tenho que pagar uma pessoa pra ficar aqui, daí pra mim não é importante. Então se eles querem me conhecer tem que virem aqui. Pra mim, se eles pagassem, se eu trouxesse uns troco bom pra pagar uma funcionária que ficasse aqui pra cuidar bem do homem velho ainda era mais importante. É o turismo e o IPHAN que me mandam pra fora. (2013)

Alzira ressalta que acha importante as ações do turismo e as viagens que realizou, porém reclama que quando é convidada a participar destas viagens não ganha nada financeiramente e que ainda possui gastos para deixar alguém cuidando de seu marido que é idoso e doente. Essa situação seria facilitada, segundo ela, se as entidades responsáveis e interessadas em sua participação nestes eventos lhes dessem um auxílio para que pudesse pagar as despesas com uma cuidadora para seu marido e também para que conseguisse construir o seu tão sonhado bem como auditório.

Através desta narrativa percebe-se que a entrevistada em si não recebe nada por atuar nestes eventos, em contraponto aos empresários do segmento turístico ganham dinheiro com os turistas que utilizam de seus serviços, o que demonstra uma relação econômica desleal entre as partes. Apesar da prática dos benzimentos não objetivar o lucro, os poderes públicos e entidades poderiam desenvolver programas e estratégias que viabilizassem por completo a ida destas pessoas em eventos pelo Brasil, mas também suprir suas necessidades financeiras e estruturais, o que poderia servir de estímulo e motivação para a manutenção deste ofício na comunidade.

Observa-se na narrativa de Alzira, que a prática de benzer antes realizada em um pequeno cômodo de sua residência, busca hoje outro espaço para ser realizado, a fim de se adequar para melhor receber os visitantes, demonstrando uma mudança no espaço e por consequência na forma de atuar do benzedor: antes a prática se detinha a atender uma pessoa por vez, necessitando agora se adaptar para benzer grandes grupos que chegam de ônibus ou em eventos onde há aglomeração de pessoas querendo seu atendimento.

Já, o benzedor Aureliano Jardim conta que

O telefone não para vizinha. Eu sou meio surdo daí eu peço pra mulher escutar e anotar tudo direitinho o que querem e o que tem. É de Porto Alegre, São Paulo, Santa Catarina, Alegrete, Santiago, de tudo que é parte. (...) Os turistas são pessoas que querem o benzedor, ta alí (*aponta para um crachá do Festival de Turismo de Gramado que está na parede*), já me levaram pra Gramado, lá de Santo Ângelo veio um escritório pra me levar. Me levaram, fiquei três dias e não paguei nada, tudo por conta deles daí eu fui pra Gramado. Daí apareceu vários depois daquilo de lá, acho que era um festival. Depois vieram aqui em casa o me perguntaram se eu era o benzedor e me levaram lá pra fonte e eu fui. Fizeram uma espécie de roda e o chefe disse assim “o senhor sente num banco ali que nós trouxemos e agora vai de um por um no senhor”. Chegavam e pediam pra eu falar algo, e assim foi indo um por um, e eu dizia. Eu cansei. (2013)

O entrevistado expõe a quantidade de pessoas de fora da cidade que o procuram, pessoalmente ou por telefone – técnica que precisou desenvolver para atender este público apesar de suas limitações auditivas. Constatamos mais uma mudança e interferência no ofício: o benzimento que antes era feito de forma presencial, agora aceita versões via telefone, demonstrando uma adaptação a formas mais rápidas e dinâmicas de ter contato com os mais diversos públicos de distintos locais, quebrando barreiras e fronteiras simbólicas. Lembra-se de uma viagem que fez para um evento, o qual não sabe precisar exatamente sobre o que se tratava. Essa viagem a qual Aureliano se refere é o Festival de Turismo de Gramado, onde os principais destinos turísticos do Brasil são comercializados para o grande público e para os profissionais da área. Sua função neste evento era ficar no *stand* benzendo o público que ali chegava para receber informações sobre o destino turístico Missões.

Assim como Alzira, sua presença neste tipo de evento caracterizava uma demonstração viva da cidade de São Miguel das Missões, dando uma amostra aos turistas do que elas vivenciariam se visitassem a região. Relata um episódio em que teve de ir até a fonte⁷⁴ onde benzeu muitas pessoas e ficou cansado. A prática dos benzimentos realizada em pequenos espaços e para poucas pessoas passou a ganhar características de massa, onde várias pessoas são atendidas ao mesmo tempo, fazendo com o que o benzedor adapte seu ofício para atender a demanda e necessidades deste público.

A benzedeira Noema narra que

⁷⁴ Fonte Missioneira, do período Jesuítico-Guarani existente em São Miguel. Um dos principais atrativos turísticos da cidade. Foi descoberta em 1982.

Os turistas querem vir pra se benzer porque acham muito bom. Diz a Isabel⁷⁵ que está fazendo um esforço muito grande pros turistas virem aqui se benzer. Eu acho que os daqui tem pouca fé. (...) Quando eu fui pra Gramado tinha uma mulher de Minas que ficou muito feliz, ela não conhece São Miguel e tem muita gente que quer ver. (2013)

A entrevistada compara em sua narrativa a fé dos turistas com a da população nativa de São Miguel das Missões, alegando que os de fora possuem mais fé que os demais. Da mesma forma que o benzedor Aureliano, Noema também participou do Festival de Turismo de Gramado, onde cita que as pessoas ficavam com muita vontade de vir conhecer São Miguel das Missões. Conta também que “era uma feira de demonstração de tudo. O que me davam eu pegava, trouxe uma sacolada de coisa, aí nos ficamos ali demonstrando São Miguel, mostrar os benzedor e o hotel grande”.

Outro depoimento é da benzedeira Laídes Dutra:

Vem gente de toda a parte. Os turistas chegam, se informam e vem. Tem os mapa lá daí eles vão botando o dedo lá e dizem “é aqui que eu vou, é lá na dona Laídes”. Um dia num sábado de meio dia eu não podia nem fazer comida, chegou três carros cheio de gente e eu benzi vinte e duas pessoas só de meio dia e não deixei sair um sem benzer. Pra Deus nós temos que largar tudo o que estiver fazendo e pedir pelo outro e pregar a palavra de Deus sempre. (2013)

Retrata através de sua fala a responsabilidade e o comprometimento que o ofício de benzer exige, a qualquer hora do dia e prioritariamente na frente de todos os outros compromissos domésticos e familiares. Sobre as pessoas que a procuram, relata que

Tem uns que são rico e tem dinheiro e perguntam quanto que custa e eu digo que não custa nada porque quando Jesus andou na terra ele não cobrava nada de ninguém. Às vezes me dão um troquinho, largam ali e eu me ajoelho e agradeço a Deus porque eu sou pobre e qualquer ajudinha me ajuda, mas não que eu esteja cobrando. Depois que eles saem eu digo pra Jesus “eu não pedi, tu viu, eu ganhei”. Coisa ganhada não é roubada né. É abençoado e não amaldiçoado. Eu gosto quando eles compram minhas capinha de vassoura, eu fico tão faceira porque é o meu serviço pra inteirar minha aposentadoria. (2013)

A entrevistada expõe a relação benzedor e seus ganhos financeiros. A prática não é cobrada, porém é comum receberem contribuições e doações dadas pelas pessoas que a procuram em forma de agradecimento. A relação comercial aparece, subliminarmente, na venda que Laídes faz de seu artesanato (capas de vassoura), o que lhe ajuda a complementar a aposentaria que recebe como agricultora. É como

⁷⁵ Secretária de Turismo de São Miguel na época.

se uma prática favorecesse a outra – a simbólica que chama a econômica - num ciclo de apoio e acordos para que ambas se sustentem.

Espera-se que a atividade turística em São Miguel das Missões seja desenvolvida de forma sustentável por seus dirigentes, empresários e comunidade, a fim de satisfazer não apenas as necessidades econômicas locais, mas sim a integridade cultural de grupos como os benzedores (os quais estão em posição de fragilidade perante o sistema financeiro), sendo assim sustentável e benéfica primeiramente aos seus anfitriões. Aos turistas é necessária sensibilidade e limites, a fim de interferir o menos possível, respeitando e valorizando as práticas culturais dos moradores locais para que o turismo seja apenas uma forma de valorização e reconhecimento das mesmas e não de interferências e alterações pesadas.

Os benzedores, em suma, não recebem nenhum valor monetário para recepcionar os turistas em suas residências (salvo as doações que ganham esporadicamente), ficando o ganho financeiro aos empreendedores do segmento. Há uma dicotomia na ação do turismo na cidade, pois se percebe que esta atividade, ao mesmo tempo em que altera alguns aspectos na prática dos benzedores, é também uma ferramenta legitimadora de seus praticantes no município, contrapondo as ações internas que vão contra atuação, como por exemplo, o avanço e expansão das igrejas evangélicas na cidade. Fica a impressão que turismo e benzedores se apoiam, e se utilizam reciprocamente conforme seus interesses.

Espera-se, entretanto, que as possíveis interferências a este ofício sejam minimizadas por ações de registro e programas que garantam a sustentabilidade para seus praticantes, que possam ser ouvidos e inseridos nas políticas públicas culturais da cidade e não apenas meros atrativos turísticos em benefício econômico de poucos.

CONCLUSÃO

A cura através de benzimentos perpassa gerações e comunidades que praticam e ritualizam identidades, códigos e significados que são compartilhados por aqueles detentores do saber e também pelas pessoas que os procuram em busca de solução ou apoio para seus problemas. Buscar cura e proteção através de benzimentos faz parte da prática humana há séculos, sendo revestidas de diversas variações que dependem da sociedade que a produz, não sendo, portanto, padronizada em todos os grupos que a praticam. Representa as produções simbólicas e religiosas que buscam dar sentido à própria existência do grupo, pois cria códigos e conexões sociais que através de seu exercício manifestam a cultura de seus praticantes. Difícil poder compreender suas dinâmicas sem entrar em contato direto com seus agentes principais, vislumbrando suas relações, negociações, percepções e conflitos dados ao exercício de se colocar à disposição da sociedade na função de curar, abençoar, proteger, mas também de ouvir e aconselhar, reforçando as relações sociais e de confiança em sociedade.

Diante da falta de pesquisas e registros referente aos seus praticantes, o trabalho de campo junto a este grupo se tornou o subsídio base para que se conseguisse identificar as principais características dos benzimentos no município de São Miguel das Missões (RS), onde através dos relatos e narrativas dos próprios benzedores se buscou amenizar esta lacuna histórica existente sobre o ofício e a vida destas pessoas. A historiografia da cidade, direcionada explicitamente em personagens heroicos e mitológicos, de índios valentes que lutaram pelas reduções e pelo direito de permanecerem em suas terras, pelos massacres e expulsões através de tratados que colocaram em declínio os Sete Povos das Missões são os principais episódios legitimadores da cultura e identidade locais difundidos socialmente, sendo grupos e práticas culturais populares preteridos ou deixados em segundo plano nos registros e publicações sobre a região. Sabe-se, entretanto, da importância que os diversos grupos e suas respectivas práticas e simbologias possuem para a diversidade cultural do Brasil, devendo, portanto se oportunizar que

a voz destes agentes sejam canalizadas, estudadas e valorizadas no contexto da identidade e cultura destas comunidades, mudando assim o foco dado até então.

A voz, as narrativas, as memórias, percepções e visões de mundo destes grupos são elementos fundamentais para a própria manutenção e recriação de suas práticas, sendo os relatos orais o mecanismo mais eficiente na busca de informações sobre esses elementos, em virtude da falta de outras fontes documentais sobre o grupo pesquisado. O trabalho realizado por cada benzedor é peculiar e distinto um do outro, sendo o compartilhamento comum às noções de cura e fé, alicerces da prática. No mais, as doenças se diferem, bem como o uso de objetos (ou não), tornando cada benzedor especialista em determinadas doenças ou uso de objetos, criando uma espécie de mercado e status para cada praticante, que como em toda cultura viva, é reinventada cotidianamente em busca de sobrevivência, espaço, adeptos e legitimação perante a sociedade que a assiste ou usufrui.

O ofício de benzer pode ser caracterizado como uma tradição, inventada e transmitida entre gerações de famílias que se tornam referência nesta prática. Nas narrativas coletadas, transcritas e analisadas aparecem referências de um período em que a comunidade não possuía acesso a médicos especializados ou hospitais, onde as referências médicas eram as parteiras, benzedadeiras, mateiros, sangradores e barbeiros, cabendo a estas pessoas atender a população que necessitava de cuidados. Não eram profissionais formados e seus conhecimentos se baseavam no que haviam aprendido com os pais e avós, influenciados pelo meio ambiente e cultura as quais estavam expostos, bem como as religiões existentes na região (em especial a católica).

Pode-se indicar que os benzimentos praticados atualmente em São Miguel das Missões foram influenciados por várias práticas e culturas. Teve início por meio dos índios guarani, primeiros habitantes do território, detentores de uma cultura e religiosidade próprios, com uma figura religiosa central (Karaí) responsável pelos rituais e pelas práticas de cura (através de ervas, plantas e rezas) dos índios que viviam em aldeias. Com o processo de catequização e evangelização realizado pelos jesuítas na formação das reduções, parte dos nativos que habitavam o território aderiu ao novo sistema, sem no entanto deixarem completamente sua

cultura ancestral de lado. O catolicismo influenciou nas noções de espiritualidade e de cura, sendo estes resignificados e trazidos para os dias atuais pelos benzedores: sejam em suas orações, no uso de santos, imagens e objetos. Mais recentemente, novas designações religiosas ganharam força na região, como os espíritas, que mesmo não possuindo a utilização de santos e imagens sacras, se colocam à disposição da comunidade que busca cura e proteção.

As lógicas que envolvem os benzimentos na atualidade só podem ser expressas se olhados também para a comunidade que a pratica, só havendo sentido sua existência por existir um grupo que compartilha dos mesmos códigos e significados, legitimando assim as pessoas que chamam para si a responsabilidade de ser benzedor. Os dados coletados junto a esse público indicou que a maioria das pessoas que buscam os cuidados de um benzedor possui uma baixa escolaridade (38% ensino fundamental incompleto, 10% ensino médio completo, 9% analfabeto), refletindo assim um pouco do perfil de seus praticantes e legitimando a ideia de que esta prática representa uma camada popular e suas percepções de mundo. Mulheres brancas representam a maioria deste público, chamando atenção o fato de terem aparecido no decorrer da pesquisa pessoas indígenas e evangélicas entre os seus praticantes – indicando que, apesar dos possíveis conflitos existentes, há um diálogo entre as etnias e religiões.

Católicos é a maioria, representando 90% do público avaliado na pesquisa, sendo que 62% foram levados a se benzer a primeira vez no âmbito familiar (pais, avós), demonstrando que buscar o auxílio de um benzedor é transmitido, ensinado e motivado nas relações familiares, sendo a frequência com que procuram o benzedor é na média de uma vez ao mês (55%). Pode-se constatar também, que 80% das pessoas são provenientes da própria cidade de São Miguel das Missões e que 18% advêm de cidades vizinhas. Os dados indicam que a prática é realizada quase que exclusivamente para a população Miguelina, apesar de todo o esforço para sua promoção turística e difusão a nível nacional. Conforme foi exposto no decorrer desta pesquisa, estas (e outras informações) dão a dimensão em que se enquadram a comunidade que acredita e deposita no benzedor a confiança para que este adentre em seus problemas, anseios e necessidades – indo além da espiritualidade e servindo de mediador e conselheiro nos momentos de precisão.

Por se colocarem numa função de referência espiritual e de fé na sociedade, conflitos e disputas surgem no decorrer de suas práticas, necessitando de estratégias de defesa e de manutenção de seus ofícios. Rivalidades e negociações com outras práticas religiosas como igreja católica e evangélica são perceptíveis, pois todas buscam se posicionar e legitimar como a única e verdadeira forma e expressão de fé perante a sociedade. Ao contrário das outras, os benzedores não são institucionalizados, inexistindo regramentos oficiais e de conduta a serem seguidos, proporcionando assim, liberdade de criação e atuação para seus praticantes, que possam livremente se expressarem e recriarem suas simbologias, códigos e orações. Isso não quer dizer que não possuam condutas a serem seguidas, as quais são firmadas por acordos culturais e de negociações éticas entre os próprios benzedores, que estipulam assim o seu foco e forma de atuação. Por outro lado, pelo fato de não serem organizados em uma entidade, não possuem um poder de mobilização e articulação como as demais, sendo sua única força a cultura manifestada e recriada com estratégias de defesa e proteção perante estas outras formas religiosas. Nas narrativas coletadas no transcorrer da pesquisa, os conflitos e disputas aparecem de forma subliminar, provavelmente diferente do que ocorre na realidade destas relações, as quais devem ser bem mais intensas. Identificou-se ao mesmo tempo uma tentativa de demonstrar respeito e cooperação entre as religiões, as quais foram desconstruídas com relatos que expõem rivalidades e o interesse de cada representante religioso de colocar sua prática religiosa como a única verdadeira, mais forte e capaz de interceder a Deus por proteção e bênçãos.

Nestes conflitos, os benzedores elaboram estratégias que os auxiliam a confrontar ações de retaliação e repulsa vindo das igrejas. Uma das ações desenvolvidas com esta finalidade é a utilização dos benzedores (e suas moradias) como ponto de visitação turístico na cidade de São Miguel das Missões. Tais a es foram potencializadas a partir da criação do Encontro dos Benzedores, o qual visava reunir seus praticantes e difundir suas características junto   sociedade. Paralelamente a isso, se confeccionou uma gama de material publicitário conclamando os turistas a visitarem São Miguel das Missões, com o discurso de que nesta cidade existiria a cura através da f e e religiosidade, criando assim o *slogan* "Terra dos benzedores". Tais materiais foram distribuídos nos maiores eventos do segmento turístico existentes no Brasil, sendo que em muitos destes os próprios

benzedores se faziam presentes benzendo seus participantes numa exposição “ao vivo” de seus dons, tendo como principal motivo cativar sua visita “in loco” na região Missões. Destas estratégias surge uma interdependência entre benzedores e turismo, onde ambas possuem interesses uma na outra: o segmento turístico vislumbra nos benzedores um fator de atração de novos turistas e estes objetivam, através do turismo, um elemento de legitimidade identitária social, fortalecendo-os contra grupos e segmentos que manifestam contrariedade à sua prática.

As ações vindas do segmento turístico que os benzedores enxergam como benéfico pode ser fator de introdução de novos códigos e posturas para suas práticas, como por exemplo: mudança no seu espaço habitual – o que até então era feito em um cômodo pequeno específico para o ritual agora almeja proporções maiores para atender a demanda; o benzimento que era realizado presencialmente passa ser realizado via telefone ou em grandes grupos. Há o caso da benzedeira Alzira de Oliveira que precisa colocar um extintor de incêndio em sua casa, além de precisar realizar curso de proteção a incêndios, tendo em vista a quantidade de pessoas que a procuram.

Assim, os benzedores vão associando novos elementos e posturas conforme suas necessidades, dialogando e se articulando para que, na atualidade possam continuar existindo como prática cultural e simbólica numa sociedade moderna, cada vez mais digital e com informações globais em tempo real, onde o artesanal e simples precisa concorrer, a fim de manter seu espaço na comunidade. Como expressão viva de cultura e saberes populares, é suscetível de interferências, adequações e mudanças com o passar do tempo, sendo natural e comum que se adaptem e modifiquem conforme necessidade. Cristalizá-la é impedir sua própria lógica de existência, sendo necessário compreender suas dinâmicas e negociações, as quais a manterão justamente vivas no cotidiano de seus praticantes.

O ofício de benzer é geralmente marcado por um discurso simbólico que torna seus praticantes realmente benzedores e dignos de exercer tal função. Narrativas sobrenaturais legitimam um dom dado por Deus, os colocando de forma voluntária e de sacrifício (e exemplo de Jesus) em detrimento e amor ao próximo. Os casos fantásticos servem para criar um ambiente de mistério e de valorização por parte daqueles que os procuram, pois apenas uma auto intitulação não seria suficiente

para torna-los detentores de poderes, os quais a maioria das pessoas não possuiria. Esse imaginário ocorre também quando as muitas histórias de cura são contadas e recontadas pelos benzedores e difundidas na comunidade, reproduzidas socialmente, alicerçando imaginários e identidades, creditando assim aos benzedores o papel de destaque para o grupo que neles depositam confiança.

Há divergências entre os entrevistados no que se refere à transmissão do ofício de benzer. Para alguns isso é um dom dado apenas por Deus. Já para outros se pode escolher entre seu vínculo familiar (filho, neto, sobrinho) um sucessor e para ele repassar os conhecimentos e informações referentes ao benzimento. Chama atenção que até mesmo aqueles que dizem que este é um dom que apenas Deus é capaz de dar (aos seus escolhidos), possuem em sua família parentes ou antepassados que eram benzedores. Esse fato indica que de qualquer forma o ofício de benzer é uma prática cultural transmitida entre gerações pela oralidade e gestualidade, através do aprendizado e pela repetição.

Chamou atenção que nenhum dos benzedores entrevistados possuía em sua família alguém que tivesse demonstrado interesse em continuar com a prática, retratando assim a dificuldade de nos dias atuais manter um ofício que é de extrema importância social e simbólica, mas que não reflete em retorno financeiro – o que não se torna atraente às novas gerações. Sugere-se que alguma instituição governamental (Prefeitura ou IPHAN) realize um estudo detalhado que resulte em registro da quantidade exata de benzedores no município de São Miguel das Missões, numa documentação precisa e abrangente de suas características e especificidades, a fim de auxiliar em programas, estratégias e políticas públicas que valorizem e potencializem de forma sustentável os praticantes dos benzimentos para que se possa acompanhar e monitorar seu desenvolvimento e transmissão ao longo dos anos. Uma ação de registro, assim como a realização do Encontro de Benzedores, se bem planejados e executados, podem potencializar e subsidiar a manutenção da prática no município, partindo do desejo de seus próprios praticantes, que devem ter espaço para canalizar suas demandas e anseios neste processo.

Analisar a prática dos benzedores requer olhar para a pluralidade que a constitui tanto em suas relações internas (entre seus participantes), quanto externas

(público que os procuram, órgãos públicos, medicina oficial e demais religiões). Todas elas, no entanto, forçam diálogos, negociações, desconstruções e adaptações em dinâmicas que fazem a figura do benzedor se constituir socialmente quanto identidade, legitimando posturas, imagens e posicionamentos a serem característicos destas pessoas em seu ofício.

Os conflitos existentes junto a outros grupos representam disputas (mesmo que indiretas e subliminares) por espaço e pelo direito de exercerem sua prática. A igreja católica realiza um monitoramento das atividades dos benzedores, inclusive utilizando destes para a difusão do catolicismo e captação de novos fiéis para a igreja. Em contraponto, os benzedores parecem necessitar de uma permissão e apoio por parte do pároco para se sentirem mais legitimados em suas funções. As igrejas evangélicas parecem ter uma resistência aos praticantes do benzimento, tendo em vista divergências no pensamento religioso, sendo intensas e conflituosas as relações e disputas entre estes grupos. Todos, no entanto, almejam ser referência na cidade como a igreja e prática mais legítima perante Deus. No que se refere à medicina oficial, já era esperado um olhar de descrédito sobre o ofício dos benzedores enquanto método de cura, motivados pelo olhar científico que desqualifica o que não pode ser explicado e dissecado pela academia, não contemplando e respeitando o imaginário e a cultura de pessoas que possuem o benzimento como uma forma de vida.

Ser benzedor vai além de um status social. É a forma como essas pessoas se colocam e se enxergam na sociedade da qual fazem parte, de uma forma relativamente naturalizada entre as gerações. O desejo de ajudar ao próximo e de se sentir útil socialmente é fator de incentivo para este grupo que busca exercer um ofício sempre em função do bem-estar do outro. Há muitos outros aspectos que ainda devem ser pesquisados e considerados em relação ao ofício dos benzedores em São Miguel das Missões, em virtude da gama de opções e áreas que podem vislumbrar em óticas distintas e multidisciplinares que podem analisar, estudar e contribuir na análise desta prática. O trabalho jamais estará encerrado e finalizado, pois seus detentores serão sempre um campo fértil de riqueza e saberes culturais desenvolvidos e renovados cotidianamente, através de suas visões de mundo, as quais têm muito a ensinar e socializar junto à sociedade.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Paulo César; MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Saúde e Doença: um olhar antropológico**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1994.
- AMABLE, María Angélica; DOHMANN, Karina; ROJAS, Liliana Mirta. Historia Misionera: Uma perspectiva integradora. 2ª ed. Posadas, Ar: Montoya, 2011.
- AMADO, Janaína. **O Grande Mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral**. História. São Paulo, 14: 124-136, 1995.
- ATLAN, H. **Conscience et désirs dans de systèmes auto-organiseurs**, in: Morin e Piattelli, 1974, p.449-65.
- BAIOTO, Rafael; QUEVEDO, Júlio. **São Miguel das Missões**. Coleção Sete Povos. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1997.
- _____. **São Miguel: A Saga do Povo Missioneiro**. 2ªed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2005.
- BAPTISTA, Jean; SANTOS, Maria Cristina dos. **Dossiê Missões: As Ruínas (Volume III)**. São Miguel das Missões: Museu das Missões, 2010.
- BERGSON, Henri. **Matéria e Memória**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BIRMAN, Patrícia. Conexões Políticas e bricolagens religiosas: questões sobre o pentecostalismo a partir de alguns contrapontos. In: SANCHIS, Pierre (Org.) **Fiéis e cidadãos: Percursos de sincretismo no Brasil**. Rio de Janeiro: EURJ, 2001, p. 59-86)
- BOFF, Claudete. **A imaginária Guarani: o acervo do Museu das Missões**. Santo Ângelo: EDIURI, 2005.
- BOLTANSKI, Luc. **As classes sociais e o corpo**. 3 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.
- BRASIL, **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Senso 2010.
- BRASIL, **Lei nº 11.771, de 17 de setembro de 2008. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, 18 set. 2008**.
- BRASIL, Ministério do Turismo. **Segmentação do Turismo: Marcos Conceituais**. Brasília: Ministério do Turismo, 2006.
- _____. **Turismo Cultural: Orientações Básicas**. 3ªed. Brasília: Ministério do Turismo, 2010.
- _____. **Estatística Básica de Turismo Brasil: Ano 2012**. Brasília: Ministério do Turismo, 2012.
- BURDA, Janete. **Missões Guarani: a saga da República Guarani na América do Sul**. Curitiba: Livraria do Chain Editora, 2001.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas – estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 2011.

CALVET, Louis-Jean. **Tradição Oral e Tradição Escrita**. Tradução de Waldemar Ferreira Netto, Maresa de Freitas Vieira. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

CANDAU, Jöel. **Memória e Identidade**. 1ª Ed. São Paulo: Contexto, 2012.

CASOLA, Luis. **Turismo e Ambiente**. São Paulo: Editora Rocca, 2003.

CHALHOUB, Sidney et al (org.). **Artes e Ofícios de curar no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

CHAMORRO, Graciela. **A espiritualidade guarani: uma teologia ameríndia da palavra**. São Leopoldo: Sinodal, 1998.

_____, Graciela. **Teología Guarani**. Quito-Ecuador: Abya Yala, 2004.

CHARTIER, Roger. —Cultura Popular II: revisitando um conceito historiográfico. In: **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 8, n. 16, 1995, p.179-192.

CLASTRES, Hélène. **Terra sem mal: o profetismo tupi-guarani**. Tradução de Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Editora Brasiliense, 1978.

COLVERO, Ronaldo B.; MAURER, Rodrigo F. (orgs.) **Missões em Mosaico: Da interpretação à prática: um conjunto de experiências**. Porto Alegre: Faith, 2011.

CONFORTIN, Helena. **Beneduras, superstições, simpatias... Mitos ou realidade?** Erechim: EdiFAPES, 2005.

CUSTÓDIO, Luiz Antônio Bolcato . Caderno de História – **Missões Jesuíticas – Arquitetura e Urbanismo**. 21. Ed. Porto Alegre: Memorial do Rio Grande do Sul, 2006. V. 2000. 30p .

EUGÊNIO, Alisson. **Arautos do Progresso – o ideário médico sobre a saúde pública no Brasil na época do Império**. Bauru: Edusc, 2012.

FERREIRA, Maria Leticia M. Políticas da Memória, Políticas do Esquecimento, **Revista Aurora**, 10, 2011.

FRANÇOIS, Etienne. As novas relações entre memória e História após a queda do Muro de Berlim. In: **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v.2, n.2, dez. 2010. Disponível em: <<http://www.ufpel.edu.br/ich/memoriaemrede/beta-02-01/index.php/memoriaemrede/issue/view/9>> Acesso em 10 de jul. de 2014.

FUNARI, Pedro Paulo A.; PELEGRINI, Sandra C. A.; RAMBELLI, Gilson (orgs.) **Patrimônio Cultural e Ambiental: questões legais e conceituais**. São Paulo: Annablume; Fapesp, Campinas: Neplan, 2009.

FURLONG, Guillermo. **Los Jesuitas y la cultura 169patrimônio169e**. Montevideo, Ediciones Universidad del Salvador, Buenos Aires, 1984.

GORZONI, Priscila. **Benedores que curam com as mãos**. Goiânia\GO: Editora PUC Goiás, 2009.

GRAEBIN, Cleusa Maria Gomes; SANTOS, Nádia Maria Weber (org). **Memória Social: questões teóricas e metodológicas**. Canoas; Editora UnilaSalle, 2013.

HALBWACHS, Maurice. **Memória Coletiva**. Rio de Janeiro: Vértice, 1990.

_____. **Memória Individual e Memória Coletiva. A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006. P. 29-70

HARTMANN, Luciana. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 11, n 24, p.125-153, jul.\ dez. 2005.

HAUBERT, Maxime. **Índios e Jesuítas no tempo das Missões: séculos XVII e XVIII**. Tradução de Marina Appenzeller. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HERNÁNDEZ, Josep Ballart; TRESSERAS, Jordi Juan I. **Gestión del Patrimônio cultural**. 3ª ed. Barcelona: Editoria Arial, 2007.

HOLZER, Hans; Além da Medicina: **As curas alternativas e tratamentos psíquicos não-ortodoxos**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1987.

HOUIS, Maurice. **Oralité et scripturalité**, in: Elements de recherche sur les africaines. Paris: AGELOOP, 1980.

IBGE. **Economia do Turismo: Uma perspectiva Macroeconômica 2003-2009**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

IZQUIERDO, Ivan. **Memórias**. Estudos Avançados. Vol.3. nº6. São Paulo May/Aug. 1989.

JOVCHELOOVITCH, Sandra e BAUER, Martin. **Entrevista Narrativa**. In BAUER, Martin W., GASKELL, G. Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: Um Manual Prático. Petrópolis: Vozes, 2008.

KERN, Arno Alvarez. **Utopias e Missões Jesuíticas**. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1994.

LE GOFF, Jacques; tradução de Bernardo Leitão. **História e Memória**. 7ª edição. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

MACIEL, Márcia Regina Antunes Maciel , NETO, Germano Guarim. **Um olhar sobre as benzedoras de Juruena (Mato Grosso, Brasil) e as plantas usadas para benzer e curar**. 2006.

MAGALHÃES, Cláudia Freitas. **Diretrizes para o turismo sustentável em municípios**. São Paulo: Rocca, 2002.

MARONEZE, Jorge Humberto Machado. **Multiculturalismo em foco**. Organização: Angelita Maria Maders, Rosângela Angelin. Santo Ângelo: FURI, 2010.

- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 2002.
- MICHEL, Johann. Podemos falar de uma política do esquecimento? **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v.2, n.3, ago.-nov. 2010.
- MOLETTA, Vania Florentino. **Turismo Cultural**. Porto Alegre: Editora Sebrae, 1998.
- MONTENEGRO, Antonio Torres. **História oral e memória: a cultura popular revisitada**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2001.
- NORA, Pierre. Entre a memória e a história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, nº 10, p.7-28, dez.1993; Trad. Yara Aun Khoury. São Paulo: PUC.
- ODAIR, José. **Mito, Memória e História Oral**. 1ª ed. São Bernardo do Campo: Editora Chamas, 2003.
- OLIVEIRA, Elda Rizzo de. **O que é benzeção**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
- PINTO, Luís Flodoardo Silva. **As Missões Orientais: Epopéia Jesuítica no Sul do Brasil**. Porto Alegre: AGE Editora, 2002.
- PIPPI, Gládis. **História Cultural das Missões: memórias e patrimônios**. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 2005.
- PIRES, Mário Jorge. **Lazer e Turismo Cultural**. Barueri: Editora Manole, 2001.
- PAIVA, José Geraldo de. **Religião, enfrentamento e cura: perspectivas psicológicas**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v24n1/v24n1a11.pdf>.
- POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. Revista Estudos Históricos. Vol. 05, nº10. Rio de Janeiro, 1992, p. 200-212.
- PONTE, João Conrado C.; FILHO, José Olimar C. **Dicionário de Medicina Popular**. Fortaleza: CEPEMA, 2001.
- PORTELLI, Alessandro. **O massacre de Civitella Val di Chiana** (Toscana:29 de junho de 1944): mito, política, luto e senso comum. In: **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1996. Pg. 103-130.
- PORTUGUAL, F. **Rezas, folhas, chás de Rituais dos Orixás: Orixás folhas, sementes, frutos e raízes de uso litúrgico na Umbanda e no Candomblé com uso prático na medicina popular**. São Paulo: Ed. Tecnoprint, 1987.
- PROJETO HISTÓRIA: **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)**. São Paulo. SP. Brasil, 1981.
- SANCHIS, Pierre. Religiões, religião... Alguns problemas do sincretismo no campo religioso brasileiro. In:_____. (org.) **Fiéis e cidadãos: percursos de sincretismo no Brasil**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001, P. 9-57
- SANCHO, Amparo. **Introdução ao Turismo**. São Paulo: Rocca, 2001.

SÃO MIGUEL DAS MISSÕES. **Prefeitura Municipal**. São Miguel das Missões: Secretaria Municipal de Turismo, 2013.

SAMPAIO, Gabriela dos Reis. **Nas trincheiras da Cura: As diferentes medicinas no Rio de Janeiro Imperial**. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2001.

SANT'ANA, Elma, SEGGIARO, Delizabete. **Benzedeiras e Benzeduras**. Porto Alegre: Ed. Alcance, 2007

SANTOS, Pedro Marques dos. **São Miguel Arcanjo: 1632-1986**. Porto Alegre: Pallotti, 1986.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem ao Rio Grande do Sul (1820-1821)**. São Paulo: Editora Itatiaia, 1974.

SILVA, Willians Fausto. **Patrimônio a Contragosto: A presença de bens culturais na vida cotidiana de São Miguel das Missões**. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2009.

Siqueira KM, Barbosa MA, Brasil VV, Oliveria LML, Andraus LMS. **Crenças Populares Referentes à Saúde: Apropriação de saberes sócio-culturais**. 2006

SZYMANSKI, H. **A relação Família Escola: Desafios e Perspectivas**. Brasília: Editora Plano. 2001.

THOMSON, Alistair. **Recompondo a Memória: questões sobre a relação entre história oral e as memórias**. Projeto História. São Paulo, 15, 1995.

_____. **Histórias (Co) Movedoras: História Oral e estudos de Migração**. Revista Brasileira de História, vol. 22, nº44: São Paulo, 2002.

THOMPSON, Paul. **A voz do Passado: História Oral**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

UNESCO. **Convenção para Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial**. Paris: UNESCO, 2003.

UNKEL, Curt Nimuendaju. **As lendas da criação e destruição do mundo**. Tradução de Charlotte Emmerich & Eduardo B. Viveiros de Castro. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

VALLE, Ednio; QUEIRÓZ, José J. **A cultura do Povo**. 3 ed. São Paulo: Cortez: Instituto de Estudos Especiais, 1984.

WEBER, Beatriz Teixeira. **As artes de curar: Medicina, Religião, Magia e Positivismo na República Rio-Grandense – 1889-1928**. Santa Maria: Ed. Da UFSM; Bauru: EDUSC – Editora da Universidade do Sagrado Coração, 1999.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Educ, 2000.

Fontes Orais:

Alzira de Oliveira Leite. São Miguel das Missões-RS. 2013. Entrevista concedida a Juliani Borchardt da Silva.

Anildo Romeu. Santo Ângelo-RS. 2013. Entrevista concedida a Juliani Borchardt da Silva.

Aureliano José Jardim. São Miguel das Missões-RS. 2013. Entrevista concedida a Juliani Borchardt da Silva.

Floriano Romeu. 2013. Santo Ângelo-RS. Entrevista concedida a Juliani Borchardt da Silva.

Inácio Fengler. São Miguel das Missões-RS. 2013. Entrevista concedida a Juliani Borchardt da Silva.

Jauri Nunes, São Miguel das Missões-RS. 2013. Entrevista concedida a Juliani Borchardt da Silva.

Laídes Dutra. São Miguel das Missões-RS. 2013. Entrevista concedida a Juliani Borchardt da Silva.

Nelcinda Galvão. São Miguel das Missões-RS. 2013. Entrevista concedida a Juliani Borchardt da Silva.

Noema Dutra de Oliveira. São Miguel das Missões-RS. 2013. Entrevista concedida a Juliani Borchardt da Silva.

Valter Braga. São Miguel das Missões-RS. 2013. Entrevista concedida a Juliani Borchardt da Silva.

Benedores catalogados durante a pesquisa:

Alzira de Oliveira Leite

Aureliano José Jardim

Araci Ribas Bedatti

Cipriano Dorneles

Laídes Dutra

Mara de Fátima Galvão

Manoel Antunes de Jesus

Marlene Machado Cassiano

Nelcinda Galvão

Nerci Garcia dos Santos

Noema Dutra de Oliveira

Romilda Moraes

Teresa Lemos de Andrade

Valter Braga

ANEXOS

1 Entrevistas Transcritas

Alzira de Oliveira Leite

Entrevista realizada no dia 21 de julho de 2013.

Local: Residência de Alzira de Oliveira Leite – São Miguel das Missões- RS

Alzira: Boa tarde Juliani, meu nome é Alzira de Oliveira Leite, 77 anos, sou casada a 62 anos, benzo desde a idade de 16 anos e tenho feito muita cura por esse mundo inteiro.

Juliani: Dona Alzira, eu quero que a senhora me conte como a senhora começou a benzer.

Alzira: Eu comecei com a minha mãe, que faleceu com 112 anos, ela que me ensinou. Daí nós ia trabalhar como parteira e benzedeira. Não tinha doutor, era só curandor e remédio de ervas.

Juliani: E a sua mãe, o que ela fazia?

Alzira: Ela benzia, dava remédio de ervas e era parteira. E daí ela me ensinou para eu ficar no lugar dela. Eu ajudava ela porque sempre era muita gente pra se benzer e não tinha doutor formado era só curandor.

Juliani: E como a senhora ajudava ela?

Alzira: Quando tinha muita gente pra se benzer, ela benzia uns e eu outros e quando era para ‘parteriar’ eu ia ajudar ela.

Juliani: E a senhora morava onde?

Alzira: No Pasta Guerrera, interior de São Miguel das Missões. Morei sempre lá, casei e morei mais 30 anos lá e depois vim pra São Miguel, pra cidade.

Juliani: E antes da sua mãe, a senhora sabe se outros parentes benziavam?

Alzira: A minha bisavó era de família que benzia. Eles iam deixando aquele dom pros outros, mas não eram todos que tinham esse dom pra aprender a benzer.

Juliani: Como funciona essa questão do dom?

Alzira: Agente tem uma visão pra saber quem que vai ficar. Eu pelo menos tenho uma neta só pra deixar, os outros não tem esse dom.

Juliani: E essa sua neta quer ser benzedeira?

Alzira: Ela quer. Às vezes quando eu estou aqui benzendo ela esta aqui junto comigo. Ela mora aqui pertinho.

Juliani: E que idade ela tem?

Alzira: Nove anos. Ela está aprendendo a ler, é bem católica e vai sempre na missa comigo.

Juliani: E a senhora foi a única filha que seguiu benzendo?

Alzira: Sim, da família é só eu mesmo.

Juliani: Como era o nome da sua mãe?

Alzira: O nome da minha mãe era Angelina Alves de Oliveira. Ela era natural de Jaguari mas depois veio pra Guerrera, já veio casada, ganhou nós e ficou ali sempre.

Juliani: E ela benzia pra que?

Alzira: Ela benzia pra pasmo, dor de cabeça, enxaqueca, sinusite, rendidura, picada de cobra, pra tudo que era coisa. Cobreiro, empinge, pra sangue grosso, pra tudo ela benzia. Não tinha qualidade de coisa que ela não aprendeu a benzer, e daí ela me ensinou e eu aprendi tudo.

Juliani: E a senhora queria ser benzedeira?

Alzira: Eu queria. Sempre fui muito curiosa e queria aprender. Ela viu que eu tinha esse dom, me ensinou e eu ajudava ela. Eu decidi ser benzedeira, graças a Deus. Até quando eu puder mexer a boca nesse mundo eu quero fazer o bem e ajudar as pessoas a viverem.

Juliani: Como foi a sua vinda pra cidade?

Alzira: As pessoas sabiam, desde nova, que eu era benzedeira. Só que agora a coisa esta avançada, não tem muitos benzedores. Tinha bastante, mas agora, da nossa turma, tens uns quantos que foram pra igreja evangélica. Dos meus colegas tens uns quantos que não estão mais na nossa área, o Deodoro, o Chico Franke. Benzedor mesmo agora aqui em São Miguel só eu, o compadre Aureliano e Laidinha. Lá pra fora tens uns, mas não é muito, a maioria já está na evangélica.

Juliani: E como funciona a questão da Igreja, como é visto?

Alzira: A igreja católica só que ajuda nós, os outros não gostam de santos, não gosta que se benzam. Veio mais igrejas, de outros tipos e uns que acreditam mais nela deixaram e abandonaram o benzimento. Deixaram de ser benzedor para irem pra igreja evangélica. Eu acho que cada qual é cada qual, se eles acham melhor ir pra outra igreja e deixar de ajudar as pessoas e ir pra uma igreja que não ajuda ai eles que sabem, se estão decididos tem que ir.

Juliani: E como é o relacionamento entre vocês?

Alzira: É normal. Eu não desfaço a religião deles, são meus colegas, só que não são mais benzedores. Mas o colega fiel mesmo que eu tenho aqui em São Miguel é o compadre Aureliano e a Laidinha. As igrejas tem preconceito porque elas acham que nós não podia ter essa fé que nós temos. Eles não acreditam em santos e nós acreditamos. Eles dizem que aquelas que tem lá nas ruínas são restos de madeira, que não falam, que madeira é morta e não faz milagre. Mas Deus deixou, foi Deus que nos deu e temos que seguir nosso lado e nosso caminho. Eu nunca vou deixar de ser católica.

Juliani: E a Igreja Católica aceita?

Alzira: O padre ajuda nós. Ele batiza os santinhos que nós temos. Meu santuário é batizado e seguida ele vem visitar nós, nós vamos na igreja, ele reza por nós, os benzedores. As outras igrejas não aceitam porque nós temos santos e eles dizem que isso não é coisa de Deus, que Deus não deixou, que não tem valor. Só que Deus deixou do princípio do mundo, aqueles que estão lá nas ruínas, se terminando, foi Deus quem deixou, foi do princípio do mundo. É só por causa disso que eles deixaram de ser benzedor, porque não acreditam mais, e nós não podemos desfazer deles porque cada um segue seu caminho, eu não sou contra eles por causa disso,

só que os evangélicos não acreditam em nós, nem gostam de vir na casa da gente porque tem os santos. Aqui em São Miguel tem 2 igrejas católicas só, a daqui do bairro e a matriz e as evangélicas deve ter umas 10 ou 12 e eles acreditam muito na igreja deles. Eu não digo que é ruim porque senão eu vou ser contra, eu não sou contra igreja, eles é que são contra nós. Com nós eles não tem fé. Cada um vive sua parte. Só que se benzer e remédio de ervas eles não tem, só fazem oração. Eles desfazem muito de nós, os pastores e a igreja dos outros lados que são, porque aqui tem bastante igreja do outro lado e que não acreditam em nós. Mas aqui na nossa cidade temos muita gente, a maioria, que acredita em nós.

Juliani: Como é o relacionamento de vocês com a comunidade?

Alzira: A comunidade acredita bastante. Está aí os santinhos e fotografias de crianças que vivem se benzendo aqui em casa. E é todo dia, não tem dia nem hora que não se benzam, é criança, jovem, adulto. Hoje mesmo achei muito bonito, veio uma criança nenenzinho trazer a velinha e a água que vão usar no batizado, fiquei muito satisfeita.

Juliani: E os evangélicos vem aqui?

Alzira: Eles até vem, mas não gostam muito por causa dos santos. Eles não vem pra se benzer porque eles não são disso. Comigo não tem ninguém deles que se benza porque eles não acreditam, aqui é só os católicos da igreja católica. Pra se benzer e vir aqui precisa ter fé, e elas vem porque já tem fé. Vem hoje, amanhã, dali uns dias vem de novo e os neném vem seguido porque precisam se benzer de quebrante, está aí as lembrancinhas e fotos de todo mundo.

Juliani: E a senhora benze pra que?

Alzira: Eu benzo pra quebrante, ar, pasmo, dor de cabeça, picada de inseto, aranha, cobra, meningite, cobreiro, empinge. Benzo pra tudo que for do lado direito. Eu benzo tanto aqui como a pessoa por telefone, só que de longe a pessoa custa mais a sarar. Se tem um rio ou uma água, isso quebra muito o efeito. Nossa senhora da Conceição que carregou a água que Jordão se batizou. Eu tenho a nossa senhora da Conceição aqui. Eu tenho uma fé positiva e tem muita gente que tem fé positiva em nós benzedores, tanto em mim como no compadre Aureliano e a Laidinha ou a

Noema, só que a Noema não mora aqui na cidade e as pessoas procuram mais nós da cidade. Vem ônibus de turistas, eles fazem lotação e vem.

Juliani: Me fala mais dos turistas, como é?

Alzira: Eles vem, chegam lá na Secretaria de Turismo ou na Pousada, olham no mapa, daí a chefe liga e eles vem. Eu acho isso muito legal, eu fico muito satisfeita. Eu gosto, pra mim é prazer muito grande porque eu sou muito procurada. Agora com aquela tragédia que deu em Santa Maria eles vieram e a secretária e 4 pessoas fizeram entrevista comigo por causa daquela tragédia. Estava chovendo, eles se benziavam e corriam pro ônibus. Eu tenho muita vontade de ter um auditório grande pra botar meus santos pra benzer. Ainda tenho vontade de construir. Esses dias eu disse pra uma guria que veio filmar que podia pedir ajuda pra mim construir um auditório, me darem uma mão pra construir uma peça. Aqui é muito pequeno o meu espaço. Ela me perguntou se eu tinha alguma ajuda do governo, eu disse que não, nem dos turistas. Pra mim era importante esse espaço para eu colocar mais gente, os turistas porque quando vem, chegam de 40 a 50 pessoas e o espaço pra mim é muito pouco. Se tivesse uma peça maior aqui pra mim colocar umas cadeiras como uma igreja seria muito mais fácil mas eu não tenho maneira. Agente é velho, só com a aposentadoria pra viver não é fácil. Eu sou aposentada como agricultora pelo fundo rural porque trabalhei na lavoura. Mas a gente compra remédio, compra gás, paga luz, paga água e daí não sobra. A minha casa é casa de pobre, eu sempre digo para os que vem, pra não repararem. Mas daí eles dizem que não vieram pra olhar pra minha casa, a senhora é rica.

Graças a Deus eu tenho benzido gente de longe, vem gente do Rio de Janeiro, de Curitiba vem bastante ônibus aqui em casa, de Porto Alegre também vem. Teve uma senhora do Rio que bateu foto de nós e depois mandou por sedex. Eu sempre recebo lembrancinhas pelos correios. Veio gente da Bahia, da Inglaterra, de Brasília. O interessante seria se a gente ganhasse um pouquinho pra manter a casa da gente arrumada. Nós somos só nós dois velhos, tem dias que eu não tenho tempo nem de comer.

Juliani: Como é o perfil das pessoas que procuram a senhora?

Alzira: Eles procuram porque gostam. Se benzem uma vez, recebem uma benção e vão falando pros outros. Uns vão passando pros outros. Fim de ano nós tivemos uma reunião com a Isabele, pra nós ficar uma semana lá na secretaria de turismo pra fazer esse encontro que vai vir gente de fora. Querem fazer reunião pra saber como é que funciona, como gerou esse negócio de benzimento e nós temos que contar pra eles. Nós temos que contar para os turistas que vem de fora, pra eles fazerem entrevista com nós, se nós gostamos e adoramos. Eu pelo menos adoro. A secretária perguntou se agente tava de acordo de seguir a nossa carreira, eu disse que estava de acordo a minha vida toda. O compadre Aureliano também estava, a Noema. A Noema foi a Gramado ano passado, eu não fui porque meu home velho estava doente. Agora pra longe eu não pretendo ir mais, a gente está ficando velho, ele está bem velhinho e agente tem que pagar uma pessoa pra deixar aqui. A minha guria que eu tenho trabalha, daí eu não posso ficar viajando assim.

Juliani: Pra que servem essas viagens?

Alzira: Pra eu benze, me conhecerem, saberem que eu existo. Eu acho isso importante, só que eu não ganho nada com essas viagens, uma verba. Eu ganho só a viagem que eu vou, comida e tudo, mas dinheiro por fora eu não ganho, eu tenho que pagar uma pessoa pra ficar aqui, daí pra mim não é importante. Então se eles querem me conhecer tem que virem aqui. Pra mim, se eles pagassem, se eu trouxesse uns troco bom pra pagar uma funcionária que ficasse aqui pra cuidar bem do homem velho ainda era mais importante. É o turismo e o IPHAN que me mandam pra fora. Até agora não tem nada resolvido, a peça que eu tanto quero na minha vida, quero ver se junto um dinheirinho quando nós parar de gastar com remédio com ele pra mim comprar tijolo e fazer uma peça, nem que eu não desfrute muito, mas eu deixo feito.

Juliani: E como seria esse espaço?

Alzira: Uma área grande de material, comprar umas tábuas e fazer bastante bancadas e ficam todos acomodados dentro de casa. Pra seria importante porque eles chegariam e eu teria lugar pra receber todos eles, porque hoje um pouco fica no ônibus, outros na sombra, daí demora muito e eles não se sentem acomodados. Eles dizem que estão bem, mas é porque eles precisam da gente, mas igual, eu não

me sinto bem. Se eu tivesse uma peça de material dali até lá e colocasse as bancadas pra mim facilitava muito.

Juliani: E a senhora acha que as pessoas que viessem aqui prefeririam assim ou da outra forma?

Alzira: Mas olha, agora tem que ser assim como eu to trabalhando. Eles não acham nada ruim porque precisam mas pra mim que precisava porque pra mim facilitava pra atender toda essa gente.

Juliani: A senhora poderia me contar algum caso de alguém que tenha se curado

Alzira: Tenho e apresento a pessoa que posso te trazer aqui a próxima vez que tu vier pra fazer uma entrevista com ele. Tem bastante gente, não é só um. Tem um senhor, o nome dele é Valdomiro, lá da Colônia Vitória, estava no hospital acamado e o doutor apartou ele dizendo que estava com meningite e tinha uma vala na cabeça dele. A esposa dele veio aqui e eu curei ele em 2 dias. Meningite não é qualquer um que cura, só benzedor mesmo, doutor não cura. Tinha outra senhora com um filho doente que era mãe daquele rapaz que tem aquele turismo ali, o Valter, daí ela veio aqui pra eu benzer uma roupa, ele era doente. Eu benzi a roupa, ela botou nele e quando foi de tarde ele vomitou tipo um papo de galinha. Ela botou a camisa no tanque com sal, no outro dia não amanheceu nada, só a camiseta, e ele sarou. Muitas outras histórias, de ferida, cobreiro, dor de cabeça, pasmo que entorta a boca. O Pilau foi um que eu curei ele. O Pilau da casa das tintas. Criança em quantia também. Picada de cobra e aranha, cobreiro em quantia tem gente que se cura. Todas essas crianças que estão aqui já foram curadas. Eles vem sempre, se benzem, curam, dormem bem, não choram mais e no outro dia a mãe traz de novo, sempre, sempre. Eles dizem 'nós vamos lá na Dona Alzira e ficamos bom'.

Juliani: O que motiva a senhora a continuar benzendo?

Alzira: Eu quero benzer pro resto da vida, enquanto eu viver quero ajudar as pessoas a viver. Esse é o motivo que eu tenho. Se Deus quiser enquanto eu caminhar eu quero benzer e fazer o bem.

Juliani: E como vai ser a transmissão desse conhecimento a sua neta?

Alzira: Logo eu começo a escrever. Quero deixar tudo escrito pra ela. Vai ficar escrito porque ela é nova ainda daí ela nunca vai esquecer. Eu tenho tudo os livro.

Juliani: Que livros são esses?

Alzira: É o livro dos benzedores. Eu tenho porque ganhei de uma senhora lá de São Luiz do Maranhão, ela me deu um diploma de benzedeira mesmo. Ela foi de avião lá para Brasília pra me levar o livro. O Livro está com a secretária de turismo, ela ia xerocar e depois me devolver.

Juliani: E o seu benzimento tem a ver com o livro?

Alzira: Não. Eu aprendi desde o princípio do mundo. Esse livro eu ganhei porque era de uma benzedeira muito antiga e daí eu participei e ela veio de São Luiz do Maranhão pra me entregar.

Juliani: A senhora poderia me contar uma de suas orações de benzimento?

Alzira: Posso. 'em nome do pai, em nome do filho, do espírito santo amém Jesus. Que tudo que a Juliani veio buscar aqui dentro do meu santuário em nome de Deus tu vai levar. Receba uma benção vitoriosa como a tua vinda aqui pelo serviço que tu está fazendo em nome de Deus, em nome de Santa Catarina e Nossa Senhora da Conceição que carrega a água que Jordão foi batizado, em nome dela que benzo e dá remédio de erva, passo as minhas mãos no teu corpo com o dom que Deus me deu, com as mãos abençoadas, que sirva de remédio e que tu saia curada e passe por cima de toda enfermidade que tiver no corpo dessa família que vieram se benzer, que aqui dentro deste santuário tu seja curado e livre de todo mau. Oro a Deus por você, assim como Deus duplicou o peixe, o vinho e o pão, que duplique a saúde de você, como muitos anos de vida, amizade e negócios de vocês em nome da santíssima trindade. Que assim seja em nome de Nossa Senhora'.

Juliani: Me conte um pouco mais sobre a relação de conhecimento entre a senhora e sua mãe.

Alzira: Minha mãe benzia e me ensinava em casa as palavras, mas eram outras palavras. Porque benzer existe várias palavras. Pra benzer pra mordida de cobra que Deus o livre, ou mordida de aranha é de um jeito, benzer de ar é outro, pra te benzer de dor de cabeça é outro. De rendimento que a pessoa deu um mau jeito é

de um jeito, de meningite outro jeito. Nunca é de uma forma só ou uma palavra só que a gente usa, cada coisa é uma coisa. Pra benzer de rendido que a pessoa se torça tem que ser costurado com uma agulha. Pra cortar cobreiro é cortado com uma tesoura e um ramo verde. Agente benzia muito com brasa de fogo pra dor de cabeça e ar, mas agora como é uma multidão de gente agente benze com as mãos da gente. As mãos da gente é abençoada com o dom que Deus deu.

Juliani: Quais são os objetos que a Senhora usa para benzer?

Alzira: Só o rosário ou um galinho de arruda com minhas santinhas, eu pego qualquer um desses rosários.

Juliani: E as palavras que a senhora, são iguais as que a sua mãe usava?

Alzira: São as mesmas que a mãe usava, são as mesmas desde o princípio do mundo porque já fazem sessenta e poucos anos que eu benzo. Agente tem que ter força pra benzer, puxar pela ideia da gente. Um ar a gente precisa saber se defender porque senão passa pra gente. Ar é uma enfermidade muito brava e outra é uma pessoa que seja muito tomada, que não seja bem são precisa ter um acompanhamento junto. Agente precisa ser forte pra benzer senão passa pra gente. Nem tudo é igual, e as palavras que usa pra uma coisa não é pra outra.

Juliani: A senhora tem medo dessas doenças?

Alzira: Eu não tenho porque sei me defender. Agente se ajoelha, acende uma vela e pede muito pra Deus.

Juliani: Quais são seus santos devotos?

Alzira: Meu santo mais devoto mesmo é São Miguel. Ele está ali oh, esses dias ele caiu e quebrou o braço. São Miguel, Nossa Senhora Aparecida que é minha padroeira, onde eu vou levo ela. Eu tenho uma pequeninha de carregar na bolsa. Meus santos todos o padre dá uma benção e todas as noites eu acendo vela pra eles, ajoelho e rezo pelo mundo inteiro e não só pela minha família, agente tem que pedir pros outros pra receber pra nossa.

Juliani: O que a senhora teria para me contar sobre os encontros dos benzedores?

Alzira: Mas olha, sobre os encontros eu não teria nada demais a contar. Nós não podemos ser um mais ruim que o outro, que eu benzo melhor que fulana. Os que sabem quem benze melhor são os que se benzem. Por esta causa eu não desfaço dos meus colegas, pra mim todos são iguais, nem que saibam benzer de menos coisas do que eu ou eu sabia menos do que eles todos nós somos iguais. Nós somos colegas de fé e eu nunca vou dizer isso, que um é melhor que outro. Eu acho muito bom esses encontros porque nós nos juntamos, trocamos ideias uns com os outros e tudo o que a secretária perguntar nós respondemos.

Juliani: E quem participa desses encontros?

Alzira: Pois é eu, compadre Aureliano, a Laidinha, a Noema. Agora somos só nós porque os outros saíram e foram pra outra religião porque perderam a fé nos benzimentos. Eles querem seguir outra religião porque santo não faz milagre, mas santo faz sim porque Deus deixou eles. Santo não fala, mas eu sou católica, tenho fé, peço pra Deus e ele me atende. Eu tenho esse dom e tenho força.

Juliani: Qual era a religião da sua mãe?

Alzira: Minha mãe era católica. Todos na minha família são católicos, nenhum é evangélico. Chora uma criança eles dizem: vamos levar na mãe pra benzer, dói um dente, vamos levar na mãe pra benzer, corta um dedo pra estancar o sangue, vem benzer. Eu benzo porque tenho fé.

Juliani: Quais são os males que a senhora benze?

Alzira: Dor de dente, dor de cabeça, ar, picada de cobra, meningite, rendimento, cobrero, estancar sangue.

Juliani: Se a senhora não tivesse esse espaço e os santos, conseguiria benzer?

Alzira: Benzia, mas talvez não com a mesma força que eu tenho. Quando me chamam numa casa eu levo meu rosário e Nossa Senhora Aparecida. Se não tiver eles eu me ajoelho e peço a Deus, benzo e o efeito é o mesmo pela fé e força que eu tenho.

Juliani: A senhora podia me falar um pouco das ervas?

Alzira: As ervas plantadas desde a origem do mundo. São remédio. Não existe uma árvore que não seja remédio pra uma coisa ou outra. Todas as árvores que dão fruto são remédio. Eu indico e ensino, tenho muitas aqui na horta e quando pedem eu dou. Pode ser pra dor, pra massagem.

Juliani: A senhora poderia me citar alguma?

Alzira: Arruda é pra ar, alfazema se dá pra criança pra não dar pasmo no umbigo ou livrar de cólica dos 3 meses, não tem criança que nasça que não tenha dor de barriga de 3 meses. Alface é remédio calmante, alecrim é contra ar, manjerona é pra dor de dente, folha da cana é pra pressão alta, a folha da guavirova é pra colesterol. Quando agente sabe que a pessoa tem uma dessas doenças, eu indico.

Juliani: Esse conhecimento das ervas a senhora aprendeu com quem

Alzira: Ele vem desde o princípio do mundo. Desde que eu me criei por gente começaram a ensinar. Quem me ensinou foi minha mãe mesmo. Ela faleceu com 112 anos.

Juliani: Quantas pessoas eram na sua família?

Alzira: Morava eu, minha mãe e mais dois irmãos e duas irmãs. Casei bem novinha, com 16 anos. Nenhum deles tinha o dom de benzer. Cada um tem um dom pra ser aquilo, tu é costureira teu dom é aquele, tu é professor tu tem aquele dom de professor. Foi minha mãe que disse que eu tinha o dom e desde cedo benzo, casei e benzia sozinha, bem solita. Agente vivia da lavoura, carpia, plantava. Eu me aposentei pela agricultura. Agora dia 08 faz 62 anos que casamos, nunca brigamos, eu já estou com 77 anos e ele 83 anos.

Juliani: E a senhora tem quantos filhos?

Alzira: Dez. Dez filhos, todos casados. Oito filhos homens e duas meninas. Eles acham que é uma profissão boa porque sempre estou fazendo o bem. Eles dizem que a mãe perde muito tempo as vezes porque eu não saio e passeio mais porque vem muita agente e no tempo que sobra eu tenho que arrumar a minha casa, lavar roupa. Se a gente tivesse capital dava pra pagar uma pessoa pelo menos duas vezes na semana, mas a gente não tem, daí eu mesma faço o serviço. Tudo isso Deus me dá força e eu vou vivendo.

Juliani: E a Senhora pretende repassar isso a uma neta e não para um filho?

Alzira: Sim. Nenhum dos filhos tem esse dom. Querer eu acho até que eles queriam, mas eles não tem essa força, porque precisa ter muita força de Deus, pra se defender quando benze alguém que está mau. Tem gente drogada também que se benze. Tem um lá de São Tomé, um rapaz com 22 anos, filho de fazendeiro, vieram aqui chorando, nós não queria contar pra senhora que nós era rico porque a senhora era pobre, nosso filho não parava mais em casa, não trocava mais de roupa, não comia, só fumava e bebia. Deixaram o nome dele aqui e eu comecei a benzer, dali a pouco eles voltaram aqui que o rapaz já estava parando em casa, mas não queria vir aqui. Eles ficaram muito faceiros.

Quando eu não estiver mais aqui, eu acho que as pessoas vão pedir pela minha alma, se eu estiver de bem com Deus. Se eu tiver força, eu quero lá de cima ainda continuar ajudando, porque eu tenho uma fé positiva. É só arrancar um flor no campo e me levar, sou louca por flores.

Aureliano José Jardim

Entrevista realizada com o Sr. Aureliano José Jardim em sua residência no dia 21 de julho de 2013.

Juliani: Boa tarde Sr. Aureliano, eu gostaria que o senhor me contasse como começou a benzer.

Aureliano: Seguinte, eu tinha uma vó que faleceu com 115 anos e era a maior benzedeira da região da Coimbra. E daí eu pedi pra ela, me deu uma inspiração por dentro e pedi pra ela que me ensinasse a benzer porque eu queria fazer o bem pro povo, pras pessoas. Ela disse “não posso meu filho”, daí eu indaguei “mas porque a senhora não pode” e ela me disse “eu não posso porque isso é um dom de Deus dá pra quem tem que cumprir aqui, e pode que tu não tenha o dom e de nada adianta tu benzer que não resolverá nada”. Daí eu fiquei, passou uma semana, eu estava caminhando no meio de umas laranjeiras, olhei as laranjas, de repente olhei uma velinha parada e me disse “vem cá, eu vou te benzer pra te dar o dom de benzedor”, daí ela me benzeu e disse “tu faz o que eu te mandei, não guarda isso que eu te dei, cumpra com o teu dever e não pode cobrar de ninguém porque de graça eu te dei.

Se alguém te der uma coisa tu aceita, mas não pode cobrar”. Daí eu fiquei com aquela inspiração enorme dentro de mim e comecei a benzer com oito anos até agora e continuo sempre firme.

Juliani: E desde quando o senhor benze?

Aureliano: Eu comecei a benzer mesmo com quinze anos, e hoje eu estou com oitenta e dois anos.

Juliani: E o senhor mora desde quando aqui em São Miguel?

Aureliano: Eu moro sempre porque eu vivia em Coimbra, que pertencia a São Miguel e estou até agora aqui.

Juliani: E da sua família, alguém mais era benzedor?

Aureliano: Da minha família só essa avó daí. Tem o meu rapaz que tem 21 anos, eu pressenti que ele tem um dom. Porque eu sou meio vidente assim, eu vejo a pessoa, olho pelos olhos, eu conheço a pessoa pelos olhos. Os olhos contam. Quando uma pessoa está triste não precisa nem dizer, ou se está com um problema na vida, preocupado, o que está estragando a pessoa eu tendo desimbria, tirar aquilo, dizer que a vida é boa, que deve continuar porque a vida está para frente e não para atrás, porque muitas vezes as pessoas pensam e vivem o passado e o passado não deviam pensar nunca. E assim eu continuo, as pessoas vem aqui, eu só benzo vizinha, mas se a pessoa dizer assim “me diz alguma coisa de mim, qual é o meu problema e como estou caminhando na minha vida”, eu digo, mas coisa ruim não, vou dizer só o que é bom, daí eu digo assim, assim... Daí as pessoas me perguntam como eu sei disso e eu respondo “mas isso está marcando nos seus olhos, eu tô lendo, está escrito nos olhos. Toda a pessoa se conhece pelos olhos e pelo rosto. Quem é que não conhece quando uma pessoa é ruim? Conhece pelo rosto, está marcado no rosto o que ele é, até o olhar é diferente, ele olha ligeirinho parece que tem até raiva das pessoas, e é assim que são as coisas e esse dom que recebi de Deus.

Juliani: Me conte um pouco mais sobre esta senhora que você encontrou. O senhor conhecia ela?

Aureliano: Não. Ela apareceu e desapareceu, não sei quem era.

Juliani: Quem o senhor acha que é essa pessoa?

Aureliano: Eu pensei que fosse uma pessoa guiada pelos caminhos de Deus. Coisa ruim não ia me dizer pra benzer, eu acredito que Deus mandou. Nossa senhora têm mostrado coisas pra mim que tenho ficado parado. Por exemplo: o que eu peço, tenho sido atendido. Tudo aquilo que eu peço não é difícil de atender.

Juliani: O senhor é devoto de quem?

Aureliano: De Nossa Senhora. Deixa eu te contar, eu com 35 anos fiquei mau, fui pra Santa Maria, Porto Alegre e os doutor examinava e dizia que não tinha nada e eu dizia que estava mau, pra morrer, que o mundo e os pensamento vão me terminar, eu tô mal e os médico dizia que não tinha nada. Daí eu saí, cheguei lá no mercadinho e um homem me disse “pega essa homem e mede sete palmo, o lugar dele é sete palmo”, daí eu pensei comigo “é a sepultura”. Daí logo que eu saí assim, encontrei uma mulher morena, de olhos tristes e veio caminhando no meu costado e numa altura olhou e disse “meu filho que está no céu e na terra, eu te peço de coração, dê vida longa a esse filho aqui na terra” e daí no outro dia eu comecei a melhorar, desapareceu tudo e é por isso que sou devoto dela. Esse problema aconteceu dentro de mim vizinha. E muitas outras coisas tem demonstrado, eu tava deitado, era de madrugada e deu aquele ‘paque’ na janela duas vezes e a janela abriu daí apareceu o braço de uma criança, enfiou assim pra dentro, tava com uma blusa cor de rosa e fez assim pra mim (*faz um gesto de uma mão chamando*), daí eu baixei a cabeça, quando levantei os olhos desapareceu, não tinha mais nada. Não sei né, deveria ser uma demonstração. Eu tenho uma coisa, não sei se vou contar, é um romance muito grande. Eu tenho aquela coisa de fazer o bem pras pessoas vizinha. Eu queria ser médico o papai não deixou estudar, não deu.

Juliani: E o senhor estudou até que idade?

Aureliano: Eu estudei até a oitava série e depois por correspondência e o professor disse “pode fazer o exame que você vai passar”, e eu não fiz e acabei estudando por correspondência mesmo, de enfermagem, aí depois eles mandaram o diploma. É um curso assim, você tem que praticar, fazer tudo o que é preciso em casa, vai trabalhando pra poder pegar a prática, mas eu não continuei daí.

Juliani: E que curso essa esse?

Aureliano: É um curso de enfermagem. Pra enfermagem, pra trabalhar em farmácia, hospital, coisa assim.

Juliani: E o senhor trabalhou com o que durante sua vida?

Aureliano: Eu trabalhei com um mercadinho e uma espécie de farmácia, que daí eu me dediquei com remédio. Aqui era puro unha de gato, não tinha nada, as pessoas ficavam doente e não tinha recurso. Daí eu pensei “eu sei, eu estudei nos livro de medicina, eu conheço as doenças, daí eu comecei a me dedicar no remédio”. Era muita gente doente, em quantidade e eu dava injeção, receitava. Uma vez chegou uma criança com respiração difícil e eu disse “Isso é pulmão, pontada de pneumonia, pode levar pra Santo Ângelo agora”, e chegava lá e era, bem certinho. Depois chegou um homem mal aqui e eu comecei a interrogar ele “têm ânsia de vômito? Te dói o fígado?”. Ele me disse que tinha uma dor atravessada na barriga e em uma perna. Eu vi que ele estava com febre e eu disse pra ele que ia botar a mão bem onde doía e assim eu botei a mão na apendicite e ele deu um grito. Eu disse: “tu está com a apendicite estourada, tu vai agora pro hospital senão tu morre”. Ele me disse “quero só ver, eu gastar e não ser isso mesmo”. Eu disse que garantia e quando chegou no hospital o médico examinou, disse que era a apendicite estourada e mandou na hora pra mesa de cirurgia. Daí ficaram muito contente de salvar o homem, acho que ele é vivo ainda, mora aqui em São Miguel no mesmo lugar. A coisa aconteceu assim vizinha, eu receitava e aplicava remédio.

Juliani: E como eram esses remédios?

Aureliano: Remédio de farmácia, antibiótico assim. Porque infecção na garganta, por exemplo, só se cura com antibiótico. Naquele tempo eles não proibiam tanto os remédios né vizinha, hoje não é assim, eles não vendem sem ter receita. Eu trabalhei com a agricultura também, em uma colônia, botei um mercado forte de remédio e nos tempos de folga eu ia pra lavoura. Eu tinha criação, porco.

Juliani: E hoje, quem são as pessoas que procuram o senhor?

Aureliano: O telefone não para vizinha. Eu sou meio surdo daí eu peço pra mulher escutar e anotar tudo direitinho o que querem e o que tem. É de Porto Alegre, São Paulo, Santa Catarina, Alegrete, Santiago, de tudo que é parte. Eu aprendi a benzer a distância vizinha, a gente se concentra bem, eu vou contar pra senhora, tem que

se concentrar bem e não pensar em nada por fora, só naquilo, daí eu avisto a pessoa de lá onde ela esta, o pensamento meu me leva até lá e eu vejo a pessoa com uma imaginação profunda e eu benzo a pessoa de longe, daí eu resolvo todo o problema vizinha. Tem gente que lá não sei de onde disse “eu vou te mandar um presente”, eu disse “não, eu não cobro”, mas ele disse que ia mandar. Depois chegou um tipo de envelope e cinquenta pila dentro, de presente me mandaram. Os turistas são pessoas que querem o benzedor, ta ali *(aponta para um crachá do Festival de Turismo de Gramado que stá na parede)*, já me levaram pra Gramado, lá de Santo Ângelo veio um escritório pra me levar. Me levaram, fiquei três dias e não paguei nada, tudo por conta deles daí eu fui pra Gramado. Daí apareceu vários depois daquilo de lá, acho que era um festival. Depois vieram aqui em casa o me perguntaram se eu era o benzedor e me levaram lá pra fonte e eu fui. Fizeram uma espécie de roda e o chefe disse assim “o senhor sente num banco ali que nós trouxemos e agora vai de um por um no senhor”. Chegavam e pediam pra eu falar algo, e assim foi indo eu por um, e eu dizia. Eu cansei.

Juliani: E o senhor gosta deste tipo de coisa?

Aureliano: Mas eu gosto, eu me dedico sempre. Eu queria deixar meu filho no meu lugar mas ele não quer eu acho.

Juliani: E porque ele não gostaria?

Aureliano: Ele me diz “isso não me agrada pai, eu tenho que trabalhar”. Mas ele tem o dom, o outro não. Eu tenho dois filhos e o outro não tem assim esse dom, ele está morando lá em Caxias.

Juliani: O senhor é aposentado?

Aureliano: Sou, eu me aposentei com sessenta anos pela agricultura.

Juliani: O senhor poderia me falar um pouco sobre o encontro dos benzedores?

Aureliano: Eu acho muito bom vizinha. Agente vai observando e vendo como está as coisas, como que é as pessoas. As pessoas querem saber qual que é o problema dele, e eu não digo as coisas ruins, essas não dá pra falar. Coisa ruim eu vejo mas não posso dizer nada, só dou esperança. Eu sempre digo “que Deus te acompanha

e o espírito santo ilumine teu caminho por onde andar, vai com fé porque a tua fé te curou”.

Juliani: O senhor poderia me falar sobre este seu espaço aqui?

Aureliano: Eu criei pra curar as pessoas. Eu peço pra Nossa Senhora me dar proteção.

Juliani: E quais são os objetos que o senhor usa?

Aureliano: Eu uso essas aqui (*aponta pra duas santas*). É uma santa milagrosa que me mandaram lá de São Paulo.

Juliani: E as orações?

Aureliano: Essas eu aprendi com a minha mãe, ela que me ensinou. Eu benzo em qualquer lugar. Se uma pessoa me pede e eu não estou em casa eu benzo, até na rua. Não regula o ambiente, o que regula é a tua fé e da pessoa que eu tô benzendo.

Juliani: E o senhor benze para que tipo de males?

Aureliano: Eu benzo pra quebrante porque criança sempre tem quebrante, mesmo sem querer as pessoas botam quebrante na criança, pra mau olhado, cobreiro, berruga, dor de cabeça, dor no corpo, pra estado espiritual porque tem pessoa que agente nota que tem alguma coisa acompanhando, a senhora sabe que existe espírito ruim né que tenta as pessoas pra levar pro caminho ruim.

Juliani: O senhor é de alguma religião?

Aureliano: Eu sou católico vizinha. O padre veio aqui duas vezes e abençoou, botou água benta por tudo e me disse “aqui eu reconheço um santuário pequeno que tu fez”. Eu disse pra ele “padre, eu sou católico e quero saber se estou no caminho certo” e ele me respondeu que eu estou sim no caminho certo porque eu rezo as orações de Deus e que eu estou fazendo tudo de acordo com os mandamentos de Deus e me deu rosário abençoado que eu coloquei no carro. Faz uns cinco meses ele me chamou e pediu pra eu rezar pelo pai dele e eu benzi, passou uns quinze dias ele veio e me disse que o pai dele já estava bom e caminhando. O padre é muito meu amigo, toda vez que ele me vê diz que eu estou no caminho e que estou

cumprindo com a minha missão, ele me deu até uma cruzinha pra colocar aqui. Eu sou católico, não acuso nem desdenho ninguém, apenas cumpro meu papel.

Juliani: E as pessoas que procuram o senhor são de que religião?

Aureliano: Não é só católico, têm espiritas também que vem se benzer. Os únicos que não vem são os crente vizinha, esses são contra. Esses dias eu disse pra um senhor lá em Santo Ângelo que me disse “bah, nem me fale nessas coisas” daí eu disse “eu vou fazer uma pergunta pro senhor porque o senhor não está bem informado: rezar pai nosso não é legal?” ele disse “é”, eu disse “o que é que o senhor pensa de um benzedor? Eu disse pra ele que não era benzedor de cartomante e outras coisas, apenas as orações de Deus e as verdadeiras orações e as pessoas não devem ter este dever com Deus? Ele disse “é, é, o senhor está certo, pode continuar, eu pensei que era outra coisas (risos)”.

Juliani: O que a sua família pensa disso?

Aureliano: Ela vem sim, tem de Santiago. Todos da minha família vem se benzer aqui.

Juliani: Tem mais alguém da sua família que benza também?

Aureliano: Não tem, é só eu. Hoje na minha casa, da minha família eu tenho um filho só que para aqui. Eu tenho dois filhos e a esposa.

Laídes Dutra da Silva

Entrevista realizada com a Sr^a Laídes Dutra da Silva no dia 21 de julho, em sua residência no município de São Miguel das Missões- RS.

Juliani: Boa tarde dona Laídes. Eu gostaria que a senhora me falasse um pouco da sua vida.

Laídes: Olá. Meu nome é Laídes Dutra da Silva. Eu nasci no Rincão dos Morais onde tenho uma irmã que mora até hoje lá e eu vim pra cidade de São Miguel com um ano e meio de idade com os meus pais. Nós éramos entre 10 irmãos mais o pai e a mãe. A nossa religião era espiritista e era lá no Rincão dos Morais.

Juliani: E esse rincão é interior de São Miguel das Missões?

Laídes: É interior de São Miguel e fica a dezesseis quilômetros daqui. Daí o meu tio Agenor José Marciano era irmão da minha mãe Dileta Alves Marciano Dutra. Ele que tinha o centro espírita e eu me criei e fui batizada no centro espírita e até o meu filho é batizado no centro espírita. E eu gostava muito que ele tirava de dentro da bíblia os salmo e que são os mesmos dos livros espiritista de hoje, daí eu me criei daquele jeito sabe e eu gostava de ver aquelas palestras sabe que ele fazia. Mas dá medo na gente, o que eu passei dentro daquele centro espírita dá medo em quem não entende. Baixa os espíritos mau que estão arrodando as pessoas e deixam em depressão e desânimo. Vai pro médico mas não é doença, é o inimigo que está junto. Lá, meu tio tinha aquela corrente espiritual junto com os médium dele eles tiravam aquele espírito mau daquelas pessoas e amarravam e mandavam não sei pra onde, porque eles sumiam e não incomodavam mais a pessoa. Eu tinha um cunhado meu que cada passinho ele ficava tomado e uma irmã minha também que chegava a subir pelas paredes e chamavam ela de louca mas ela não era loca, ela era 'obsediada' pelos espíritos maus, os coitadinhos queriam ajuda. Aí esse meu tio que tinha esse centro que tinha os médium deles tipo doutor Manoel Fernandes, Bezerra de Menezes, a mãe Jurema, tudo eram os espíritos que vinham neles pra eles salvar os outros, entendeu? Está entendendo?

Juliani: Sim.

Laídes: Esse é tipo de um santo, assim como temos o São Miguel Arcanjo, tem aquele que eu gosto muito, o da Lua cheia, o São Jorge que é protetor guardião do meu irmão Omiro Dutra, e é poderoso quando ele levanta aquela espada dele, quando a coisa tá preta chame o São Jorge que com a espada dele todo o mal sai. Isso tudo é a fé da gente né. Então eu sou muito de Jesus Cristo, todos os problemas que acontecem comigo eu não vou contar pra ti, pros meus vizinhos, irmãos ou pra parente, eu me ajoelho e entrego tudo nas mãos de Jesus porque se ele não fizer por ti ninguém mais faz. Por isso que ele foi pregado numa cruz, foi crucificado e derramou o sangue dela pra nossa salvação, pra salvar nós e aquele que crê e têm fé. Porque eu vivo só na fé mesmo. Esses dias eu não andava comendo e minha cunhada disse pra ir no médico fazer uns exames de sangue e não sei mais lá o que, porque podia ser tireóide e tal. Vocês acham que eu tenho

medo de tirar sangue? Não tenho. A dezoito anos atrás eu fiz os mesmos exames de hoje e não tinha nada, nem tireóide, colesterol, glicose e essas coisas. Não gosto nem de falar em médico porque até me ataco dos nervo quando vejo um médico. Porque graças a Jesus, ele é o principal em nossa vida e só ele leva nós ao Pai.

Juliani: E como a senhora começou a benzer?

Laídes: Quando eu comecei a benzer eu não sabia benzer e eu comecei a benzer pra tormenta por causa da minha mãe, eu saia nas costas dela quando se armava o tempo e ela pegava o machado e eu benzo até hoje, tenho o machadinho certinho ali nos fundos de casa. Um dia eu tava sentada com o meu gurizinho que hoje está com vinte e seis anos, eu sentada com ele no colo e eu tinha uma janela de vidro parecida com aquela que eu tenho ali (*aponta para uma das janelas da casa*), isso lá fora no interior, deve dar uns três quilômetros daqui lá perto dos meus irmãos que moram até hoje lá. E era um sonho assim, eu embalando ele numa cadeira e eu olhei pro céu e o céu era lindo todo azul e aparecia Jesus num quadro branco, ui eu me arrepio só de lembrar, Jesus naquele quadro branco e saía umas estrelinhas também pra mim no meu sonho sabe, e eu tinha o meu guri e ele estava no meu colo, daí eu chamei o meu esposo e disse “vem ver Vilsom o que eu tô vendo no céu, Jesus Cristo”, daí ele veio e não estava mais. Não era pra ele ver, só pra mim e desde aquele dia eu comecei a benzer, benzer pra mordida de bicho, cobra, aranha, quebrante, mau olhado. Isso foi um dom que Jesus me deu e não adianta procurar em outras coisas. A pessoas dizem “mas bah, não dá pra tu me ensinar benzer?” e eu digo “mas eu não sei ensinar porque eu aprendi porque Jesus me ensinou e se não fosse ele eu não saberia nada. Pois eu não sabia ler, todos os meus irmãos iam no colégio e o pai dizia “minhas gurias não foi criada pra sair na estrada e estudar, tem que aprender em casa”. E eu me lembrava mas aprender como? O meu irmão mais novo estava estudando aqui em São Miguel e nós ficava três quilômetros pra fora e quando ele chegava em casa eu roubava o livro dele e ia pra atrás da casa e tinha aquele a e i o u com a imagem de uva e quando o meu pai viu eu já tava cantando naqueles livrinhos que vinham de música e ele disse “mas como é que essa nega aprendeu a cantar num livro se ela não sabe ler”. Eu sei fazer música, sei fazer hino de igreja, eu sei fazer poesia, eu nunca errei em conta, trabalhei em um cachorrão e em restaurante e nunca errei uma conta e quem me ensinou? Jesus, porque foi o meu único auxiliar porque eu não tenho banco de escola. As vezes me

perguntam qual é meu nível escolar e eu fico com vergonha porque eu sou analfabeta na escola, mas eu não analfabeta porque eu sei ler, escrever e fazer conta porque Jesus que me ensinou. Meu anjo da guarda é muito forte graças a Deus. Ontem mesmo teve uma mulher aqui dona de loja e me disse “ah guria eu não aguento mais, mandei arrumar um dente e me dói” e eu disse “a tua fé que tá poca, eu vou te benzer e tu vai sair daqui boa” e eu benzi a mulher e ela já saiu boa, e tinha ainda que viajar pro Paraguai hoje e saiu na porta dizendo que estava boa do dente. E meta antibiótico só pra estragar o sangue, coitada, só faltava Jesus no costado dela. Eu benzi em nome de Jesus, tudo o que eu faço é em nome dele.

Juliani: Então fazem quantos anos que a senhora benze?

Laídes: Faz mais ou menos, o meu filho está com vinte e seis, é por aí. Eu comecei a vinte e seis anos.

Juliani: E a senhora benze pra que?

Laídes: Eu benzo pra quebrante, mau olhado, rendidura, mordida de cobra e aranha, cobreiro, leproso, essas pessoas que vem mau eu benzo e saem curado tudo em nome de Jesus. Eu curei um homem guria, na cintura tava quase encontrando a cola com a cabeça e depois de encontrar não tem cura e em nome de Jesus ele sarou e nem sinal ficou, coitado, e não veio mais aqui porque vem quando precisam.

Juliani: E a senhora é de que religião?

Laídes: Mas olha, eu pago o dízimo na católica, é pouquinho e diz na bíblia “dar a César o que é de César” então a gente dá um pouquinho. Mas no centro espírita não se paga nada porque quando Jesus andou na terra ele não cobrava nada e ele dava o que queria, ele não tem ouro e nem tem prata, mas a salvação que é tudo e ninguém vai ao Pai senão por Ele, então tem que se agarrar com Ele porque é Ele que salva a gente.

Juliani: Então a senhora pratica o espiritismo?

Laídes: Sim. Tu sabe que o padre escondia muito, coisas que eu já sabia desde pequena por causa do espiritismo hoje ele está pregando na igreja. Já estão se entreverando com os crentes, já estão ajudando os outros. O crente não acredita em santo mas o santo ficou de intermédio de Jesus. Por exemplo, o meu filho quando

ele sai e demora um pouquinho eu digo “santo expedito vai lá buscar o meu filho, pega ele pela mão porque eu não sei onde ele está mas tu sabe” e não leva dez minutos meu filho está entrando por aquela porta, então eu tenho fé no santinho. O santo leva as coisas a Deus e as preces que a gente faz ele leva.

Juliani: E o que os espíritas acham do benzimento?

Laídes: Os espíritas benzem também.

Juliani: E é da mesma forma que os demais benzedores benzem?

Laídes: Mas olha, eu fui benzida só pelo Aureliano, desde que eu me desnuquei e fui no médico, me deu uma rendidura e me benzi com o seu Aureliano. Já os outros eu não sei. O seu Aureliano benze com o nome de Nossa Senhora porque ele viu a Nossa Senhora e ela entregou o dom pra ele. Mas agora da dona Alzira essa eu não sei mas dizem que benze bem também.

Juliani: A senhora utiliza algum objeto pra benzer?

Laídes: Eu benzo com a brasa de fogo e a arruda só. Pra quebrante, tu pega a brasa do fogo, daí eu tem o nome da pessoa e diz “eu te benzo de quebrante, mau olhado em nome de Jesus” e larga a brasinha num copo com água. Se a brasinha ficar pra cima não tem quebrante. Pra quebrante, mau olhado e inveja é tudo a mesma coisa e se a brasinha cair pra baixo é porque tá carregado. O principal de criança novinha tu bota a língua na testinha, ele não come sal e quando está com quebrante a testa está que é uma salmoura de sal, sinal de que está cheio de quebrante. O quebrante dá dor de cabeça e desarranjo e não deixa dormir.

Juliani: Me fale um pouco das pessoas que procuram a senhora?

Laídes: Vem gente de toda a parte. Os turistas chegam, se informam e vem. Tem os mapa lá daí eles vão botando o dedo lá e dizem “é aqui que eu vou, é lá na dona Laídes”. Um dia num sábado de meio dia eu não podia nem fazer comida, chegou três carros cheio de gente e eu benzi vinte e duas pessoas só de meio dia e não deixei sair um sem benzer. Pra Deus nós temos que largar tudo o que estiver fazendo e pedir pelo outro e pregar a palavra de Deus sempre.

Juliani: O que a senhora teria a me falar sobre o turismo?

Laídes: Eles vem porque tem fé. Um tem dor de cabeça, outro tem cobreiro, outro ar ou até mesmo peso na consciência. Teve um casal de Farroupilha aqui e o marido estava desempregado coitado e eu benzi pra abrir as portas do serviço dele porque ele merece. Tem outros que vem só pra explorar a gente, pra ver o que a gente faz, eu sinto quando a pessoa, uns só arrodeiam e não chegam, vem por curiosidade por causa do turismo eu acho. Eles estão tudo errado, os coitado não sabem o que estão fazendo. Tem uns que são rico e tem dinheiro e perguntam quanto que custa e eu digo que não custa nada porque quando Jesus andou na terra ele não cobrava nada de ninguém. As vezes me dão um troquinho, largam ali e eu me ajoelho e agradeço a Deus porque eu sou pobre e qualquer ajudinha me ajuda, mas não que eu esteja cobrando. Depois que eles saem eu digo pra Jesus “eu não pedi, tu viu, eu ganhei”. Coisa ganhada não é roubada né. É abençoado e não amaldiçoado. Eu gosto quando eles comprem minhas capinha de vassoura, eu fico tão faceira porque é o meu serviço pra inteirar minha aposentadoria.

Juliani: A senhora é aposentada do que?

Laídes: Pela agricultura, eu sou aposentada a uns seis anos já. Eu tô com sessenta e um e me aposentei com cinquenta e cinco.

Juliani: A senhora poderia me falar um pouco sobre a transmissão dos benzedores?

Laídes: A coisa não é assim porque o dom não é pra qualquer um. Eu sou de libra daí dizia no meu signo que eu era pra ser artista, músico, meus irmãos tocam. Eu pensei “mas eu sou artista do que meu Deus?”. Mas isso é uma arte que Jesus me deu pra mim largar pro povo. Eu tenho uma coisa comigo quando está pra acontecer qualquer coisa ao redor eu não durmo, as minhas pálpebras podem fechar mas não vem o sono nos olhos. Eu levanto, dobro meus joelhos, abro minha bíblia e largo tudo nas mãos de Jesus aí eu durmo. É um dom que Deus dá pra gente, não adianta.

Juliani: E como é a sua relação com seus parentes, eles te apoiam?

Laídes: Eles me apoiam porque todos eles são pessoas espiritistas. Esse meu irmão, o Miro, tem o conjunto dele, tem o outro, o Valdemir, também tem um conjunto de música, eles acreditam, mas a mulher deles não acreditavam e a minha cunhada tinha uma dor de cabeça horrível e vivia no médico e um dia eu disse pra

ela “Vilma, tu tem um ar muito sério na tua cabeça e eu vou te benzer a cabeça e tu nunca mais vai ter essa dor”, e ela não acreditava em benzimento daí eu benzi a cabeça dela e ela nunca mais teve dor. Eu acho que ela tinha medo que quando eu botasse as mãos baixasse um espírito (*risos*). A partir deste dia ela passou a acreditar em benzimento e qualquer coisa ela me liga.

Juliani: E como é o relacionamento com os católicos.?

Laídes: Uns aceitam outros não, mas a maioria aceita. Quase todos são católicos porque crente não se benze. O padre tem como se a gente fizesse uma oração. Ele não é contra os benzedores. Cada fim de ano nos abraçamos a cruz missioneira e ele vai junto e acompanha. Até o prefeito disse que não acreditava até ele ter um problema de berruga, benzeu e começou a acreditar. A pessoa tem que cair pra depois levantar e aí começa a fé da pessoa, porque tudo é a fé.

Juliani: O que a senhora teria a me dizer sobre o encontro dos benzedores?

Laídes: Mas olha, o encontro dos benzedores é bom pra nós. Os de fora parece que acreditam mais do que os daqui, os que nós mais benzemos e abençoemos são os turistas, aquilo fazem fila e tens uns que chegam a passar por uns três ou quatro benzedores e não vão só em um. Mas o principal é que se tu tem fé tu vai em um só. De São Miguel vem bastante, ontem mesmo veio três crianças e duas mulheres. Quem vem acredita, antes tinha muita gente que não acreditava e depois que vieram a primeira vez vem sempre.

Juliani: Alguém mais da sua família benze?

Laídes: Eu tenho uma irmã que benze. Tem o meu sobrinho que benze pra mordida de bicho, além de ser músico é benzedor e a minha mãe benzia só pra tormenta e eu aprendi nas costas dela. A religião da mãe era espírita. O pai da minha mãe era alemão puro ele veio da Alemanha e a mãe dela era Brasileira e o meu pai tinha sangue de bugre, é Dutra, e eu peguei o sobrenome só do pai porque meu pai era Sebastião Rodrigues Dutra e minha mãe era Dileta Alves Marciano Dutra por causa do meu pai e quando ele ia registrar nós “quem canta no terreiro é o galo” e ficou só o nome dele em nós. Todos nós temos o sobrenome dele e da mãe não. O pai dela era alemão dos olhos azul e ela era bem branquinha e baixinha. Meu pai já era alto e moreno e com pouco cabelo e daí a nossa família ficou com o sangue bem forte.

Agora que eu fiz meus exames o doutor se apavorou como é que eu tinha um sangue bem forte e me perguntou o que eu comia, eu disse “doutor, a minha comida é leite, feijão, arroz, ovo, salada eu como muito pouco, fruta, sardinha e pão”. Eu não gosto muito de carne, se eu faço um carreteiro eu engulo o arroz e deixo a carne, hoje eu fiz carne de galinha e não comi. Não sou carnífera, eu gosto de comer feijão, arroz, mandioca, ovo, leite, essas são minha comida preferida. Prova é que meu sangue estava limpinho. Eu disse pro doutor “que quero saber que sangue eu tenho”, ele disse “mas com um sangue forte desse não precisa nem ficar sabendo que sangue é, eu nunca vi sangue igual a esse teu, se metade do povo de São Miguel tivesse esse teu sangue aí eu desistia de ser doutor”. Fazia dezoito anos que eu não fazia exame de sangue. Eu sou magra porque eu tomo leite quente e o leite quente desentope tudo as veias, eu tomo de noite antes de dormir e de manhã cedo com um pouco de açúcar que eu queimo com a brasa e boto leite em cima com bolacha ou pão. Eu sem leite não sou ninguém, e diz que a juventude tem que tomar no mínimo um copo por dia e velho quase um litro, e olha a saúde melhor que eu tenho, quero que tu veja a terra que eu cavoco ali atrás pra plantar mandioca, faço tudo agachada com 61 anos de idade, corto lenha e faço de tudo sozinha porque meu filho trabalha e não pode me ajudar. Eu sempre agradeço a Deus, esses dias de frio eu disse “Jesus me esquentar que eu vou tomar um banho” e fui pro banheiro e nem vi tomar esse banho, saí de lá bem faceira e gripe faz mais de seis anos que não me dá.

Juliani: E a senhora teve outras visões?

Laídes: Não. Eu só sonhei uma vez com ele mas não era do jeito que eu vi ele no céu. Eu sonhei que ele andava assim voando, tipo que nem anjo e estava dentro da minha casa. Por isso que eu confio nele e ele está junto comigo, encostadinho, eu to sentindo a presença dele. Jesus é tudo, por isso que eu benzo em nome de Jesus.

Manoel Antunes de Jesus (Maneco das ervas)

Entrevista realizada no dia 31.08.2013. Interior de São Miguel das Missões. A entrevista começa de uma forma informal. O entrevistado pega um livro antigo e muito desgastado e começa a falar.

Manoel: Agora eu estou fazendo um remédio para insônia, pra criança que não dorme. Tudo tem um remédio

Juliani: E esse livro o senhor conseguiu onde?

Manoel: Veio de São Paulo, me deram. Ele é só de erva. (silêncio). Olha aqui ó (mostrando o livro) esse aqui é pra enfisema, sabe o que é essa doença?

Juliani: Não.

Manoel: É na perna, olha aqui ó. Olha esse aqui ó, zipela, nunca ouviu falar? Essas manchas que ficam na cara e nas pernas, a senhora sabia?

Juliani: Não. Como é o seu nome?

Manoel: Manoel Antunes de Jesus, o “Maneco das Ervas”.

Juliani: O senhor é natural aqui de São Miguel?

Manoel: Sim, de São Miguel.

Juliani: Nasceu e se criou aqui?

Manoel: Sim, aqui.

Juliani: Que idade o senhor têm hoje?

Manoel: Oitenta e seis, vou fazer dia 10 de dezembro oitenta e seis anos. Sou de mil novecentos e vinte e sete, dez de dezembro. (continua olhando e folheando o livro). Olha aqui os remédios ó. ‘Lupulus’ a senhora sabe o que é?

Juliani: Não.

Manoel: Eles usam pra fazer a cerveja, vem de lá do norte as frutas ó. Erva cidreira, conhece?

Juliani: conheço.

Manoel: Erva cidreira, tem o capim cidreira e o erva cidreira. Pra que é bom tudo diz aqui.

Juliani: E o senhor receita as ervas para as pessoas que lhe procuram?

Manoel: Eu faço e mando pras pessoas véia e doente e criança, tudo eu dou.

Juliani: E o senhor aprendeu com quem isso?

Manoel: Com os curandor antigo que existia daonde foi curado pra picada de cobra viu e nunca me pegaram mesmo e o véio que benzia então fez e pode uma cobra querer te pegar ela crava o pé e tem medo de você, nunca graças a Deus e tudo que vierem pra você benzer você fica igreja, nunca ouviram falar naquele curandor?

Juliani: Quem eram esses curandores?

Manoel: Esses antigos que tinham aqui e que moravam no São João velho por aqui em São Miguel, o Iduíno era um, eu conheci muitos. Pois olha aqui que eu vou ler “a exipele aquela sarna que sai, aquela coceira, pois é esta olha (aponta para o livro com imagens). Dá na cara e os remédio é de fazer ó: Maracujá, babosa. Nunca viu a ‘sempre-viva’ aquela flor que dá e tem o nome de sempre-viva, o fedegoso e o arroz diz que tem que botar cozinhar e ferver. Mas ó, até uma filha lá em Porto Alegre. Pra tudo têm um jeito de fazer.

Juliani: O senhor têm filhos?

Manoel: Tenho.

Juliani: Quantos?

Manoel: São quatro, cinco. São quatro filha, um filho homem e um criado. O criado está com trinta e cinco anos. Olha aqui, eu descobri um remédio que me mandaram a pouco, nunca ouviu falar não viu Melirrama, é pro fígado, pra tudo.

Juliani: E fora as ervas o senhor benze?

Manoel: Benzo.

Juliani: E o senhor benze para que?

Manoel: Quase tudo que é coisa.

Juliani: E pra que doenças o senhor benze?

Manoel: Ramo de ar, essas coisas. Tem um livro só de oração sabia. Olha esse livro aqui, nem vou ler tudo (pega um livro bíblico).

Juliani: E o senhor aprendeu com quem a benzer.

Manoel: Com todo mundo. Depois tem um livro que foram meio rasgando o papel. Aqui de São Luiz um primo comprou um livro de oração, mandou buscar em São Paulo e me deu dado, faz uns sessenta e pouquinhos anos que ele me deu. História bíblica, nunca ouviu? Esse aqui é o livro 'minha histórica bíblica' e está tudo aqui.

Juliani: E o senhor é de que religião?

Manoel: Eu sou católico. Olha, desde a criação até o dilúvio (mostra no livro). Olha aqui 'um lindo jardim', nunca ouviu falar nisso? Olha aqui o que existia o mundo, o primeiro homem e a primeira mulher Adão e Eva (silêncio) aí eles pecaram e não era pra comerem de uma fruta das oliveira e a serpente invejou e fez eles come então e morreram à míngua, olha aqui ó 'começo da vida dura', antigamente eles faziam, olha o jeito que criavam os filho. É muito grande este livro.

Juliani: O senhor estudou?

Manoel: Olha, nunca estive no colégio. Eu me criei em São Miguel, me criei com um tio e um primo irmão e então eu nunca estive na escola. Então eu trabalhava na roça de noite, em dia de chuva e eles me ensinavam em casa e eu aprendia e nunca tive colégio. (Volta para o livro) 'Um homem curioso ó', olha aqui, tu nunca ouviu falar que ouve Noé que construiu uma arca, levou cento e vinte anos daí era pra entrar na arca, tu nunca ouviu falar isso? História bíblica, olha aí os bicho tudo eles e foram pra arca e choveu uma barbaridade e destruiu tudo ó. Olha aí o que restou (continua apontando para o livro).

Juliani: O senhor tinha irmãos?

Manoel: Tenho. São cinco.

Juliani: Algum deles é benzedor ou mateiro?

Manoel: Não, nenhum. Tem uma irmã que é mais velha que eu e que é morta, o mais velho é vivo e está com oitenta e nove anos e eu estou com oitenta e seis e a minha irmã se fosse viva estaria com oitenta e sete para oitenta e oito e tem um em São Miguel e outro em São Luiz e está adoentado.

Juliani: Alguém na sua família benzia?

Manoel: A minha mãe era diário e a minha vó 203atrim véia era benzedeira uma barbaridade.

Juliani: E como era o nome da sua mãe?

Manoel: Ana Correia de Andrade. (volta para o livro). Olha aí o arco-íris que sai, o primeiro que saiu. Olha aqui, nunca ouviu falar na grande torre de babel? Fizeram para encostar no céu e olha aqui estavam fazendo tijolo e tudo aí Deus mandou aí uns começaram a brigar com os outros e não se entendiam.

Juliani: O senhor é aposentado?

Manoel: Faz muitos anos eu e a mulher.

Juliani: Pela agricultura?

Manoel: Agricultura. (volta para o livro) 'Deus prova a fé de Abraão', Deus mandou sacrificar o filho de quatorze anos e quando ele foi degolar com um facão e ele não deixou mais. Olha aí ó têm tudo isso, vocês não conhecem? Eu gosto de ler noite e dia. Nunca ouviu falar de José e havia seis anos de seca, tá aqui ó. O Farão sonhou o que significava sete anos de vaca gorda. 'José testa seu irmão'.

Juliani: Mora só o senhor e sua esposa aqui?

Manoel: Que mora é.

Juliani: Como é o nome dela?

Manoel: Docelina Martins.

Juliani: Que idade ela têm?

Manoel: Oitenta e seis também. É três dias mais velha que eu.

Juliani: E ela benze?

Manoel: Benze. Graças a Deus nós. 'Cobreiro' (voltando ao primeiro livro). É só benzimento.

Juliani: E usa o que pra benzer?

Manoel: Folha.

Juliani: E mais pra que o senhor benze?

Manoel: Tudo que é oração. Só com oração.

Juliani: Nenhum objeto ou santo?

Manoel: Não precisa.

Juliani: Algum dos seus filhos é benzedor?

Manoel: É, esse que mora em Santa Catarina.

Juliani: E ele aprendeu com o senhor?

Manoel: Não. Eu nem sei. São tudo meio maçônico eu acho. É maçônico. (voltando para o segundo livro) Olha aí, sabe que criança é essa? Moisés. A filha de Farão que é do rei, então naquele tempo existia e criança com menos de dois anos filho homem era para ser morto. Tá tudo escrito aqui. A filha do Farão veio tomar banho e achou a criança dentro de um (silêncio) uma coisa pra não morrer então mandou a mãe criar, pagou pra ela criar, mas eu vou parar com isso (risos) porque é demais.

Juliani: O senhor frequenta a igreja?

Manoel: Ia antigamente. Depois que o padre, a minha mãe morreu ali em São Miguel e todo o sempre ela era católica, rezava e era tudo. Ela era católica e perdeu um pé e o padre não quis ir na reza dela e daí ela nunca mais foi. Olha, só contando mesmo.

Juliani: E o senhor deixou de ir também?

Manoel: Deixei. Ela perdeu um pé e ela ia tudo que era terço no cemitério, naquele tempo faziam a reza, o terço, rezavam, agora não fazem quase mais. E o padre não pode ir não sei que festa tinha aqui e não pode ir no terço dela.

Juliani: E o senhor sempre morou aqui?

Manoel: Aqui sim, depois casei desde cinquenta e quatro que eu morava em São Luiz uma vez.

Juliani: E o senhor nasceu onde?

Manoel: Em São Miguel. Aqui, vamos dizer, a senhora conhece 'os mato grande' ali?

Juliani: É casado a quanto tempo?

Manoel: Foi em cinquenta e quatro, mil novecentos e cinquenta e quatro, faz dias né (risos). Olha aqui para vocês aprender pra fazer remédio é esse aqui ó, pro fígado sabe disso? (mostrando o primeiro livro novamente). Esse remédio eu descobri e me trouxeram para cá é pro estômago, pra tudo aqui ó 'melirrama folha', 'erva de carpinteiro', 'planta 205atrimôn' pela aste numerosa, arredendada.

Juliani: E o senhor é um descobridor de plantas?

Manoel: É (voltando ao livro), 'derpésia' ó, infecções drásticas do intestino, catarro pulmonar, febre, remitente, infecções hepáticas, despésia debilidade dos nervos, contusões, infecções das vias urinárias e tem que ler pra saber tudo que é erva. Olha aqui ó, pros rins, pra bexiga, é palitaria a senhora não conhece?

Juliani: Não. Vem muitas pessoas procurar o senhor aqui?

Manoel: Barbaridade. O doutor manda eu fazer remédio aí. Eu faço e boto duzentas ervas e boto álcool de cereal nunca ouviu falar? Bota ali duzentas ervas e deixa dez doze dias e depois coa, aí eu compro sempre agora eu trago de Santo Ângelo (mostra um recipiente de álcool), é esse aqui ó álcool de cereais, aqui em São Miguel eu pago vinte e dois por um litro de álcool de cereais e em Santo Ângelo eu compro por oito. Está todos eles aqui (mostrando galões com o remédio que produz), oito lá no laboratório. Esse álcool, óleo de copaíba vem do Amazonas, pra alergia pra tudo, pra mim é bom, toma cinco gotas, criança de seis, cinco, dez anos pra diante toma cinco gotas na água, pra alergia pra tudo que é coisa e eu boto aquele xarope num litro e bota dez ml desse e um litro de mel. Então esse aqui fica de dez a quinze dias, tá ali o litrão e depois coa ele e só bota o mel e esse óleo de copaíba, mas não tem asma não tem tudo e depende desse livro aqui pra que que é bom aqui vou lhe mostrar, olha aqui todos os remédios (mostrando o livro) que tem que ser. Olha o sabugueiro, conhece? Tem ali, eu faço o remédio. Olha aqui a sarvia (mostrando o livro).

Juliani: E o senhor conhece todo o livro?

Manoel: Conheço. Tu conhece aqui em São Miguel aquela filha do 'Adão Gambá'? Casou não é? Ele trabalha no Sicredi. Não é que eu queira mas pergunta pra ela, faz uns vinte anos, tem a doença aqui (aponta pra garganta) e ela tomou o remédio e não poderia tomar nada nada fria e ela tomava e perdeu a voz e agora sarou sabe? Se admirou e levou uns. Pode perguntar pra ela. Todos os remédios tem aqui (se referindo ao seu cultivo na sua propriedade). Ela tomou e agora e se admirou de sarar. Olha aqui, eu já lhe mostro (foleando o livro), olha os remédios, tem tudo o nome, é tudo remédio viu? Alecrim do jardim conhece? Alfavaca e alfazema, a senhora não conhece? Altéia. Esse remédio eu queria mas não posso, tem que ser em São Paulo para descobrir, angélica cinquenta e nove, é um remédio bom que uma barbaridade mas não posso descobrir onde tem.

Juliani: E o senhor pega ao livro e descobre as plantas se tem aqui na região, é isso?

Manoel: Sim. Tem aí, pode ir no laboratório e comprar.

Marlene Machado Cassiano

Entrevista realizada no dia 31.08.2013, na residência de Marlene Machado Cassiano, zona urbana de São Miguel das Missões.

Juliani: Vamos iniciar a entrevista. Como é o seu nome completo?

Marlene: Marlene Machado Cassiano.

Juliani: A senhora tem quantos anos?

Marlene: Cinquenta e três.

Juliani: Nascida e criada aqui em São Miguel?

Marlene: Sim.

Juliani: Sempre morou e viveu aqui?

Marlene: Sempre sempre.

Juliani: A senhora poderia me explicar um pouco como começou a benzer?

Marlene: Eu comecei com a minha avó, ela de uma idade em diante ela não caminhou mais e daí foi para a cadeira de roda, daí chegavam as pessoas lá na casa da minha irmã eu morava com ela e ela ia benzer e eu sentava perto pra escutar, tudo que ela benzia os benzimento que ela fazia eu aprendia e todos que ela sabia eu aprendi. Das únicas netas dela fui a única que aprendi os benzimentos.

Juliani: E fora ela, na sua família tinha mais alguma pessoa que benzia?

Marlene: Não, só ela.

Juliani: E de que religião ela era?

Marlene: Católica.

Juliani: E a senhora?

Marlene: Eu sou católica também.

Juliani: E faz quanto tempo que a senhora benze?

Marlene: eu tinha quinze anos quando eu comecei a benzer.

Juliani: e hoje a senhora tem que idade?

Marlene: Cinquenta e três.

Juliani: E a senhora benze para que

Marlene: Eu benzo pra tudo que é coisa, pra rendidura, cobreiro, pra ar, pra doença de pele, pra mau olhado, pra tudo, pra mordida de cobra, mordida de aranha.

Juliani: A senhora poderia me falar um pouquinho das doenças e dos objetos que a senhora utiliza naquele benzimento. Por exemplo: pra tal doença a senhora utiliza tal objeto.

Marlene: Pra zipela eu pego os raminhos que têm dentro da igreja e a gente pega. Pra ar e quebrante é a brasa e o copo de água tem um gurizinho que vem se benzer que baixa tudo a brasa e cobreiro é com uma faca e também com uma tabuinha e pra rendidura e com folhinha e com agulha e pra mordida de cobra também é com um raminho, três raminhos pra mordida de aranha. Pra berruga eu benzo também, pra ar, pra meningite eu benzo também e muita gente vem aqui se benzer.

Juliani: Como essa sua avó lhe ensinou a benzer? A senhora lembra?

Marlene: Ela ia benzer e eu ia escutar. Ela não me ensinou, ela só benzia e eu escutava, daí eu aprendi tudo só escutando ela benzer os outros.

Juliani: E ela lhe estimulou a benzer?

Marlene: Nunca me ensinou mas eu aprendi.

Juliani: E a senhora atribui a que esse seu desejo que aprender a benzer?

Marlene: Eu acho que isso é uma coisa boa que eu estou fazendo porque não têm hora da noite me ligam e eu vou lá benzer, pra mim pode ser a hora que for, é um dom que eu tenho para benzer mesmo.

Juliani: Da sua família têm mais alguém que benza?

Marlene: Não. Tinha uma irmã mas ela não benze mais.

Juliani: E porque ela não benze mais?

Marlene: Não quis mais. Da minha vó foi só eu que peguei os benzimento dela.

Juliani: E a transmissão, alguém da sua família vai continuar?

Marlene: Não sei se alguém vai querer. Tem gente que diz que têm que ensinar alguém quando eu não puder benzer mais, mas eu não sei se alguém vai querer também né. Quem sabe né.

Juliani: A senhora sempre morou aqui?

Marlene: Faz três anos que eu moro aqui, eu morava lá no São João das Missões daí agora faz três anos que moramos aqui.

Juliani: São João é interior daqui?

Marlene: Sim.

Juliani: Na sua família aqui são quantas pessoas?

Marlene: Três. Eu, o marido e a filha.

Juliani: Como é o nome do seu marido?

Marlene: Adão Martins Machado.

Juliani: E a filha?

Marlene: Bruna Machado Cassiano.

Juliani: O seu marido tem quantos anos?

Marlene: Sessenta e três.

Juliani: E são casados a quanto tempo?

Marlene: A trinta e três anos.

Nelcinda Galvão

Entrevista realizada dia 31.08.2013 na residência de Nelcinda, moradora do Rincão dos Moraes, interior de São Miguel das Missões.

Juliani: Bom dia, como é seu nome?

Nelcinda: Nelcinda Martins Galvão.

Juliani: Que idade a senhora tem?

Nelcinda: Cinquenta e quatro, quase cinquenta e cinco.

Juliani: A senhora nasceu e morou onde boa parte de sua vida?

Nelcinda: Aqui no Rincão dos Moraes. Nasci em São Miguel.

Juliani: A senhora poderia me contar como começou a benzer?

Nelcinda: Ai, isso aí já vem o dom dos avôs, o meu finado avô benzia muito bem, finado pai do meu pai que benzia aí eu aprendi com ele e com uma tia minha eu benzia muito bem. Eles eram daqui, nasceram, se criaram e morreram aqui.

Juliani: E como eles lhe ensinaram? A senhora poderia me contar?

Nelcinda: Agente não vai se lembrar de tudo né. Ele só dizia assim “oh, tu vai benzer e tal, uma criança assim e assim”. Até eu peguei uma cópia dos benzimentos que eu tenho ali guardado, porque muitas eu não decorei porque não é fácil e depois eu

fiquei doente e não pude, mas eu durante toda a minha vida eu benzi, desde que eu me conheci por gente.

Juliani: Mais ou menos com que idade?

Nelcinda: Uns 15 anos, 16 anos, por ali eu já comecei a benzer as crianças daí depois tivemos o encontro dos benzedores em São Miguel daí eu fui lá tinha o seu Aureliano e ele disse assim, me perguntou pra que eu benzia, daí eu disse pra ele que benzia criança, dor de dente, quebrante, pra bicha, de lombriga que se diz e ele disse que eu tinha o poder nas mãos, o poder estava nas minhas mãos pra benzer e que não era pra benzer só crianças, que era pra benzer todos que me procurassem.

Juliani: E hoje a senhora benze para que?

Nelcinda: Eu benzo pra quebrante, pra bicha, pra vermes, pra pasmo, mordida de bicho, de aranha.

Juliani: E quais são os objetos que a senhora usa?

Nelcinda: Um galinho verde, um raminho ou senão com a brasa, eu benzo com a brasinha na xícara.

Juliani: A senhora poderia me dizer a doença e o objeto que a senhora usa?

Nelcinda: Se é pra benzer pra dor de dente, daí eu benzo de ar, de pasmo, que tem esses relampo de ar que pode dar um pasmo na criança, até uma dor de dente, aquilo é um ar que a pessoa pegou aí eu benzo com um raminho, com um copo de água com brasa daí é assim que eu benzo. Só que agora eu não benzo muito, nesses casos eu não podia nem benzer mas é que o poder que de certo Deus me deu aí eu tenho que benzer.

Juliani: Por causa da doença que a senhora teve?

Nelcinda: É, senão eu ainda estava benzendo mais as crianças, uma necessidade. Esses dias tinha um gurizinho aqui em São Miguel daí virem pedir pra eu benzer porque o guri passava a noite inteira caminhando e não dormia com a mãe nem com o pai e não sabiam mais o que fazer, ele tinha 9 anos, daí minha filha disse “mãe, benze o fulano assim, assim que esse guri ninguém aguenta mais” daí peguei e benzi com copo de água, uma brasinha e colher e aquelas brasa se foram para o

fundo, benzi pra bicha, pra vermes, pra quebrante, pra ar, olha foi a primeira noite e o guri dormiu que foi uma beleza e não deu mais aquelas bobeiras de novo de sair caminhar e outra lá em Santo Ângelo também diz que sofre do coração aí diz que o gurizinho bem doentinho, chorava dia e noite e mandaram pedir pra eu benzer. Diz que está bom que nem parece aquele, graças a Deus eu benzi e foi mesmo que tirar com a mão.

Juliani: A senhora é de que religião?

Nelcinda: Católica. Nasci, me criei e sou católica até agora e nunca mudei de religião e nem pretendo mudar, toda minha família é católica.

Juliani: E o que a igreja católica acha dos benzimentos?

Nelcinda: Acha muito bom e o padre incentiva muito a gente a benzer. Esse nosso padre que vem aí diz que é uma coisa muito boa e que isso é um dom de Deus para a pessoa e que é para continuar.

Juliani: A senhora poderia me contar um pouco destes seus parentes que benziam?

Nelcinda: Eles benziam pra tudo que era coisa e eu não me lembro mais pra lhe contar exatamente pra que eles benziam.

Juliani: Que lembrança a senhora tem deles?

Nelcinda: Mas olha, isso faz tanto tempo que a gente esquece. Eu porque tive esse problema na cabeça daí a gente se esquece. Mas eles eram benzedores assim, meu avô, minha avó, minha tia e era o mesmo que tirar com a mão o benzimento deles. Benziam para quebrante, mordida de aranha, mordida de cobra, as vezes estava doente, benziam. De certo era as orações e fazia bem.

Juliani: E eles eram de que religião?

Nelcinda: Tudo católico. Sempre católico.

Juliani: A senhora estudou até que série?

Nelcinda: Eu estudei até a quarta, repeti para a quinta mas não tinha aqui.

Juliani: A senhora é casada?

Nelcinda: Sim, deve fazer uns 47 anos, eu tenho 66 e casei casada mesmo no religioso e no civil.

Juliani: Teve filhos?

Nelcinda: Sim, quatro. Três meninos e uma menina, e um deles que já é falecido. Até essa minha filha mulher está chegando aqui daqui a pouco.

Juliani: Algum deles é benzedor?

Nelcinda: Mas olha, a minha filha benze também. Ela benze de cobreiro, as vezes tem pessoas que vêm cobreiro assim e já aconteceu lá em São Miguel que sai essas alergias tipo cobreiro e ela benze e é mesmo que tirar com a mão.

Juliani: E que idade tem a sua filha?

Nelcinda: Deve estar com uns 42 né Viviane (*neta que está na sala*). Ela benze bem mesmo.

Juliani: E ele começou a benzer como?

Nelcinda: Porque eu ensinava ela. Ela pedia “mãe eu queria aprender a benzer” e daí eu tinha tudo as orações escritas.

Juliani: E essas orações escritas são daonde?

Nelcinda: A minha mãe benze também, está com 88 anos só que ela não benze mais porque está muito velha e sempre meia doente, mas benzia bem. E eu pedia para o meu tio mandar o filho dele copiar e mandei passar no xérox, traz de lá filha (*neste momento Viviane avisa que está em sua casa e não ali as cópias*). Tens uns que tu levou pra estudar né filha? (*para Viviane*). Os que eu não sabia eu fui aprendendo só que nunca pude decorar tudo e não vou lhe dizer nenhum benzimento decorado porque eu não sei todos.

Juliani: E muitas pessoas lhes procuram?

Nelcinda: Vem sim, até de Santa Maria, Porto Alegre com esses encontros que nós tivemos, está ali os meus diplomas, eles ligam para os telefones lá de Santa Maria e de outros lugares assim. Até eu nem me lembro mas veio umas quantas ligações e

eu benzi. Tinha umas mulheres lá no dia dos benzedores que eu benzi e eram lá de Santa Catarina eu acho que eram e depois elas me ligavam de novo.

Juliani: E vem algum turista aqui?

Nelcinda: Tem a mulher lá do museu missioneiro que daí faz os encontros lá pra benzer (começa a mexer em uns papéis com umas orações escritas). Pra queimadura, estancar sangue.

Juliani: Quem escreveu isso?

Nelcinda: Essas aqui foi o meu tio que deu e seu filho escreveu e mandei esse meu genro que passou na máquina, benzer de engasgado quando se engasga com um espinho de peixe assim a gente benze na hora, aqui ó “prato de feijão mexido, prato de peixe colchão de palha, travesseiro de cangalha, este mau pelo mau, lugar que entrou pelo mesmo lugar que saia, benzer 3 vezes”. Olha só, esse aqui é o benzimento para picada de cobra, a Mara sabe benzer também, “o que é que te pegou, daí o fulano diz assim, ele responde: foi uma cobra, agente diz e corta em um cocho daí, não foi cobra foi um bichinho eu te benzo em nome de Deus, da Virgem Maria, São Salvador e Santo Agostinho, benzer 3 vezes.” Esse aqui é para cobreiro, quando dá um cobreiro na pessoa “a gente pergunta, eu te corto cobreiro bravo, eu corto corpo meio e a cabeça e o rabo, benzer 3 vezes”. (voz do marido ao fundo: “eu sei pra tormenta, mas ela não pode ter passado ainda”).

Juliani: Muito obrigada pela sua entrevista senhora Nelcinda.

Noema Dutra de Oliveira

Entrevista realizada dia 31 de agosto de 2013 na residência de Noema (Rincão dos Moraes- interior de São Miguel das Missões).

Juliani: Bom dia. Vamos iniciar nossa entrevista com a Sr^a Noema e eu gostaria que a senhora me contasse um pouco da sua vida. A senhora nasceu aonde?

Noema: Eu nasci aqui, meus pais eram daqui e depois com cinco anos eu fui pra São Miguel. Nós morava no Rincão dos Moraes. Com cinco anos fomos pra São Miguel, nós trabalhava na lavoura e eu gostava assim quando meu pai benzia. Ele saia, voltava e dizia “ah salvei um boi”, era lá de um vizinho que tinha se afogado

com uma laranja e me gravo assim se aprender a benzer e eu vivia escondido benzendo.

Juliani: Seu pai era benzedor?

Noema: Sim. O nome dele era Sebastião Rodrigues Dutra e até botamos o nome da agropecuária de Sebastião. E daí, eu não ia pra lavoura sabe, daí eu me obriguei a aprender a benzer assim, animal, o meu irmão mais velho trazia as porca, botava deitada e eu benzia eles, dava comida na boca, e quando eu via a porca estava se levantando daí eu fiquei com aquele entusiasmo assim daí aprendi a benzer meio na marra assim e querendo fazer os benefícios. Eu que quis, eu via as coisas acontecendo e fui aprendendo, benzia pra umas coisas, pra outras e foi chegando nos ponto assim que eu achei que devia ter benzedor. Meu pai dizia “vai chegar o tempo em que cada casa vai ter um benzedor firme na família que saiba dizer umas palavras boa e benzer”, e eu fiquei com aquilo gravado. Daí eu tinha 17 anos e meu pai faleceu e ficou nós. Ele sempre dizia “gurias, fiquem em casa e esperem os namorados e não saem por aí” (risos), e aí nós ficamos e fomos casando e eu casei e vim morar aqui. Eu por exemplo casei com família conhecida, daí eu fiquei e comecei a benzer, me chamavam e eu ia, afogado, tinha uma cadelinha de uma comadre minha daí ela me chamou e eu fui lá benzer e ela ficou muito faceira, lá pra cima, todos os lugares me pediam e eu ia benzer e fui me ‘aprochegando’ cada vez mais pros benzimentos.

Juliani: E hoje a senhora benze pra que?

Noema: Eu benzo meio pra tudo, qualquer coisa. Lá de Santa Catarina me ligam pra eu benzer pra dor de cabeça, pra vermes, mau olhado, pra mordida de cobra, de aranha e tudo que é inseto assim, coser nervo e torcicolo, criança quando está pra desmamar, eu tenho a foto de uma guriuzinha que ficou muito enjoada assim pra vermes e daí eu benzo daqui mesmo e essa guria eu benzo assim só por foto e eu acho isso muito interessante porque é muita gente, aqueles papéis todo mundo queria assinar. As pessoas me ligam e eu vou lá e benzo aqui da cidade e do colégio.

Juliani: E a senhora usa que objetos pra benzer?

Noema: Eu uso pra benzer mau olhado uns raminho verde e até aqui no meu altar eu benzo conforme os objetos que eu tenho ali. Pra cobreiro uns ramo e macega verde e com o meu tio eu aprendi a benzer pra 12 qualidade de ar e 12 qualidade de cobreiro e outros agente vai pegando uns dos outros. Tinha um senhor que era curador aqui no rincão e ele me pediu pra benzer e eu pensava “será que não podem pra me criticar?”, eu ia até com um pouco de vergonha, eu benzia e eles ficavam bem faceiro e achavam que eu estava no rumo certo. Eu uso pedra também. A pedra é muito forte.

Juliani: Que tipo de pedra?

Noema: Pedra de pedra, eu tenho assim no canto. Tu pode benzer uma pedra e deixar em casa, eu sempre pego umas e guardo aqui. Lá em canoas têm uma senhora assim que gosta muito dos meus benzimento, ela veio aqui e levou umas pedras pra ela e eu gosto de usar essas coisas simples. O padre vem aqui, almoça, ‘cesteia’ e tudo e não tem nada a ver sabe. Tem muita gente assim que benze e faz intriga nas pessoas e eu não, eu benzo pra tirar as coisas ruins pra que cada pessoa tenha a possibilidade de viver uma vida boa e não botar coisa na cabeça dos outro porque tem gente benze e faz isso, parece até feitiço, comigo não!. Tem olho grande mas isso a gente não deve de aceitar, tem que ser forte.

Juliani: A senhora é de que religião?

Noema: Eu ia no centro espírita e católico.

Juliani: E as pessoas que lhe procuram para benzer são de que religião?

Noema: São católico porque o crente não se benze. Aqui hoje tem muito evangélico. Tem também espírita e católico. O meu tio tinha o centro espírita. Eu digo pro padre que eu só tô fazendo minha devoção que eu tenho e ele diz “claro”. Ele acha que é bom sabe porque eu não estou benzendo pro mau, tô fazendo umas explicação coo eles deveriam ter umas irmãs ali quando dá umas desavença na família e eles não têm nada disso e se eles vêm pedir pra mim eu digo umas coisas boa, se quer aceitar aceite se não não. Eu dou conselho. Meu filho é muito focado em oração, todo dia de manhã ele lê.

Juliani: Alguém da sua família pretende ser benzedor?

Noema: Eu digo que aqui em São Miguel o pessoal é meio assim. Eu digo “você estão cheio de mau olhado e de espírito mau aí”, porque o jeito que foi o Sepé Tiarajú alí e todo final de ano nós vamos pra lá as 7 horas rezas e eu enxergo tanta gente de loja aberta, vem um monte de gente, de ônibus. Teve um senhor do Mato Grosso que chorou o tempo todo de nós ter os benzedor em São Miguel e diz que tem fé e os de São Miguel nem tão sabe. Ali tem muita coisa ruim, por isso não vão pra frente. Aquele cemitério eu enxergo toda a vez que eu vou, porque tirarem aqueles morto? Porque deixarem aquelas almas ali sofrerem e plantarem aqueles pezinhos de fruta que já estão deste tamanho assim. Ao invés de fazerem um reservatório e não botar mais ninguém mas deixar aqueles ali.

Juliani: O que aconteceu ali?

Noema: Não era do Iphan aquele tempo, tudo era deles e eles mandaram tirar.

Juliani: Quando aconteceu isso?

Noema: Sabe que não me lembro. Deixa eu pensar um pouquinho que eu me lembro.(para pra pensar por alguns segundos) Faz uns 45 anos. Eu me lembro que um sobrinho meu foi tirado daí, eu não tinha casado ainda e hoje eu tenho 44 anos de casada. Deve ter uns 45 pra 46 anos.

Juliani: Como é o seu nome completo?

Noema: Noema Dutra de Oliveira

Juliani: A senhora é casada?

Noema: Sou. A 42 anos. Tenho 2 filhos. Um mora na cidade e tem uma guria e o que mora aqui tem 2 gurias. Ele está passeando e ela está estudando agronomia, ela passou na federal de Cerro Largo e agora tirou umas fériaszinhas.

Juliani: E o que a sua família pensa da senhora ser benzedeira?

Noema: Eles acham bem. Minha nora vem se benzer, minha neta aqui que tem problema de audição, mas ela tá bem, trabalhando, estuda até o meio dia e de tarde trabalha num escritório e eu sempre benzendo, ela nasceu com o caninho do ouvido entupido porque a mãe dela teve rubéola e o doutor disse que não era nada daí ela foi enganada, mas ela está bem, falou até comigo no telefone hoje e essa outra

daqui pede sempre pra eu benzer ela e fazem fila pra eu benzer ela. Ela foi operada quinta da garganta e a vó sempre tem que estar junto.

Juliani: E algum deles será benzedor um dia?

Noema: Não sei, eu acho parecida a minha neta a Taís, ela têm um “Q” com ela que tem um espírito mau com ela que aperta e ela não quer, daí a Roberta sentou do lado dela pra eu benzer, daí ela foi e eu benzi muito ela e daí ela ficou bem faceira sabe, acho que tem uma coisa que não deixa ela se benzer.

Juliani: E como seria a transmissão?

Noema: Só se elas queiram, eu não ensino, elas que escutam e vão fazer. A Andressa vivia benzendo. Eu enxergo que seja um dom mesmo. Tem o Valdomiro ali na cidade que a mãe dele era cega e nós fomos uma vez se benzer ali, ele benze pra pegadinha e meningite, e ela era cega daí ele tava mau na UTI e veio o espírito dela e disse “tu não vai morrer, tu vai se salvar e vai se benzer e vai fazer esse serviço de graça” e daí ele está benzendo. Ele é lá da Coimbra e vem de 15 em 15 dias benzer em São Miguel, terças e quintas de noite, eu fui uma vez ali. O benzimento dele é bem leve.

Juliani: E a senhora têm um altar?

Noema: Sim, é a minha segurança nos meus santos, Santo Sebastião. Eu quero fazer uma capelinha no pátio pra botar o São Sebastião que eu comprei. O meu filho está trabalhando porque eu fiz uma novena pro Santo Expedito, e ele é devoto de Santo Expedito, ele se benze e leva o Santo pra casa dele.

Juliani: E sem os objetos a senhora benzeria?

Noema: Eu benzo em nome de Deus, em qualquer lugar eu benzo. Agora a Isabel Cristina vai fazer, essas crianças estão se criando com pouca fé e não se benzem e ela vai juntar final de ano dia 4, tava no jornal 4 e 5, pra nós ir lá conversar com as crianças, dizer o que é a fé, antigamente a gente pegava coisa de casa, dos pais, naquele tempo não tinha muita coisa, era a fé que existia.

Juliani: Quem é a Isabel?

Noema: A secretária de turismo.

Juliani: E o que a senhora acha disso?

Noema: Os turistas querem vir pra se benzer porque acham muito bom. Diz a Isabel que está fazendo um esforço muito grande pros turistas virem aqui se benzer. Eu acho que os daqui tem pouca fé. O dia que nós fomos lá, dia 31 eu fui lá benzer, que tinha esse senhor que chorava final de ano, daí meu professor de música que vem de São Luiz me dar aula de música, eu gosto muito de música, dois irmãos meus têm conjunto e era pra eu ser também, mas nós não teve ninguém pra incentivar nós. Eu acho assim, o povo de São Miguel tem uma coisa muito prendido com eles, eles são preso e toda a vida eles são assim acho que foi muito praguejado pelos índios porque têm índio morto por ali tudo e “matação” de gente. Aquelas pedras que têm lá levaram daqui, rolando os coitados lá no começo das coisas né e depois nós já vimos tudo daquele jeito. No tempo em que eu comecei a ver era lindo, mas agora ta feio e eles querem fazer mais e mais. Não se lembram assim se ter uma coragem, de se benzer e rezar mais. Esses dias estava cheio de gente lá se benzendo daí era sete e meia e as oito era a missa, não vou dizer que a missa não era boa mas deu uma tormenta e era gente correndo e na nossa hora estava tudo bem. O povo de São Miguel não queria se molhar, eles tinham que ter pé firme por que eles precisam não os outros. Os de fora acham muito bonito. Quando eu fui pra Gramado tinha uma mulher de Minas que ficou muito feliz, ela não conhece São Miguel e tem muita gente que quer ver. Eu sou do conselho dos idoso, terça eu tenho reunião e eu “credo, eles não fazem nada”.

Juliani: A senhora já participou de eventos fora?

Noema: Sim, só lá em Gramado que eu fui, era feira de demonstração de tudo. O que me davam eu pegava, trouxe uma sacholada de coisa aí nos ficamos ali demonstrando São Miguel, mostrar os benzedor e o hotel grande. Fui eu, o seu Aureliano e a mãe da Márcia, ela tinha perdido o marido a pouco tempo e fomos tudo representando São Miguel e as pessoas vêm com aquela esperança e fé nos benzedor de São Miguel.

Juliani: Da sua família, alguém mais benzia?

Noema: Era o meu tio que era forte que tinha uma casa de oração, Agenor José Marciano, ele foi o primeiro vice-prefeito de São Miguel. Aqui tinha o meu tio que já

faleceu também e os mais velhos tudo era benzedor também, todos os meus tios eram benzedor, já os novo já viraram tudo pro outro lado, viraram crente e os crente não gostam de se benzer o que pra mim é gente sem raiz. O Zé Roberto deu muita força pra nós, ali da pousada, porque ele foi curado com benzimento e ele deu um apoio muito grande pra nós e ele que surgiu com esse negócio de benzedor, até a minha neta dizia “vó, não vota no outro senão vai terminar com os benzedor” e ela não queria que terminasse e se ele perdesse ele ia embora e ia terminar. Agente não pode contar vantagem mas esse namorado da minha neta tinha as mãos pura berruga e caiu tudo! O benzimento da mulher é muito mais do que pras próprias mulher, e eu tenho benzido e tem caído as berruga. Tinha um senhor ali do interior que a vaca foi mordida de cobra e nada de sarar, e eu disse “mas isso só com benzimento”, ele me deu o nome da vaca, eu benzi daí um dia encontrei com ele deus o livre ficou faceiro com a vaca dele que sarou. Até os doutor de São Miguel mandam se benzer sabe, eles dão o remédio e dizem (cochichando) “vai lá na dona Noema que ela benze, pra rendidura e tudo”.

Valter Braga

Entrevista realizada com o Sr. Valter Braga no Ponto de Memória, em São Miguel das Missões no dia 21 de julho de 2013.

Juliani: Vamos iniciar a nossa entrevista com o Sr. Valter. O senhor morou sempre aqui em São Miguel.

Valter: Bom, eu nasci aqui no Distrito de São Miguel quando ainda pertencia a Santo Ângelo, aqui no Mato Grande e desde a minha infância era normal os meus ancestrais, meus pais e meus tios, eles já viviam em torno do Sítio Arqueológico e era tão normal eles contarem a trajetória deles aqui em torno do sítio e as convivências deles antes de se tornar população o Mato Grande e o Distrito de São Miguel.

Juliani: O senhor tem que idade hoje?

Valter: Hoje eu tenho quarenta e cinco anos pra quarenta e seis.

Juliani: E o senhor sempre morou aqui?

Valter: Sim, sempre morei aqui.

Juliani: O senhor é benzedor desde quando?

Valter: Bem, eu posso dizer que o meu primeiro benzimento eu tinha quatorze anos. Eu desde criança ouvia explicarem e falarem sobre os benzimentos porque era tão normal em rodada de fogo de chão onde contavam os causos de bravuras em torno do sítio que era um lugar de perdição e jogatinas, por exemplo o meu pai é filho de uma índia guarani casada com um argentino então houve uma miscigenação na cultura religiosa daquele período e que foi se passando de geração e eu me lembro muito bem que o primeiro benzimento que eu fiz foi benzer um animal. Era um gado. Lá fora era tão normal as casas ter arvoredos em roda e não ter parapeito então os gados comiam as frutas como laranja e se afagavam. Um deles se afogou daí meu pai sempre tinha essa devoção, ele era analfabeto e justamente esse benzimento estava escrito e eu sabia ler e ele me forçou vamos dizer assim que eu rezasse, eu não queria, mas no fim fui e rezei. Me lembro daquela matriz caída no chão e afogada, estava nos últimos estágios como a gente diz daí eu rezei na forma como dizia ali e ele deu uma encolhida e um bufo e saltou aquela laranja fora e daquele momento em diante eu passei a ter mais fé e acreditar que realmente aquela maneira de buscar Deus tinha validade e mais ainda pros outros que estavam assistindo e daí em diante eu comecei e as pessoas começaram a me procurar e sei lá de certo meu pai e os outros contaram o que aconteceu.

Juliani: E o seu pai era benzedor?

Valter: O meu pai, olha, não vou dizer que era benzedor, não sei, ele sempre era muito de misticidade de campo, porque naquela época a caça era a sobrevivência e subsistência e sempre antes de sair caçar eles marcavam os passos de sair que ele consideravam de serviço e saída e depois marcavam quando eles voltavam com as caças eles cortavam os pezinhos da caça e largavam dentro do passo desenhado que eles tinham feito. Era um campo de misticidade que vem de muitos anos e tempos.

Juliani: Quantas pessoas eram na sua família?

Valter: De irmãos nós era entre sete mas agora estamos entre seis. Nós era entre sete irmãos e agora um faleceu e agora estamos entre seis.

Juliani: Quantos homens e quantas mulheres?

Valter: Cinco homens e duas mulheres.

Juliani: Alguém deles é benzedor?

Valter: Hoje acho que é só eu e a minha mãe

Juliani: E a tua mãe é benzedeira?

Valter: Sim. Benze desde que eu era pequeninho eu me lembro. Era comum as pessoas irem lá, mas o forte mesmo na minha família era o meu tio que não existe mais, Francisco Rodrigues Braga, esse sim trouxe de berço o dom do benzimento passado pela Bernardina Ferreira que era mãe dele.

Juliani: E foi passado de geração em geração?

Valter: Creio que sim porque daí eu fui aprendendo tão logo desde os quatorze anos eles foram me trazendo esse conhecimento da religiosidade indígena que viveram aqui no sítio e em torno das famílias que viveram aqui né. Depois eu tive a oportunidade de ser funcionário municipal logo que São Miguel se emancipou daí passei a conviver com os nossos visitantes, nossos turistas né, daí eu tive a felicidade de ter mais um ênfase no campo espiritual e eu pude ver aquele passado e o quanto contribuiu e contribui para as futuras gerações essa etapa da vida que se viveu no campo da religiosidade. No período de infância eu visitava as pessoas que faziam rituais que era muito confundido com outras formas religiosas, o pessoal não tinha muito conhecimento. O nosso ritual aqui da erva mate que é da purificação, o ritual da pitanga e mel que é da pureza e o ritual do cipó que é da cura são rituais indígenas, da cultura indígena dos guarani misturada provavelmente com a cultura trazida pelos padres jesuítas, um sincretismo de culturas religiosas e eu entendo agora que aquele povo da minha infância fazia confusão com culturas afros, ou seja, aqui não tem a presença da cultura afro, porque aqui não busca nesses rituais não busca incorporar divindades e sim a cultura afro sabemos que ela busca divindades e daí é bem distinta esse tipo de rituais, ou seja, é o cristianismo misturado com a cultura indígena que eles viviam aqui.

Juliani: O senhor é praticante de alguma religião?

Valter: Olha, eu nasci na igreja católica, fui batizado e crismado e segui pouco só porque depois vim pra cá e como se diz 'pra ser praticante precisa se praticar' e eu não pratico, muito pouco.

Juliani: E o benzimento que o senhor faz hoje o senhor deve a que. É motivado no que?

Valter: Seria num campo espiritual porque eu entendo que a pessoa que se reserva nesse dom semelhante eu entendo que seja um mediador da graça de Deus porque fora disso aquela pessoa que busca outras formas também é válido, mas eu a princípio eu me considero um benzedor mediador da saúde, da felicidade das pessoas, vivido pelos meus ancestrais e eu me sinto tão bem porque não só se preserva a minha cultura do passado como também eu posso ajudar muitas e muitas pessoas e mesmo assim abre para um campo cultural para estudantes porque essa forma religiosa dos 'opys' criadas no chão estava sendo ocultada dos olhos da humanidade e hoje eu me sinto tão feliz porque eu pude contribuir e ajudar e junto com a própria aldeia o Cacique Mariano Aguirre foi uma pessoa que também ajudou muito a abrir a cultura que fechou assim vamos dizer com o princípio vivido na minha infância e com a cultura indígena fechou com o jeito que eles veneram as divindades, o fogo, a água é a mesma dos meus pais e daquele pessoal dos meus ancestrais que faziam. Eu acho assim que se juntou essas duas culturas que estavam distintas e longes mas buscando o mesmo caminho.

Juliani: O que o senhor acha da prática do turismo hoje em relação aos benzimentos?

Valter: eu vejo que é um potencial muito aceito pelo menos aqui no Ponto de Memória que é muito aceito e procurado mas é um produto pra não visar lucro, ou seja, um benzimento que visa lucro afasta a presença de Deus e é isso que eu vejo de diferencial. Aqui já participarem vários segmentos religiosos, e é conviver e participar de uma forma religiosa de vida de mais de 250 anos e eles mesmo respiram aquela felicidade de saber que até hoje reina pra humanidade esta forma religiosa praticada a 250 anos nas missões e tivemos a felicidade de interagir com vários historiadores e de mestrados em história que dizem do sincretismo religioso presente nas missões ultrapassou continentes porque na África os benzimentos eram chamados de 'cambas' e na América e Europa também tinham no fogo uma

divindade que era a purificação e a água que é a unção e esses dois elementos da natureza que os guaranis aqui de São Miguel eles consideram um presente dado por Deus e que também buscam no fogo a saúde, a comunicação que eles usavam o fogo e também uma expressão de fé nesses rituais.

Juliani: Senhor Valter, gostaria de saber um pouco da sua vida, o senhor é solteiro, casado, tem família?

Valter: Buena, minha vida é praticamente de solteiro. Eu tenho meu ceio familiar. Eu venho de uma família agricultora e me considero mais agricultor do que funcionário público porque não posso negar as minhas origens e me sinto tão feliz quando me fazem essa pergunta e quanto a minha família eu posso dizer que é meio confusa e cheia de problemas mas não é diante dos problemas que se deixa de lado as coisas sagradas certo?

Juliani: E quanto a transmissão, como funciona: é um dom ou é transmitido?

Valter: Eu caracterizo as duas coisas se juntam, ou seja, o meu tio quando me repassou ele me disse que podia repassar para até três pessoas e ele me disse que eu seria uma e eu fiquei meio assim porque eu tinha quatorze anos e não tinha muita ciência do que isso representava e não foi uma nem duas vezes que eu cruzava lá porque nós se locomovia a pé no Distrito de Mato Grande ficava a dois quilômetros e meio de distância e eu sempre cruzava na frente da casa dele e ele sempre me convidava pra chegar ali e ele me dizia que isso dava pra passar no máximo para três pessoas pra não perder a força, ou seja, o benzimento ele é bem delicado no campo espiritual, depende do tipo de benzimento porque toda pessoa tem uma expressão de energia positiva e negativa e se o benzedor não tiver um equilíbrio e uma pessoa se 'prostar' na frente dessa pessoa e ela não tiver revestida do dom do Espírito Santo e estar ciente de que todo o ser humano é cabível de sofrimento, alegria e tristeza e o benzedor não pode se compadecer daquele sofrimento porque se tu tiver compaixão e dó daquela pessoa tua atraí essa dor e sofrimento para ti então tu tem que estar preparado e revestido da graça de Deus e também ter a grandeza de saber equilibrar os momentos. Eu já lidei com momentos complicados e sempre tive equilíbrio e sempre vou ter.

Juliani: O senhor benze pra que?

Valter: Hoje eu benzo no ritual da purificação, onde a pessoa desenvolve seus fator psicológico sem interferência do benzedor que é o pajé, que não fica sabendo dos teus problemas e nem dos teus pedidos. Entra num campo de mediação da fumaça e do São Miguel que entra na cultura guarani e essas duas divindades levam os pedidos até o trono de Deus e quando chega a pessoa para receber o benzimento com a unção da água ali está o equilíbrio onde a pessoa porta o cajado e dá 2 'tacaço' para queimar as coisas negativas, 2 'tacaços' para fazer a purificação e 3 'tacaço' pra receber a unção, são 7 'tacaço' que são entendidos no campo espiritual como a quebra dos sete males.

2 **Questionário aplicado junto ao público que procura os benzedores em suas residências**

TÍTULO: BENZEDORES DE SÃO MIGUEL DAS MISSÕES

01	Sexo	Alternativa
	Masculino	
	Feminino	

02	Você se considera:	Alternativa
	Indígena	
	Negro	
	Pardo	
	Amarelo	
	Mulato	
	Branco	

03	Estado civil:	Alternativa
	Solteiro (a)	
	Casado (a)	
	Divorciado (a)	
	Viúvo (a)	

04	Qual a sua idade? (com a resposta enquadre com uma faixa etária)	Alternativa
	Criança (0-12 anos)	
	Adolescente (13- 18 anos)	
	Adulto (19-59 anos)	
	Idoso (acima de 60 anos)	

05	Qual o seu nível escolar?	Alternativa
	Analfabeto	
	Ensino Fundamental incompleto	
	Ensino Fundamental completo	
	Ensino Médio incompleto	
	Ensino Médio completo	
	Ensino Superior incompleto	
	Ensino Superior completo	

06	Você trabalha?	Alternativa
	Sim	
	Não (aposentado ou pensionista)	
	Não (desempregado)	
	Não (estudante)	
	Não (do lar)	

06.1	Caso SIM, qual a profissão (pelos aposentados, a principal no passado)?	Descritiva

07	Você é natural de onde?	

--	--

08	Qual o bairro onde você mora?	

09	É a primeira vez que se benze?	Alternativa
	Sim	
	Não	

10	Qual a frequência que se benze?	Alternativa
	Diariamente	
	Duas vezes na semana	
	Uma vez na semana	
	Quinzenalmente	
	Uma vez por mês	
	Uma vez por ano	

11	Desde quando se benze?	Descritiva

12	Quem o (a) levou a primeira vez para se benzer?	Alternativa
	Pais/família (relação sanguínea)	
	Marido/esposa; Namorado/namorada (relação afetiva)	
	Amigos	
	Sozinho	

12.1	E por qual motivo foi se benzer?	Descritiva

13	Quais os principais motivos que o levam a se benzer?	Alternativa
	Motivo 1	
	Motivo 2	
	Motivo 3	
	Motivo 4	
	Motivo 5	

14	Qual a sua religião?	Alternativa